



Sempre
Foi Você

CARRIE ELKS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



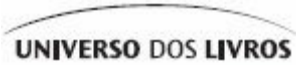
Sempre Foi Você

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

CARRIE ELKS

Sempre Foi Você

São Paulo
2014

**UNIVERSO DOS LIVROS**

Fix You
Copyright © 2014 by Carrie Elks
All Rights Reserved.

Copyright © 2014 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**
Editora-chefe: **Marcia Batista**
Assistentes editoriais: **Aline Graça e Rodolfo Santana**
Tradução: **Isadora Prospero**
Preparação: **Leonardo Ortiz**
Revisão: **Geisa Oliveira e Jonathan Busato**
Arte: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes**
Capa: **Zuleika Iamashita**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

E42s

Elks, Carrie
Sempre foi você / Carrie Elks; tradução de Isadora Prospero. – São Paulo: Universo dos Livros, 2014.
312 p.

ISBN: 978-85-7930-751-5
Título original: *Fix you*

1. Literatura inglesa 2. Romance 3. Ficção I. Título II. Prospero, Isadora

14-0697

CDD 823

*Para Ashley.
Obrigada por estar comigo ao longo das décadas.
Que haja muitas outras pela frente.*

Prólogo

12 de maio de 2012

Richard tinha ganhado um pouco de massa muscular desde a última vez que ela o vira. O algodão fino de sua camisa estava grudado em seus bíceps, passando por seu abdômen liso até ser enfiado dentro da calça social. Seus quadris ainda eram magros e estreitos, e ela fechou os olhos tentando não se lembrar da sensação deles entre suas coxas, quando ele se movia dentro dela, respirando suavemente em sua orelha, enquanto ela gemia e...

Balançou a cabeça. Ela não estava lá, naquele escritório grande e revestido de madeira só para lembrar o passado, por mais agradável que pudesse ser. Ela tinha voado até ali, a quase cinco mil quilômetros de distância, para contar a ele o que ele merecia saber.

Um riso nervoso ameaçou escapar quando ela considerou o melodrama ridículo da situação. A versão mais jovem dela, com dezessete anos, estaria revirando os olhos, indignada ao perceber que ela aos 29 anos tinha conseguido transformar uma vida aparentemente promissora numa novela mexicana.

Ela ergueu os olhos para ele, olhando para seus lábios, que estavam cerrados de raiva. Os olhos dele haviam se estreitado sob as sobrancelhas, e seu nariz reto e perfeito estava levemente torcido em resposta à sua presença.

O desprezo que ele sentia por ela irradiava do seu corpo.

Hanna tentou manter a respiração regular, lembrando-se de que, embora estivesse no escritório *dele*, na cobertura do prédio *dele*, esse era o momento *dela*.

Ela estava no controle.

Se ele a via com desprezo agora, só Deus sabia como se sentiria depois de ouvir o que ela tinha a dizer. Ele tinha sido parte da sua vida por tanto tempo – como amigo, confidente, até amante –, mas nunca antes tivera o poder de destruí-la.

– Por mais agradável que seja vê-la – ele disse com a voz arrastada, deixando perfeitamente claro que tê-la no seu escritório era qualquer coisa menos agradável –, tenho uma reunião em cinco minutos. O que você quer, exatamente?

Ele não tinha ideia, mas era agora. Hora de ela abrir a boca e contar a ele o que ele precisava ouvir. De repente, seus braços ficaram pesados e seus dedos tremeram – uma manifestação física do seu nervosismo. O riso foi substituído por algo mais perturbador quando ela tentou respirar fundo e formar as palavras que tinha viajado toda aquela distância para dizer.

Umedeceu os lábios. Viu o olhar dele descer para sua boca, seus olhos escuros observando-a enquanto ela mordia o lábio inferior.

– Richard – a voz dela estava surpreendentemente forte. Ela podia fazer isso. Podia contar a verdade para ele, e então ir embora dali.

Voltar para um avião.

Voltar para casa.

Voltar para *ele*.

– Richard, nós tivemos um bebê.

Capítulo 1

31 de dezembro de 1999

A mala já deveria ter aparecido. Ela olhou a esteira de bagagem passar por ela, carregando malas de todos os tipos. Talvez sua surrada mala marrom estivesse com vergonha de ser vista entre as Louis Vuitton e Henk.

Hanna conhecia a sensação.

Ela estava roendo as unhas de novo. Elas já estavam comidas, e o esmalte preto que tinha passado apenas dois dias atrás já estava descascando. Sua madrastra não conseguia entender por que ela não optava por uma francesinha “muito mais elegante”, e por que ela não ia regularmente ao salão. Por fim, vendo sua mala descer pela esteira, Hanna tentou passar por uma cansada mãe de dois filhos à sua frente. A mulher segurava uma criança pequena em um braço, a outra estava movendo um carrinho ritmicamente para a frente e para trás, como se ninasse um bebê.

– Com licença – murmurou Hanna, inclinando-se para apanhar a alça da mala. Ela endireitou o corpo enquanto a puxava até o chão cinza de ladrilhos. Estava pesada, cheia de equipamentos de esqui e casacos de inverno. Ela mal tivera tempo de usá-los.

Hanna não devia estar viajando hoje. Ela devia estar no chalé de seu pai em Val D’Isere, junto com a madrastra e as meias-irmãs de onze anos. Mas o pai estava decepcionado com ela desde o início. A primeira vez que a olhara bem, tinha torcido o nariz de desgosto.

– Você fez alguma coisa diferente com o cabelo? – o olhar dele estava cheio de decepção raivosa.

Hanna tentara disfarçar um sorriso em resposta ao eufemismo da frase dele. Desde a última vez que o vira ela tinha se tornado gótica. Tingiu o cabelo de um ruivo escuro e mudou a maquiagem. Agora tinha a pele pálida e os lábios escuros. Completava o visual com uma saia preta esvoaçante e um espartilho preto apertado.

A lembrança da expressão furiosa de Philip enquanto examinava seu novo estilo fez os lábios de Hanna se curvarem em regozijo. Ela ergueu a mala para um carrinho de bagagem, e o peso deixou seus movimentos desajeitados.

Philip estivera quase apoplético com seu novo estilo, e Olivia tinha decretado que Hanna deveria ficar dentro do chalé o tempo todo, temendo que um dos amigos deles pudessem vê-la. Hanna deveria ser o segredinho deles durante a semana. Mas depois de dois dias lendo e se empanturrando de chocolate, ela estava entediada.

Ela descobrira que Philip, Olivia e suas irmãs estavam planejando passar o ano-novo na casa de campo de um amigo, a cerca de oitenta quilômetros de Val D’Isere – e ela não estava convidada. Uma briga enorme se seguiu, o que resultou no banimento de Hanna do chalé e a colocou no próximo voo para Londres (um gasto considerável para Philip).

Ela jurou para si mesma que, agora que tinha quase dezoito anos, nunca mais se submeteria à tortura de outro feriado alpino. Se seu pai queria passar tempo com a filha mais velha – e, na mente de Hanna, isso não era uma certeza –, então teria que ir a Londres para vê-la.

Hanna e a mãe eram “pobres de Londres”. Em qualquer outra parte do país teriam vivido confortavelmente, numa casa de tamanho razoável com jardim e garagem. Mas a renda de Diana com planejamento de festas lhes permitia pagar apenas um flat apertado de dois quartos perto de Putney. Desde o momento em que fugira do casamento com Philip Vincent e da sociedade de Manhattan, Diana recusara todo o dinheiro vindo dele. Não se importava que ele comprasse coisas para Hanna, mas não aceitava um único centavo para si mesma.

Quando Hanna chegou em casa no fim da tarde, estava escuro lá fora. A rua estava iluminada pelo suave brilho laranja dos postes, ladeada por casas vitorianas com varandas de tijolos vermelhos e ornamentadas, com acabamento descascando e paredes decrépitas. Hanna amava a fachada requintada daquelas varandas antigamente grandiosas, com seus pórticos brancos e caminhos de azulejos pretos e brancos – elas faziam um contraste nítido com o barulho e a modernidade da vida londrina.

Ela vasculhou a bolsa em busca das chaves, sabendo que Diana estivera fora o dia todo, organizando a festa anual dos Larsen. Embora Hanna nunca os tivesse conhecido, sabia que eles estavam entre os melhores clientes de sua mãe. O réveillon era sempre a noite mais atarefada do ano. E o fato de ser a entrada do ano dois mil só deixava as coisas piores.

Hanna não estava no flat nem dois minutos quando o telefone começou a tocar. Uma olhada para o visor mostrou que já havia três mensagens na secretária eletrônica. Alguém obviamente estava com pressa para falar com ela ou Diana. Ela sinceramente esperava que não fosse o pai.

– Alô?

– Hanna? Graças a Deus você está em casa! Está tudo bem? O voo foi bom? – Diana quase não parou para tomar fôlego. – Querida, três das meninas pegaram aquele vírus de inverno e estão vomitando. Preciso que você coloque um uniforme e venha me ajudar. A festa vai ser um desastre! – ela abaixou a voz para a última frase, e Hanna se perguntou quem mais estava no cômodo com ela.

– Certo, me dê o endereço – Hanna apoiou o telefone entre a orelha e o ombro enquanto pegava um pedaço de papel.

– Cheyne Walk, número cinco. Em Chelsea. Pegue um táxi e eu pago depois. Ah, e Hanna... – a voz de Diana baixou mais uma oitava.

– ... você pode manear no visual? – Hanna recitou, sabendo exatamente o que a mãe ia dizer.

Depois de tomar um banho, remover o esmalte e suavizar a maquiagem, Hanna conseguiu encontrar um táxi livre. Seu cabelo ruivo-escuro estava preso num coque apertado, e os cosméticos em seu rosto eram suaves e mal perceptíveis. Ela estava usando um uniforme típico de garçone: saia preta curta com uma camisa branca simples.

Quando chegou à casa, bateu a aldrava pesada de bronze na elegante porta preta algumas vezes. Um homem de uniforme abriu. Ela não o reconheceu, então não podia ser um dos empregados de Diana. Os Larsen eram ricos o bastante para manter empregados em tempo integral.

Quando entrou, o esplendor a fez perder o fôlego. O saguão se abria para os três andares da

casa, com uma escada de mármore subindo numa curva para o segundo andar. Bem no meio do chão ornado de azulejos estava a maior árvore de Natal que ela já vira. Luzes brancas discretas brilhavam até a estrela no topo. Devia ter pelo menos seis metros.

– Viu algo que gostou? – a voz arrastada, com sotaque americano, era muito irritante. Ela virou a cabeça e viu um jovem ao pé da escada. Sua calça jeans larga e escura pendia quase obscenamente de seus quadris estreitos. Ele usava uma camiseta preta apertada, em que se podia ler Columbia em letras azuis.

O rosto dele... Deus, o rosto dele! O maxilar era largo, os lábios carnudos, o nariz reto e os olhos verdes-musgo. A testa lisa era emoldurada por cabelos castanho-claros cuidadosamente penteados. Ele se parecia com todos os engomadinhos de Manhattan que ela já tivera o azar de conhecer.

Ela inspirou rapidamente, olhando o garoto-Columbia direto nos olhos.

– Não muito. Só estava me perguntando se Charlie Brown estava sentindo falta de sua árvore de Natal.

Hanna virou-se e foi até a cozinha, mal ouvindo a risada dele enquanto se afastava. Ela mordeu o sorriso que estava ameaçando escapar dos seus lábios.

A noite tinha acabado de ficar interessante.

Sua mãe estava no meio da cozinha, com uma colher em uma mão e um *walkie-talkie* na outra. Aquela não era uma típica cozinha requintada de carvalho e granito. Essa era toda de aço inoxidável com fornos profissionais; o tipo de cozinha que qualquer chef mataria para ter. Era difícil imaginar alguém usando o fogão de dez bocas só para cozinhar um ovo.

– Hanna, querida, é tão bom ver você – Diana contornou a ilha central e jogou os braços ao redor da filha. Ela relaxou no abraço da mãe, apertando os olhos enquanto sentia a infelicidade e o estresse dos últimos dias evaporar.

Ela sentira falta da mãe.

– É bom ver você também.

– Estou tentada a ligar pro seu pai e dizer o que penso dele. Não acredito que ele tratou você desse jeito, aquele imbecil arrogante, filho da...

– Mãe, não tem problema – Hanna abriu um sorriso encabulado para ela. – Acho que o discurso que fiz provavelmente foi o bastante para nós duas. Só quero esquecer isso agora.

– Diana, querida, precisa de ajuda com alguma coisa? – uma voz suave veio da porta da cozinha. Hanna virou-se e viu uma mulher baixinha sorrindo para elas. Seu rosto em formato de coração era emoldurado por delicados cachos castanhos.

– Acho que temos tudo sob controle – Diana respondeu. Hanna podia ver os dedos dela cruzados atrás das costas enquanto falava. – Claire Larsen, gostaria de apresentar minha filha, Hanna Vincent.

Claire deu um passo à frente, com os braços abertos enquanto cumprimentava Hanna, puxando-a para um beijo no rosto.

– Hanna, é um prazer conhecê-la. Ouvi tanto sobre você. E, claro, também conheço seu pai e a mulher dele.

Hanna fez uma careta com a menção de Philip e Olivia antes de rapidamente controlar a expressão.

– É um prazer conhecê-la.

Ela sorriu para a mulher à sua frente. Era pelo menos dez centímetros mais baixa, mesmo

usando caros sapatos de salto.

– Que sotaque bonito você tem! E adorei seu cabelo. A cor é tão interessante.

Normalmente, quando alguém dizia que algo em Hanna era “interessante”, era um insulto disfarçado. Olivia parecia usar bastante essa palavra sempre que Hanna estava por perto. Mas o tom de voz de Claire levava Hanna a acreditar que estava sendo sincera.

– Obrigada.

– E preciso apresentá-la à minha família depois. Meu marido, Steven, vai achar você fascinante. Acho que ele é um fã enrustido de Marilyn Manson. E Ruby e Richard simplesmente vão adorar você.

Claire não parava de elogiá-la. Hanna afastou-se da sua anfitriã americana. Não estava acostumada a ser tratada com tanta gentileza.

– Richard e Ruby? – perguntou.

– Ruby é minha filha. Tem dez anos e estuda na St. Nicholas.

Hanna assentiu. Fazia sentido: a St. Nicholas era uma escola cara de Londres. Ela suspeitava que Ruby Larsen seria tão mimada e irritante quanto suas meias-irmãs.

– E Richard é o filho do meu marido, do seu primeiro casamento. Está no último ano na Columbia. Vou sentir falta quando ele voltar para Nova York – o sorriso de Claire vacilou enquanto ela continuava. – Meu filho, Nathan, está em algum lugar dos Andes tentando “se encontrar”.

– Que descuidado da parte dele se perder num lugar tão remoto – Hanna respondeu, fazendo Claire rir.

– Tão parecida com sua mãe – Claire pôs as mãos nas bochechas de Hanna num gesto surpreendentemente íntimo antes de se afastar. – Não se esqueça de falar comigo hoje à noite. Vai ser uma pausa bem-vinda de todas aquelas camisas engomadas.

– Trago um enroladinho de salsicha pra você – Hanna piscou para Claire, e então se virou para a mãe perguntando o que precisava ser feito.

Entre a mãe amigável, o filho bonito e engomadinho e o pai amante de Marilyn Manson, Hanna pensou que poderia gostar daquela família.

Richard Larsen aceitou outra taça de champanhe do garçom enquanto abria caminho pela festa lotada. A taça estava fria, e gotas geladas de água escorreram por seus dedos onde ele a segurava. Tomando um gole, ele deu uma olhada rápida no salão em busca de alguém – qualquer pessoa – interessante para conversar.

Ele estava usando seu terno de sempre, com uma camisa branca feita sob medida e uma gravata preta. O terno caía como uma luva, e o paletó se assentava suavemente sobre seus ombros largos. As calças tinham o tamanho perfeito para sua cintura estreita. Ele tinha o físico de alguém que praticava diversos esportes.

Desde que chegara a Londres, tinha conseguido agir como um jovem de vinte anos pela primeira vez em muito tempo. Usava jeans, camisetas e moletons sem que uma única sobrancelha se erguesse. Frequentava pubs, bebia cerveja e flertava com garotas bonitas, a maioria das quais sua mãe consideraria muito abaixo da sua condição social.

Infelizmente, esse tipo de festa o lembrava um pouco demais sua casa, sua mãe e os amigos

dela da alta sociedade.

Vendo o pai e Claire num canto do salão, ele se acotovelou entre a multidão de convidados para alcançá-los. Enquanto andava, ouvia trechos de conversas.

– Claro, John está de plantão para quando o *bug* do milênio atacar...

– Mal posso esperar o rio de fogo! Bob Geldof é tipo um Gandalf contemporâneo...

Ele não entendia nada daquelas conversas. Já achava difícil decifrar o sotaque, imagine compreender o que exatamente os ingleses diziam.

– Richard – Claire o viu quando ele estava a um metro deles. Richard aproximou-se e beijou a madrastra no rosto. Ela cheirava a lavanda e rosas, e pousou uma mão sobre a lapela dele. – Sempre fica tão bonito de terno. E parece tão mais velho.

– E você está espetacular como sempre, Claire – ele respondeu. Ela alisou o vestido e abriu um sorriso enorme.

– Seu sedutor. Está cada dia mais parecido com seu pai.

Com sua visão periférica, ele avistou alguém se aproximando deles. Quem quer que fosse, estava usando preto e branco. Imaginou que fosse alguém da equipe do buffet.

– Posso oferecer uma *chipolata* Cumberland em massa *choux*, com mel e mostarda? – Richard reconheceu a garota. Ele a vira no salão mais cedo, e era difícil não reparar no seu cabelo escuro e pele pálida.

– Parece um enroladinho de salsicha pra mim – Claire sorriu para a garota. Elas pareciam íntimas demais para uma garçonete e sua empregadora. – Hanna Vincent, este é meu marido, Steven Larsen, e meu enteado, Richard.

– Ouvi muito sobre você, Hanna – o pai dele falou primeiro. – Claire acha que eu devia fazer reverência ao conhecer você.

As sobrancelhas de Richard se uniram em confusão. Como raios eles conheciam essa garota? Ela não parecia o tipo de pessoa que frequentava festas como aquela. Ela era pura energia concentrada, aparentemente sem filtro verbal.

– Talvez *eu* faça reverência pra *você* – Hanna sorriu.

– Gostaria disso. Acho que nunca ganhei reverência de uma moça bonita como você – Steven era todo sorrisos e charme natural. Seu flerte inocente fez Hanna corar. Richard olhou-a fascinado enquanto o sangue subia ao rosto dela, fazendo sua pele brilhar.

Hanna voltou-se para Claire.

– Quanto champanhe ele já bebeu?

Ela também sofria o mal da modéstia excessiva dos ingleses. E Richard queria vê-la envergonhada outra vez.

– Hanna Vincent, é um prazer conhecê-la – ele tomou sua mão e a ergueu aos lábios, esperando um tremor, um suspiro. Qualquer coisa.

Nada. Ela só o encarou, com seus olhos brilhando, divertidos, enquanto ele soltava sua mão.

– Idem, garoto-Columbia. Quase não te reconheci de *black tie*. Te faz parecer mais velho.

Garoto-Columbia? O terno o fazia parecer mais velho? Por que o pai ganhava olhares tímidos e rosto corado e ele recebia respostas ácidas?

– Bem, garota gótica, peço desculpas por atordoá-la com meu vestuário – ele arrastou as palavras de propósito, sabendo que sarcasmo era a forma mais baixa de humor.

Hanna voltou-se para lançar-lhe um sorriso.

– Foi um prazer conhecer todos vocês. Tenho que encher o resto dos seus convidados de entranhas de porco enfiadas em salgadinhos – disse isso e saiu, dirigindo-se a um grupo no outro canto do salão. Richard observou-a se afastar, admirando o modo como sua saia preta apertada se aderiu à bunda redonda.

Steven tinha erguido uma sobrancelha. Havia uma expressão especulativa em seu rosto bonito enquanto encarava o filho. Richard não disse nada, só balançou a cabeça e sorriu.

Depois que bateu a meia-noite e eles cantaram “Auld Lang Syne”, Richard saiu para o saguão, pensando em ir para a cama. Então viu Hanna sentada no topo das escadas, ao lado de uma figura pequena que se parecia muito com sua irmã.

Ele e Ruby eram próximos, apesar de morarem em países diferentes. Richard se preocupava constantemente com ela. Ela não era uma garota de dez anos típica, que adorava coisas cor-de-rosa e fazer compras. Era peculiar e engraçada, lia livros como se não houvesse amanhã, e amava desenhar tudo o que visse pela frente. Era diferente, e isso a tornava um alvo. Ele sabia que ela odiava a escola e o desprezo das outras meninas. Mesmo aqui, em Londres, ela era tratada como uma espécie de pária.

Subindo as escadas em silêncio, ele decidiu espiar a conversa, antes de chamar a atenção delas para sua presença. Pelo que podia ouvir, era Ruby quem mais falava. Isso era incomum.

– ... não, eu meio que gostava das Spice Girls. Mas odeio a Britney Spears, e a Christina Aguilera é terrível. Quer dizer, elas foram Mouseketeers, pelo amor de Deus.

– O que é Mouseketeers? – o tom de Hanna era gentil e alegre. Mais alguns passos e ele poderia ver o rosto dela.

– Do Show do Mickey Mouse. Eles fazem umas danças estúpidas, e esquetes e coisas assim. É tão idiota – a voz de Ruby era baixa, como se ela soubesse que não deveria estar fora da cama conversando com uma desconhecida no topo da escadaria de mármore.

– Parece o Inferno na Terra. Graças a Deus você saiu dos Estados Unidos enquanto podia. Ruby riu.

– Prefiro Nine Inch Nails. Trent Reznor é o cara.

Dessa vez, Hanna riu também.

– Não acredito que uma menina de dez anos gosta de Nine Inch Nails. É culpa do seu pai. Claire me disse que ele é um grande fã de Marilyn Manson.

– Ah, meu Deus. Não, não, não. Ele fica se confundindo entre Marilyn Manson e Marilyn Monroe. Ele é fã da loira, não do cantor. É tão constrangedor.

Richard gargalhou com as palavras de Ruby. Steven sempre tentava se manter atualizado com as últimas tendências, e normalmente fazia um papelão. Não que se importasse; a habilidade de rir de si mesmo era uma das melhores qualidades do pai.

– É você, Richard? Está espiando de novo? – a voz de Ruby soou com clareza.

Ele subiu os últimos degraus, vendo a irmã sentada ao lado de Hanna, encostada nela enquanto conversavam. As pernas de Hanna estavam dobradas, os joelhos contra o peito. Era difícil não encarar as panturrilhas dela.

Hanna ergueu os olhos para ele.

– Você pegou a gente. Agora você vai ser um bom garoto-Columbia e manter segredo ou vamos ter que amordaçá-lo?

Richard ficou tentado a responder com um comentário obsceno, mas mordeu a língua, lembrando que a irmã estava ali.

– O que está fazendo aqui em cima, tampinha? Achei que você não queria vir à festa – ele abriu um sorriso indulgente para Ruby. – Se soubesse que ela queria participar, teria ficado feliz em ser seu acompanhante.

– Queria ver a celebração à meia-noite. Seria péssimo se alguém me perguntasse o que eu estava fazendo quando o novo milênio chegou e eu dissesse que estava escondida na minha cama, toda antissocial.

Richard fez uma careta. Às vezes ela era adulta demais, e percebia coisas demais. Ele odiava que ela se sentisse uma aberração.

– Mas estou com sono agora – Ruby continuou. – Hanna, me leva pra cama? – ela levantou os braços, parecendo uma criança de novo.

– Deixa eu te ajudar, Hanna – ele disse, gostando subitamente de como o nome dela soava na sua língua. Ele se virou para Ruby e pegou-a nos braços. – Sua carruagem a aguarda, princesa.

Ruby riu enquanto ele a carregava ao longo do corredor, erguendo uma mão à boca para abafar o som, de modo que os convidados lá embaixo não percebessem sua presença. Hanna seguiu logo atrás deles, deixando Richard consciente da sua presença.

Sentindo-se dócil, Ruby encostou a cabeça no ombro do irmão mais velho.

– Obrigada, Richard. Você é um ótimo irmão mais velho.

– Melhor que Nathan?

Richard carregou Ruby até o quarto dela, contorcendo-se suavemente para fazer as pernas dela passarem pela porta.

– Nathan não é um irmão, é um animal. Toda vez que me vê, ele me joga no ar. Sempre fico com medo que não vá me pegar – a voz de Ruby estava arrastada de sono.

Ele colocou-a na cama e a cobriu. Hanna estava de pé, na porta, observando-os. Sorrindo para ela, ele podia sentir surgirem pequenas rugas ao redor dos olhos. Quando ela devolveu o sorriso, com os cantos de seus lábios carnudos curvando-se para cima, ele sentiu algo desabar em seu estômago.

– Bem, tampinha, prometo que sempre estarei aqui pra te pegar – Richard sussurrou, beijando a testa da irmã. Ruby já estava dormindo, sua respiração suave saindo num ritmo tranquilo.

– Sua irmã é um doce – Hanna disse, quando ele a encontrou na porta. – É o oposto das minhas irmãs más. Você tem sorte.

– Você tem irmãs?

– Meias-irmãs – ela respondeu. – Gosto de me lembrar que só somos meio parentes. Elas são o demônio encarnado em gêmeas de onze anos. Já acham que sou inferior a elas socialmente.

– Parecem adoráveis – ele arrastou a fala outra vez. Algo brilhou nos olhos de Hanna.

– São ótimas. Podemos trocar, se você quiser – isso o fez sorrir. As irmãs dela pareciam exatamente o tipo de criança que tratariam Ruby como lixo.

– O que você está fazendo aqui em cima, aliás? Não deveria estar enfiando canapés na garganta de convidados indefesos?

Era engraçado como ele se sentia leve, lá em cima com Hanna, longe da festa e da multidão.

– Estou numa pausa. Tenho... – Hanna olhou o relógio. – Quinze minutos ainda.

– Nossa, tantas coisas que você poderia fazer com esses quinze minutos... possibilidades

infinitas – ele sorriu, deixando o corpo roçar contra o dela enquanto saíam no corredor. – Gostaria de ir pro meu quarto?

– Deus do céu! Você não perde tempo, né? – Hanna exclamou, fazendo Richard reexaminar o que tinha dito exatamente.

– Ah, merda, não quis dizer isso – ele torceu as mãos, nervoso. – Sério, não era uma cantada. Não que você não seja bonita ou algo assim. O que quis dizer foi... tenho um PlayStation, um Tony Hawk, e dois controles com nossos nomes neles. Quer se juntar a mim? – ele estava corado agora, chocado com a própria obtusidade e com a resposta dela.

– Nesse caso, como posso recusar? Mas já te aviso que sou completamente inútil em jogos.

Enquanto Richard montava o PlayStation no quarto, Hanna foi examinar sua estante, observando os CDs como se estivesse tentando descobrir de que tipo de música ele gostava. Ele sorriu quando viu a testa dela franzida de perplexidade. Seu gosto era eclético; era difícil categorizá-lo quando os CDs iam de Puccini a Prodigy.

– Você tem umas coisas legais. Nem quero saber quanto vale essa coleção – ela passou os dedos sobre as lombadas plásticas dos CDs. Richard suprimiu um sorriso, decidindo que seria tolo contar a ela que essa era só uma pequena parte da sua coleção e que ele tinha milhares de outros CDs em Manhattan.

– Quer ir primeiro? – os olhos deles se encontraram. Ele sentou no tapete, encostando as costas contra a cama e dobrando as pernas. Hanna foi até ele e sentou-se ao seu lado, abanando a cabeça para recusar o controle oferecido.

– Vai você primeiro, eu assisto e aprendo.

Três manobras aéreas, dois saltos mortais e uma derrapagem depois, e seu “medidor especial” estava completo. Ele fez mais algumas manobras especiais, exibindo-se um pouco para Hanna.

– Você faz parecer tão fácil – ela reclamou.

– Tudo é fácil quando você sabe como fazer. Eu não durmo bem, então pratico bastante. Sua vez.

Hanna pegou o controle e olhou para a tela da tevê com uma determinação sombria. O skatista se moveu lentamente sobre o corrimão antes de cair da beirada. Tentando de novo, ela franziu a testa em frustração quando a mesma coisa aconteceu.

– Sou péssima nisso – ela se queixou, encarando a tela.

– Vem cá, vou te ajudar – Richard fez um gesto para o chão, indicando onde Hanna deveria se sentar. Ele ficou quase chocado quando ela engatinhou até ele, acomodando-se entre suas pernas e encostando as costas contra seu peito. Envolvendo-a com os braços, ele colocou os dedos sobre os dela enquanto ela segurava o controle, e lhe mostrou quais botões apertar para fazer um salto aéreo.

A sensação das costas dela esfregando-se contra seu peito e da bunda dela contorcendo-se contra sua virilha o deixou instantaneamente duro. Sua ereção pressionava a coluna dela. Com apenas duas finas camadas de tecido entre a pele deles, ele tinha certeza de que ela conseguia sentir.

Hanna virou-se com uma expressão divertida. Ela levantou uma sobrelha trocista.

– Você gosta mesmo desse jogo, hein.

– Não leve pro lado pessoal. Fico duro só de assistir National Geographic.

Ela gargalhou, balançando a cabeça. As mãos dele ainda estavam sobre as dela, e ele

mostrou como ela podia combinar um salto aéreo com uma derrapagem.

– Nossa! Ganhei pontos especiais. Sou o cara. O. Cara. – Hanna se contorceu de felicidade por ter conseguido algo além de uma queda. Quando ela se moveu, seu corpo esfregou-se contra a ereção dele, fazendo-o estremecer com o prazer doloroso que o movimento causava.

Olhando para o relógio, Richard ficou quase aliviado ao ver que a pausa dela tinha terminado.

Capítulo 2

19 de julho de 2000

Hanna puxou o colete fino. O material ficou grudado em sua pele por um momento antes de se soltar, permitindo que o ar fresco circulasse por sua pele úmida. Mesmo para julho, o tempo estava quente além do normal; as roupas góticas pesadas que ela tinha posto na mala continuavam dobradas com cuidado e esquecidas, como uma tia solteira numa despedida de solteiro.

Ruby Larsen estava deitada numa rede ao seu lado. Elas estavam lendo *Harry Potter e o cálice de fogo* em voz alta uma para a outra. Tinham comprado o livro numa pequena livraria na cidade no dia anterior.

– Você acha que Hermione gostaria de mim se a gente se conhecesse? – Ruby perguntou, passando o livro para Hanna.

– Como não gostaria? Ela adoraria você. Você é inteligente, engraçada, e acabaria com os meninos na aula de Poções.

Elas estavam no chalé de campo dos Larsen no oeste da Inglaterra havia uma semana. Claire Larsen tinha pedido a Hanna que aceitasse o emprego de companheira de Ruby durante o verão, enquanto ela viajava aos Estados Unidos para cuidar da mãe doente. Hanna havia concordado de imediato. Era melhor do que trabalhar num supermercado.

– Às vezes eu queria ir pra Hogwarts. As pessoas parecem tão mais gentis que na St. Nicholas – Ruby disse, brincando com as lantejoulas prateadas da sua camiseta.

– Tem gente má em todo lugar, Ruby. Pense em como Draco Malfoy era um imbecil com Harry – Hanna respondeu, melancólica. – Enfim, você está de férias da escola. Não devíamos pensar sobre aulas, uniformes ou lição de casa. Era pra estarmos nos di-ver-tin-do.

– Você não tem que pensar em escola nunca mais – Ruby reclamou. – Tem tanta sorte.

Hanna deixou a cabeça cair na rede, lembrando-se do último dia de escola. Depois de uma longa primavera de provas, trabalhos e pesadelos sobre as leituras obrigatórias, era um alívio poder finalmente respirar sem se perguntar como arranjaria tempo para sua próxima monografia.

Ela vinha sendo a babá de Ruby desde que elas se conheceram no ano-novo. Não parecia trabalho – embora ela sempre ficasse grata pelo dinheiro – porque as duas sempre conseguiam se divertir. Hanna gostava de passar o tempo com Claire e Steven também; apenas oito meses depois daquele primeiro encontro, era como se os Larsen fossem sua segunda família.

– A época da escola era pra ser “os melhores dias da sua vida”.

– Acho que nós duas sabemos que isso é uma mentira – Ruby disse, chutando a rede de Hanna e fazendo-a balançar selvagemmente.

A distância, elas ouviram as portas francesas baterem. Hanna ergueu os olhos e viu um

jovem loiro e alto vindo na direção delas. Cobrindo os olhos com a mão, ela pôde ver que era Tom McLean, acenando com um pedaço de papel em sua mão grande e bronzeada.

– Oi, Tom – Ruby gritou, caindo da rede e correndo para bater na palma que ele levantara. Ele era neto de Mary, a faxineira deles. Estava sempre no chalé fazendo pequenos trabalhos. Hanna suspeitava que Ruby tinha uma quedinha pelo adolescente loiro.

– Oi, Rubizinha. Como vai? – ele piscou para a garota e então ergueu os olhos para Hanna, os lábios se abrindo num sorriso lento e preguiçoso.

– Você parece um pouco confortável demais agora.

Com isso, ele estendeu a mão e agarrou o braço de Hanna, pegando-a facilmente enquanto ela escorregava da rede. O livro caiu no chão.

– Tom! – ela gritou, irritada. – Me solte! E se estragou meu livro, vai pagar com a vida! – ela bateu no braço dele, fazendo um som bastante audível.

– Ei! Cuidado com o braço da guitarra. Ainda não pus no seguro – ele a olhou com uma expressão de falsa indignação. – Só vim convidar as moças mais bonitas da cidade para o nosso show hoje à noite.

Hanna pegou o panfleto da mão dele.

– É num pub, Tom. Não posso levar Ruby a um pub. Os pais dela me matariam.

No mesmo instante, Ruby exclamou:

– Podemos ir? Por favor? Nunca vi uma banda ao vivo!

– Várias crianças estarão lá. Pelo menos cinco dos meus sobrinhos e sobrinhas vão. Vamos, até te pago uma Coca – Tom fez sua melhor expressão de cachorrinho carente.

– Com uma oferta dessas, como podemos recusar? – Hanna disse secamente, e uma expressão de alegria apareceu no rosto de Ruby.

Pelo menos ela conseguiria deixar alguém feliz.

O pub lotado ecoava ao som de acordes destoantes e vocais profundos. No palco, Tom olhou na direção delas e sorriu diretamente para Hanna. Ela se viu mordendo o lábio num esforço para não sorrir de volta. Não tinha certeza de como se sentia com a atenção que ele estava dando a ela. Desde o momento em que se conheceram, Tom flertava com ela abertamente. Disse como adorava o estilo dela. Hanna revirou os olhos. Quando ele a convidou para beber alguma coisa, ela usou Ruby como desculpa para recusar a oferta. Agora, cercado por *groupies* locais e alguns caçadores de talentos de gravadoras, parecia que ele só tinha olhos para ela.

– Quer outra Coca? – Hanna perguntou.

– Sim, por favor. Pode me trazer um canudinho também? – o sotaque americano de Ruby soava estranhamente deslocado num pub inglês do interior.

– É claro, princesa – Hanna fez uma cortesia, dirigiu-se ao bar e fez o pedido. Quando voltou, a banda estava tocando um cover de “Yellow”, do Coldplay. Tom começou a tocar os acordes suaves da introdução na sua guitarra, inclinando-se para o microfone, com seus brilhantes olhos azuis firmes nos de Hanna.

Sua voz era profunda e rouca, perfeita para a música. Ela viu seu cabelo cor de areia cair sobre seus olhos, e seus lábios se curvarem num sorriso. Algumas cabeças na plateia se

viraram para seguir o olhar intenso dele; alguns ficaram surpresos quando o viram observando uma garota baixa no canto com sua jovem amiga.

Ruby, sem notar o olhar óbvio dele, continuou tomando sua Coca.

– Essa é nossa última música. Gostaria de dedicá-la a uma garota linda com o sorriso perfeito. Essa é pra Hanna.

Ela sentiu o rosto ficar quente quando o sangue subiu para suas bochechas. Tom deu um sorriso rápido e então piscou quando a viu corar.

– Você e Ruby sempre frequentam pubs? – a atenção de Hanna foi atraída pela voz profunda à sua esquerda. Cuspindo sua sidra com a surpresa, ela ergueu os olhos com horror enquanto Richard Larsen vinha em sua direção.

– Richard! – Ruby pulou do banco, quase derrubando o resto da Coca em sua pressa de abraçá-lo.

Enquanto abraçava a irmã com força, os olhos dele encontraram os de Hanna.

Ela se ergueu, pondo as mãos nos quadris, e o observou pela primeira vez desde o ano-novo. Ele estava elegante em uma calça preta feita sob medida, as mangas da sua camisa azul-pálido enroladas até os cotovelos. Ela tentou não olhar muito de perto seus antebraços musculosos; a pele se estendia sobre tendões tesos, coberta por uma camada de pelos escuros.

Ele parecia deslocado no pub, em meio aos jeans, bermudas e camisetas de banda. Como um Renoir pendurado em uma parede de grafites obscenos.

– Não encontrei vocês no chalé, então liguei pra Mary McLean. Ela me disse que seu neto tinha convidado você pra um encontro – Richard torceu o nariz quando terminou a frase.

– Não sabia que você estava vindo para a Inglaterra – ela decidiu ignorar o comentário sobre o encontro.

– Estou na Europa há alguns dias. Estou trabalhando pro meu padrasto durante o verão. Ele tem uns negócios em Paris – Richard sorriu pela primeira vez. Seu sorriso torto a lembrou de como havia gostado dele no ano-novo.

– Devia ter ligado pra gente. E se não estivéssemos aqui?

– São só duas horas de trem, Hanna.

O modo como ele disse seu nome a fez sentir-se aquecida por dentro. Ela olhou para o palco no canto do pub, percebendo que Tom olhava para eles com a testa franzida de curiosidade.

– Trouxe um presente pra mim? – Ruby estava pulando pra cima e pra baixo de animação. Seu entusiasmo fez Hanna sorrir.

– Pelo menos ela não é materialista – Richard sussurrou para ela, sarcástico. – Odiaria pensar que só me ama pelo meu dinheiro.

Ruby sorriu e agarrou-se à camisa do irmão com seus dedos melados.

– Sabe que amo você. Então, o que trouxe pra mim?

– Te mostro quando voltarmos pro chalé, maninha – ele respondeu, voltando-se para Hanna.
– Está pronta pra ir?

– Vou avisar ao Tom que estamos indo – ignorando as sobrancelhas franzidas de Richard, Hanna o deixou com a irmã e foi até Tom, pronta para se despedir. O rosto dele se iluminou com um sorriso.

– O que achou? – ele a puxou para perto, colocando a mão na sua cintura com um gesto de posse. A familiaridade a desconcertou, especialmente porque podia sentir um par de olhos

estreitados observando cada um de seus movimentos.

– Você estava ótimo! Ruby e eu amamos as músicas – ela disse, afastando-se. – Mas temos que ir pra casa agora.

– Tão cedo? Quem é aquele cara?

– O irmão de Ruby.

– Ah – o sorriso de Tom se desfez.

– Ele veio ver Ruby – ela disse depressa.

O sorriso de Tom retornou quase instantaneamente.

– Quer dizer que tem uma babá disponível agora?

– *Eu* sou a babá, lembra? – Hanna respondeu, seca.

– Que pena. Acho que vou ter que acampar embaixo da sua janela e fazer serenatas de amor – ele piscou para ela.

– Fique à vontade, eu uso protetores de ouvido. Mas tenho certeza de que os gatos vão gostar.

– Está pronta, Hanna? – Richard e Ruby juntaram-se a eles.

Hanna podia sentir o calor subir ao seu rosto outra vez.

– Richard, este é Tom McLean. Ele é da banda – e ela era ridícula. Meu Deus, podia soar mais idiota?

– É um prazer conhecê-lo – Richard apertou a mão de Tom com firmeza. Para dois caras de idade próxima, suas diferenças não podiam ser mais gritantes. Ao lado do cantor desalinhado de cabelo desgrenhado, Richard parecia mais velho e muito mais sofisticado. Areia demais pro caminhãozinho dela.

– Podemos ir? – Ruby puxou a manga dela, desesperada para chegar em casa e abrir o presente prometido.

– Ok, estamos indo – Hanna tentou esconder uma risada do desespero da garota, mas não conseguiu.

Tom inclinou-se para beijar sua bochecha bem na hora em que Hanna virou a cabeça para ele. Ainda estava no meio da risada, e sua boca aberta encontrou a dele. Ela o sentiu inspirar ríspidamente com o toque. O sangue subiu à boca dela, e ela sentiu a boca dele começar a se mover lentamente contra a dela, a ponta da sua língua deixando uma linha úmida ao longo dos lábios dela.

Ela se afastou com rapidez, o rosto aquecendo de humilhação quando viu Richard erguer uma sobrancelha para ela, seus lábios estreitando-se numa linha fina e reta.

A noite ficava cada vez melhor.

Durante cinco dias, Richard se juntou à rotina delas, lendo em voz alta enquanto elas terminavam *Harry Potter* e escolhendo seu personagem preferido enquanto elas encenavam trechos do livro. Sem o terno e a gravata, Richard Larsen parecia outra pessoa.

À noite, depois de pôr Ruby na cama, eles se sentavam juntos e assistiam tevê. Um programa novo tinha começado em um dos canais, algum tipo de *reality show*. Dez pessoas eram forçadas a viver juntas numa casa trancada. Hanna achou fascinante.

– Não é muito como *1984*, na verdade, é? – Richard se perguntou, oferecendo outro cookie

de chocolate do pacote que estavam compartilhando. – Quer dizer, o Grande Irmão faria com que eles fizessem continência e jurassem lealdade a ele. Não deixaria que ficassem deitados no jardim, conversando com as galinhas.

Quando os comerciais começaram, Hanna foi até a cozinha. Abriu a geladeira e pegou duas garrafas de Becks, tirando as tampas com um abridor de garrafa enquanto voltava para a sala. Quando olhou para Richard, notou que os olhos dele tinham escurecido quase imperceptivelmente quando ele encarou as pernas nuas dela. A intensidade do olhar a fez perder o fôlego.

Com a rotina de pôr Ruby na cama, um programa de tevê preferido e o compartilhamento de cerveja e cookies, eles estavam se tornando a paródia de um velho casal...

Tirando a parte do sexo.

Na última noite de Richard no chalé, eles decidiram ir ao vilarejo comprar o jantar num restaurante de peixe e batatas fritas. O ar noturno estava agradável e perfumado quando eles se sentaram na grama, comendo a última ceia direto do papel-manteiga. Ruby estava sentada nos degraus de concreto do Memorial de Guerra, jogando batatas para pombas toda vez que elas desciam tentando roubar comida dos seus dedos. Eles viram o sol se pôr com os dedos cobertos de vinagre, sal e gordura.

Uma gota de ketchup caiu no canto da boca de Hanna. Richard inclinou-se para limpá-la com o dedão. Ele sentiu uma vontade súbita de mover o dedo um pouco para a esquerda e enfiá-lo na boca macia dela, só para ver qual era a sensação. Em vez disso, pôs o dedo nos próprios lábios e lambeu o molho. Hanna o encarou com sua boca em formato de rosa levemente aberta, e ele podia ver um pedaço da sua língua logo atrás dos lábios.

– Está deixando seu cabelo crescer com a cor natural?

– Estou tentando me reinventar pra faculdade. Quero encontrar um visual mais roqueiro. Gótico é tão século passado.

Richard riu do entusiasmo idealista dela, da crença de que era possível se reinventar simplesmente com uma mudança na cor do cabelo. Não era tão fácil assim.

– Roqueiro? – ele olhou para ela, cético.

– Sim, estou cansada de só usar preto. Até eu preciso de um pouco de cor de vez em quando.

– Bem, estou ansioso para conhecer a nova Hanna Vincent. Talvez você possa me mandar uma foto.

– Talvez você possa ir pro inferno, seu pervertido – ela respondeu, batendo com o ombro no dele. Richard bateu de volta e ela escorregou do banco de madeira, caindo na grama dura e seca com um baque surdo. Sua expressão indignada o fez gargalhar.

Na manhã seguinte, Richard saiu cedo do chalé para pegar o primeiro voo para Nova York. O avião estava lotado, mas a família Maxwell sempre viajava de primeira classe. Mesmo que Richard fosse um Larsen, seu padrasto não deixaria que ele viajasse de outra forma.

Um Lincoln preto o aguardava no portão de chegada. O motorista pegou as bagagens e Richard o seguiu até o estacionamento. Ele sentou-se no banco de trás enquanto o motorista se preparava para enfrentar o trânsito de Nova York. Levou mais de uma hora até eles

estacionarem na frente da casa de pedras marrons.

Ele estava de volta ao lar, embora essa fosse uma palavra estranha para descrever o lugar. O interior da casa era muito limpo, muito austero. Muito parecido com sua mãe. Mas, de todos os lugares do mundo, esse era o que deveria ser considerado seu lar. Afinal, Richard tinha passado a maior parte dos últimos quinze anos ali.

Assim que entrou na casa, ele foi para a cozinha, na qual podia ouvir Consuela cantando enquanto limpava o chão. Ela trabalhava para os Maxwell havia muito tempo e já morava na casa bem antes de Richard e sua mãe se mudarem para lá.

– *Ricardo* – um sorriso iluminou o rosto dela. – Você está em casa. Venha aqui e me dê um beijo.

Ele a ergueu e a girou enquanto ela batia nos seus braços, tentando fazer com que ele a soltasse.

– Onde está todo mundo? – ele perguntou, colocando-a no chão.

– Sua mãe está com os Hampton. E Daniel teve que ir trabalhar com o pai. Ele não está muito feliz com isso também.

Daniel era o meio-irmão de dezessete anos de Richard, o único filho e herdeiro de Leon Maxwell. Com um império multibilionário englobando de imóveis a serviços de consultoria financeira, Leon Maxwell tinha uma vasta gama de investimentos em todas as partes do mundo.

Richard contornou Consuela e pegou um pão ainda quente da bandeja. Ela deu um tapinha em sua mão.

– Temos convidados hoje? – ele perguntou, mordendo o pão.

– O sr. Maxwell convidou os Brooke para jantar com você.

– Às oito?

– Sim, senhor – quando falava com ele, o “senhor” sempre era acompanhado por um sorriso brincalhão. Era diferente de quando tratava Leon ou Daniel assim.

– Bem, nesse caso, estarei no meu quarto, dormindo pra curar o enjoo da viagem – Richard piscou e saiu da cozinha.

Quando subiu, não ficou surpreso ao ver que seu quarto estava mais limpo e mais cheiroso do que quando o deixara mais de uma semana atrás. Consuela tinha realizado a missão com garra durante a ausência dele. Jogando a mala num canto e tirando os sapatos, ele se deitou em cima do edredom, fechando os olhos assim que sua cabeça atingiu o travesseiro.

Capítulo 3

5 de outubro de 2000

– Então, Hanna Vincent, qual é seu AVU? – Josh Chambers, editor da revista estudantil, inclinou-se na sua cadeira giratória surrada, tirando o lápis que havia posto atrás da orelha segundos atrás, batendo-o contra os dentes e observando-a.

Hanna franziu a testa. Que diabos era AVU? Ela se perguntou se era algum termo jornalístico que deveria saber. Não queria parecer burra e admitir que não conhecia praticamente nada sobre o trabalho em um jornal.

Ela se candidatara para a posição não remunerada na redação da revista da universidade, assim que tinha chegado em Nottingham, na semana anterior. Agora, estava sendo entrevistada pelo editor superinteligente e já estava se sentindo ridícula.

– O que quero saber, Hanna, é qual é o seu Argumento de Venda Único. O que a torna especial? O que você tem que os outros candidatos não têm?

Ele obviamente tinha ficado com pena dela. Pelo jeito, o olhar de confusão ajudava em alguma coisa, no fim das contas. Pena que não funcionava tão bem com a família dela.

– Bem, Josh Chambers – permitiu-se um pequeno sorriso ao usar o nome completo dele, do mesmo modo que ele tinha feito. – Tenho muitos pontos de venda. Trabalho duro. Sou determinada e nunca aceito não como resposta.

– Você e todo mundo com quem falei hoje. Isso não a torna única. Só a torna desesperada – Josh balançou a cabeça, dando um sorrisinho com a resposta dela. Ele era atraente, com seu cabelo loiro escuro, maxilar forte e barba por fazer. Tinha o visual *geek-chic* perfeito, com seus óculos de aro de tartaruga pretos escorregando pelo nariz. Embora estivesse no último ano de Jornalismo, para Hanna ele parecia ser muito mais velho que ela.

Com o canto do olho, ela avistou um pôster grande na parede, que anunciava um show na semana seguinte. Ela virou a cabeça, sorrindo ao reconhecer o homem posando na frente do pôster. Ele estava usando uma camisa preta apertada, seu cabelo desganhado voando para todos os lados enquanto tocava sua guitarra.

– Eu conheço Tom McLean do Fatal Limits – ela indicou a foto na parede anunciando a banda como o show principal. – Posso conseguir uma entrevista com eles.

Josh inclinou-se, a curiosidade atizada pela primeira vez naquela manhã.

– Está brincando comigo?

– Não! – Hanna riu da expressão dele. – Sério, conheci ele nesse verão. Eles acabaram de conseguir um contrato com uma gravadora independente. Posso ligar pra ele agora, se você quiser.

Josh ainda a olhava com interesse, o lápis firmemente preso entre os dentes.

– Ok. Vamos fazer um acordo: se você conseguir uma entrevista com o Fatal Limits e se

escrever um artigo decente, te dou um mês de teste – o sorriso dele era genuíno.

– Obrigada! – Hanna estava incrédula, mal acreditando que, dentre quase cem candidatas, ela tinha ganhado um teste. Ela queria fazer uma dancinha de comemoração.

– Mas aviso desde já que sou um chefe exigente. Já fiz homens feitos chorarem com minhas edições. Não aceito desaforo, e se você está atrás de trabalho fácil, esse não é o lugar certo.

– Não estou atrás de nada fácil, obrigada – Hanna respondeu incisiva, devolvendo o olhar dele com um igualmente intenso. – E homens bem maiores que você tentaram, e não conseguiram, me fazer chorar.

– Vou encarar isso como um desafio, então.

– Por favor.

Josh estendeu a mão e apertou a de Hanna. Ele a sacudiu algumas vezes, como que para fechar o negócio.

– Aguardo ansiosamente para trabalhar com você, Hanna Vincent.

– Por favor, me chame de Hanna. Vincent é meu sobrenome. É estranho quando você me chama assim.

– Ok, então estou ansioso para trabalhar com você, Hanna – ele esperou um momento. – Sem Vincent.

– Não podia resistir, podia? – ela balançou a cabeça.

– Você acha que é irresistível? – a sobrancelha dele ergueu-se.

– Não tanto quanto você me acha.

Josh tirou os óculos, colocando-os à sua direita, na escrivaninha. Passando uma mão pelo cabelo, ele se inclinou para a frente, até que seu rosto estivesse a alguns centímetros do de Hanna.

– Está tentando seduzir, Hanna Vincent? – ele estava tão perto que ela podia sentir a respiração dele na sua pele.

– Se tem que perguntar, a resposta é não. Se eu estivesse te seduzindo, você saberia.

– Então aguardo ansiosamente para saber.

– Espere sentado – ela ergueu-se da cadeira, apanhando o currículo e o portfólio. – Obrigada pela oferta. Vou ficar feliz quando publicar meu primeiro artigo.

Soando mais confiante do que se sentia, ela fez um aceno rápido para Josh e saiu para a sala principal do jornal. Fechando a porta atrás de si, suspirou aliviada. Ela não tinha certeza se sentia-se atraída por Josh Chambers... ou se queria matá-lo.

Quando voltou ao dormitório, havia um pequeno pacote marrom enfiado na caixa do correio ao lado da sua porta. Ao puxá-lo, viu que era de Nova York. O formulário da alfândega fixado na parte de trás tinha sido manchado na chuva, deixando a escrita ilegível.

Ela se perguntou o que afinal seu pai estava fazendo ao lhe enviar livros. Parte dela mal podia esperar para ver que presente inapropriado ele havia mandado dessa vez. Ela supôs que, pelo menos, deveria dar algum crédito a ele por ter se lembrado dela.

Já dentro do quarto, começou a abrir o pacote. Assim que rasgou o papel marrom, sua boca se abriu de surpresa. O livro não estava limpo e novo. Tinha aquele odor único de poeira que apenas livros antigos possuem. Capa dura com uma sobrecapa verde-musgo. Estava

extremamente bem preservado para a idade. As grandes letras brancas na capa não deixaram dúvidas de que o presente não era de Philip Vincent.

Era *1984*, de George Orwell.

Quando Hanna abriu a capa, leu as palavras “primeira edição” escritas a lápis na página de rosto.

Um envelope caiu dentre as páginas, aterrissando suavemente em sua colcha branca bordada. Ela sentiu o coração bater mais rápido quando o apanhou, colocando o dedo na fenda da beirada e movendo-o ao longo do envelope para abri-lo. Tirando de dentro um papel de carta elegante, ela o abriu e começou a ler.

27 de setembro de 2000

Querida Hanna,

O começo da sua carreira universitária é algo que vale a pena comemorar, mas, como Thomas Carlyle disse, “A maior universidade de todas é sua coleção de livros”. Assim que li isso, não pude deixar de pensar em você. Obrigado, não só por sua gentileza com Ruby durante o verão, mas também por entreter o solitário – e eventualmente irritante – Grande Irmão dela.

Se a nova Hanna Vincent é tão interessante quanto a antiga, aguardo ansiosamente para ver você de novo em breve.

Seu,

Richard

Ela encarou a carta por um tempo. Era curta, só um bilhete, na verdade, mas ela não pôde evitar se sentir um pouco emocionada pelo gesto. Ele comprara um livro para ela – uma primeira edição, ainda por cima. Não era o tipo de coisa que se encontrava em um sebo qualquer.

Além disso, ele a chamara de interessante. Por algum motivo, ela gostou daquilo. Gostou *muito* daquilo. O jeito que os Larsen tinham de atribuir aquela palavra a ela estava fazendo Hanna mudar de ideia sobre sua conotação negativa. Pela primeira vez, ela estava gostando de ser interessante, de ser diferente.

Depois de passar dez minutos se perguntando como agradecê-lo, decidiu ir à sala de computadores no porão do alojamento e enviar um e-mail.

De: HMVincent@Nottingham.ac.uk
Para: RSLarsen@Columbia.edu
Assunto: Grande Irmão

Querido Richard,

Uau, muito obrigada pelo presente impressionante. Nunca tive uma primeira edição de nada antes, então estou animada para começar essa nova coleção. Provavelmente tenho um longo caminho a percorrer antes de ter algo próximo da “universidade de livros” de Thomas Carlyle, mas a gente precisa começar de algum lugar, certo?

No entanto, estou levemente apreensiva com o fato de você ter me mandado um livro que basicamente me diz que o Grande Irmão está me observando. Devo ficar preocupada?

Hanna

PS: Meu quarto é o 101.

Ela clicou no ícone “enviar” e se encostou na cadeira, decidindo procurar na internet quanto exatamente valia uma primeira edição de *1984*.

Dentro de poucos instantes, desejou não ter feito isso. De jeito nenhum ela poderia manter aquele livro consigo. Valia mais que todas as suas coisas juntas. E mais um pouco ainda.

Bem no momento em que ela estava considerando devolver o presente, o alerta de novo e-mail tocou.

De: RSLarsen@Columbia.edu
Para: HMVincent@Nottingham.ac.uk
Assunto: Observando você?

Hanna,

O prazer é meu. E, sobre a sua questão, depende muito do que você anda fazendo.

Richard

PS: O quarto 101 contém seu maior medo?

Ela sorriu ao ler a mensagem, extremamente feliz por ele ter respondido tão rápido. Olhou o relógio. Eram quatro da tarde no Reino Unido, o que significava que eram onze da manhã em Nova York. Imaginou que ele estava ou na biblioteca ou em casa, em sua escrivaninha, trabalhando no laptop. Depois de morder as unhas por um tempo, decidiu responder.

De: HMVincent@Nottingham.ac.uk
Para: RSLarsen@Columbia.edu
Assunto: Meu pior pesadelo

Richard,

Como você leu *Harry Potter*, suspeito que já sabe qual é meu maior pesadelo. Mas como não posso dizer o nome dele, digo em vez disso que estou dividindo o quarto com uma amazona francesa de 1,90 m que fuma como uma chaminé. Não tenho dúvida que um certo alguém com o nome começando com V morreria de medo dela. Sei que eu morro.

Hanna

De: RSLarsen@Columbia.edu
Para: HMVincent@Nottingham.ac.uk
Assunto: Constrangedor...

Hanna,

Estou tentando manter minha reputação e não deixar ninguém saber que passei as férias de verão lendo livros infantis. Podemos manter isso entre nós?

Quando o próximo livro sai, aliás? Posso pegar o seu emprestado?

Richard

De: HMVincent@Nottingham.ac.uk
Para: RSLarsen@Columbia.edu
Assunto: Envergonhado... você?

Richard,

É sempre triste quando um garoto rico de Manhattan como você não pode se dar ao luxo de comprar um livro. Vou ponderar a questão enquanto como a última novidade do refeitório. Acho que teremos algo especial hoje - caçarola de atum com uma porção de espinafre cozido. Pensarei em você enquanto estiver mastigando.

Hanna

PS: Existe uma coisa chamada biblioteca...

De: RSLarsen@Columbia.edu
Para: HMVincent@Nottingham.ac.uk
Assunto: Prefiro ler o seu

Sério.

Richard
bjs

Hanna sorriu com o beijo no último e-mail enquanto terminava a sessão. No fim das contas, aquele estava sendo um dia bom... um dia muito, muito bom.

Na sexta-feira seguinte, Hanna estava nos bastidores da sala de concertos da universidade, abrindo caminho entre os corredores lotados de bandas de rock, comediantes e outros artistas, todos brigando por um espaço nos camarins.

Por ser a banda principal, a Fatal Limits tinha um camarim próprio, separado do resto dos artistas. Hanna conseguiu se enfiar lá dentro e pôde ver que pelo menos um membro da banda estava se aproveitando do fato de ter um séquito de *groupies*.

Um sussurro ao lado da sua orelha fez um arrepio percorrer sua espinha.

– Desde que assinamos contrato, o resto da banda parece ter se transformado em animais.

Ela se virou e viu Tom McLean bem atrás dela. Ele lhe deu um sorriso torto e a puxou para seus braços, suas mãos apertando a cintura dela enquanto ele a abraçava.

Nos dois meses desde que haviam se visto pela última vez, a vida de Tom tinha dado um giro de 180 graus para o melhor. A Fatal Limits tinha fechado contrato com uma pequena gravadora independente, que estava trabalhando duro para aumentar a reputação da banda. O

primeiro passo do plano era enviá-los em uma turnê pelas universidades britânicas, para estabelecer uma base forte de fãs entre os estudantes e, então lançar o álbum já com um público preexistente.

– Olhe só pra você, Tom – Hanna puxou o cabelo dele, notando o corte moderno; seus cachos cor de areia ainda caíam um pouco sobre a testa, mas de algum modo pareciam mais arrumados. – Não acredito que está virando o Chris Martin.

Tom a abraçou mais forte. O rosto dele tocava o dela, e ele murmurou na sua orelha:

– Se comparar a gente com o Coldplay no seu artigo, faça você comer a revista.

– Se você insistir em tocar “Yellow”, não terei escolha.

– Se eu insistir em tocar “Yellow”, você vai se derreter aos meus pés, como da última vez.

Hanna afastou-se de Tom, olhando para ele com as sobrancelhas levantadas.

– Sério? Você acha que eu fiquei impressionada com um cover do Coldplay?

– Não acho que tenha ficado impressionada com minha voz. Suspeito que tenha sido meu corpo.

Hanna começou a rir e bateu no braço dele.

– Cuidado com o braço da guitarra!

– Ainda não fez um seguro? – ela estendeu a mão e esfregou o bíceps dele, surpresa ao encontrá-lo bem definido. Tom obviamente estava frequentando academia.

– Estou tomando as providências. Aparentemente, Keith Richards fez um seguro de três milhões para o braço dele.

– Bem, Keith Richards é um idiota. E provavelmente tem um pau pequeno também.

– Você vai ficar feliz em saber que eu não sofro desse problema. Talvez eu possa te mostrar mais tarde...

– Talvez você possa manter o zíper fechado, ou achar uma *groupie* interessada – Hanna o empurrou, pegando seu bloco de notas. – A entrevista começa agora, então se quiser continuar sendo um cretino, fique à vontade. – Ela piscou para ele saber que só estava brincando. O flerte era automático; ele não podia evitar agir assim com toda garota com quem falava. Era parte do seu charme natural.

– Ok, Lester Bangs, podemos fazer toda essa coisa de sexo mais tarde. Qual é sua primeira pergunta? – Tom abriu um sorriso lento e casual. Parecia que estava se divertindo.

Hanna revirou os olhos, puxando uma caneta do bolso enquanto virava a página do bloco.

– Minha primeira pergunta, Tom McLean, vocalista da banda em ascensão Fatal Limits, é: quando você se tornou um babaca?

Capítulo 4

4 de dezembro de 2000

Depois de tudo o que acontecera no ano anterior, Hanna não conseguia acreditar que tinha concordado em visitar seu pai em Nova York. Ele ligara para ela em novembro, sugerindo uma mudança na rotina deles. Nenhum dos dois estava muito animado para se encontrar em Val D’Isere no Natal. Dentro de poucas horas, ele fez com que sua secretária comprasse para Hanna uma passagem para Nova York. Esse turbilhão pegou-a de surpresa. Ela estava estupefata demais para pensar em uma desculpa, mas se permitiu um pequeno sorriso quando imaginou a reação da madrastra com a sua visita.

Ela queria ver algumas bandas enquanto estivesse na cidade americana, e essa ideia tornou a viagem mais suportável. A cena musical de Nova York era quente, e ela estava ansiosa para sentir um pouco daquele calor. Desde que tinha entrado na revista da universidade em outubro, Hanna era a repórter de rock do jornal. Entre um artigo e outro, ela dava um jeito de assistir às aulas e fazer seus trabalhos. Nos últimos meses, ela estivera bastante ocupada.

E foi assim que Hanna descobriu seu primeiro amor: o jornalismo cultural.

Não que ela se considerasse uma jornalista naquele momento, sentada no banco de trás do carro que o pai enviara para buscá-la. Ali, ela se sentia mais como uma garotinha sendo levada para a sala do diretor porque fizera algo errado.

– Chegamos, srta. Vincent – a voz do motorista trouxe-a de volta ao presente. Ele estacionou na frente do escritório do pai dela, perto de Wall Street. Ela franziu a testa, surpresa. Fazia muito tempo desde que viera visitar o pai em Nova York, pelo menos cinco anos. Em apenas uma ocasião ele a levara para seu escritório.

– Meu pai quer que eu fique aqui? – ela podia ouvir a confusão em sua própria voz. Só Deus sabia o que motorista estaria pensando.

– Sim, enquanto eu levo suas malas para casa. Dê seu nome na recepção, e eles avisarão seu pai que você está aqui.

Hanna assentiu, movendo-se para a porta e abrindo a maçaneta. Ela não queria esperar o motorista sair do carro e abrir a porta para ela.

– Bem, obrigada.

– Sem problemas, srta. Vincent. Bem-vinda à Nova York.

Bem-vinda mesmo. Assim que abriu a porta do carro, as orelhas de Hanna foram atacadas pelo barulho das ruas. O ronco dos motores pontuava o ar junto do gritar das buzinas. O som de um compactador de asfalto a alguns quarteirões de distância fazia coro ao zumbido constante de vozes, quando ela se viu subitamente cercada por pessoas caminhando pela calçada. As paisagens e os sons de Londres pareciam meros sussurros comparados com aquilo. A altura dos prédios e a sensação de claustrofobia que eles lhe davam enquanto

caminhava tiraram seu fôlego.

À sua esquerda, as torres gêmeas do World Trade Center erguiam-se sobre o distrito financeiro, como duas sentinelas de guarda sobre o porto de Nova York. Hanna não conseguia evitar ficar impressionada pela sua estatura. Ela decidiu, naquele instante, que faria uma visita ao mirante em algum momento durante a viagem. A vista do oceano Atlântico de um lado e de Manhattan do outro devia ser impressionante dali de cima.

Desviando o olhar, ela andou cinco metros até o prédio de escritórios da empresa de que seu pai era sócio. Quando chegou à recepção, deu ao segurança seu nome e esperou que alguém viesse buscá-la. O saguão gritava dinheiro, o chão de mármore brilhava, como se fosse constantemente polido por um exército invisível, e todos os móveis eram de alta qualidade.

– Hanna?

Ela ficou chocada ao ver que seu pai tinha vindo encontrá-la pessoalmente. Tinha certeza que enviaria um dos seus empregados, talvez um estagiário ou algo assim.

– Oi, pai – ela deixou-se ser abraçada. O cabelo cinza escuro dele estava perfeitamente penteado, como sempre, e ele usava um terno feito sob medida.

– Como foi a viagem? Você está bem?

Eles passaram pela catraca de segurança e foram até a área dos elevadores. Quando o elevador chegou, Philip apertou o botão do quarto andar. A Vincent-Jones preenchia todo o andar, com os melhores escritórios ocupados pelo pai e seu parceiro.

– Foi tudo bem. Foi bom viajar de primeira classe. Obrigada pela passagem.

– De nada. Só preciso fazer algumas ligações, e então podemos comer alguma coisa.

Eles alcançaram a mesa da secretária. A loira lá sentada olhou para Hanna com interesse.

Hanna imaginou que ela provavelmente estava tentando entender como aquela garota de dezoito anos, usando jeans rasgados, camiseta de banda e uma jaqueta preta amassada podia ter alguma relação com Philip Vincent.

Era algo que Hanna se perguntava com frequência.

– Quer alguma coisa, srta. Vincent? Café ou algo para comer?

– Não, obrigada. Só vou esperar meu pai.

Dez minutos depois, ele saiu do escritório, jogando um elegante casaco de lã preto sobre os ombros.

– Não volto mais hoje, Grace – ele disse à secretária quando passou pela mesa. – Se surgir algo urgente, me ligue no celular. Senão, vejo os e-mails à noite.

– Claro, sr. Vincent. Tenha uma boa-noite. Boa noite, srta. Vincent – Grace deu um pequeno aceno quando Hanna se levantou para sair com o pai.

Tudo aquilo estava ficando um tanto surreal. Para começar, ele tinha convidado Hanna para ficar em sua casa em Nova York, o que não fazia havia anos. E saíra mais cedo do trabalho só para passar um tempo com ela. Ela tinha certeza que ele nunca fizera aquilo antes.

Qualquer um podia imaginar que ele estava se sentindo culpado.

– Pensei que podíamos jantar cedo, depois te levo pra casa e você pode pôr a conversa em dia com Olivia e suas irmãs.

Ah, que alegria.

– Boa ideia – Hanna sorriu para o pai pela primeira vez em dois anos. – Mas não estou vestida para o jantar.

- Vamos a uma lanchonete.
- Nesse caso, *você* não está vestido para o jantar – talvez aquela paz pudesse durar mais que cinco minutos. Hanna ainda duvidava.
- Não se preocupe. Metade de Wall Street vai estar lá.
- Ok – ela mordeu a língua para não perguntar quem era ele e o que tinha feito com seu pai. Não queria fazer nada que estragasse o momento.

Quando se sentaram, Philip pediu um sanduíche Reuben e Hanna optou por um hambúrguer. Enquanto experimentavam as bebidas, ela tentou ardorosamente encontrar algum assunto neutro sobre o que conversar com o pai. Por sorte, ele fez isso primeiro.

– Esse lugar é meu segredinho. Olivia me mataria se me visse aqui. Ela acha que “lanchonete” é um código para “jantar de colesterol” – Philip engoliu uma mordida do sanduíche, bebendo um gole de cerveja por cima.

– Bem, acho que *você* vai ter que me subornar pra eu ficar em silêncio, então – ela ainda se sentia estranha, sentada com o pai, tendo uma conversa adulta. Sua boca estava quase doendo de vontade de perguntar por que ele estava fazendo aquilo.

– Te dou meu cartão de crédito da Saks da Quinta Avenida. Funciona com todas as outras mulheres da minha vida.

– Não tem problema. Não acho que a Saks vai ter o tipo de roupa que eu uso, de qualquer jeito – ela resmungou, começando a rasgar o guardanapo que tinha posto no colo.

Os olhos de Philip se suavizaram quando viram sua expressão triste.

– Nunca te disse como sinto muito sobre o que aconteceu ano passado. Sei que Olivia e eu não te tratamos como deveríamos, e sei que negligencio *você* às vezes. Não vou falar sobre todos os motivos pelos quais isso é complicado pra mim, e com certeza não vou falar sobre como as coisas têm sido difíceis entre mim e sua mãe. Mas vou tentar, certo? Vou fazer o máximo para ser um pai melhor.

Hanna não conseguia encará-lo diretamente.

– Certo.

Ela olhou para o hambúrguer, levou-o à boca e deu uma grande mordida, feliz por ter uma distração. Não importava o que seu pai dissesse ou tentasse fazer – sempre haveria uma parte dela que duvidaria dele. Hanna não sabia se aquilo um dia poderia mudar.

No seu segundo dia em Nova York, ela foi até a Universidade de Columbia para tomar um café com Richard Larsen. Desde outubro, eles vinham trocando e-mails com regularidade. Quando tinha dito a Richard que viria a Manhattan, ele sugeriu que se encontrassem.

Era um dia claro e gélido, e Hanna decidiu subir à acrópole acadêmica de Morningside Heights. Ao chegar lá, viu Richard sentado nos degraus, com um casaco de lã azul abotoado até o pescoço e um cachecol listrado. Hanna parou por um instante, sentindo-se subitamente tímida. Deveria abraçá-lo, ou ele estava esperando um beijo pretensioso na bochecha? Talvez um aperto de mão fosse suficiente.

Quando a avistou, o rosto dele irrompeu em um enorme sorriso. Todo o constrangimento sumiu da mente de Hanna e ela correu até ele, jogando os braços ao seu redor.

– Meu Deus, é tão bom ver *você* !

Richard a abraçou forte.

– É ótimo ver você também.

– Obrigada por me encontrar. Estou tão feliz de ver um rosto amigo.

– Ia sugerir que a gente ficasse por aqui, mas está frio demais. Que tal um café na lanchonete? – jogando um braço ao redor dos ombros dela, ele a puxou para si quando eles começaram a andar. – Tem uma cafeteria na biblioteca, mas achei que você fosse gostar mais do restaurante do Tom.

– Por quê? – Hanna perguntou.

– Você vai ver – enquanto eles desciam a rua, Richard começou a cantarolar alguma coisa tão baixinho que Hanna não conseguiu identificar a música.

Assim que eles viraram a esquina na Broadway, ela percebeu o que ele estava cantando.

– Ei! É a Tom's Diner, daquele vídeo de Suzanne Vega – os cantos da boca de Hanna se curvaram para cima quando ela avistou a fachada de pedra e vidro. – Adoro aquela música.

Richard tomou sua mão e a levou para dentro. O calor da lanchonete contrastava com o ar gélido lá de fora.

– Sabe, é a segunda vez em dois dias que estou numa lanchonete.

– Bem-vinda a Nova York.

– Gostariam de uma bebida? – a garçonete perguntou, colocando guardanapos na mesa.

Richard olhou para a mulher.

– Um café pra mim.

– Dois, por favor – Hanna acrescentou, observando a garçonete se encaminhar até a cafeteira.

– Então, como vai a visita? – Richard perguntou.

– Tudo bem, por enquanto. Estamos ambos tentando ao máximo não antagonizar um com o outro. Mas é mais fácil falar do que fazer, às vezes.

– Por quê?

Hanna encostou-se no banco e tomou um gole de café. O líquido quente aqueceu sua boca e ela franziu a testa em concentração.

– Acho que estamos pisando em ovos. Não estamos sendo nós mesmos para não irritar um ao outro. E então, quando eu falo alguma coisa que revela quem sou de verdade, é como se ele voltasse ao seu estado típico. Ontem à noite eu disse que queria ver uma banda na quinta-feira para escrever um artigo para o jornal e ele já começou a gritar. Disse que eu sou menor de idade, que não posso ser vista num lugar em que se vende bebidas alcoólicas e que não tenho um acompanhante, então não tenho permissão pra ir.

– Mas você vai de qualquer jeito?

– Claro que vou – Hanna olhou diretamente para ele. – Tem essa banda nova que estou morrendo de vontade de ver. Eles sempre tocam no Mercury Lounge. Podem ser a próxima grande descoberta.

– Até entendo a preocupação do seu pai. Provavelmente não é seguro para uma garota de dezoito anos ficar andando por Manhattan à noite.

– Fico andando até tarde da noite toda hora em casa – Hanna deu de ombros.

– Não é a mesma coisa – Richard olhou-a por sobre a xícara de café, o vapor subindo até obscurecer seu rosto. – Uma cidadezinha na Inglaterra não é exatamente Gotham City.

– Bem, Bruce Wayne, acho que vou arriscar – seu tom de voz indicava que estava decidida.

– E se eu fosse com você?

– Faria isso? – ela pôs a xícara de café vazia sobre a mesa e o examinou. Tudo sobre ele indicava dinheiro, da camiseta azul abotoada estilo Oxford, aberta no pescoço, revelando os pelos do peito, à calça estilo marinheiro. Ela se perguntou se ele tinha ideia de como pareceria deslocado no Mercury Lounge.

Mas, por dentro, ela deu de ombros. Era um risco que aceitaria se significasse poder ir ao show e manter o pai feliz.

– Claro. Acho que nunca fui lá antes – ele falava como se a oferta não fosse nada demais.

– Então o que devo fazer em troca? – o rosto dela ficou quente assim que as palavras escaparam dos seus lábios. Ela não tinha pretendido soar tão provocativa.

Richard quase cuspiu o café.

Ela olhou-o com olhos estreitados.

– Estou oferecendo, como sua amiga, uma oportunidade de você receber algo em troca. Não vejo o que tem de engraçado nisso.

Ele aproveitou a oportunidade para considerar.

– Nesse caso, deixe eu te levar pra jantar antes que você vá embora. Você me mostra seu mundo e eu mostro o meu pra você.

– Ok, Henry Higgins, combinado. Faça o seu melhor.

Richard observou enquanto Hanna convencia um segurança a deixá-la entrar no Mercury Lounge, apesar de não ter uma carteira de identidade e ser menor de idade. Não tinha como não ficar impressionado com o modo como ela enganou os caras com brincadeiras, sorrisos doces e com a história de ser uma jornalista inglesa.

– Você vem? – virou-se para Richard, o rosto corado de frio e os olhos brilhando sob as luzes da entrada.

– Claro.

Seguindo Hanna até a área principal da boate, todos os seus sentidos foram atacados pela atmosfera – a cacofonia da plateia, o cheiro de fumaça no ar, a sensação do chão grudando nas solas dos sapatos. Ele podia sentir a animação no local enquanto a multidão de pessoas se movia pelo espaço, esperando a banda subir ao palco. Devia haver pelo menos trezentas pessoas apertadas lá dentro.

– Qual o nome da banda mesmo? – Richard perguntou. Hanna tomou sua mão para puxá-lo mais para a frente.

– The Strokes. São uma banda de garagem de cinco membros. Está todo mundo falando deles.

Três membros da banda subiram no palco e houve gritos e aplausos da plateia. Richard já podia antecipar que suas orelhas estariam zumbindo até o fim da noite. Sua camiseta estava começando a ficar molhada. O calor úmido do local estava fazendo até o cabelo de Hanna ficar um pouco frisado. Ficava bem nela.

Olhando para o palco, suas sobrancelhas se ergueram em surpresa e ele se inclinou para sussurrar na orelha de Hanna.

– Sabe, reconheço pelo menos dois daqueles caras.

Hanna voltou-se para ele imediatamente e Richard abriu um sorriso orgulhoso.

– Sério? – ela olhava-o com desconfiança.

– Sério, reconheço eles de Dwight. São definitivamente caras da escola preparatória.

– Pra você ver como até garotos de escola preparatória podem ser salvos. Então, quando você vai começar sua banda?

Richard riu baixinho, tomando um gole de cerveja. Hanna olhou-o com inveja. Sem carteira de identidade, ela só podia tomar refrigerante.

– Se me ouvisse cantando, você não precisaria perguntar.

Enquanto conversavam, a banda se movimentava no palco, fazendo checagens de última hora.

– Então, o que você pretende fazer depois de se formar? – Hanna perguntou.

– Eu e uns amigos pretendemos nos mudar para a Califórnia. Tenho uns planos com um amigo de abrir uma empresa on-line.

Outro membro da banda entrou no palco ao som de aplausos. Richard esperou o barulho diminuir antes de continuar. Porém qualquer palavra sua foi abafada pelos acordes iniciais da primeira música. A plateia começou a se mover, forçando-os mais para perto do palco. Não havia como resistir à onda que os empurrava para a frente, e Richard olhou para Hanna com preocupação, temendo que ela fosse pisoteada no movimento.

Olhando para ele, ela abriu um sorriso largo.

– Não é fantástico?

O rosto dela estava corado, e seus lábios, encorpados e brilhantes. Ela não estava usando muita maquiagem – um contraste com a Hanna que ele conhecera quase um ano atrás –, e mesmo assim estava linda. Ele notou alguns caras olhando-a enquanto ela abria caminho pela plateia. Era difícil evitar um sorriso convencido ao ver a decepção deles quando percebiam que ela estava com ele.

Ele tinha que admitir que a banda era boa. Quando começaram a próxima música, era como se tivessem jogado um feitiço sobre a plateia, encantando-a e fazendo-a cantar junto e dançar freneticamente ao ritmo da música.

As pessoas atrás deles ainda estavam se movendo para a frente, separando Richard e Hanna, empurrando-os em direção aos lados do palco. Ele tomou a mão dela, puxando-a para perto e passando os braços ao seu redor para mantê-la segura.

Ele não conseguia decidir onde pôr as mãos. A cintura dela parecia familiar demais, sexual demais. Se ele segurasse seus quadris e a sentisse contra ele, tinha certeza que perderia a cabeça. Por fim, escolheu os braços dela, que lhe pareceram neutros, tentando manter o tecido da camiseta dela entre suas mãos e a pele de Hanna. Mas ela estava se movendo demais, esfregando seu corpo no dele à medida que se mexia no ritmo da música. Ele deu meio-passo para trás, removendo a virilha da zona de perigo. Não queria ser acusado de gostar *demais* daquela banda.

Hanna virou a cabeça e tentou gritar algo para ele. O barulho da música e os gritos da plateia abafaram suas palavras.

– O quê? – duas linhas se formaram entre as sobrancelhas dele enquanto tentava se concentrar na boca dela.

– Eu disse que essa é a minha preferida.

– Como se chama? – eles ainda estavam apenas lendo os lábios um do outro. Tentar

vocalizar as palavras teria sido inútil.

– “Last Nite” – ela olhou para a frente de novo quando os guitarristas tocaram o *riff*, o som discordante dos acordes do baixista contrastando com as notas melódicas da guitarra principal. O vocalista abriu a boca, sua voz um eco profundo enquanto seus lábios se moviam próximo ao microfone, os olhos fechados enquanto cantava as palavras.

A plateia estava indo à loucura, o ritmo rápido da música fazendo-os pular todos juntos. Quem tivesse o azar de não participar estava entrando em pânico, sentindo-se prestes a ser esmagado pelo movimento. Richard moveu os braços até apertar a cintura de Hanna. Não se importava mais com a reação do seu corpo ao dela, só queria mantê-la em segurança.

Hanna encostou-se contra seu peito, e suas mãos apertaram os braços dele enquanto eles se moviam juntos, abandonando-se à vontade da plateia.

Era eletrizante.

Depois do show, Hanna tentou conseguir alguns minutos a sós com a banda. Era óbvio que eles estavam próximos de conseguir contrato com uma gravadora, e os outros jornalistas na boate também queriam um momento com eles.

– Podemos ir? – Richard olhou para o relógio. Era quase meia-noite. Quando tinha pegado Hanna em casa, prometera ao pai dela que eles não voltariam muito tarde.

– Acho que sim – ela ainda estava contaminada pela atmosfera estimulante do show. Ele podia senti-la tremendo ao seu lado.

– Acho que não preciso perguntar se gostou deles.

– Simplesmente adorei! Mal posso esperar pra escrever sobre eles. Só espero que o artigo não pareça muito audacioso – ela disse. Eles saíram do bar quente e abafado para a noite fria.

Parando subitamente, ambos notaram a mudança assim que puseram os pés na calçada.

Enquanto assistiam ao show, Nova York tinha se transformado num paraíso de inverno.

As ruas e os carros estavam cobertos por uma camada macia e fofa de neve brilhante. A única mancha na paisagem pálida referia-se às pegadas negras das pessoas que tinham saído do show.

– Está nevando! – a expressão de Hanna iluminou-se, e ela abriu um sorriso largo enquanto olhava o céu e via os grandes flocos flutuando até o chão. – Ah, meu Deus, Richard, olhe!

Ela o fazia se lembrar de Ruby com aquela animação infantil. Hanna deu uma volta em torno de si mesma, a cabeça erguida para o céu. Ele ficou olhando enquanto ela abria a boca e estendia a língua para tentar capturar um floco de neve.

– Eu notei – ele disse, sarcástico. Uma vida de invernos nova-iorquinos o tinha deixado imune aos prazeres de uma tempestade de neve.

– Não está animado? Podemos fazer bonecos e anjos de neve. Podem até cancelar suas aulas amanhã por causa da neve. Tudo não fica muito melhor com a palavra neve?

– Como soterrado pela neve ou cegado pela neve?

Hanna revirou os olhos.

– É igual estar na cidade mais linda do mundo, como Ebenezer Scrooge. Cadê seu entusiasmo?

Ela afastou-se dele, passando as mãos sobre a neve que tinha caído na parede ao lado da boate.

– Desculpe decepcioná-la. Talvez o Fantasma do Natal Passado me ajude a corrigir meu comportamento.

– Talvez uma bola de neve ajude? – a mira dela era magnífica. A bola fria atingiu-o bem no queixo, explodindo com o impacto, e os flocos gelados escorreram pelo pescoço de Richard.

Ele correu até ela, apanhando um pouco de neve da parede enquanto se aproximava.

– Não! – ela gritou, tentando correr enquanto ele se aproximava com ar ameaçador, mas só conseguiu escorregar na calçada congelada. – Por favor!

– Não foi você quem disse que tudo ficava melhor com neve? – ele estava puxando a gola da camiseta dela, tentando enfiar seu punhado de neve ali. Ela se contorcia, protestava e implorava.

– Não estava falando sério, não faça isso! – a voz dela era uma mistura de pânico e riso. Ela agarrou o pulso de Richard, afastando a mão dele do seu peito e tentando fazê-lo soltar a neve.

De repente, eles estavam próximos um do outro. Próximos demais. Ele percebeu que a maior parte do seu corpo estava em contato com o dela. Ela tinha erguido a cabeça para olhar para ele, o rosto corado de frio, os lábios rosados e semiabertos. Os olhos dela capturaram os dele. Richard imaginou o que ela faria se ele se inclinasse e pressionasse sua boca contra a dela.

Então balançou a cabeça, percebendo como estava sendo idiota. Ela era mais nova que ele e morava a milhares de quilômetros de distância. Pensar nela como mais que uma amiga era uma péssima ideia.

– Vamos, vou deixar você em casa – ele abriu um sorriso rápido, dando um passo para trás para abrir um pouco de espaço entre eles.

Ela pareceu confusa por um momento, então se endireitou e sacudiu a neve do cabelo.

– Certo.

Depois de deixar Hanna no apartamento do pai, Richard decidiu dormir em casa, na cidade, em vez de ir até seu dormitório. As luzes ainda estavam acesas na casa dos Maxwell; tanto Leon como Caroline eram notívagos e raramente iam para a cama antes das primeiras horas da madrugada. Sua mãe podia se dar ao luxo de ficar na cama até tarde, e Leon dormia pouco.

– Richard, querido! Que ótima surpresa! – sua mãe pôs a taça de cristal em uma mesa de canto. Erguendo-se da cadeira, foi até ele e ofereceu o rosto. Ele inclinou a cabeça para beijá-la. – Não estava esperando você.

– Eu estava na região. Pensei que podia dormir em casa.

Quando o soltou do abraço, Caroline encarou-o com mais atenção.

– O que é que você está usando, querido? Onde estava?

– Estava vendo uma banda num bar, no Lower East Side.

– Por quê? Com quem?

– Hanna Vincent.

– Eu conheço os pais dela? – sempre a mesma questão.

– Ela é filha de Philip Vincent.

Caroline olhou-o com confusão, a testa franzida.

– Mas as filhas dele têm nove ou dez anos, querido.

Richard riu alto quando se imaginou levando as irmãs de Hanna ao Mercury Lounge.

– A outra filha dele, do primeiro casamento – ele foi até o armário de bebidas e se serviu de whisky. Tinha a sensação de que seria uma longa noite.

– Aí está uma mulher que não soube como se comportar. Pobre Philip, ela foi um constrangimento para ele – o tom da voz de Caroline estava cheio de desprezo, deixando seus sentimentos em relação à mãe de Hanna perfeitamente claros.

– Você a conhecia bem? – Richard perguntou, cético. Sua mãe parecia “conhecer” todo mundo.

– Fazíamos parte de alguns comitês juntas. Ela sempre chegava atrasada, ou nem aparecia. E as roupas que usava, meu Deus, eram tão impróprias.

Richard tomou outro gole de whisky, sem saber exatamente o que dizer à mãe. Agora ela tinha se empolgado no discurso e ele se deixou cair no sofá, decidindo que, se tinha que ouvir uma ladainha daquelas, pelo menos ficaria confortável.

– Então, como é a filha? Parece mais com Philip ou Diana? – ela perguntou.

Não havia o que fazer a não ser engolir todo o whisky restante. Richard virou a cabeça para trás e deixou o fluido âmbar queimar enquanto descia pela garganta.

– Não sei se parece com qualquer um dos dois. Ela é original – ele quebrou a cabeça pensando em um jeito sutil de distrair a mãe. Não estava gostando do rumo da conversa. – Onde está Leon?

– Ele e Daniel saíram para jantar. Leon queria um momento com o filho. Daniel está tendo problemas na escola.

– Problemas? – Richard aproveitou a tangente que a mãe tinha lhe dado.

– Ele anda matando aulas. Suas notas nunca estiveram tão baixas. Será preciso muito investimento para ele entrar em Columbia.

Investimento significava suborno. Leon Maxwell geralmente conseguia o que desejava, mesmo se tivesse que molhar algumas mãos primeiro. Richard só ficava aliviado por sua entrada em Columbia não ter exigido tal serviço do padrasto.

Não que ele estivesse surpreso de ouvir sobre os problemas de Daniel; o garoto era um desastre ambulante. Tinha um considerável problema com drogas e um saldo bancário gigantesco. Com acesso ilimitado a tanto dinheiro, a única intervenção que Richard podia ver funcionando seria privá-lo totalmente dos fundos do pai.

– Henry Jones nos convidou para seu casamento em outubro. Você vai estar por aqui?

Richard suspirou. Eles já haviam tido aquela conversa dezenas de vezes, mas cada vez que ele tentava explicar a situação para Caroline, ela o interrompia, dizendo que não queria ouvir.

– Planejo já estar morando em São Francisco em outubro.

O modo como ela apertou os lábios o fez querer revirar os olhos.

– Leon realmente gostaria que você se juntasse a ele na Maxwell Enterprises. Você tem um emprego garantido lá, e talvez possa assumir o comando um dia – a voz dela era ríspida, seu tom desaprovador.

– A Maxwell Enterprises é toda de Daniel. Você sabe que eu não tenho interesse nenhum em trabalhar lá – Richard lutou contra a vontade de sacudir a mãe até que ela entendesse. – John e eu temos tudo combinado. Vamos nos mudar em setembro.

Capítulo 5

24 de maio de 2001

Tinha sido uma semana medonha. Em vez de ficar sentada ao ar livre, aproveitando a primavera, Hanna ficou enterrada sob livros e mais livros tentando estudar para as provas de fim de semestre. No dia anterior, recebera uma ligação de Ruby – a menina tinha sido convidada por um garoto para ir ao baile da escola com ele e depois descobriu que ele fizera aquilo por uma aposta. Hanna não tinha conseguido acalmar a garota, e por fim, ligou para Richard para pedir ajuda.

Para piorar, o maldito Josh Chambers tinha acabado com o artigo dela e colocado-o nas últimas páginas da revista. Ela queria arrancar o coração dele e dar de comida para os patos do lago da universidade.

Ela ignorou os olhares curiosos dos outros alunos enquanto passava por eles no caminho para o escritório da revista. Era uma garota com uma missão, que era arrancar o coração do maldito Josh Chambers.

Ignorando os cumprimentos de amigos, ela atravessou a sala principal, indo diretamente até o escritório do editor. Envolvendo a maçaneta de aço inoxidável, Hanna girou-a com força, puxando-a em direção a si mesma com um movimento ríspido. A porta bateu na parede, fazendo todos se virarem para ela.

Josh estava sentado num canto falando com a editora de arte, que tinha seu portfólio de fotos aberto sobre a mesa.

– Hanna, não estava esperando você. Não pode esperar? – não era bem uma questão, e sim uma ordem. Ela escolheu ignorar.

– Não, não posso esperar. Pode nos dar licença, Ciara? – ela teve que se esforçar ao máximo para manter um tom educado com a editora de arte, que nunca fizera nada para inflamar sua ira. – Preciso falar com você agora, Josh – ela tinha uma cópia da revista enrolada na mão e abanou-a na direção dele.

– Pode nos dar um minuto, Ciara?

– Claro, sem problemas – Ciara recolheu todas as fotos em velocidade recorde. Ela parecia ansiosa para sair de lá e se afastar daquela atmosfera tóxica.

Josh permaneceu em silêncio enquanto Ciara saía e fechava a porta atrás de si. Ele encarava Hanna com os olhos apertados.

– Seria bom se você me dissesse por que diabos eu deveria ouvir qualquer coisa que você tem a me dizer depois de ter feito showzinho.

Ela sentiu a raiva revirar o estômago.

– Não espero nada de você. Não tem nem coragem de me falar que editou meu artigo inteiro. Achei que tinha mais classe que isso.

Ela jogou a revista na mesa, por pouco não batendo na coxa dele.

– Seu artigo estava um lixo. Tinha erros de digitação, erros de gramática e, pior de tudo, estava entediante.

Foi como um soco no estômago. A reação dela foi revidar.

– O artigo estava bom. É você que não sabe editar.

– Não me irrite – aproximou-se de Hanna. Era muito mais alto que ela, e ela lutou contra o instinto de se encolher.

– Então não corte as minhas palavras – o coração dela batia rápido cheio de adrenalina e indignação. – E eu te irrito se quiser – como se estivesse demonstrando, ela cutucou-o bem no meio do peito.

Josh agarrou o pulso dela e puxou-a em sua direção.

– Estou perdendo a paciência. Pare de agir como uma criança.

– Então pare de me tratar como uma.

Os lábios dele lançaram-se sobre os dela, uma mão puxando seu cabelo enquanto ela sentia o corpo dele tremendo violentamente. Ele estava colado nela, puxando-a para perto até que as pernas de Hanna envolvessem a cintura dele. Ela podia sentir que ele já estava duro, e se perguntou se estava daquele jeito há algum tempo – se tinha ficado excitado pela raiva dela. Então Josh abriu a boca e deslizou a língua contra a dela. Hanna puxou-o pela nuca, tentando trazê-lo para mais perto. Queria se perder nele.

– Estou te tratando como uma criança agora? – Josh gemeu contra a boca dela, fazendo suas pernas tremerem enquanto tentava se esfregar ainda mais contra ele. “Impróprio” não era uma palavra forte o suficiente para descrever o nível baixo a que tinham chegado.

Sem ar, Hanna separou a boca da dele, tentando respirar enquanto Josh a encarava.

– Merda.

– Porra.

O coração dela bateu mais forte. Ela queria arrumar o cabelo dele, retirá-lo da frente de seus olhos para poder ver o azul penetrante deles. Sua camiseta cinza estava torta, expondo seu ombro direito. Ela sentiu uma vontade súbita de tocá-lo.

– Tudo isso é um pouco *A mulher do dia*, não é? – ela tentou aliviar a tensão.

– Um pouco o quê? – ele franziu as sobrancelhas em confusão.

– Aquele filme com Spencer Tracy e Katharine Hepburn. Eles são jornalistas rivais que no fim se casam... – Hanna parou de repente, corando de vergonha. Ela olhou para o chão, evitando o olhar dele, e murmurou: – Não importa.

Josh soltou uma risada súbita, as bochechas inflando-se de divertimento.

– Como você pode me irritar tanto num momento e me fazer rir como um idiota no próximo?

– Puro talento – ela conseguiu erguer os olhos para ele e dar um sorrisinho. – É um dos meus muitos atributos incríveis.

– Estou vendo. Só pra você saber, acho que você é uma jornalista extremamente talentosa, e não tenho dúvidas de que vai chegar longe. Mas precisa aprender a ouvir críticas construtivas sem virar um pé no saco.

– Eu sei – era a vez dela de passar os dedos pelo próprio cabelo, irritada. – Quando olhei a revista, perdi a cabeça. Queria arrancar suas bolas.

– Eu deixei um bilhete na sua mesa semana passada falando que tinha editado o artigo. Você não viu?

– Deve ter caído da mesa. Talvez da próxima vez você possa me falar pessoalmente?

– Se eu prometer, você me deixa te beijar outra vez?

– Se eu deixar você me beijar outra vez, me dá uma matéria de capa?

– Não.

– Ah, droga. Valeu a tentativa – ela deu um sorriso sem-vergonha para ele. Josh inclinou-se e pressionou a boca contra a dela. Hanna fechou os olhos e sentiu os lábios deles se moverem juntos. Ele passou a ponta da língua ao longo dos seus lábios até que ela os abriu, convidando-o a explorar sua boca.

A mão dele acariciou seu pescoço, esfregou os ombros, então o indicador dele passou pela coluna de Hanna, o toque fazendo-a estremecer. Ela soltou um gemido baixo contra a boca dele, fazendo-o aumentar a pressão dos lábios e da língua até ela não pensar em mais nada.

Capítulo 6

3 de setembro de 2001

Ela imaginou que ainda era cedo pela luz que atravessava as cortinas finas que cobriam as janelas. Fechou os olhos, sua mente procurando voltar ao sono enquanto os dedos insistentes de Josh começaram a acariciar os seios dela, fazendo seu corpo acordar, mesmo que seu cérebro ainda estivesse adormecido.

– Hmm – Hanna recusava-se a abrir os olhos completamente. Os lábios dele envolveram um mamilo, a língua umedecendo-o e os dentes raspando de leve enquanto ela se enrijecia em resposta ao toque.

– Acordei você?

– Ainda estou dormindo – ela sorriu, sabendo que tinha se entregado com a resposta.

– Finja que é só um sonho, então, um sonho muito agradável – a boca dele estava se movendo para baixo e instantes depois ela apertava os lençóis, com seu corpo respondendo ao toque.

Por mais agradável que fosse, definitivamente não era um sonho.

Eles tinham passado o verão juntos, viajando pela Inglaterra e assistindo a diferentes shows e festivais de música. No final de agosto, tinham voltado a Londres, onde Josh conseguira um emprego no *The Guardian* como jornalista trainee.

– Tenho que levantar, querida. Preciso estar no escritório às oito – Josh beijou seu pescoço. – Estou acompanhando um cara que está visitando umas fazendas, e tentando escrever um artigo sobre febre aftosa.

– Está usando botas Wellington? Posso te chamar de cowboy? – Hanna sorriu, pensando em Josh chafurdando-se em lama e entrevistando fazendeiros sobre suas experiências com a febre aftosa. A doença tinha assolado fazendas por todo o país, culminando em um abatimento em massa de animais. Até Hanna tinha chorado quando vira as imagens de pilhas enormes de carcaças sendo queimadas. Tinha sido difícil esquecê-las por um bom tempo.

– Não, e não. Mas pode fazer safadezas comigo quando eu chegar em casa à noite. Quais seus planos para hoje?

– É o primeiro dia de aula de Ruby. Prometi que a levaria até lá com Richard.

Assim que disse o nome dele, os lábios de Josh contorceram-se numa careta. Quando Hanna os tinha apresentado no sábado anterior, eles pareceram se alimentar com uma antipatia instantânea um pelo outro. A situação tinha sido bem constrangedora.

– O que vai fazer no resto do dia?

Hanna leu entre as linhas. Ele estava perguntando se ela passaria o resto do dia com Richard. Ela engoliu com força, sabendo o quanto queria passar um tempo com o amigo. Desde que chegara na Inglaterra, ele estava de ótimo humor. Sempre sorrindo e fazendo

piadas, e constantemente provocando Hanna, esperando incitar uma das suas respostas sarcásticas.

– Não tenho certeza. Enviaram a lista de leituras do ano que vem, então acho que vou pegar uns livros. E prometi pra minha mãe que passaria lá pra tomar um chá.

– Que horas você vai estar em casa? – seu tom foi ríspido, e a testa dele ficou ainda mais franzida.

Hanna amava o fato de ele estar com ciúmes, e amava ainda mais que ele se referisse ao flat apertado como a casa dela. Sentindo-se amorosa, lançou o lençol para longe e correu até ele, jogando os braços ao seu redor enquanto sentia o corpo nu contra o dele, as gotas da pele dele umedecendo sua pele.

– Quando você me quiser.

Ele agarrou-a e apertou-a contra si. Ela pôde sentir o movimento revelador da toalha enquanto ele reagia ao seu toque.

– Quero você sempre, é esse o problema. Mas um de nós precisa trabalhar para pagar as contas, então estarei em casa às oito.

– Está certo, querido. Vou passar suas camisas, deixar seu jantar no forno, e pôr as crianças na cama. Gostaria do seu cachimbo e pantufas também?

– Foda-se o cachimbo e as pantufas.

– Prefiro que você me foda.

– Não se preocupe, farei isso.

Quando Hanna entrou na casa dos Larsen, pôde ouvir Ruby dando gritinhos lá em cima no quarto.

– Hanna, você veio! Ruby vai ficar tão feliz! – Claire Larsen entrou no salão vinda da cozinha, as mãos na orelha enquanto punha um pequeno brinco de pérola. – Como você pode ouvir, não faltam gritos por aqui hoje.

– Ela está animada? – Hanna perguntou.

– Muito, especialmente porque os dois irmãos vão acompanhá-la. E sua amiga preferida, é claro – Claire deu uma piscadinha para Hanna.

– Nathan está aqui? – Hanna não tinha conhecido Nathan Larsen, o filho de Claire, embora tivesse ouvido histórias sobre sua altura gigante, sua personalidade relaxada, e sua habilidade de jogar Ruby para cima.

– Sim, ele chegou ontem. Infelizmente não teve chance de se barbear ainda, então parece um selvagem dos Andes.

– Hanna! – Ruby disse quando a viu, descendo as escadas de mármore e correndo ao seu encontro.

– Oi, Ruby! – Hanna abraçou-a ao pé das escadas e apertou-a com força, fazendo a garota dar outro gritinho feliz. – Deixe-me ver você – empurrando Ruby para trás, Hanna analisou a saia xadrez, a blusa branca e a gravata perfeitamente amarrada no pescoço. – Está linda. Vai arrasar com essa roupa.

Ruby riu.

– Todo mundo vai usar o mesmo uniforme. Não acho que vou impressionar muito.

– Então essa é a famosa Hanna?

Ela ouviu uma voz alta atrás de si. Não tinha percebido ninguém descendo as escadas, e se virou.

Nathan era ainda maior do que ela tinha imaginado. Não era tanto sua altura – embora ele fosse bem mais alto que ela –, mas o tamanho mesmo. Era robusto, e o cabelo e a barba o faziam parecer ter mais que vinte e quatro anos.

– Oi – ela deu um sorriso de boca fechada, sentindo-se tímida sob o escrutínio dele.

– Ei, você é tão bonita quanto Richard disse – Nathan abraçou-a, sua barba áspera raspando o rosto dela. Ele lhe deu um beijo rápido no canto da boca. – Mais bonita, na verdade.

– Vou contar pra sua namorada – Ruby cantarolou. O rosto de Hanna ficou corado com as palavras e a ameaça de Ruby de falar com a namorada dele. Ela não sabia para onde olhar.

Erguendo os olhos para a escada, ela viu Richard nos degraus encarando suas pernas nuas.

– Oi.

Richard sorriu, então agarrou Ruby e girou-a no ar. Ruby começou a gritar outra vez, o som ecoando pelas paredes.

– Me solta!

– E se eu te passar pro Nathan?

– Não, não! Hanna, me salva!

Hanna correu e tentou tirar Ruby dos braços dele.

– Põe ela no chão, seu monstro!

Os quatro pegaram o metrô para a escola de Ruby. Eram um grupo diversificado, Nathan parecendo algum tipo de vagabundo, Ruby toda arrumada em seu uniforme novo, Richard engomadinho e delicioso de jeans e camiseta. Olhando para si, Hanna percebeu que seus shorts e colete apertado não ajudavam o grupo a parecer menos estranho. Ela notou alguns passageiros encarando-os enquanto eles riam alto.

– Quando você vai pra São Francisco? – Hanna perguntou a Richard. O trem parou no túnel de repente. As luzes piscando e a escuridão intermitente fizeram Ruby inspirar de susto.

– Na próxima terça. O voo de Londres é essa sexta, o que me dá três dias para arrumar as malas.

– Está animado? – o trem estremeceu antes de começar a se mover e ganhar velocidade. A força do movimento fez Hanna perder o equilíbrio e cair direto contra Richard. Imediatamente, ele pôs os braços ao seu redor, e ela se viu abraçada nele.

– Você está bem? Caiu com força.

Ela respirou fundo, tentando controlar o coração acelerado.

– Estou bem – ela assentiu, para enfatizar.

O trem parou na plataforma. Como sempre, foi um esforço sair, e os quatro tiveram que abrir caminho por uma multidão de passageiros que tentava entrar no vagão ao mesmo tempo. Não havia educação na hora do rush. Era cada um por si.

Nathan estava logo atrás de Ruby, protegendo-a com o corpo enquanto eles se moviam para a frente e pisavam na plataforma. Richard estava na frente de Hanna, e ficava olhando para trás para se certificar de que ela estava bem. Depois de alguns segundos, ele pôs a mão para trás e tomou a dela, puxando-a consigo numa tentativa de mantê-los juntos.

Até as mãos dele eram perfeitas. Sua palma era quente e macia, e os dedos longos e elegantes envolviam os dela perfeitamente. As unhas estavam cortadas curtas, com uma meia-

lua branca nas pontas. As unhas dela eram quebradas e mordidas. Ela desistira havia muito tempo de tentar esmaltá-las.

Quando chegaram no topo das escadas rolantes, enfiaram os bilhetes na máquina, passaram pelas barreiras de metal e emergiram no mundo lá fora. Ruby estivera em silêncio desde que eles tinham saído da plataforma, e Hanna começou a se preocupar. Ela estava pulsando de nervosismo: seu rosto empalidecera e seus lábios estavam apertados numa linha fina.

– Você está bem? – Hanna inclinou-se para sussurrar na orelha de Ruby, tentando não deixar Richard ou Nathan ouvir. – Não tem problema se ficar ansiosa, sabe. Todo mundo já passou por isso, e prometo que seus irmãos estavam tão preocupados quanto você quando começaram o ensino médio.

– Nathan não – Ruby sussurrou de volta. – Ele bateu num professor no segundo dia de aula. No fim da semana, já estava suspenso.

Hanna mordeu a boca para não rir. O Nathan que ela conhecera hoje era como um gigante gentil. Ela não conseguia imaginá-lo batendo em alguém, muito menos em um professor.

– Por que ele fez isso?

– O professor estava gritando com uma menina que ele gostava. Ele me disse que perdeu a cabeça.

– Espero que tenha valido a pena.

– Nathan parece achar que sim. Era a namorada dele.

Hanna nunca tinha conhecido Lucy, mas Ruby lhe mostrara algumas fotos, e Hanna tinha se sentido desinteressante e desleixada em comparação com a loira alta e bonita.

– Chegamos, maninha.

Ruby parou de repente, olhando para o prédio grande de tijolos e estuque branco, cercado por muros por todos os lados e por uma cerca viva. Seus joelhos tremiam, e Hanna pegou a mão dela.

Quando se agachou, o rosto de Hanna ficou na mesma altura que o de Ruby. Ainda segurando a mão da menina, ela acariciou o rosto dela com a outra.

– Ruby, vai ficar tudo bem. Você consegue. Quando chegar em casa hoje à noite, aposto que vai estar sorrindo.

A expressão de Ruby desmanchou-se, e lágrimas encheram seus olhos.

– Acho que não consigo – a voz dela estava fininha. Hanna desejou com todas as forças poder entrar na escola no lugar dela.

– Você é mais forte do que imagina. Lembra como Harry estava assustado no primeiro dia em Hogwarts?

– E então ele conheceu Malfoy e Snape – Ruby respondeu.

– Mas ele conheceu Roni e Hermione também. E Neville Longbottom, não se esqueça dele.

– Como alguém poderia esquecer um nome desses?

Hanna observou Ruby atravessar lentamente o portão principal, sem se virar para trás uma única vez. Quando se voltou, Richard estava com a testa franzida. Até Nathan parecia um pouco perturbado.

– Querem tomar um café? – Hanna sugeriu, tentando encontrar um jeito de animar a todos.

– Combinei de encontrar uns amigos hoje, mas vão vocês – Nathan inclinou-se e apertou o ombro de Hanna de leve. – Foi um prazer conhecê-la, Hanna. O modo como você cuida de Ruby é ótimo.

– Ela é uma criança fácil de amar.
– Alguém deveria dizer isso pra ela – Nathan concordou, então deu um tapa nas costas de Richard antes de se virar e caminhar de volta para a estação de metrô.

Hanna virou-se para Richard.

– Café? – ela perguntou de novo, com uma voz gentil.

Richard olhou para ela.

– Boa ideia – Hanna podia ver que o bom humor dele estava voltando, e seus lábios curvaram-se num sorriso torto.

Ela lembrou a si mesma de que era só um café. Eles sentariam um na frente do outro e conversariam sobre amenidades enquanto experimentariam café morno – bastante medíocre – de uma xícara lascada e velha. Não significava nada; seriam apenas dois amigos passando tempo juntos. Ela não ficaria olhando para ele e se perguntando se ele ainda gostava dela. Não ficaria imaginando que ele colocaria a boca perto da dela outra vez, como fizera naquela noite de neve em Nova York.

Ela não faria muitas coisas.

Contar a Josh sobre o café era uma delas.

Eles estavam descansando perto da estátua de Peter Pan, no Kensington Gardens, envolvidos pelo ar quente do verão. Richard estava deitado, a cabeça apoiada na jaqueta enrolada. Hanna estava encostada nele, o rosto apoiado em seu peito. Uma garrafa vazia de vinho caro estava jogada perto deles. Os dois sentiam-se um pouco bêbados.

– Ruby vai chegar em casa daqui a pouco – ele murmurou, a mão enrolada no cabelo dela, brincando com os fios soltos.

– Hmm – os olhos de Hanna continuaram fechados. Ele podia sentir um ponto úmido na sua camiseta, onde a boca dela estava.

– Você está babando em mim? – ele ergueu a cabeça para olhar melhor.

– Eu não babo – de súbito, ela estava desperta, virando a cabeça para olhá-lo nos olhos, discretamente limpando a boca com as costas das mãos. Richard riu do gesto revelador.

– Vamos, admita que eu faço você salivar.

– Sua modéstia está me assustando – Hanna mordeu os lábios para evitar um sorriso antes de mostrar a língua e lamber a camiseta dele. – Mas se vai me acusar de algo que não fiz, então vou fazer de qualquer jeito.

Notando a expressão que surgiu no rosto dele, ela pulou, agarrou a bolsa e saiu correndo pela grama. Passou pela estátua no meio do jardim e se dirigiu às árvores que os cercavam. Agarrando o casaco, Richard correu atrás dela, alcançando-a com passos longos e rápidos antes que ela atingisse o primeiro carvalho.

– Você não tem nenhuma chance – ele riu. Envolvendo a cintura de Hanna, ele a puxou contra si. Podia sentir a barriga macia dela subindo e descendo junto com a respiração pesada.

Hanna tentou se contorcer contra ele, arranhando seus braços, procurando escapar. Ele se manteve firme, contendo o corpo dela nos seus braços e impedindo todas as tentativas de fuga. A respiração dela por fim se acalmou. Ele podia sentir o próprio coração se tranquilizar

depois dos movimentos inesperados.

Eles voltaram para pegar o lixo, jogaram tudo numa lixeira próxima, e começaram a longa caminhada pelo parque. Eram quase três da tarde, e embora Nathan fosse buscar Ruby na escola, Richard prometera estar esperando assim que eles chegassem.

– Então, como vão as coisas com Josh? – ele perguntou. Eles tinham chegado à lagoa, e seguiram o caminho que a cercava até se tornar o rio Serpentine.

Vendo um sorriso surgir no rosto de Hanna, ele sentiu o estômago se contrair com a felicidade dela. Richard tentou entender por que a afeição óbvia que ela tinha pelo namorado incitava uma reação tão forte nele. Eles tinham concordado em ser amigos. Por que ele estava com ciúmes?

– Ele está bem. Nós estamos bem. Vai ser estranho não tê-lo comigo na universidade esse ano.

A dor no estômago diminuiu.

– Por que ele não vai estar lá?

– Ele se formou em julho. Foi contratado como jornalista trainee aqui no *The Guardian*, e se mudou para um flat em Earl's Court.

– Vocês vão ficar juntos?

– Sim, claro. São só uns cento e poucos quilômetros de distância. Podemos nos ver nos finais de semana e feriados.

Os carvalhos projetavam sombras sobre a calçada larga e pavimentada ao longo do Serpentine. Eles tiveram que desviar para evitar um garoto de patins correndo no meio do concreto, determinado a adquirir tanta velocidade quanto possível. Na beira da água, patos marrons e cisnes elegantemente pálidos esperavam as legiões de crianças londrinas, que vinham alimentá-los, todos os dias.

Richard puxou Hanna para perto, colocando o braço nos ombros dela em um gesto amigável. Ela passou o braço ao redor da cintura dele.

– Vou sentir sua falta quando você for para a Califórnia. Você vem pro Natal? – a voz dela estava suave.

– Não sei quando volto pra Londres. Nem pra Nova York, na verdade. Se Chris e eu quisermos fazer esse negócio decolar, acho que estaremos trabalhando demais para sair de São Francisco por qualquer período de tempo.

– Me explica de novo o que vocês estão planejando.

– Já ouviu falar do Friends Reunited? – ele decidiu começar com o básico, ajudando-a a entender o conceito.

– Sim, minha mãe entrou em contato com alguns amigos de escola nesse site.

– Então, Chris e eu queremos usar o mesmo conceito, mas torná-lo mais amplo e mais moderno. A ideia é não só encontrar velhos amigos, mas se manter em contato com os atuais, conversar, deixar que saibam o que você anda fazendo. Talvez até jogar com eles, esse tipo de coisa.

– Por que você faria isso se pode simplesmente pegar o telefone e ligar pra eles?

– Porque desse jeito você pode se manter em contato com centenas de amigos de uma vez. Com um clique, pode contar pra todo mundo que você conhece o que anda acontecendo na sua vida. Por exemplo, você quer dizer a eles que se formou, então tem que ligar e mandar um e-mail, uma carta, ou confiar no boca a boca. Com o nosso site, poderia escrever uma linha

falando que se formou, e todos os seus amigos a leriam de uma vez. Você gastaria menos de um minuto contando as novidades e poderia passar o resto do dia lendo Jane Austen, ou qualquer coisa que você queira fazer.

– Hmm. Não consigo ver por que eu iria querer fazer isso.

– Você já pensou alguma vez que iria querer um celular?

– Um o quê?

– Você sabe o que é um celular, não sabe? – Richard perguntou, incrédulo, tirando o Nokia 8250 do bolso e mostrando-o para ela.

– Ah! Um telefone móvel? – Hanna pegou o aparelho dele, olhando para o visor cromático.

– Uau, esse é bonito.

Richard balançou a cabeça.

– Como estava dizendo, embora você possa não ter pensado que precisaria de um telefone móvel – ele enfatizou as últimas palavras –, agora todo mundo ou tem um, ou quer um, e eles estão mudando o modo como nos comunicamos. Vai acontecer a mesma coisa com sites como o nosso. Estamos satisfazendo uma necessidade que nem sabíamos que tínhamos. É assim que surgem as inovações.

– Bem, digo pra você se sentir a necessidade de contar a centenas de conhecidos que comprei pão. Até lá, não vou fazer nenhum julgamento – Hanna sorriu, como se estivesse gostando de provocá-lo, e Richard percebeu que ele estava gostando também.

– Esperarei uma desculpa extremamente pública e virtual. Talvez você possa rastejar um pouco também.

– Consigo babar, ajuda em algo?

– É, eu notei.

Eles tinham chegado no Hyde Park. Hanna enfiou as mãos nos bolsos dos shorts.

– É melhor você voltar. Ruby não vai ficar feliz se não estiver lá quando ela chegar em casa. Foi ótimo ver você de novo.

– Você também. Vou sentir sua falta.

– Não parece que vai ter tempo de sentir minha falta.

– Arranjarei tempo.

– Então não deixe de me mandar um e-mail. Ou me convidar pro seu site. Ainda estou disposta a rastejar pelo seu perdão.

Richard riu, passando as mãos pelo cabelo e olhando para o rosto sorridente dela.

– Mal posso esperar.

– Sério, boa sorte com isso. E não desapareça – Hanna tirou as mãos dos bolsos e jogou os braços ao redor dele, puxando-o para perto para um abraço rápido antes de soltá-lo e afastar-se.

Ele inclinou-se e roçou os lábios contra a pele macia do rosto dela, respirando fundo por um momento. Hanna virou-se e desceu as escadas da estação de metrô. No topo das escadas, Richard observou-a descer até que não pudesse mais vê-la. Tocando os lábios de leve, ele virou e dirigiu-se para Chelsea.

Capítulo 7

11 de setembro de 2001

O som estridente do telefone tocando na cozinha cortou o silêncio do apartamento, e Hanna levou alguns momentos para tirar a cabeça do livro e voltar para Londres, no presente. Procurando desesperadamente algo para usar como marcador, ela por fim tirou sua faixa de cabelo, colocando-a entre as páginas enquanto seu cabelo caía livremente sobre suas costas.

Ela atravessou a sala correndo e chegou à cozinha assim que o telefone parou de tocar. Não era a primeira vez que isso acontecia, mas a frustração ainda a fez ranger os dentes quando percebeu que sua corrida louca tinha sido em vão. Sentindo o estômago roncar de fome, decidiu fazer um sanduíche.

Enquanto ia até a geladeira, foi interrompida outra vez pelos toques agudos do telefone. Ergueu o receptor, falando um “Alô” alto.

– Hanna? É o Josh.

– Você acabou de me ligar? – ela mordeu o lábio em confusão. Ele só deveria ligar amanhã.

– Não, acabei de escapar de uma reunião. Você está bem?

– Por que não estaria?

– Está assistindo às notícias? – havia um burburinho no fundo, e ela se perguntou quantas pessoas haviam naquela reunião.

– Não, estava no quarto, lendo. O que aconteceu?

– Houve um acidente de avião em Nova York. Dois aviões, na verdade. Eles bateram no World Trade Center.

– Ah, meu Deus, Josh! É do lado do prédio do meu pai – a mão dela tremia enquanto apertava o telefone, como se fosse uma corda de segurança que a ligasse ao pai.

– Está um caos lá, ninguém sabe de nada. Fui chamado para o escritório de Londres para atender aos telefonemas à noite, então estou saindo agora. Tenta ligar pra você quando chegar lá.

O coração de Hanna parou. Ela só queria que o namorado viesse para casa, segurasse-a em seus braços e dissesse que ficaria tudo bem. Ela desligou o telefone e caminhou no automático até a sala, o braço estendendo-se roboticamente para ligar a televisão.

Ela não conseguia se sentar para assistir à cobertura, e seu estômago se revirava enquanto via o desastre transmitido na tela. Todo seu corpo tremia e um soluço escapou de sua garganta ao ver o público e os jornalistas em pânico. Já estavam descrevendo os ataques como um “ato de guerra”.

Não era só por seu pai e por sua família que estava preocupada; havia também Richard e os Maxwell, e todos aqueles desconhecidos atingidos pela tragédia diante de seus olhos.

Ainda tremendo, ela voltou para a cozinha e abriu a gaveta que continha as agendas de

telefone. Puxando um caderno velho com capa de couro e indo até a página com os números do pai, Hanna sistematicamente discou cada um, mas conseguiu a mesma resposta todas as vezes.

Sinal de ocupado.

Tentando de novo e de novo, podia sentir as lágrimas começarem a escorrer pelo rosto enquanto apertava os botões em frustração, sabendo mesmo antes de apertar o último número que só ouviria uma resposta morta e monótona. Continuou insistindo mesmo assim.

Mordendo o dedão, ela procurou até chegar na letra L. Correndo o dedo pela página, encontrou o número que estava procurando e discou rapidamente, o coração ficando mais leve ao ouvir o som familiar do sinal de discagem vibrando pelo aparelho.

– Alô?

– Claire? É a Hanna – assim que ouviu a voz gentil de Claire, as lágrimas começaram a escorrer mais rápido. Outro soluço abafado escapou da sua boca, e ela ouviu Claire inspirar em resposta.

– Querida, você teve alguma notícia do seu pai?

– Não. Não consigo falar com ele. Ouviu alguma coisa de Richard? – o coração dela martelava dentro do peito. Hanna não tinha certeza se queria ouvir a resposta de Claire.

– Não, não sabemos de nada. Steven está trancado no quarto tentando descobrir alguma coisa. Ele está ligando pra todo mundo que conhece.

– Quando era o voo dele para São Francisco?

– O voo era hoje de manhã, Hanna – ela podia ouvir Claire chorando agora, a emoção pontuando cada palavra. – Não sabemos a que horas saía o avião, ou qual a companhia.

Hanna começou a se balançar para a frente e para trás na planta dos pés, estabelecendo um ritmo que era de algum modo reconfortante.

– Diana está com você?

– Ela está organizando uma festa em Hertfordshire. Só volta à noite – Hanna fungou quando pensou na mãe.

– Você está sozinha? Ah, Hanna... – Claire parecia horrorizada com a informação. – Vou mandar alguém pegá-la. Não pode ficar sozinha num momento como esse.

Assim que chegou em Cheyne Walk, ela foi guiada para dentro da casa por Claire e Nathan, os dois quase a carregando até soltarem-na gentilmente num sofá macio. Os olhos deles estavam vermelhos e brilhando com lágrimas, enquanto se despediam da vida como a conheciam. Eles tentaram não expressar o medo que sentiam por Richard.

– Steven está tentando descobrir notícias do seu pai – Claire disse, sentando-se e assistindo à tevê no mudo. – Ele tem contatos na embaixada e no gabinete do Estado. Estão fazendo tudo o que podem, mas está uma bagunça por lá. Ninguém consegue falar com ninguém, todas as redes de comunicação estão cortadas. Vai demorar um bom tempo até descobrirmos alguma coisa.

Hanna podia sentir uma dormência cair sobre a pele enquanto continuava assistindo à cobertura na tevê. Ela não estremeceu quando a filmagem de um terceiro avião atingindo o Pentágono foi transmitida, nem quando um quarto caiu num campo na Pensilvânia. Só ficou

sentada, com os olhos arregalados, a boca ainda respirando, o coração ainda batendo. Não queria ver as imagens dos aviões em *loop* contínuo, mas não conseguia desviar o olhar. Era como ser hipnotizada contra a vontade.

Eles ficaram sentados, assistindo, e continuaram quietos, até que um baque alto veio do escritório de Steven. Era como algo sendo jogado contra uma parede. Houve um som claro de algo quebrando, seguido pelo lamento frenético de um homem.

Claire ergueu-se e correu para o escritório. Hanna e Nathan observaram-na enquanto ela se movia, os rostos congelados de pavor.

Quando Claire chegou à porta, ela foi aberta por Steven. O rosto normalmente suave dele havia desaparecido, substituído pelo de um homem desesperado. A camisa estava torta, o cabelo desarrumado. O que realmente quebrou o coração de Hanna foi a expressão no rosto dele. Pelo resto da vida, nunca se esqueceria daquela expressão. Era uma mistura de medo e infelicidade, frustração e impotência. Era um pai lutando pelo filho.

– O quarto avião estava indo para São Francisco – ele sussurrou.

Hanna recomeçou a tremer. Ela abraçou o corpo numa tentativa de fazê-lo parar, mas em vez disso começou a balançar para a frente e para trás de novo.

– De onde saiu? – Claire perguntou.

– Newark.

– Steven... – a voz de Claire era um lamento. Ela jogou-se nos braços do marido, os soluços aumentando enquanto ele a segurava forte.

Hanna começou a balançar a cabeça, como se estivesse tentando negar o que estava acontecendo. Ela olhou para Nathan e o viu sentado com as mãos cobrindo a boca. Os olhos azuis dele encaravam-na diretamente.

– Vocês têm certeza que ele iria sair de Newark? – ela sussurrou para Nathan, agarrando-se a qualquer centelha de esperança, como um homem no mar procurando um colete salva-vidas.

– Não sei. Acho que meu pai não sabe qual voo ele iria pegar. Mas ele já voou de Newark antes.

Hanna olhou para a tevê e viu no canto direito da tela que eram quase duas e meia.

– Ruby! – ela sussurrou, tentando não olhar para o abraço desesperado de Steven e Claire.

– Se eu sair agora, consigo pegá-la na saída da escola – Hanna precisava de ar fresco, e do senso de propósito que aquela tarefa lhe daria. Distância e tempo eram o que ela mais desejava.

– Vou com você. Não quero que ela fique sabendo por outra pessoa – Nathan sussurrou.

– É melhor avisar que estamos saindo? – Hanna olhou para Claire de relance. Era como se ela e Steven estivessem em sua própria bolha. O olhar de Nathan seguiu o dela, e sua expressão desmoronou outra vez ao ver a tristeza deles à sua frente.

– Pegue seu casaco, eu aviso que estamos indo buscar Ruby.

Sua mãe estava acordada quando Richard entrou, sentada no sofá de seda na sala de estar. Ele ficou contente ao ver que a mão dela não estava ao redor de uma taça de vinho, embora estivessem pálidas e tremendo, como o resto do corpo. O cabelo claro de Caroline caía ao redor do rosto, e seus lábios estavam vermelhos e secos de tanto passar os dentes por eles.

– Vou tomar um banho e já volto – ele disse a ela. Ela olhou-o com olhos azuis vidrados.

– Depressa, querido. Não gosto de ficar sozinha.

O banho era uma necessidade. O cabelo de Richard estava coberto de poeira, e sua pele coçava pelo efeito do vento e dos detritos no ar. Mais que tudo, ele queria lavar as lembranças do dia, e vê-las descer pelo ralo junto com a água cinza. Infelizmente, era mais fácil lidar com a sujeira do que com os pensamentos.

Ele desceu com o cabelo ainda molhado. A mãe não tinha se movido; continuava encarando o mesmo ponto na parede, olhando fotos da família e dos amigos. Fotos de tempos mais felizes, quando a vida era previsível e boa, e o mau era só um conceito em livros antigos.

– Foi terrível lá? – até a voz de Caroline parecia ter morrido. Ela falava com os lábios finos e secos.

– Não foi agradável. Eu doei sangue, então fui ver o... – ele não conseguia pronunciar as palavras, embora suspeitasse que, em algum momento, seria preciso.

– Há alguma esperança?

Ele sabia que ela estava perguntando se havia mais sobreviventes sendo resgatados. Ele balançou a cabeça.

– Por favor, não me deixe sozinha, Richard – uma lágrima solitária emergiu do canto de um olho, desceu pela bochecha e caiu do queixo, deixando uma mancha no sofá de seda. – Sei que disse que não queria que você fosse para a Califórnia antes, mas estou falando sério. Acho que não consigo aguentar isso sozinha.

– Não estou indo a lugar nenhum – ele sentou-se com ela, tomando a mão dela na sua e apertando-a de leve.

– Eles estão dizendo que vão emitir certidões de óbito em breve, se os corpos não forem encontrados. Tentei ligar para os nossos advogados, mas eles não atendem. Eu não sei o que fazer.

– Vamos dar um jeito. Tento ligar pra eles amanhã – ele coçou a cabeça, os olhos voltando-se para o armário de bebidas. A garrafa de whisky chamava-o como o canto de uma sereia. Ele tentou ignorar o desejo; não queria incentivar a mãe a começar a beber de novo. Não quando ela estava sóbria pela primeira vez em quatro dias.

Ainda apertando a mão dela, ele perguntou:

– Daniel já veio?

– Consuela o levou para almoçar, e disse que ele estava mais calmo, mas ainda não quer falar com ninguém.

– Vou procurá-lo daqui a pouco. Ele não devia ficar sozinho.

– Ele me disse que não quer a herança, que não quer nada de Leon – a voz dela falhou quando disse o nome do marido morto.

– Ele está de luto pelo pai. Não sabe o que está dizendo – Richard fechou os olhos por um instante, tentando imaginar como se sentiria se Steven tivesse morrido no ataque. A ideia abriu um buraco em seu coração. Só Deus sabia o que Daniel estava sentindo.

– Ele vai ser dono da maior parte da Maxwell Enterprises, então muitas pessoas vão depender dele. Eu sei que ele vai desmoronar – Caroline tomou o rosto do filho nas mãos, puxando-o para perto até poder encará-lo nos olhos. – Você sabe que Leon deixou uma parte da empresa para nós também. Você precisa ir até lá e proteger nossos interesses. Leon gostaria que você estivesse no comando, pelo menos até Daniel estar pronto.

– Eu já falei com o diretor financeiro; decidimos alugar uns escritórios em outra parte da cidade por enquanto. Vamos nos encontrar amanhã para discutir os arranjos temporários – ele não disse que havia falado com seu amigo e pedido demissão de uma empresa que eles ainda nem tinham montado. O detalhe não parecia importante num momento como aquele.

Cedo na manhã seguinte, antes de sair para se encontrar com o conselho diretor da Maxwell Enterprises, Richard se sentou no escritório forrado de madeira do padraço falecido e usou o computador de última geração para ler seus e-mails. Era a primeira vez que fazia isso desde 10 de setembro, e ficou surpreso ao ver tantas mensagens não lidas lá. Passando os olhos pela lista de remetentes, viu que a maioria era de amigos, possivelmente preocupados com a segurança dele e querendo se certificar de que ele estava bem.

Perto do pé da página, ele leu as palavras “Hanna Vincent”. Só ver o nome dela lá fez algo surgir dentro dele, como se uma pequena lâmpada estivesse sendo acesa na caldeira da sua alma.

De: HMVincent@yahoo.co.uk
Para: RSLarsen@aol.com
Assunto: Você

Richard,

Odeio ter que te escrever esse e-mail. Odeio que não possa estar aí pra te apoiar, e que nem consiga falar com você por telefone. Tudo sobre essa situação é horrível e estou ficando louca tentando imaginar como você deve estar se sentindo agora.

Passsei o 11 de setembro com sua família e fiquei admirada não só pelo amor e preocupação ferventes que eles têm por você, mas também pelo apoio que me deram no momento mais difícil das nossas vidas. Eles te adoram, e o alívio que sentimos ao saber que você e meu pai estavam a salvo é indescritível.

Mesmo assim, ficamos profundamente tristes assim que soubemos que seu padraço tinha morrido na tragédia. Sinto muito, mais do que você imagina. Se precisar de um amigo para conversar, ou um ombro para chorar, estou aqui, dia e noite. É só ligar.

Você sabe disso, né?

Amo você, meu amigo. Queria estar aí para te abraçar agora, e assim que nos encontrarmos outra vez, tenha certeza de que o apertarei forte com meus braços magros. Ficarei extremamente feliz de ver sua cara feia.

Não se preocupe em responder. Tenho certeza que tem centenas de e-mails como esse de suas admiradoras.

Hanna
bjs

De: RSLarsen@aol.com
Para: HMVincent@yahoo.co.uk
Assunto: Você

Hanna,

Obrigado por suas palavras. Num momento como esse, o que eu mais quero é um pouco de humor. Tem tanta coisa acontecendo aqui, agora, não só em Nova York, mas na minha vida também, e saber que a normalidade ainda existe no resto do mundo é reconfortante.

Meu pai me disse o quanto você fez naquele dia, o modo como cuidou de Ruby e apoiou Nathan, apesar dos seus próprios medos. Então posso dizer categoricamente que, quando me abraçar, estarei te apertando com ainda mais força de volta. Posso sugerir que pratique suas técnicas de respiração até lá?

Tenho uma reunião agora, mas tentarei escrever mais em breve.

Amor,
Richard

Uma hora depois, Richard chegou à sala de conferências improvisada na cobertura do prédio recém-alugado para a Maxwell Industry. Os membros remanescentes do conselho diretor estavam de pé, em grupos, falando depressa, os olhos arregalados enquanto contavam histórias sobre o dia em que suas vidas tinham mudado irrevogavelmente. A maioria deles não estava no escritório no dia do acidente, mas o choque de quase terem sido pegos estava marcado em seus rostos enquanto conversavam, os olhos caindo sobre Richard assim que ele entrou na sala. Eles o mediam como um possível substituto para Leon Maxwell.

Respirando fundo, Richard endireitou os ombros e foi até a cabeceira da mesa de conferências, dando passos lentos e calculados. Puxou a cadeira, deliberadamente arrastando-a pelo chão e fazendo todos os olhos se voltarem para ele.

– Senhoras e senhores, sugiro que comecemos. Temos um negócio para gerir – enquanto todos se sentavam, Richard permaneceu de pé, movendo os olhos pela sala.

Ele encarou cada membro do conselho. Alguns pareciam céticos, outros esperançosos. Os mais espertos entre eles mantinham uma expressão neutra enquanto retornavam o olhar, de modo que ele não pudesse ler seus rostos.

– Como todos vocês sabem, Leon Maxwell, dono dessa empresa, está desaparecido, presumivelmente morto. Na ausência dele, estou aqui representando os novos donos, meu meio-irmão, minha mãe e eu mesmo. Posso ver que alguns entre vocês não estão convencidos de que eu possa substituí-lo e virar a sorte dessa empresa. A esses, eu digo: ou você está comigo, ou está contra mim. Se não quer trabalhar aqui, ficarei feliz em aceitar seu pedido de demissão agora mesmo.

Richard parou, correndo os olhos pela mesa para ver se algum deles aceitaria a oferta.

Todos permaneceram em silêncio.

– Fico contente por termos acertado isso. Como meu padasto, espero que trabalhem duro e exigirei lealdade de vocês. Nosso negócio sofreu grandes danos na semana passada, assim como os Estados Unidos. Mas o espírito de companheirismo e determinação que vi nas ruas tem sido absolutamente incrível. Se pudermos canalizar a mesma coragem nessa empresa, acredito com sinceridade que poderemos reconstruí-la, tijolo por tijolo, e torná-la uma companhia de que Leon Maxwell teria bons motivos para se orgulhar.

Richard notou algumas cabeças assentindo às suas palavras. Ele permaneceu estoico, sem se permitir um suspiro ou mesmo um instante de emoção enquanto falava com eles. Não queria demonstrar qualquer fraqueza.

– Agora, quero que vão e motivem seus subordinados. Marcarei encontros individuais com

cada um de vocês, e faremos planos para o futuro. Estou ansioso para trabalharmos juntos.

Depois de agradecê-los pela atenção, Richard finalmente se permitiu sentar, tentando esconder o tremor de suas pernas. Todos começaram a aplaudir, e se levantaram numa ovação genuína.

A primeira pessoa a abordá-lo foi Joe Garfield, o diretor financeiro. Amigo próximo de Leon, seu rosto estava marcado pelo luto enquanto apertava a mão de Richard, sussurrando as condolências usuais e encarando-o de frente.

– Obrigado, senhor – Richard respondeu, perguntando-se como, em uma questão de dias, ele havia se transformado em um homem que estava sob a mira de todos, alguém que deveria saber como conduzir um negócio multibilionário.

Joe deve ter notado o nervosismo de Richard, ou talvez o tremor em sua mão enquanto a apertava. De qualquer modo, o homem ficou com pena dele.

– Se qualquer um desses filhos da puta criar problemas pra você, me procure. Te darei toda a ajuda que puder.

– Agradeço o apoio, senhor. Obrigado.

Olhando a folha de papel à sua frente, Richard viu que sua assistente temporária tinha marcado reuniões individuais com os membros do conselho. Todo o seu dia estava ocupado até as oito da noite. Estava claro que sua vida não era mais sua.

Se ele falhasse, estaria decepcionando dezenas de pessoas, funcionários, clientes e acionistas, que estavam confiando nele para tornar a empresa um sucesso.

Falhar não era uma opção.

Capítulo 8

29 de junho de 2002

– O que é isso? – Josh apanhou o pacote em cima da cama, enquanto Hanna continuava a enfiar coisas na mochila, apertando tudo o que cabia lá dentro.

Hanna virou-se para ele, que tirava uma camiseta do pacote. Ele a desdobrou, revelando uma camiseta *vintage* de 1973 do New York Dolls, que Richard lhe mandara.

– É um presente de Richard.

– Não gosto que ele fique te mandando coisas – Josh caiu de volta na cama, mexendo os dedos como se estivesse tentando remover todos os traços do presente dele. – É estranho.

Hanna parou o que fazia, inclinando-se para acariciar o rosto dele.

– Ele é só um amigo, Josh.

– Amigos não se dão presentes de centenas de libras, Hanna. Está na cara que ele é a fim de você. Quer dizer, ele mal consegue tirar os olhos de você.

Hanna reprimiu uma risada.

– Josh, você sabe que não tem nada acontecendo. Ele mora a milhares de quilômetros de distância, e eu estou com você. Tenha um pouco de confiança, ok? – ela inclinou-se e tocou seus lábios nos dele. – Vou ficar lá até domingo, então não vamos nos despedir desse jeito.

– Ainda não gosto disso.

Apesar dos argumentos dela, o mau humor dele continuou até a Paddington Station, onde ele a deixou. Hanna deu-lhe um beijo rápido antes de sair do carro, sentindo a irritação dele quando ele respondeu com um beijinho. Mal fechou a porta, ele já acelerou, e ela viu o carro desaparecer no trânsito de Londres. A preocupação por seu relacionamento com Josh causava uma náusea que revolia seu estômago.

Assim que sentou no trem, ela suspirou, decidindo que se preocuparia com a briga quando voltasse para Londres. Então tocou o bolso para verificar que a carta de Richard ainda estava lá, e puxou-a para lê-la mais uma vez.

20 de junho de 2002

Querida Hanna,

Obrigado pelo presente. Depois de todos esses anos, anos, anos, finalmente finalmentefinalmentefinalmente receber o prometido CD me fez sorrir como um louco. Quando li a lista de músicas, gargalhei de verdade. Começar com “Wall Street Shuffle” pode ter sido meio óbvio, mas seguir com “Money for Nothing” do Dire Straits foi realmente inspirado. A música final, “All About the Benjamin’s”, do Puff Daddy, é uma das minhas favoritas, na verdade.

Enfim, para agradecê-la pelo presente, você ficará feliz em ver que gastei alguns

Benjamins numa camiseta pra você. Não tenho certeza se é fã do New York Dolls ou não, mas quando vi a camiseta lembrei de você e da noite dos Strokes.

Vamos repetir em breve, ok?

Richard

Sentada no bar dos bastidores do Festival de Glastonbury, Hanna viu Tom McLean atravessar o recinto e colocar cinco garrafas geladas de Stella Artois na mesa de plástico grudenta à frente deles. Ela apanhou uma e encostou-se na frágil cadeira dobrável, tomando um longo gole de cerveja, para o divertimento do resto da banda.

– Então, o que achou? – Tom perguntou, tentando parecer indiferente enquanto puxava outra cadeira, colocando-a tão perto de Hanna que as pernas deles quase se tocavam.

– Oficialmente ou extraoficialmente? – Hanna provocou, tocando o passe de jornalista pendurado ao redor do pescoço.

Tom encarou-a por um instante, estreitando os olhos enquanto considerava as palavras.

– O que eu for gostar mais.

– Estou brincando, seu bobo – ela estava sorrindo. – Vocês foram absolutamente fantásticos. Adorei o novo *setlist*. É genial. A plateia ficou vidrada em cada nota.

– Fomos melhores que o Coldplay? – Robert, o baixista, inclinou-se para a frente, o queixo apoiado nas mãos. Ele olhava para Hanna com olhos brilhantes e atentos.

Ela não conseguia acreditar em como eles estavam interessados na sua opinião, embora a antecipação deles alimentava seu ego de um jeito extremamente bem-vindo. Não era a primeira vez desde que estivera no festival que uma banda parecia sinceramente interessada no que ela pensava sobre eles. De algum modo, o juízo dela se tornara cobiçado. Ela imaginava que tinha algo a ver com o fato de ser estagiária da *Music Train*, com o passe deles pendurado no pescoço onde quer que fosse. Todas as bandas queriam uma boa crítica da revista de música mais popular do país.

– O Coldplay foi excelente, todo mundo estava cantando junto – Tom ficou pálido com as palavras, e Hanna apressou-se em acrescentar: – Mas vocês foram algo excepcional. As pessoas não estavam só cantando, estavam adorando. Se lançando como sacrifícios aos deuses do rock.

Um sorriso largo apareceu no rosto de Tom. Ele levantou-se e ergueu-a num abraço forte, os lábios descendo para os dela com um estalo alto.

– Hanna Vincent, amo você! Agora, não se esqueça de me chamar de deus do rock em sua crítica.

– Você sabe que a *Music Train* tem escritores de verdade aqui, né? Terei sorte se eles publicarem um artigo genérico sem passar por cinco editores antes – ela contorceu-se numa tentativa fingida de escapar do abraço dele. Não que se importasse que ele fosse efusivo; já estava acostumada com isso. Ele era como um garoto de cinco anos entusiasmado, jogando-se em todo mundo, não apenas nela.

– Falei com seu chefe mais cedo e prometi uma entrevista exclusiva, mas só se você a escrever – ele deu uma piscadinha enquanto se afastava, prestes a se sentar outra vez.

– Ai, meu Deus! – ela exclamou, tentando não puxá-lo para outro abraço. As pessoas estavam começando a observar. – Ai, meu *Deus do Rock*, por favor.

Eles encararam-se com sorrisos semelhantes no rosto. Era difícil acreditar que apenas dois

anos atrás ela o vira tocar num pequeno pub, sem ter ideia de que ele se tornaria internacionalmente famoso. Como as coisas tinham mudado.

– Tom, querido! – uma voz fina e aguda veio do outro lado do bar. Hanna observou divertida enquanto uma loira baixinha corria até eles e se jogava nos braços de Tom, envolvendo as pernas ao redor da cintura dele e lhe dando um beijo firme nos lábios.

– Não é a Pinky Jones? – Hanna sussurrou para Robert.

– Ah, sim. Tem sido a nossa cruz o verão inteiro. Toda vez que você se vira, ela está lá. Fica nos rodeando como uma mosca em cima de uma pilha de merda.

– Que metáfora boa. Especialmente porque compara vocês a uma pilha de esterco – ela respondeu, sarcástica, vendo Tom sentar-se novamente, puxando Pinky para seu colo. Hanna mordeu o lábio inferior para não soltar uma risadinha, fazendo Tom erguer uma sobrancelha.

– Você não vai cantar hoje? – Robert perguntou à loira. Pinky riu e balançou a cabeça antes de encostá-la no ombro de Tom, acariciando o pescoço dele. Hanna notou um brilho peculiar nos olhos dele. De repente, percebeu que Tom McLean estava apaixonado por uma celebridade Z, a segunda classificada do reality show *Rock Star* daquele ano.

Hanna tentou deter o sorriso largo que estava ameaçando despontar em seu rosto, porque sabia que Tom pensaria que ela estava rindo dele, mesmo que não estivesse. Na verdade, um cantinho do seu coração estava se aquecendo com a imagem do amigo sendo conquistado por uma mulher.

– Pinky, essa é Hanna Vincent, uma das minhas amigas mais velhas – Tom ergueu os olhos e piscou para Hanna.

– Você não parece tão velha – Pinky respondeu, franzindo a testa em confusão. Hanna ouviu Robert começar a gargalhar ao seu lado.

– Não, querida, ela não é uma amiga velha em anos, é velha porque eu a conheço há anos.

– Tenho vinte anos – Hanna decidiu que seria mais fácil dizer logo.

Pinky recompensou a resposta franca com um sorriso deslumbrante, e Hanna entendeu exatamente o que Tom via nela. Seu rosto era honesto e inocente, e mesmo que ela não parecesse ter muita coisa entre as orelhas, o que havia lá parecia gentil e amigável.

– Vocês dois se conhecem há muito tempo? – Hanna perguntou, interessada na resposta. Ela suspeitava que conseguiria viver daquela história pelos próximos meses.

– A gente se conheceu na festa de fechamento do *Rock Star*. Tommy veio falar comigo e me disse que votava pra mim cem vezes todas as semanas.

A vontade de rir tomou conta de Hanna outra vez. Com a reputação de roqueiro dele e o apelo de tabloide dela, Tom e Pinky seriam um alvo perfeito para os paparazzi.

Hanna chegou ao flat de Josh mais cedo do que planejara no domingo. Vasculhando a bolsa de mão, encontrou a chave e entrou no prédio, tentando não respirar o ar rançoso e úmido do corredor. Ela passou a mochila para o ombro, os pés calçados com sandálias pisando no tapete puído das escadas. Lentamente, subiu ao segundo andar, sentindo os músculos ficarem pesados como chumbo pelo esforço. Seu corpo doía. Ela só queria entrar no chuveiro minúsculo de Josh e depois ficar sob as cobertas com ele por algumas horas.

O apartamento estava silencioso, e ela percebeu que sua suposição inicial – de que ele nem

tinha se dado ao trabalho de se levantar ainda – estava correta. A carteira e as chaves dele ainda estavam no balcão da pequena cozinha. Abrindo a porta do quarto, seus olhos vagorosamente ajustaram-se à penumbra criada pelas cortinas. Ela pôs a mochila ao lado da porta e deu alguns passos na direção da cama.

Suas pernas reagiram antes da sua mente, como se pressentissem algo errado naquela cena. Hanna parou de repente, vendo duas formas adormecidas, os corpos nus entrelaçados sob a cobertura de um fino lençol branco. O braço de Josh estava ao redor da cintura da mulher, sua cabeça enfiada no pescoço dela enquanto ele respirava suavemente. Seu rosto adormecido era a própria imagem da inocência.

Hanna sentiu-se entorpecida. Reconhecia a mulher. Elas tinham se visto algumas vezes quando ela acompanhou Josh e os amigos do trabalho num pub de sexta à noite. Ele a apresentara como sua chefe, e os dois mal interagiram todas as vezes que ela os vira juntos. Mas pelo visto a conexão era mais próxima, e Hanna mordeu o lábio numa tentativa de frear um grito que tentava escapar da sua garganta.

Lutar ou fugir? Ela mordeu o dedo, o rosto contorcido de infelicidade, tentando decidir o melhor a fazer. Deveria confrontá-los antes que eles tivessem tempo de inventar uma história como desculpa? Ou deveria correr do quarto com uma parcela da sua dignidade intacta?

A decisão foi tomada quando Josh se moveu languidamente, erguendo o braço da cintura da mulher e alongando-o sobre a cabeça, os olhos piscando com lentidão em reação à pouca luz do quarto. Erguendo a cabeça do travesseiro, ele avistou Hanna e sorriu, abrindo a boca para dizer algo – e então olhou para baixo e viu a mulher nua, deitada ao seu lado.

A expressão de horror que passou pelo rosto dele foi quase cômica.

– O que diabos...?

– Acho que essa é a minha fala – a voz de Hanna estava surpreendentemente controlada, enquanto ela examinava o desastre que era seu relacionamento.

– O que você está fazendo aqui? Achei que estava em Glastonbury – ele puxou o lençol para cobrir os corpos nus deles. Uma risada subiu pela laringe dela quando Hanna percebeu que ele estava tentando culpá-la por aquilo. Então, a risada se transformou num soluço, e ela soube que precisava sair de lá imediatamente.

A razão voltou ao cérebro, superando o entorpecimento, e ela se virou para apanhar a mochila antes de sair do quarto. Ouviu Josh gritar por ela, mas não respondeu, andando mais rápido até atravessar a sala e chegar à porta da frente.

Era como se seu corpo inteiro tivesse sido atingido por um golpe. Os músculos estavam rígidos enquanto ela descia as escadas correndo, mal notando o peso da mochila enquanto se movia. O coração estava acelerado pelo choque de vê-los lá. Ela não tinha ideia de como conseguiu sair para a rua sem tropeçar.

Hanna queria enfiar a mão na cara de Josh Chambers até ouvir o estalo satisfatório dos dentes dele batendo contra a bochecha. Queria subir no colo da mãe como se tivesse cinco anos outra vez, como se um simples abraço pudesse apagar toda a dor.

Mas, mais do que tudo, queria ir para casa e se enfiar na sua cama de solteiro, puxar as cobertas sobre a cabeça e chorar por horas.

Capítulo 9

9 de janeiro 2003

Richard foi até a parede de vidro que se estendia por todo o lado sul do seu escritório. O quinquagésimo andar oferecia uma vista impressionante de Manhattan, e ele podia enxergar a cidade até o porto. O panorama dos prédios contrastando com a beleza natural da água era de tirar o fôlego. Tinha sido a vista que o atraía ao escritório em primeiro lugar.

Desde que tinha tomado o controle da Maxwell Enterprises, sua vida tinha se transformado numa repetição sem fim: acordar às cinco, correr no Central Park, tomar banho e ser levado ao trabalho antes das sete. Ele tinha reuniões, conferências, almoços e apresentações até a noite, e então respondia a e-mails, escrevia relatórios e lia as correspondências até tarde, chegando em casa um pouco antes da meia-noite.

Mas, apesar do trabalho duro e da falta de sono, havia uma parte de Richard Larsen que adorava sua nova vida – a emoção da caça e o júbilo de fechar um negócio. Isso, aliado à certeza de que estava reconstruindo a Maxwell Enterprises, levavam-no a suportar os dias infinitos e as noites inquietas.

O telefone tocou e ele foi até a escrivaninha, apertando o botão.

– O que é, Lisa?

– Sua mãe está no telefone. Gostaria de falar com ela?

Richard fez uma careta antes de responder.

– Claro, pode colocá-la na linha.

Alguns cliques depois, a voz suave de Caroline atravessou o fio e saiu pelo receptor.

– Richard, como você está?

– Estou bem, ocupado como sempre. Como vão as coisas com você?

– Acabei de visitar Daniel. Ele parece muito melhor. O que quer que estejam fazendo com ele nessa nova clínica parece estar funcionando. Ele perguntou por você algumas vezes, e eu disse que você talvez o visitasse no fim de semana.

– Tenho algum tempo livre no domingo. Acho que consigo passar lá.

– Você está livre para jantar hoje? Uma das minhas velhas amigas de Radcliffe vem nos visitar. A filha dela está no terceiro ano de Columbia.

Ele não conseguiu deter um suspiro. O ano inteiro, a mãe o tentara convencer a jantar com garotas diversas. Elas sempre eram filhas de suas amigas e sempre ótimos partidos. Mas ele não tinha tempo nem vontade de jogar conversa fora com mais uma garota da sociedade.

– Hoje não, infelizmente. Tenho que trabalhar até tarde.

– Você sempre trabalha até tarde, querido. Por que não se dá uma folga?

– Não posso, estamos no meio de um negócio grande. Talvez semana que vem. Peço para Lisa verificar minha agenda.

Quando desligou, o interfone tocou outra vez. Ele apertou o botão, perguntando-se se alguns minutos em paz era pedir demais.

– Sim?

– Richard, tem uma jovem aqui dizendo ser sua irmã.

Ele franziu a testa, imaginando o que Ruby estaria fazendo em Nova York. Então se lembrou de que era o aniversário de noventa anos da mãe de Claire naquele fim de semana, e que a família toda tinha vindo para as comemorações. Como ele podia ter esquecido?

– Deixe-a entrar.

A porta abriu e Ruby entrou com um enorme sorriso no rosto. Ela crescera tanto desde que Richard a vira pela última vez, e ele balançou a cabeça quando percebeu que sua irmãzinha era uma adolescente. Como o tempo tinha passado tão rápido?

– Richard! – ela lançou-se sobre ele, jogando os braços ao redor da sua cintura e enfiando o rosto no seu peito. – Não acredito que faz tanto tempo desde que a gente se viu. Você me abandonou – tudo isso foi dito com um rosto inexpressivo, mas ele não pôde deixar de curvar os lábios em resposta.

– Oi, tampinha – ele hesitou, examinando a expressão dela. – Ou não posso mais te chamar assim?

– Não em público – o rosto dela ficou enrubescido, e sua voz transformou-se num sussurro. – Mas não me importo que me chame assim quando estamos a sós. Na verdade, ainda meio que gosto. Enfim, fui enviada aqui com uma missão importante – o tom de Ruby ficou sério. – Estou aqui para chamá-lo para o almoço, e então preciso fazer biquinho até que diga sim, porque mamãe diz que sou irresistível quando imploro.

– Onde eles estão, afinal? – agora que sabia que estavam aqui, na sua cidade natal, ele percebeu que estava desesperado para ver a família.

– Papai tem uma reunião no banco e vai nos encontrar no restaurante, e mamãe e Hanna estão fazendo compras.

– Hanna está aqui?

– Sim, mamãe deu o voo pra ela como presente de Natal. Ela tem que voltar pra universidade na semana que vem, então é a última chance dela de se divertir.

– Como ela está? – eles tinham trocado e-mails, mas desde que ela terminara com Josh, Richard não conseguia encontrar o tom certo para usar com ela.

– Parece estar bem melhor agora. Ela passou a maior parte do verão chorando, e até eu reparei que perdeu peso, e eu nunca presto atenção nessas coisas. Mas desde que veio passar o Natal em casa parece estar bem mais feliz.

Por algum motivo, aquilo o fez sorrir.

Quando chegaram em La Trattoria, o resto da família já estava sentado ao redor da grande mesa redonda. Os olhos de Richard imediatamente buscaram Hanna. Assim que viu o rosto dela, a pegou olhando-o de volta, com uma expressão muito estranha no rosto.

– Oi, filho. Quanto tempo! – Steven levantou-se e jogou os braços ao redor de Richard, abraçando-o apertado. Ele deu alguns tapinhas nas suas costas num gesto aperfeiçoado por pais em todo o mundo. Eles tinham se visto outras vezes no ano anterior, e Richard ainda

achava difícil se lembrar da reunião sentimental que tiveram quando Steven viera para Nova York assim que pôde depois do 11 de setembro. Ver o pai chorando abertamente no aeroporto, em público, tinha deixado Richard desconfortável, mas na época todos estavam demonstrando as emoções, todos estavam com os sentimentos à flor da pele.

Claire levantou-se e juntou-se ao abraço, deixando apenas Hanna sentada, encarando-o com um sorrisinho nos lábios. Richard foi até ela, estendeu uma mão e puxou-a para perto.

– Oi – ele sussurrou no cabelo dela enquanto a segurava contra o peito. As mãos dela circularam sua cintura, e seu punho fechou-se na jaqueta dele.

– Oi – ela sussurrou de volta baixinho.

– Como você está?

– Bem, obrigada. E você? Claire me disse que virou um *workaholic*.

– Não tenho escolha, na verdade.

– Bem, talvez eu possa tentar curá-lo disso nos próximos dias.

– Me deixou intrigado. Estou livre hoje à noite – ele ficou surpreendido com o convite; de jeito nenhum conseguiria terminar a apresentação naquele dia, e realmente precisava acrescentar uns toques finais.

– Tenho que jantar com meu pai às sete. Talvez a gente possa se ver depois? – o tom esperançoso dela fez Richard sorrir.

– Por que não me encontra no escritório e me dá uma chance de terminar umas coisas? Podemos ir beber em algum lugar ou algo do tipo.

Mais tarde naquela noite, Richard ainda estava desligando o computador quando Hanna chegou. Ele ergueu os olhos, encontrando-a de vestido preto, maquiagem natural e um longo cabelo castanho.

– Há quanto tempo você abandonou o visual gótico?

Hanna riu.

– Não sou gótica desde a faculdade. Ainda prefiro roupas casuais, mas não quero causar um ataque do coração no meu pai.

– O vestido fica bem em você – a peça agarrava-se ao seu corpo em todos os pontos certos, e a bainha caía até o meio da coxa, expondo suas longas pernas.

– Você mudou seu estilo também – ela foi até ele, um sorrisinho dançando nos lábios, e parou à sua frente. Erguendo a gravata dele, passou os dedos pela seda macia. – Não acho que esse terno veio da Marks and Sparks.

– Marks and Spark's? – Richard balançou a cabeça, confuso.

– Marks and Spencer. Tenho quase certeza de que eles não vendem Gucci lá.

– Você reconheceu o designer?

Ela riu alto, ainda segurando a gravata, lentamente puxando-o para perto até que seus rostos quase se tocaram. Colocando a boca perto da orelha dele, ela respirou devagar.

– Nathan me disse que você não usa outra coisa.

Merda, ele estava ficando excitado só de sentir a respiração dela em sua pele. Não sabia se devia se render ou se afastar. Hanna tomou a decisão por dele, movendo-se para se sentar na cadeira ao lado da mesa dele.

– Como vai a vida corporativa? Você parece ótimo – ela encarou o terno outra vez.

Richard fechou o laptop e se virou para olhá-la.

– Sabe, eu adoro, na verdade. Estou aprendendo rápido, as pessoas ouvem quando falo, e

faço as coisas acontecerem. Daqui a uns três anos, há uma chance de eu saber o que estou fazendo.

– Então não se arrepende de não ter ido para São Francisco? – ela inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos na mesa e encostando o queixo nas mãos.

– Tento não pensar sobre isso. Meu lema agora é olhar para o futuro. Falando nisso, quais são seus planos pra depois da formatura?

Hanna abriu um sorriso largo, os olhos brilhando enquanto pensava no próprio futuro.

– Recebi uma oferta na *Music Train*, onde fiz um estágio no verão passado.

– Uau, que ótima notícia! Devíamos comemorar.

– Sim, devíamos – ela concordou.

Richard levantou-se e pegou-a pela mão. Eles foram até o elevador, ansiosos para sair do escritório e finalmente passar um tempo juntos.

Depois de alguns drinques, ele conseguiu fazê-la se abrir sobre Josh. Richard não sabia por que estava tão interessado em ouvir sobre a separação – se era preocupação genuína por ela ou se só queria uma confirmação de que estava tudo acabado. De qualquer jeito, ficou sentado com Hanna, o braço jogado sobre os ombros dela, e ela encostada contra ele, o rosto contorcido enquanto tentava explicar suas emoções.

– Ele ficou dizendo que só dormiu com ela porque tinha medo dos seus sentimentos por mim. Que achou que eu não estava comprometida com o relacionamento e queria me mostrar que não se importava. Que tinha mudado de ideia e que tinha sido um erro enorme e que ele estava completamente bêbado. Nem quis me dizer se foi uma vez só ou se o caso já rolava há algum tempo.

Richard fez uma careta. Conhecendo a falta de sinceridade de Josh, devia ser a segunda opção.

Hanna virou-se para olhar Richard direto nos olhos. Seu rosto estava apenas a alguns centímetros dele, e ele podia ver a intensidade de suas emoções sob o tom chocolate dos olhos dela. Quando abriu a boca para responder, ficou paralisado pela intimidade que se desenvolvia entre eles. A expressão dele suavizou enquanto ele a encarava, observando a pele dela reagir à proximidade e a cor subir às maçãs do rosto.

Alguns instantes se passaram à medida que eles se olhavam, e ele podia sentir um desejo familiar começar a se agitar no estômago. Lentamente, hesitante, ele estendeu a mão e passou os dedos pelo rosto dela. Ela continuou encarando-o, sem piscar.

– Acho que precisamos ir – a voz dela estava embargada. Seu pescoço movia-se enquanto ela tentava engolir.

O coração dele despencou.

– Levo você pra casa.

– Quero ir pra casa com você – ela pareceu surpresa com as próprias palavras. Suas sobrancelhas ergueram-se e o rosto ficou ainda mais corado.

– Hanna... – ele queria se chutar pela hesitação, mas se recusava a ser o cara que ela usaria para superar o namorado. – Não sei se é uma boa ideia.

– Richard, é uma ideia magnífica – ela pôs a mão na nuca dele, puxando seu rosto para perto. Hanna hesitou quando seus lábios estavam a milímetros dos dele. Com a proximidade, ele podia sentir a respiração rápida dela, e aquela tensão familiar começou a se agitar nele.

O calor da respiração dela banhava sua pele e Richard fechou os olhos, tentando se lembrar

da última vez que seu corpo se sentira tão vivo. Os dedos de Hanna continuavam a brincar com o cabelo na sua nuca, enviando arrepios pela sua coluna e tornando quase impossível resistir.

– Vamos.

Quando entraram no apartamento, Richard jogou o terno numa cadeira no corredor, estendendo a mão para tirar o casaco de Hanna dos ombros dela.

– Quer beber alguma coisa?

– Um copo d’água seria bom.

Ele não se moveu, só ficou parado a alguns passos dela, com um meio sorriso, enquanto seus olhos verdes encaravam os dela.

– Realmente quer água?

– Eu *adoraria* um copo d’água, Richard. Na verdade, passei o dia inteiro sedenta por um gole de H₂O.

– Não quer vinho, não quer um drinque... você quer água – o tom dele era neutro, embora algumas rugas no canto dos olhos revelassem seu divertimento.

– Se vai ser chato, o que eu quero mesmo é uma xícara de chá. Mas você é americano, então decidi ir com calma.

– Eu tenho chá.

– Não acredito em você – ela pôs as mãos nos quadris, abrindo um sorrisinho quando as sobrancelhas dele se ergueram. A expressão dela dizia “Quero só ver”.

– Tenho chá, tenho leite, e tenho uma chaleira em algum lugar. Minha madrasta é anglófila, Hanna. Então, gostaria de uma xícara de chá?

Em vez de se mover na direção da cozinha, ele deu um passo à frente, aquele sorriso torto ainda no rosto. Richard estendeu a mão para tocar o braço dela. Seu dedo traçou uma linha de fogo, descendo do ombro até o cotovelo, a suavidade do toque fazendo-a sentir um arrepio até a base da coluna.

– Acho que posso tomar o chá depois.

– É mesmo? – ele fechou a distância entre eles, seu corpo a centímetros do de Hanna. Pôs uma mão aberta nas costas dela, e seu calor passou pelo tecido fino do vestido. Por um momento, eles ficaram imóveis, e Hanna podia sentir o corpo começar a vibrar em reação à proximidade. Ela ergueu a cabeça e olhou diretamente nos olhos dele, sem saber se estava desafiando ou implorando.

– Sim – ela não tinha certeza se estava respondendo à questão, ou só incentivando-o a se mover.

Tudo parecia diferente, e tudo parecia o mesmo. Ele era o velho amigo dela, alguém com quem tinha rido e brincado e beijado. Mas o Richard à sua frente era todo homem. E aquele terno... Deus, aquele terno! Quando colocou os olhos nele, pela primeira vez, no restaurante, foi como se seu corpo tivesse pegado fogo. Ela estava presa em algum lugar entre familiaridade e agitação, sentindo-se estranhamente ansiosa, embora ao mesmo tempo soubesse que, não importava o que acontecesse, ela não se arrependeria daquilo.

– Tem certeza? – a mão dele puxou-a para perto, reduzindo o espaço entre eles, até que o

peito dela tocava o abdômen dele, o resto do seu corpo quase em contato com o dele. Ela não podia ver o rosto de Richard, seus olhos chegando apenas até a base do seu pescoço, levemente exposto pelo colarinho aberto da camisa branca.

– Completamente.

Ela queria entrar sob a pele dele, inalar seu cheiro. Suavemente, pressionou os lábios na parte exposta do peito dele. Então com mais força, puxando de leve a pele, arrastando a língua pela cavidade macia sob o colarinho da camisa.

– Hanna... – a voz dele falhou, e ele pôs o dedo sob o queixo dela, inclinando seu rosto para cima enquanto ele abaixava o dele até eles se encontrarem no meio. Ela pousou as mãos nos seus ombros, os dedos abertos contra o branco da camisa, usando-os como apoio para fechar a distância entre os lábios deles.

Quando só havia um milímetro entre eles, ela sentiu-o suspirar. Então a boca de Richard se lançou na dela, toda gentileza esquecida na necessidade de tocar, sentir, consumir. Sua mão apertou a nuca dela, puxando-a para perto até que seus dentes quase raspavam, a boca dela abrindo-se assim que sentiu a ponta da língua dele correndo sobre seus lábios.

Ela acariciou o rosto dele, tocando a barba não feita. Sua mente estava febril enquanto empurrava o corpo contra ele, querendo sentir sua reação, torcendo para que ele estivesse tão excitado quanto ela.

– Jesus – ele afastou a boca dela, inclinando-se para conseguir olhar seu rosto. Sua mão ainda estava no rosto de Hanna enquanto a observava, a intensidade do olhar deixando-a sem fôlego. – Hanna, isso é... – ele balançou a cabeça, sem conseguir articular os pensamentos.

Ela sentiu a necessidade de se justificar.

– Sei que a gente não devia fazer isso. E sei que você provavelmente acha que eu só quero superar Josh. Mas passei o dia inteiro pensando sobre isso, e só fiquei com ele para superar você...

– Dá pra parar de falar sobre Josh quando estou tentando te seduzir?

– Desculpe – Hanna internamente se chutou, perguntando-se por que tinha mencionado o nome dele. Se Richard tivesse falado de uma ex naquela situação ela teria ficado louca.

– Vem aqui – ele moveu as mãos e apertou as dela, dando passos para trás até atingirem o sofá, aquele sorriso ainda nos lábios. Hanna caminhou silenciosamente pelo piso de madeira, então parou enquanto ele se deitava no sofá, puxando-a para cima dele.

Ela precisou erguer o vestido para conseguir colocar suas pernas dos lados dos quadris dele, e de repente percebeu que estava no controle. Richard estava deitado embaixo dela, olhando para cima, esperando que ela tomasse a iniciativa. Ela adorou o fato de ele estar disposto a deixá-la estabelecer o ritmo e conduzi-los.

Acomodando-se no colo dele, ela abriu os botões da camisa um por um, até que o peito dele fosse revelado. Descendo a mão pelo abdômen, sentiu os músculos duros e as linhas da barriga enquanto ele se enrijecia sob seu toque. Ele estava respirando com esforço, o corpo movendo-se para cima e para baixo sob a mão dela, enquanto Hanna descia até a fivela do cinto.

– Posso? – ela ergueu os olhos para ele, encontrando os dele quando ele a encarou. Richard estendeu a mão e agarrou o pulso dela, detendo seu movimento.

– Espere – ele ergueu-se até se sentar, aproximando o rosto dela. – Quero ver você primeiro – ele puxou a bainha do vestido e ela endireitou-se enquanto ele o erguia sobre a

barriga e sobre os braços dela, até que ela estivesse sentada sobre ele usando apenas sutiã e calcinha.

Um gemido abafado escapou dos lábios dele. Ele passou os braços ao redor dela, soltando o sutiã. Tirando a própria camisa, jogou-a no chão junto com o vestido dela. Então, tomou as mãos dela e trouxe-a contra ele até que os peitos nus deles se tocaram. Pele contra pele, a sensação do corpo dele no dela fez os mamilos dela se enrijecerem. Ele pôs os lábios nos peitos dela, chupando um de cada vez, usando a língua até ela começar a suspirar.

Ela estava tentando abrir a fivela dele outra vez, e quando finalmente conseguiu, passou para os botões da calça, os dedos tremendo enquanto tentava abri-la. Ela sentiu-o sorrir contra sua pele enquanto descia as mãos para ajudá-la, rapidamente abrindo a calça e jogando-a no chão.

Movendo-se para cima dela, ele alinhou seus corpos, e Hanna podia sentir sua ereção através do tecido da cueca enquanto ele se esfregava contra ela. Naquele momento ela só conseguia pensar que precisava senti-lo dentro dela.

– Richard, por favor...

Ela girava os quadris contra ele, e ele inclinou-se para beijá-la outra vez. Sua mão direita foi para baixo dela para apertá-la e ele se esfregou contra ela mais um pouco.

– Eu preciso...

Ele pôs os lábios num ponto no seu pescoço bem abaixo do maxilar. Era tão sensível que ela quase gritou de prazer.

– Deixe eu cuidar de você.

Apoiando-se nos joelhos, ele passou as mãos pelos lados do corpo dela até chegar na calcinha, puxando-a para baixo. Assim que a tirou, ele apertou as pernas dela e puxou-a para perto, os lábios tocando a parte interna das suas coxas enquanto se moviam para cima, até começar a beijar e chupar, fazendo Hanna se contorcer com a sensação. Deixando a cabeça cair para trás, ela moveu a mão para baixo, entrelaçando os dedos no cabelo suave e grosso dele enquanto o sentia se mover, o prazer das vibrações chegando ao seu cerne.

Quando ela estava próxima do clímax, ele afastou a boca e, pelos olhos semicerrados, viu-o se inclinar para pegar uma camisinha do bolso da calça jogada e colocá-la. Aproximando-se de novo, ele alinhou o corpo deles e penetrou-a com um movimento suave dos quadris, a sensação súbita de plenitude levando-a ao clímax, e todo seu corpo enrijecendo em reação ao orgasmo. As costas dela arquearam-se contra ele enquanto ele a segurava, beijando-a sem parar enquanto ela ofegava na sua boca.

– Caralho – era Richard. A mente de Hanna estava tão cheia que ela estava tendo dificuldade em lembrar o próprio nome, muito menos articular palavras. – Querida, está pronta? – ele perguntou.

Ela assentiu, sem conseguir falar. Deixando-a cair de volta no sofá, ele agarrou seus quadris, os dedos enfiados na pele macia enquanto começava a se mover dentro dela, os lábios nunca deixando os dela, cada movimento pontuado por respiros suaves que faziam o coração de Hanna martelar dentro do peito.

Ela passou os braços ao redor dele, as mãos descendo até sua bunda, sentindo os músculos flexionarem-se enquanto ele se movia. Hanna implorou para ele se mover mais rápido, mais forte, enquanto o puxava para perto. Ele estava ficando sem fôlego, e afastou a boca para inspirar. Ela olhou bem para a expressão dele, os olhos verdes escuros de tesão, o rosto

demonstrando o prazer que estava sentindo. O corpo dela formigava com pequenas explosões de êxtase descendo até seus pés, fazendo os dedos se curvarem.

– Deus, Hanna, eu vou...

– Quero sentir você gozar – as palavras eram apenas um sussurro, mas ela queria que ele tivesse tudo, que se sentisse tão bem quanto ele a fizera se sentir. Os movimentos tornaram-se erráticos e duros, até que ele parou de repente, um gemido profundo saindo da sua boca. Deixando o corpo cair sobre ela, Richard beijou-a com força enquanto se movia mais algumas vezes.

Hanna apertou-o, incapaz de deixá-lo ir, de deixá-lo se afastar dela quando ela estava se sentindo tão exposta. Como se entendesse a vulnerabilidade dela, ele começou a mover os lábios contra seu rosto, seu pescoço, murmurando palavras doces enquanto eles lentamente voltavam à realidade. Ela passou os dedos para cima e para baixo da coluna dele, amando a sensação do corpo dele no dela, sem se importar que ele a estivesse esmagando. Ela sentiu-o sair dela aos poucos, os lábios ainda na sua pele, a mão movendo-se para proteger a camisinha.

– Preciso cuidar disso – ele levantou-se e foi até uma porta no outro lado do apartamento que ela supôs ser o banheiro. Sozinha no sofá, ela estava ciente da sua nudez, mas não estava com vontade de colocar a calcinha e o vestido. Não estava disposta a admitir que a noite chegara ao fim. Em vez disso, tirou a camisa dele da pilha de roupas jogadas, colocando os braços nas mangas e fechando alguns botões para manter alguma aparência de recato. A porta do banheiro fez um clique e ela ergueu os olhos, vendo Richard aproximar-se, uma pequena toalha branca enrolada nos quadris e um sorriso nos lábios enquanto os olhos dele se escureciam em resposta à roupa dela.

– Gostei da camisa.

– Obrigada. Gostei da toalha.

– Obrigado – ele estava na frente dela, e ergueu-a até que ela estivesse firmemente em seus braços, o corpo envolvendo o dela num abraço. Ele enfiou o rosto no cabelo dela e murmurou:
– Vou fazer aquela xícara de chá agora.

Capítulo 10

2 de fevereiro de 2004

– Parece que temos nossos momentos mais românticos em aeroportos – Hanna enfiou o rosto na camisa de Richard, os olhos úmidos misturando-se com o rímel e deixando uma mancha de tinta no algodão branco.

– Nem todos – ele disse, trazendo os lábios aos dela. Ele pressionou-os com suavidade, enxugando as lágrimas ao redor dos olhos dela. – Ontem à noite foi bastante romântico.

Hanna riu.

– Você está confundindo romance e sexo. Os dois não estão necessariamente interligados.

– Com a gente, estão sim.

Ele beijou-a de novo, dessa vez sem se conter, e os joelhos dela começaram a tremer com a investida. O fato de que estavam fazendo aquilo no aeroporto de Heathrow não importava. A cada poucas semanas, eles tinham que enfrentar aquela despedida de novo, e não se tornava mais fácil à medida que o tempo passava. A cada vez, ela achava mais difícil se lembrar exatamente o motivo de relutar tanto em mudar-se para Nova York.

Então algo a trazia de volta à realidade. Como aquela vez que ele formalmente a apresentara à mãe, e Hanna tinha sido recebida com uma frieza clara. Naqueles momentos, ela percebia que não tinha nascido para a vida em Manhattan. A única parte de Nova York que queria por perto era Richard.

Os beijos dele estavam ficando mais exigentes, e ela sentiu-o deixar a mala cair e envolver sua cintura. Ele enfiou os dedos na pele macia enquanto a apertava sobre sua camiseta preta, passando os lábios da boca para o pescoço. A cabeça dela caiu para trás, dando-lhe acesso à pele sensível da seu pescoço.

– Se não tomarmos cuidado vou dar uma de Justin em você – ele murmurou. Na noite anterior, eles tinham assistido ao *Super Bowl* e rido quando Justin Timberlake puxou o top de Janet Jackson, revelando um mamilo.

– Se não parar de me beijar aí, vou deixar que faça isso.

– Sabe, nunca assisti futebol no meio da noite antes, mas tem suas vantagens – a sensação do sorriso dele contra sua pele revelou-lhe que Richard estava se lembrando de como eles tinham inventado o próprio entretenimento no intervalo do jogo. Entretenimento que não envolveu *piercings* de mamilo.

– Você vai se atrasar – ela ainda estava sem fôlego.

– Eu sei – as mãos dele desceram para os quadris de Hanna, movendo-se para trás do seu corpo enquanto ela o sentia responder ao abraço. Ela precisou de cada grama de força de vontade que tinha para o empurrar para trás.

– Você vai demorar um século pra passar pela segurança – ela indicou a longa fila de

viajantes, dando voltas no aeroporto. – A American Airlines não vai te esperar se você chegar atrasado.

Richard deu um risinho e ela estreitou os olhos, fazendo um gesto com as mãos para afastá-lo.

– Ligo pra você do lounge, ok? – ele deu um beijo no nariz dela.

– E da pista, e do aeroporto, e do carro, e do seu apartamento... – ela provocou.

Ele inclinou-se e beijou-a mais uma vez.

– Te vejo em um mês, combinado?

– Estou contando as horas.

– Não tem que contar nada. Venha comigo – ele dizia aquilo toda vez. – Não posso.

– Não existe “não posso”, querida. Só “não vou”.

– Então fique em Londres – ela estava sorrindo atrás das lágrimas, a familiaridade da conversa de algum modo a reconfortando.

– Eu gostaria...

– Mas não pode – ela terminou a frase por ele e beijou seu rosto mais uma vez. – A gente arranja um jeito.

– Vamos ter que arranjar, porque isso está me matando – ele abaixou-se para apanhar a mala, notando a mancha de rímel na camisa pela primeira vez. Suas sobrelhas ergueram-se enquanto ele lançava um olhar recriminador a Hanna.

– O quê? – ela tentou parecer inocente, mas não conseguiu conter um sorriso. – Eu estava triste, não posso?

– Me lembre de te comprar uns lenços da próxima vez – ele a olhava com uma expressão gentil.

– Estou indo agora – ela começou a se afastar, acenando brevemente, os olhos nunca deixando os dele.

– Sem um beijo de despedida?

– O que você acha que estávamos fazendo na última meia hora? – ela franziu as sobrelhas com irritação fingida, movendo-se alguns passos para trás.

– Aquilo foi só aquecimento. Agora eu quero o último beijo de despedida.

Na noite seguinte, Hanna saiu correndo dos escritórios da *Music Train* na Wardour Street e emergiu no úmido ar do Soho. Por estar perto do West End de Londres, a rua estava sempre lotada de pessoas, e ela as seguiu até a Oxford Street, entrando na estação de metrô junto com os passageiros usuais voltando do trabalho. Quando pisou na escada, sentiu o telefone vibrar, e tirou-o do bolso do jeans para ler o texto.

Já disse hoje que sinto sua falta?

Ela digitou uma resposta apressada.

Estou cinco horas na frente, Larsen! Eu ganho o jogo.

Hanna entrou no metrô e saiu na estação Putney Bridge, sentindo o ar frio da noite. Sua respiração formava nuvens de vapor à sua frente enquanto ela se apressava pelas ruas a

caminho do apartamento da mãe. Parecia que elas não se viam há uma vida; ou Hanna estava assistindo a shows, ou Diana estava ocupada organizando um evento. Elas tinham combinado de se encontrar aquela noite para pôr a conversa em dia.

A mãe aguardava-a na porta quando ela chegou, com um grande sorriso no rosto. Ela puxou Hanna e envolveu-a num abraço apertado.

– Ai, querida, é tão bom ver você.

– Você também, não acredito que faz tanto tempo. A gente mora na mesma cidade, pelo amor de Deus.

– Você tem estado ocupada com o trabalho e Richard – Diana piscou, puxando-a para dentro e fechando a porta atrás delas. Assim que Hanna entrou no flat, sentiu uma sensação familiar de calma. Tudo naquele lugar a fazia sentir-se em casa.

– Pedi bife com *douchi* pra você – Diana anunciou, entrando na pequena cozinha. – Quer torrada de camarão?

– O papa é católico? – Hanna gritou de volta, erguendo-se e seguindo a mãe para oferecer ajuda. Diana deu-lhe um olhar incisivo, movendo as mãos para expulsá-la até Hanna voltar para a sala de estar.

– Como vai o trabalho? – Diana perguntou, a voz ecoando de leve no chão de azulejos da cozinha.

– Ótimo. Passei o dia no estúdio com uma banda que está gravando seu segundo álbum. Vai ser um disco conceitual e eles passaram a maior parte do dia tocando as músicas na ordem pra eu poder entender a narrativa.

– Acho que não entendi uma palavra disso – o rosto de Diana era uma máscara de confusão.

– Eles estão tentando contar uma história com cada música. Começa com um rap sobre um cara perdendo mil libras, daí um monte de coisa acontece até que, na última música, ele encontra o dinheiro atrás da tevê.

– Parece fascinante. Quando posso ouvir?

Hanna gargalhou. Diana era fã dos clássicos – clássico entendido por Abba, Elton John e Cliff Richard.

– Vai sair em abril. Eu compro um pra você.

– Mal posso esperar – Diana disse, sarcástica, carregando duas bandejas para a sala e passando uma para Hanna, junto com os *hashis*.

– Você não está com fome? – Hanna notou o prato de Diana. Só uma pequena porção de arroz e uma ainda menor de frango tinham sido colocadas sobre a porcelana branca. Olhando para a mãe, Hanna percebeu que o rosto dela estava ossudo. – Mãe, pelo amor de Deus, quanto peso você perdeu?

Ela não conseguia acreditar que não tinha percebido assim que entrara pela porta, mas Diana sempre parecia igual para ela – pequena, perfeitamente proporcional, talvez um pouco mais pesada nos quadris que no peito. Sempre que Hanna pensava nela, imaginava a mãe com cerca de trinta e cinco anos, ainda usando roupas dos anos 1990, seu rosto sem rugas sorrindo feliz com as últimas escapadas da filha.

Olhando-a agora, Hanna podia ver que seu rosto estava cheio de rugas, a pele esticada sobre os ossos. As olheiras estavam mais escuras e marcadas que de costume.

Diana baixou os olhos para o prato, mordendo o lábio inferior num gesto familiar. Hanna viu uma lágrima escapar do olho esquerdo da mãe, cair no prato e oscilar ao encostar na

superfície de porcelana.

– Mãe, o que está acontecendo? Está me deixando preocupada agora – Hanna pousou o prato na mesa de canto e ergueu-se, fazendo o mesmo com a bandeja de Diana. Ajoelhando-se no chão ao lado da mãe, ela pegou as duas mãos dela nas suas e apertou-as, pedindo à mãe que olhasse para ela.

– Estive no hospital hoje. Não quero que você entre em pânico e sei que vai ser um choque, mas eles encontraram um caroço no meu peito e vão fazer uma biópsia.

O mundo desabou sob Hanna, deixando-a atordoada, enquanto sua mente tentava, sem sucesso, encontrar o sentido das palavras. Ela balançou a cabeça, e o movimento piorou a sensação súbita de náusea.

– Eu disse para não entrar em pânico. Ainda não – Diana inclinou-se e abraçou-a. – Eles têm quase certeza de que é câncer, mas precisam fazer vários testes e outras coisas antes de me darem um diagnóstico.

– Por que você não me contou isso antes? – uma onda de raiva subiu pelo peito de Hanna. Ela não sabia por que exatamente estava brava; se era o fato de a mãe não ter compartilhado aquilo, o fato de o câncer ter invadido o corpo dela, ou pela vida em geral. Ela agarrou-se à emoção, preferindo-a à sensação de desespero que sentira um instante atrás.

– Não queria preocupá-la até saber com certeza que havia alguma coisa errada. Seria horrível vê-la toda nervosa desse jeito e depois descobrir que o caroço era benigno, ou pior, só imaginação minha.

– Eles falaram o que você pode fazer, quais os tratamentos? Queria ter ido ao hospital com você hoje – passar o dia ouvindo um cara cantando sobre perder dinheiro era um péssimo substituto a apoiar a mãe em sua hora de necessidade.

– Querida, tenho outra consulta na quinta. Espero que me digam algo mais concreto – Diana apertou-a uma última vez. – Agora coma seu jantar antes que esfrie.

Capítulo 11

30 de novembro de 2004

Joe Garfield reclinou-se na cadeira de couro e cruzou os braços. Seus olhos cor de chocolate examinaram Richard com interesse. As rugas ao redor deles aprofundaram-se quando ele falou.

– Você fez bem em tomar a decisão tão rápido, Richard. Ao se encontrar um câncer, deve-se extraí-lo antes que ele tenha tempo de se espalhar. Richard estremeceu com a menção à doença – ela parecia estar no centro da vida dele e de Hanna. Não que o câncer a que Joe se referia fosse físico. Era, na verdade, uma metáfora para a descoberta de que o chefe da divisão imobiliária vinha recebendo subornos de uma série de empresas de construção. Mesmo assim, ouvir a palavra foi o bastante para enviar sua mente para o outro lado do Atlântico.

As coisas também não estavam fáceis do seu lado do oceano. Demitir metade da equipe executiva da divisão imobiliária não tinha sido sua tarefa favorita, e procurar substitutos estava se provando ainda mais difícil. Ele tinha marcado aquela reunião com Joe para discutir os planos de curto prazo.

– Precisamos reconstruir a divisão com rapidez – Richard levantou-se e foi até a ampla janela que dava para o distrito financeiro. – Vou nomear um chefe provisório enquanto deixamos o RH fazer seu trabalho.

– Parece um bom plano – Joe assentiu, analisando a planilha que Richard deixara na mesa. – Não podemos tirar os olhos de um mercado tão promissor.

Eles haviam tido aquela conversa dezenas de vezes. Estavam ambos chocados com os preços dos imóveis aumentando exponencialmente, e a inflação excessiva dos valores dos terrenos deixara-os desconfiados. A Maxwell Enterprises tinha concordado em perseguir uma estratégia de investimentos a curto prazo, ao mesmo tempo que manteria um olho no mercado, pronta para recuar rapidamente se houvesse a ameaça de uma queda.

O maior medo de Richard era que, quando isso ocorresse, fosse tarde demais. Ele estava tentando diversificar os interesses da empresa o máximo possível, mas não era tolo o bastante para acabar com uma parte tão lucrativa da empresa.

Era por isso que encontrar a pessoa certa para liderar a divisão era tão importante.

– Você teve notícias do Daniel? – Joe olhou para a foto da família Maxwell que Richard deixava em sua mesa, apanhando-a e passando os dedos sobre a moldura dourada.

– Consegui encontrá-lo num resort perto de Miami. Ele se recusa absolutamente a voltar para a reabilitação, e não temos como obrigá-lo a ir – Richard esfregou a testa, cansado. Tinha sido um mês infernal, e não parecia que as coisas fossem melhorar.

– Ele está se tornando um grande risco para essa empresa – Joe comentou, pondo a moldura de volta na mesa de carvalho de Richard. – Vamos precisar de uma estratégia para nos livrar

dele; não é bom ficarmos à mercê dele para sempre – Joe entrelaçou os dedos, inclinando-se para apoiar os cotovelos na mesa de Richard. – Ele é um viciado, Richard, e você sabe tanto quanto eu que ele nunca vai mudar. Não quero que daqui a alguns meses estejamos numa reunião de emergência porque ele vendeu suas ações para comprar drogas.

– Os advogados fizeram um contrato de direito de preferência de compra, então ele não pode vender nada sem me dar a opção de comprar – Richard suspirou, esfregando os dedos com mais força nas têmporas. – Consigo resolver a parte financeira sem problemas se ele realmente quiser vender.

– Talvez você precise fazer uma oferta que ele não possa recusar.

Richard riu.

– Você está agindo como se estivéssemos em *O poderoso chefão*. Estamos falando de Daniel, não de Sonny Corleone.

– Só precisamos estar preparados para o pior. Não existe lugar para sentimentalismo nos negócios. Agora vou pra casa beijar minha mulher e me preparar para essa maldita gala.

– Você parece tão animado quanto eu.

– Acredite, Richard, provavelmente sou o único em Nova York que está menos animado com isso que você.

– De qualquer modo, velho rabugento, vejo você no Astoria às oito. Serei o homem com fantasia de macaco.

– E eu serei o homem com a mulher mais linda do mundo no braço, especialmente considerando que você não conseguiu persuadir Hanna a acompanhá-lo hoje – Joe abriu-lhe um sorriso, sabendo que os últimos meses tinham colocado muitas pressões no relacionamento deles. – Só fico triste por não ter a chance de dançar com ela. Não se esqueça de mandar um abraço meu e de Emily.

– Mandarei – Richard acompanhou Joe até a porta de carvalho, fechando-a suavemente depois que o homem saiu. Tirando o celular do bolso enquanto voltava para a mesa, ele verificou o relógio antes de apertar um número na discagem rápida.

– Ei – a voz suave de Hanna através do aparelho o fez sorrir. Ele sentou-se na cadeira de couro, inclinando-a nas rodas até poder apoiar os pés na mesa.

– Oi, querida. Como vai Diana?

– Está tendo um dia bom, conseguiu tomar um pouco de sopa. Até caminhamos um pouco no jardim – Hanna parecia melancólica e ele fechou a mão em punho, tendo que se esforçar para não jogar o telefone no chão e correr para o aeroporto mais próximo. Como sentia saudades dela...

– Parece promissor. Espero te encontrar nas próximas semanas, assim que decidirmos o próximo chefe da divisão imobiliária – não querendo sobrecarregá-la com seus problemas, mudou rapidamente de assunto. – Joe te mandou um abraço. Ele está inconsolável por você não estar aqui para dançar com ele no baile.

– Ai, meu Deus, esqueci que era hoje, me desculpe – o tom dela ficou choroso, e Richard mordeu o lábio. – Sinto muito por não estar aí com você.

– Ei, a gente tinha combinado que você não se sentiria culpada por isso – ele censurou. – Você só ficaria entediada, de qualquer jeito. O plano é entrar correndo, fazer o discurso, e então correr de volta pra casa.

– Richard, sabe que não pode fazer isso. O único motivo dos ingressos serem vendidos por

aqueles preços é que as mulheres querem dançar com você.

– Só tem uma mulher com quem eu quero dançar hoje, querida. E como você não vem, vou ficar de fora dessa.

– Eu te amo.

Ele quase podia ouvir o sorriso dela.

– Te amo também. Agora tente descansar.

O carro de Richard parou em frente ao Waldorf-Astoria. Ao passar por baixo do arco dourado e entrar no saguão, ele viu sua assistente esperando por ele, com um vestido longo prateado e o cabelo castanho preso, revelando um sorriso no rosto.

– Você está atrasado.

– Eu sei – ele ergueu as mãos em desculpa. – Só consegui sair do escritório uma hora atrás. Perdi muita coisa?

– Sua mãe ficou muito decepcionada por não estar na mesa para o jantar, e tive que dar desculpas a cerca de mil senhoras frustradas e desesperadas para pôr você no cartão de dança delas.

– Isso ainda existe? – ele deu um sorriso irônico. Eles começaram a andar em direção ao grande salão. Lisa ficou mexendo na gravata-borboleta e na jaqueta do terno dele, alisando-os até que ele estivesse perfeitamente arrumado.

– Se existirem, então eu marquei, assim como todos seus outros cartões – ela respondeu, seca. – Seu discurso está pronto na tela do pódio, e Jon Stewart fez um ótimo trabalho aquecendo a plateia. Você só precisa ir lá e fazer seu discurso.

– Você faz parecer tão fácil – ele sorriu, afastando as mãos dela quando Lisa tentou alisar seu cabelo. – E me deixe em paz, estou tentando aperfeiçoar um visual de mendigo.

– Está fazendo um ótimo trabalho – Lisa murmurou. – E não se preocupe com o discurso, ninguém vai ouvir. Ou já estarão bêbados, ou planejando de quem se aproximar depois. Pense em si mesmo como o equivalente de gala de um filme B.

Mais tarde, naquela noite, Richard viu-se no bar, com um copo de whisky na mão e cercado por pessoas que ele mal conhecia. O 3º Jantar Anual da Fundação Memorial Leon J. Maxwell estava angariando fundos para as famílias das vítimas do 11 de setembro. Richard só pisou no Astoria naquela noite por ser uma causa tão nobre. Com quase mil convidados presentes, a Fundação esperava angariar mais de 3 milhões de dólares durante a noite.

– Querido, aí está você. Procurei você em todo lugar! Por favor, não me diga que veio sozinho hoje – Richard voltou-se e viu a mãe aproximando-se, resplandecente em um vestido de noite verde-esmeralda, o cabelo assentado suavemente contra os ombros.

– Mãe – ele inclinou-se para beijá-la, os lábios tocando o rosto dela de leve. – E sim, vim sozinho, você sabe que Hanna não pode sair da Inglaterra agora.

– Você realmente precisa encontrar uma parceira para momentos como esse – ela censurou, ignorando o rosto cada vez mais vermelho de Richard. – Não é certo aparecer sem ninguém.

– Não me incomoda – ele virou o resto de whisky, colocando o copo vazio no bar.

– Por quanto tempo isso vai durar, querido? Não suporto vê-lo aparecer nesses eventos sozinho. Você precisa do apoio de uma mulher. É ocupado demais para se preocupar com

detalhes – Caroline tirou um fiapo da manga dele. – As pessoas estão começando a reparar.

– Eu não conseguiria me importar menos com o que as pessoas estão dizendo! – Richard estava irritado, e sua voz saiu mais alto do que ele pretendia. – Diana está morrendo. O que você espera que Hanna faça? Pegue um voo e deixe a mãe sozinha?

– Espero que ela apoie seu homem, como todas nós faríamos.

– Porque as aparências sempre vêm primeiro – ele disse, amargurado.

– Não, porque quando você está apaixonado por alguém, quer estar com essa pessoa. Quando foi a última vez que você viu Hanna?

– Falei com ela hoje – as palavras saíram firmes e duras, e não convidavam uma resposta. Caroline continuou, ignorando o aviso.

– Então pense nisso. Se Hanna não pode acompanhá-lo em ocasiões importantes como essa, ter uma amiga com você seria uma opção melhor – como as palavras dele, as delas foram ríspidas. Ela pegou outra taça de champanhe de um garçom que passava antes de apertar as mãos de Richard. – Não quero enchê-lo, querido, mas me preocupo com você. Quando não está trabalhando, está num avião ou visitando Hanna. Um homem na sua posição precisa de alguém que fique a seu lado.

As palavras dela tocaram um ponto delicado. Sem Hanna, ele se sentia incompleto, e ir a eventos como aquele sem ela ao seu lado era difícil. Não era o fato de que mulheres solteiras de certa idade pareciam ir diretamente até ele, porque Richard conseguia recusar os avanços com facilidade. Era mais o fato de ele sentir a ausência dela profundamente.

Eles tinham estado juntos – como um casal normal – por pouquíssimo tempo, antes de Diana encontrar o caroço no peito. Nos nove meses desde então, ela tinha passado pelos altos e baixos do tratamento: esperança, medo e, finalmente, desespero. Era compreensível que Hanna não quisesse deixá-la por nenhum segundo, porque os médicos lhe tinham dado meses – não anos – de vida. Ele não seria o filho da puta egoísta que a afastaria da mãe moribunda.

Richard sentiu um momento nauseante de culpa quando desejou que ela viesse visitá-lo, ou que pudessem passar algum tempo em Londres, sem estar com Diana o tempo todo. Uma parte dele ainda mais sombria – e que ele jamais admitiria – sentia falta do contato físico, do romance, do amor, e especialmente, do sexo. Exceto com a própria mão, ele não tivera um encontro satisfatório há um bom tempo.

– Vocês conversaram sobre o que vão fazer depois? – Caroline perguntou.

– Depois que Diana morrer? Não acho que Hanna consiga imaginar um mundo sem a mãe, muito menos como vai se sentir ou onde vai querer morar.

– Ela vai se mudar para Manhattan algum dia?

– Não sei – Richard balançou a cabeça lentamente, não gostando do rumo daquela conversa. – Há muitos “se” e “mas” para começar a pensar sobre o futuro. Só preciso me concentrar no agora, e cuidar da minha garota.

Capítulo 12

9 de fevereiro de 2005

As paredes bege eram iluminadas pelo sol da tarde, cortado pelos galhos de uma árvore no jardim; a luz atravessava a janela e entrava no quarto de Diana. Hanna estava sentada em uma poltrona ao lado da cama da mãe, observando o corpo magro dela e seu peito subindo e descendo com o ritmo do sono. Seus lábios secos soltavam um chiado a cada dez segundos quando ela exalava.

O ano anterior fora um declínio lento; às vezes, o gradiente estivera tão baixo que Hanna pensara que ela estava realmente melhorando. O diagnóstico de câncer de mama em estágio avançado não a desesperara no início. Então, o tratamento se complicara por causa da metástase, e quando o câncer se espalhou, elas começaram a ouvir palavras como *controle de dor, meses, talvez semanas* e, finalmente, *dignidade*. Qualquer esperança que Hanna tivera foi completamente esvaziada, como uma bexiga de aniversário deixada fora de casa no frio.

Eles tinham concordado em transferir Diana para uma casa de repouso na semana anterior, quando ficou claro que era só uma questão de tempo. Nem Hanna nem Diana queriam passar aqueles últimos dias num ambiente estéril de hospital, e a casa St Luke's – uma mansão georgiana elegante com jardins – oferecia um tipo diferente de morte. Hanna poderia ficar com Diana por quanto tempo quisesse, e elas poderiam caminhar pelos jardins e ver as primeiras flores da primavera nascendo entre a grama. Diana poderia morrer sem alarde e sem o barulho constante de monitores de hospital.

– Ela está dormindo? – Hanna ergueu os olhos para Claire Larsen, parada na porta. Surgiram linhas ao redor dos seus olhos quando ela sorriu, vendo Hanna toda desganhada.

– Por um bom tempo, talvez acorde em breve – Hanna levantou-se, percebendo que as pernas tinham adormecido devido ao jeito como ela estivera sentada. Suas costas doíam também. Ela alongou-se e tentou despertar o corpo.

– Como ela está? – Claire entrou no quarto, carregando uma bolsa Hermes em uma mão e um gravador na outra. Era uma combinação estranha.

– Ela dormiu a maior parte do dia, mas ontem estava lúcida. Tivemos uma conversa ótima. O que é isso? – Hanna apontou para o pequeno aparelho de gravação na mão de Claire.

– Nada – Claire escondeu a mão atrás das costas.

Hanna olhou-a com curiosidade.

– O que vocês duas estão aprontando?

Claire deu uma risada baixa e discreta que pareceu ecoar pelas paredes. Diana nem se mexeu em resposta ao som.

– Quando fala assim, parece que somos *hooligans* adolescentes, Hanna. É segredo. Prometi não contar.

– Pode contar pra mim. Eu não vou dizer nada.
– Se contar pra você, terei que te matar, querida. Pare de fazer perguntas.
– Tudo bem, ela tem compartilhado suas palavras de sabedoria comigo também. Ontem ela passou horas me contando sobre sua vida, e como tem pouquíssimos arrependimentos – Hanna franziu a testa ao se lembrar da conversa.

Elas estavam sentadas no jardim de inverno aquecido, com vista para o gramado.

– Você foi a melhor coisa que aconteceu comigo, minha querida – a voz de Diana era fraca, cada palavra pontuada pela respiração dificultosa. – Eu fui muita sortuda de ter você na minha vida. Sou grata por ter criado você para este mundo. Você é minha obra-prima.

Hanna sorriu, constrangida com o exagero da mãe.

– Soou um pouco exagerado, mas eu captei – voltando o olhar, ela viu uma enfermeira trazer uma bandeja com chá e água, que deixou na mesa perto delas.

Diana continuou, envolvida em suas memórias. – Quando me casei com Phillip, estava tão apaixonada que mal conseguia pensar direito – ela apontou o copo d’água, e Hanna segurou para que ela tomasse um gole de canudinho. – Eu tinha certeza de que o amor podia conquistar o mundo – Diana fechou os olhos como se estivesse recordando sua história em Nova York.

Hanna, aflita por mais informações, cobrou: – Mas não podia?

– Não, não podia. Eu não devia ter me casado com ele, querida. Eu sabia que não queria viver em Nova York, e sabia que odiaria ser esposa de um banqueiro. Mas realmente pensei que ter muito amor seria suficiente.

Hanna piscou, sentindo lágrimas sob as pálpebras. A mãe nunca falou sobre seu relacionamento com Phillip; na verdade, ela raramente falava do ex-marido. Hanna não tinha certeza se a mãe fazia isso para poupá-la dos fatos, ou se era porque as feridas do passado doíam – Hanna passou a deduzir melhor a presença dessa dor.

Diana conseguiu respirar controladamente. – Eu queria ter sido capaz de fazer tudo para o seu bem, porque eu nunca, nunca, me arrependi de ter você. Eu sei que o seu relacionamento com seu pai nunca foi fácil. Eu assumo a culpa por isso.

– Não! – Hanna protestou segurando a mão da mãe. Sua pele estava fria, parecendo papel.

– Teria sido pior se eu tivesse continuado ali, sofrendo tudo o que você sofreu.

Ela olhou para a mãe, que observava através da janela os pássaros pousando nos galhos nus da árvore. Eles mergulhavam e pousavam em duplas antes de alçar voo novamente para outro galho mais alto. As pequenas asas agitavam-se enquanto voavam.

– Eu quebrei o coração do seu pai, transformei ele em um cínico amargo. Tudo culpa minha. Eu devia ter usado meu amor para deixá-lo ir antes que as coisas tivessem piorado – uma lágrima escorreu pelo rosto da mãe, deixando um rastro brilhante na sua pele castigada. Hanna simplesmente sentou-se e segurou a mão de Diana, querendo que as próprias lágrimas secassem.

Limpando o nariz com um lenço, Hanna tentou controlar suas emoções. Havia tanta coisa que elas precisavam dizer uma à outra ao longo dos próximos dias. Elas tinham tão pouco tempo. Cada segundo que passava era um lembrete de que logo ela estaria sozinha, e Diana seria apenas uma memória. Ela decidiu guardar as palavras da mãe e refletir sobre elas depois – pensar nisso agora a levaria às lágrimas, e ela não estava pronta para isso.

Sono era um conforto raro naqueles dias. Hanna passava a maior parte da noite perseguindo-o e a maior parte do dia desejando-o. Naquela noite, conseguiu adormecer um pouco depois das quatro. Algumas horas depois, foi acordada por um movimento no colchão. Estava tão sonolenta que levou alguns segundos para perceber que Richard estava deitado ao seu lado, ainda usando terno e gravata, a cabeça apoiada no travesseiro enquanto a olhava.

– Oi – a voz dele era um sussurro. Ela abriu os olhos e encarou-o.

– Desculpe por não encontrar você no aeroporto...

– Não diga nada, você precisa dormir – ele pousou um dedo de leve sobre os lábios dela. Hanna beijou-o, encarando seu rosto enquanto ele devolvia o olhar, sem conseguir disfarçar a preocupação quando viu a figura magra e a expressão tensa dela. – Meu pai me pegou, até conseguimos tomar café da manhã antes de ele me deixar.

– Que gostoso.

– Ele te mandou um abraço. Querem que a gente vá jantar com eles amanhã, se você estiver a fim.

– Não sei, talvez tenha que ficar com minha mãe.

Ele puxou-a para perto até que o corpo dela estivesse sobre o dele. Hanna passou uma perna por cima da coxa, e estendeu o braço sobre o peito dele. Fechou os olhos e acomodou-se no tecido do terno, sentindo o aroma de lã misturado com sândalo da colônia dele.

– A gente resolve depois, ok? – as palavras eram reconfortantes. Ela fechou os olhos e submeteu-se à sua cadência suave. – A gente faz o que você quiser, e eu os aviso depois. Não importa, nada disso importa.

Ela podia sentir a respiração dele, seu peito suavemente subindo e descendo, fazendo a cabeça dela se mover para cima e para baixo. Sem pensar, abriu os botões do terno e apoiou a orelha contra o tecido fino da camisa até ouvir o coração dele martelando contra o peito. O calor do seu corpo atravessou o algodão, aquecendo o rosto dela e despertando sentimentos que ela vinha suprimindo havia semanas.

Erguendo a cabeça, ela moveu-se até que o rosto estivesse ao lado do dele, os olhos tão próximos que era impossível olhá-lo diretamente sem que tudo ficasse desfocado. O peito dela estava pressionado contra ele. A necessidade de sentir mais atingiu o corpo dela como uma bola de canhão.

De repente, aquilo não era mais o bastante.

O beijo não foi suave. Foi duro e intenso, e pegou-o de surpresa. Ela sentiu as pálpebras dele no seu rosto quando ele abriu os olhos e a encarou, tentando entender o que ela estava fazendo. Nos últimos meses, sempre que estavam juntos, ela não conseguira fazer nada além de segurá-lo, dar beijos suaves e abraços carinhosos. Sexo estivera fora de questão.

Mas agora, ela podia sentir o corpo inteiro formigando enquanto empurrava a língua contra os lábios dele, dançando sobre sua pele, até que Richard abriu a boca e deslizou a língua contra a dela. Ele beijou-a de volta e ambos ficaram sem fôlego. Ela não se afastou. Em vez disso, pôs as mãos ao redor da cabeça dele e puxou-o para perto até sentir os pulmões começarem a queimar.

Foi Richard quem interrompeu o beijo, sem fôlego para falar. Ele ficou corado de vergonha quando olhou para baixo e viu sua ereção encostada no quadril dela.

– Desculpe – ele mal conseguia encará-la nos olhos enquanto falava, fixando-os num ponto do papel de parede azul acima do ombro dela.

Hanna silenciosamente pôs uma mão sob o queixo dele, ajeitando a posição do seu rosto até que os olhos deles se encontrassem. Ela o viu morder o lábio, com uma expressão confusa no rosto. Quando teve certeza de que ele estava olhando para ela, inclinou-se outra vez, passando os lábios de leve sobre os dele, aumentando a pressão até sentir o desespero saindo de cada poro.

Suas mãos foram para a camisa dele, puxando-a para fora da calça. Ela pousou uma mão sobre sua barriga. O toque gentil contra o abdômen não ajudou a reduzir a reação dele, e ele estava quase dolorosamente duro.

Ela abriu a camisa dele e puxou sua calça para baixo, tirando o próprio pijama, com as mãos tremendo. Seu coração bateu acelerado quando sentiu a pele contra a dele, a resposta ao corpo nu dele era visceral e intensa.

– Tem certeza? Sinto que estou forçando você – Richard sussurrou.

Hanna puxou-o para cima dela, colocando as mãos ao redor dele enquanto tentava alinhar seus corpos.

– É o contrário – ela fechou os olhos quando sentiu ele penetrá-la, deslizando até estar inteiramente dentro dela. – Preciso disso, Richard. Preciso de você, não pare, por favor.

Capítulo 13

3 de julho de 2005

Hanna usava seu desespero como um cobertor de ferro a cobrir seu corpo; ele a reconfortava e lhe causava dor em medidas iguais, e era de algum modo tranquilizante em sua tristeza implacável. Como o sol que nascia de manhã, ela podia contar com a companhia dele durante o dia. Mas à noite, quando se enrolava em sua cama de infância, deixava a dor consumi-la até que gritos abafados subiam à garganta. Hanna apertava as mãos com os punhos fechados, como se pudesse de alguma maneira lutar contra a angústia.

Era uma batalha que ela não conseguia ganhar.

Durante o primeiro mês após a morte de Diana, pareceu correto e normal que ela estivesse de luto pela mãe, e ela não pensou duas vezes sobre o modo como se sentia. Richard retornara a Nova York uma semana depois do funeral, implorando para que ela fosse com ele, mas as lembranças de Diana e a necessidade de resolver algumas questões pendentes ancoravam Hanna a Londres. Durante a separação deles, ela se sentira progressivamente mais sozinha, incapaz de responder às ligações ou aos e-mails sem desmoronar, e encontrando desculpas para impedi-lo de vir visitá-la. Ela queria superar a depressão sozinha, sem que ele descobrisse o quanto ela se sentia mal.

Contudo, à medida que o tempo passava e os bulbos floridos da primavera davam lugar ao calor do verão, a tristeza continuava igual. Ela só deixava a casa pelos motivos mais urgentes, e mesmo assim se via correndo de volta assim que podia.

Em junho, atingiu seu ponto mais baixo. Recusava todos os convites, e deu todas as desculpas possíveis para não se encontrar com os Larsen ou falar com Richard. Estar com eles lembrava-a de tudo que havia perdido, e a inveja que sentia, sempre que via a família unida, a consumia. Ela se odiava por sentir-se daquele jeito.

No trabalho, recebera uma advertência por atrasos e faltas. A cada palavra que o editor dizia, ela assentia e concordava; estava apática, indiferente e nada profissional, e a opinião ruim que ele tinha dela só comprovava a opinião igualmente ruim que ela tinha de si mesma.

Eram onze da manhã de um domingo, e ela ainda estava meio adormecida, o cabelo fosco e ensebado. O pijama que usava há dez dias precisava ser lavado com urgência. As batidas na porta soaram através da sua tristeza como as batidas de uma bateria, e ela não tinha energia suficiente para se arrastar da cama e abrir para quem quer que fosse.

Então os gritos começaram.

– Sei que você está aí, Hanna, abra a porta! – a voz transpôs o corredor e invadiu seu quarto, e ela fechou os olhos na esperança de que a pessoa desistisse e fosse embora. Assim que se acomodou de volta no travesseiro macio, ouviu uma chave virar na fechadura, e uma batida quando a porta atingiu a parede.

Claramente, ela tinha companhia.

Ela podia ouvir passos enquanto o visitante atravessava a sala, tornando-se mais altos à medida que a pessoa se aproximava do quarto. Um sentimento de resignação passou por ela quando percebeu que teria que enfrentar quem quer que fosse, e tentar expulsá-lo do apartamento o mais rápido possível. Eles não entendiam que ela queria ficar sozinha?

– Deus, está fedendo aqui dentro – Ruby torceu o nariz ao entrar no quarto, imediatamente olhando para Hanna e a encontrando enrolada em lençóis que não eram trocados há três semanas.

– Vá embora, Ruby – até para si mesma, sua voz parecia monótona e cansada.

– Não vou a lugar nenhum. Terminei minha última prova, tenho todo o tempo do mundo para fazê-la entrar no chuveiro – Ruby foi até a janela e escancarou as cortinas. Um pouco de poeira caiu do tecido para o chão.

Hanna piscou algumas vezes, tentando ajustar os olhos à luz da manhã. Ruby estava franzindo a testa, e sua expressão normalmente calma parecia agitada, aumentando a ansiedade de Hanna.

– Só quero dormir. Estou tão cansada – Hanna fechou os olhos.

– Hanna, estamos tão preocupados com você. Você nunca liga pro Richard, não vem mais visitar a mamãe e o papai. Não me mandou uma única mensagem pra saber como vão as minhas provas. Nem parece você mesma.

Hanna mordeu o lábio para deter uma resposta, porque queria dizer a Ruby que não se importava nem um pouco sobre como os Larsen estavam se sentindo ou que eles nunca tinham notícias dela. Ela era como um estranho no ninho, envenenando a família feliz com sua tristeza e inveja, e eles estavam melhores sem ela.

Ela estava tão brava por não ter mais uma mãe para confortá-la ou amá-la.

– Estou bem, Ruby. Um pouco cansada, um pouco emocional, mas nada com que não possa lidar – Hanna puxou os lençóis para cima, cobrindo seu rosto completamente. Ruby tinha razão, o cheiro no quarto estava terrível.

– Você não está bem – os olhos de Ruby estavam ficando úmidos, e a voz dela refletia seus sentimentos. – Não está nada bem. Deixe-me ajudá-la, Hanna, por favor.

– Só preciso fechar os olhos. Vou estar melhor amanhã.

– Você procurou um psicólogo, pelo menos?

– Não tem porquê. Sei o que há de errado comigo, só não consigo me importar.

– Por que não liga pro Richard? Ele está ficando louco de preocupação – o rosto de Ruby começou a desmoronar; ela puxou as bochechas para dentro e mordeu o interior da boca.

– Não sei o que dizer – Hanna sussurrou. Toda noite, ela dormia com o nome dele nos lábios, e acordava nas primeiras horas da manhã seguinte com a imagem dele apertando seu coração como um torno.

– Ele te ama, Hanna. Está fora de si.

– Ele está melhor sem mim. Eu só vou deprimi-lo também – ela deixou a cabeça cair de volta no travesseiro e fechou os olhos.

– Deixe-o vir visitá-la, ele está desesperado.

– Não posso – as lágrimas que vinham tão facilmente naqueles dias começaram a vazar dos olhos dela. Hanna apertou os olhos como se pudesse, de alguma forma, prendê-las.

Durante os cinco meses de noites de insônia, ela passara muito tempo pensando sobre seu

relacionamento, e ainda não conseguia ver um futuro possível para eles. Eles tinham passado algum tempo juntos – sempre quando ele vinha vê-la por um fim de semana roubado –, mas não era o suficiente para resolver os dilemas dela. Ela nunca se adaptaria à vida dele em Nova York, não importava o quanto tentasse mudar e se acostumar.

Eles estavam num impasse; as coisas só podiam piorar a partir dali. Ela não queria viver em Nova York, e ele não podia viver em Londres. Um deles teria que quebrar o ciclo.

Ela não sabia se era forte o bastante.

Duas semanas depois, ela estava fechando a última caixa quando a campainha indicou a chegada da empresa de mudança. Hanna teve uma surpresa agradável ao ver que eles estavam quinze minutos adiantados, e abriu a porta para deixá-los entrar.

Ela sentiu o estômago revirar assim que viu Richard apoiado no batente, passando uma mão pelo cabelo. O terno dele estava tão amassado que parecia que ele tinha dormido vestindo-o.

Ele provavelmente tinha.

– O que você está fazendo aqui?

Richard irrompeu pela porta.

– Que merda é essa? – o tom dele era suave, mas as palavras eram duras, e ela estremeceu quando o ouviu falar. – Você tentou terminar comigo numa carta?

– Não sabia como dizer...

– Que tal ligar? Ou esperar que eu viesse vê-la? Uma porra de uma *carta*? – o rosto dele estava vermelho. Ele ergueu o papel e começou a rasgá-lo. – Que merda você estava pensando...? – a voz dele sumiu quando olhou ao redor da sala, notando as caixas pela primeira vez. – Você está de mudança?

Hanna balançou a cabeça lentamente.

Parando na frente dela, Richard estendeu uma mão para tocar seu rosto, e ela deu um passo para trás.

– O que está acontecendo? – a voz dele estava baixa demais.

– Estou deixando Londres. Vou viajar.

– Então por que não me disse? Ia só desaparecer?

– Escrevi uma carta – ela sentia-se nauseada, e tentou forçar o corpo a se acalmar. Não podia deixá-lo ver que estava desmoronando.

– Outra merda de carta? – a voz dele falhou. – Não faça isso, querida, por favor.

Deus, ela ia chorar ou vomitar, ou talvez os dois. Ela correu para o banheiro, batendo a porta e trancando-a rapidamente. Por um longo tempo, ficou ajoelhada no chão frio, a cabeça inclinada sobre a privada, o corpo tendo espasmos. Suas mãos tremiam enquanto se apoiava no vaso.

Quando emergiu, ele estava de pé na sala, o celular na mão, gritando ordens no aparelho. Ele devia ter deixado a companhia de mudança entrar – havia homens por todos os lados, usando macacão e carregando caixas e mobília para fora até uma van estacionada no meio da rua.

Hanna observou-os manobrar a cama e o colchão para fora da sala. Mais que tudo, queria voltar para o quarto e enterrar-se sob as cobertas, e colocar a si mesma num armazém junto

com seus pertences.

Richard seguia todos os seus movimentos, em pé no meio da sala, com a expressão séria, os olhos verdes encarando-a. Era angustiante.

– Tenho um voo de Heathrow amanhã – ela deixou escapar, só para quebrar o silêncio dele.

– Pra onde você vai?

– Sydney.

– Vou te visitar.

– Não! – a resposta dela foi firme. – Preciso fazer isso sozinha.

– Não posso concordar com isso – toda a raiva sumiu da voz dele. Hanna percebeu que, apesar de estar mergulhada no desespero, seria ela que teria que ser forte.

– Eu não consigo.

A voz dele era quase um sussurro.

– Você é muito mais do que pensa. Isso não vai acabar nunca.

Hanna foi até ele e passou os braços ao redor da sua cintura, encostando o rosto no peito dele, sem discernir qual dos dois estava tremendo mais. Inclinando o queixo para olhá-lo, Hanna viu lágrimas escorrendo pelo rosto dele, iguais às que corriam pelo dela, e ergueu-se na ponta dos pés para beijar os lábios dele.

Caindo de volta na sola dos pés, afastou-se e pegou a bolsa, passando a alça sobre o ombro enquanto se dirigia para a porta.

Não podia olhar para ele de novo, sabendo que sua expressão a faria mudar de ideia. Em vez disso, fechou os olhos, pôs a mão na maçaneta e esperou que o rangido da porta parasse para ter certeza de que ele a ouviria.

– Sinto muito, Richard.

Capítulo 14

4 de março de 2006

– Você tem certeza de que quer fazer isso? – Richard olhou o meio-irmão diretamente nos olhos, procurando sinais de hesitação. Daniel levou a taça à boca com mãos trêmulas, os lábios contraindo-se quando engoliu. No último ano, seus tiques nervosos tinham aumentado, e agora Richard não sabia quais movimentos eram intencionais e quais não eram.

– Não quero fazer mais parte disso, não consigo nem entrar no prédio. Porra, não consigo nem estar em Manhattan sem ter um ataque de pânico – a batofobia de Daniel tinha começado de repente, depois que ele saíra da reabilitação e tentara ficar limpo. Na primeira vez em que tinha tentado entrar no saguão da Maxwell Enterprises, desabara e foi levado embora de ambulância.

Era quase impossível viver em Manhattan quando se tinha pavor de prédios altos.

– O que você vai fazer com todo esse dinheiro? – Richard perguntou.

– Vou encontrar um lugar com prédios baixos e sol o ano inteiro – Daniel abriu um sorriso sutil.

– Isso reduz suas possibilidades – Richard tinha que se lembrar que o meio-irmão tinha quase vinte e três anos. Eles tinham combinado de se encontrar no Stone Creek Inn, em East Quogue, não muito longe da casa que Daniel herdara do pai, nos Hamptons. Ele ficava lá de vez em quando, preferindo o lugar às viagens terríveis a Manhattan, embora tivesse colocado a residência à venda também, junto com sua parte da empresa.

Durante o resto do tempo, Daniel ia de um lugar a outro, ficando com amigos e conhecidos por mais tempo do que era bem-vindo. O consumo de drogas parecia intermitente, embora ele já tivesse tido uma passagem pela reabilitação naquele ano.

– Quero viajar um pouco primeiro, ver o que tem por aí. Nem tenho certeza de que quero morar nos Estados Unidos.

– O que sua namorada pensa disso? – Richard não conseguia se lembrar do nome dela. Elas mudavam a cada mês e eram bastante intercambiáveis: loiras, altas e felizes em aceitar os presentes que Daniel lhes dava.

– Terminei com Marie. Ela começou a falar sobre anéis de noivado e comprar uma casa – Daniel estremeceu. – De repente, vi minha vida passar diante dos meus olhos.

Richard permaneceu em silêncio, tentando não pensar em como, devido à decisão de Daniel, o filho que terminaria como Leon Maxwell seria ele, Richard.

A salada de abacate estava bem temperada, e eles terminaram os pratos rapidamente. Daniel pegou um pãozinho e passou manteiga nele antes de enfiá-lo na boca.

– Falando em ex-namoradas, você teve alguma notícia de Hanna?

Dessa vez foi Richard quem tomou um grande gole de vinho antes de pôr a taça de volta

sobre a toalha branca.

– Ruby me disse que ela ainda está viajando.

Não era mentira, mas não era toda verdade também.

– Ela entra em contato com você?

– Não.

– Talvez eu a encontre nas minhas viagens – Daniel ergueu os olhos para a garçonete enquanto ela servia os pratos principais, os olhos brilhando com a visão do bife. – Seria legal.

Richard tossiu, quase cuspiando o vinho. Ele não sabia se as lágrimas que subiram aos olhos eram por quase ter engasgado ou pela irritação.

– O mundo é meio grande, Daniel. Tenho certeza de que seria como encontrar uma agulha num palheiro – ele não conseguiu esconder o sarcasmo na voz.

– Mas seria legal, sinto falta dela. Era uma das poucas pessoas que eu gostava de ver quando estava preso na reabilitação.

– Ela te visitou duas, três vezes no máximo. Eu estava lá toda semana – o canto da boca de Richard curvou-se para cima um pouquinho.

– Ela era memorável. E costumava me mandar e-mails.

O risoto de lagosta transformou-se em cinzas na boca de Richard. Ele lembrava-se dos e-mails, e das mensagens, e das cartas, e dos presentes. Para não mencionar os encontros físicos.

– Tenho quase certeza de que ela não está passando o tempo num antro de drogas em Marrakesh.

– Atingi um ponto delicado? – a faca de Daniel caiu no chão com um som alto e metálico, quando o braço dele deu um espasmo violento. Ele reclinou-se na cadeira e respirou fundo enquanto a garçonete buscava outra, e indicou para que ela servisse o resto do vinho tinto em sua taça já vazia.

Richard deu de ombros e terminou o risoto, cuidadosamente colocando os talheres no prato vazio.

– Não importa. De qualquer jeito, estamos aqui para falar dos seus planos. Preciso saber para onde você quer que eu envie o dinheiro. Assim que seu advogado nos der os papéis assinados na segunda, a gente faz a transferência.

– Só ponha na minha conta.

– Não acho que seja uma boa ideia. Você sabe quanto dinheiro vai ganhar?

– Não sou um idiota, Richard. Tenho um consultor financeiro.

Foi a vez de Richard dar um sorriso irônico. Talvez Daniel ficasse bem, no fim das contas.

Capítulo 15

20 de janeiro de 2007

A varanda tinha sido decorada com bexigas e serpentinas, como um arco-íris um tanto estranho e extravagante. O nome de Ruby estava escrito em cima da porta em letras rosas. Hanna parou ao pé da escada, paralisada pelo nervosismo, apertando uma sacola de presente roxa estampada. Uma música baixa saía da casa, e luzes de discoteca brilhavam na janela, indicando que a comemoração estava começando.

Ela não tinha certeza se conseguiria fazer aquilo.

Tom tinha prometido que estaria lá a noite toda e não sairia do lado dela em nenhum momento. Ele já tinha chegado, pois concordara em tocar para Ruby e precisava montar o equipamento. Hanna sabia que só ficaria sozinha por alguns minutos antes de estar sob a proteção dele.

Mas somente minutos já seriam o suficiente. Ela não via Claire ou Steven desde que voltara para Londres em novembro, e estava morrendo de medo do que eles poderiam dizer.

– Você vai entrar ou o quê? – Ruby abriu a porta, impaciente. – Está parada aí há horas.

Hanna sorriu e subiu as escadas correndo.

– Feliz aniversário, querida – ela jogou os braços ao redor de Ruby e apertou-a firme.

– Estou tão feliz que você está aqui. Estava com medo de que não viesse.

– E perder o show do Tom? Mal posso esperar pra vê-la gritar como fã enlouquecida – o rosto de Ruby ficou corado.

– Não sou uma fã enlouquecida, só acho que ele é um bom cantor.

– É claro que é – Hanna deu uma piscadinha e entregou o presente para Ruby. – Não mostre isso para Claire ou Steven. Eu queria te dar algo bonito pra usar na cama.

– É sexy?

– Não! – foi a vez de Hanna corar. – Mas é bonito e sofisticado, apropriado para uma jovem dama. Não sei se seus pais entenderiam.

Quando entrou no saguão, uma sensação de familiaridade passou por ela. Era como entrar num sonho meio vago. Tudo parecia igual.

– Tom me disse pra levá-la direto até ele. Ele montou as coisas no porão – Ruby agarrou a mão de Hanna e puxou-a para as escadas que levavam ao subsolo. – Ele vai começar o show em meia hora.

– Ele disse o que vai tocar? – Hanna perguntou, imaginando se poderia fazer um post no blog sobre aquilo depois.

– Não, quer que seja surpresa.

Elas chegaram ao pé das escadas, e Hanna podia ouvir Tom dedilhando a guitarra Les Paul. Assim que entraram, Tom ergueu os olhos através dos cílios dourados e abriu um grande

sorriso para ela.

– Ei!

– Oi – ela se sentia como uma criança que tinha acabado de encontrar seu cobertorzinho. De repente, conseguia respirar de novo.

– Você contou pra ela? – ele virou-se para Ruby, a testa levemente franzida.

– Ainda não, achei melhor contarmos aqui.

– Contar o quê? – Hanna perguntou, sentindo uma apreensão súbita.

– Mamãe e papai querem te ver – Ruby disse depressa, voltando-se para Tom quando percebeu que tinha revelado o segredo.

– Agora? – de algum modo, ela tinha achado que teria tempo antes de vê-los. Estava completamente despreparada para a reação deles à sua reaparição na vida de Ruby.

Tom levantou-se da cadeira e cuidadosamente colocou a guitarra no apoio. Então foi até elas e jogou os braços ao redor das duas.

– Vai ficar tudo bem. Você teria que vê-los em algum momento.

– Mas não estou pronta. Não sei o que dizer... – “desculpe” não parecia suficiente.

– É o lugar perfeito para encontrá-los de novo. É uma festa, você não consegue nem ouvir seu pensamento.

Hanna deu um passo para trás e afundou-se no sofá xadrez, o coração acelerado com a ideia de que teria que explicar a Claire por que havia desaparecido da vida deles. Na terapia, ela aprendera que esse era um passo necessário para reconstruir seus relacionamentos e reabrir o diálogo. Mas agora estava hesitante, querendo adiar o inevitável. Não sabia se conseguiria suportar a rejeição ou o olhar de desprezo que estava fadada a encontrar nos olhos deles.

– Eles já sabem que estou aqui? – fazia meses que ela não tinha um ataque de pânico, mas reconheceu os sinais imediatamente. Precisava controlar a respiração e se concentrar em tirar os pensamentos negativos da mente. Meu Deus, por que tinha parado de tomar os remédios?

– Eu disse que você estaria aqui daqui a pouco. Eles já viram Tom...

– Eles estão felizes por você ter vindo, não precisa se preocupar – Tom acrescentou.

– Não foi você que abandonou o filho deles – Hanna lembrou. – Claro que estão felizes em ver você.

– A gente sabe que você não estava bem, Hanna – Ruby acariciou o cabelo dela. Quando é que elas tinham trocado de papéis? – Você não era você mesma, mas está melhor agora. Richard não guardou rancor, e meus pais também não.

Fechando os olhos, ela se lembrou de que nada ia machucá-la; ela ficaria bem. Repetiu o mantra que o psicólogo lhe havia ensinado: *meu coração ainda está batendo, estou respirando, posso fazer isso*. Ela inspirou ar pelo nariz e expeliu pela boca, gradualmente reduzindo a quantidade de ar inspirada até o coração bater num ritmo lento e regular.

– Estou bem – ela tentou abrir um sorriso tranquilizador. – Não tenho um desses faz bastante tempo.

Ruby parecia assustada, mordendo o lábio inferior enquanto a encarava com olhos escancarados.

– Eu posso falar para eles ficarem longe, Hanna. Você não precisa encontrá-los.

Hanna virou-se no sofá para olhar Ruby diretamente.

– Vou ficar bem – sua voz estava mais forte e, ela esperava, encorajadora. – Preciso ver seus pais em algum momento. Afinal, somos praticamente uma família.

Ela mal tinha terminado de falar quando Ruby lançou os braços ao redor dela e enfiou o rosto no seu pescoço.

– Estou tão feliz que você voltou de vez! Senti tanta saudade.

– Senti saudade de você também – os olhos de Hanna começaram a marejar enquanto ela abraçava Ruby de volta. – Muito mesmo.

Claire estava na cozinha quando Hanna finalmente teve coragem de ir ao seu encontro. Era como se o tempo tivesse voltado sete anos e Hanna fosse adolescente outra vez; insegura sobre si mesma e seu papel na vida, sentindo-se inferior em relação à rica família Larsen e à confiança social deles.

A ausência de Richard era como uma faca no peito. Em toda parte havia lembretes do que ela tivera e perdera. Um amor descartado tão estupidamente. Mais do que nunca, ela queria voltar no tempo e ser aquela garota outra vez, a garota que tinha rido com os Larsen e ajudado a mãe em festas.

– Oi.

Claire virou-se, sua expressão neutra transformando-se num enorme sorriso. Ela pôs a mão sobre o coração.

– Ah, Hanna! Não acredito que você está aqui!

Deixando cair o guardanapo que tinha nas mãos, ela contornou o balcão e foi até a porta, envolvendo Hanna num abraço.

Hanna ficou congelada no início, surpresa com o entusiasmo da recepção de Claire. Um instante depois, no entanto, abraçou-a de volta, enterrando a cabeça nos ombros da mulher e sentindo as primeiras lágrimas quentes escaparem dos olhos. Ela não conseguia se lembrar da última vez que a tinham abraçado daquele jeito, e aquilo era um lembrete nítido do que ela tinha perdido. Não apenas Diana – embora a morte da mãe tivesse sido terrível –, mas Richard também.

Um momento passou antes que ela levantasse a cabeça do ombro de Claire, enxugando as lágrimas do rosto. Claire pousou as mãos nos braços dela e deu um passo para trás, olhando-a com um sorriso triste nos lábios.

– Senti muitas saudades. Nunca mais fuja desse jeito de novo.

A advertência fez Hanna sorrir atrás das lágrimas. Claire puxou-a para dentro da cozinha, fechando a porta para que tivessem um pouco de privacidade e alguma proteção da música que vinha do sistema de som.

– Sinto muito, Claire – Hanna mordeu o lábio para não começar a chorar outra vez. – Não sei em que estava pensando. Ou talvez não estivesse pensando.

– Você estava de luto por sua mãe, não foi culpa sua. Sei que precisava de espaço, mas rezei todos os dias para que voltasse pra casa.

– Como uma filha pródiga? – Hanna tentou brincar, mas os soluços eram reveladores.

– Como um membro amado da família, Hanna, e você é muito amada. Espero que saiba disso.

– Eu estava com tanto medo que você me odiasse por ter fugido.

– Nunca poderia odiá-la – Claire também estava chorando agora. Lágrimas cinzas de rímel deixavam marcas no rosto. Ambas precisariam retocar a maquiagem antes de sair em público

outra vez. – Nem se quisesse teria conseguido culpá-la. Você estava tão triste e deprimida, tentando encontrar algo que não sabia o que era. Espero que tenha conseguido alcançar um pouco de paz na Austrália.

Hanna fechou os olhos e pensou sobre seu tempo em Sydney. Primeiro tinha ficado perdida, percebendo que a tristeza da qual estivera fugindo a seguira até o outro lado do mundo. Tinha sido um alerta nítido, que a atingira profundamente. Mas, aos poucos, ela conseguira sair daquele abismo de desespero. Não fora rápido nem fácil, e ela caíra mais vezes do que conseguia se lembrar, mas uma hora foi finalmente capaz de emergir na luz clara do dia.

– Estou trabalhando na parte de encontrar paz – ela admitiu, irônica – mas é mais fácil falar do que fazer.

– Por que não me conta sobre seu novo emprego? Ruby disse que tem algo a ver com blogs, seja o que for um blog...

Pela primeira vez um sorriso genuíno apareceu no rosto de Hanna, iluminando seus olhos enquanto ela começava a falar.

– Uma colega começou um site de resenhas de música, que ela quer expandir para incluir outras coisas também. Sou a editora de música, o que é fantástico, e mesmo que seja só eu por enquanto, estou recrutando alguns *freelancers* para ajudar.

Claire apenas a olhou, um sorriso puxando o canto dos lábios.

– Você fica tão animada quando fala sobre seu trabalho, é lindo de ver.

– Era a única coisa me mantendo sã – Hanna admitiu. – Quando todo o resto estava se despedaçando, era algo em que eu podia me apoiar.

– Você podia ter se apoiado na gente também – a voz de Claire estava baixa. – Quero que se lembre disso, caso se sinta mal daquele jeito outra vez.

O nervosismo voltou quando Hanna percebeu quanto sua rejeição devia tê-los machucado. Se Claire estava se sentindo tão mal, o que ela tinha feito com Richard?

– Vou me lembrar – as pernas dela tremiam, e ela apoiou-se no balcão da cozinha para não cair. – Obrigada por ser tão gentil...

Ela foi interrompida pela porta sendo aberta subitamente e o som da música invadindo a cozinha. Ambas viraram-se e viram Steven, usando uma calça cinza e um suéter azul, o cabelo loiro caindo sobre a testa.

– Aí está você! Acho que Ruby está pronta para a gente no porão – Steven sorriu para Claire antes de notar que havia mais alguém lá. – Ah, desculpe, não queria interrom...

Ele parou de falar assim que os olhos caíram sobre Hanna, e sua boca abriu em surpresa.

– Olhe, Steven, Hanna veio para a festa, como tinha prometido a Ruby.

Hanna olhou para Steven e viu um homem dilacerado por suas emoções. Era como se parte dele quisesse celebrar o retorno dela, mas outra ainda estivesse brava por ela ter sumido. Ela não sabia qual lado ganharia.

– Oi, Steven.

– Hanna – a resposta foi curta.

Do canto do olho, ela podia ver Claire gesticulando para ele, embora não desse para ver o que ela estava tentando sinalizar. Steven ergueu as sobrancelhas e deu um aceno breve.

– Como vai?

– Estou bem, obrigada – ela soava tão desconfortável e falsa, não era à toa que ele a estava encarando.

- Você nos deixou preocupados por um tempo, especialmente Richard.
- Steven! – o tom de Claire continha um aviso.
- Não tem problema, Claire, ele tem razão. Como está Richard?

Steven aproximou-se e parou na frente de Hanna; ele era tão alto a ponto dela se sentir intimidada. Ele se parecia tanto com Richard no modo como se portava e como falava que era doloroso tanto quanto reconfortante.

– Não vou mentir, Hanna, foi bem difícil para ele – ele falava devagar, como se estivesse deliberadamente tentando se controlar. – Por um tempo ficou tão deprimido quanto você, mas está bem melhor agora. Parece ter superado e aceitado que você não vai voltar.

As palavras tiniram em sua mente como uma lata chutada num beco. Era tarde demais. No seu esforço de salvar a si mesma, tinha destruído seu relacionamento e qualquer respeito que Richard tinha por ela. Sentindo novas lágrimas surgirem nos olhos, ela apertou-os outra vez, lembrando-se de que aquela deveria ser uma ocasião alegre. Era o aniversário da sua melhor amiga, e ela faria o máximo para comemorar.

Capítulo 16

12 de março de 2008

Hanna estava atrasada de propósito, enlouquecendo Tom com sua procrastinação ao entrar de volta na casa. Primeiro, tinha que verificar se tinha desligado o aquecimento. Depois, quis se certificar de que havia tirado a chapinha de cabelo da tomada. Finalmente, voltou para ver se tinha ligado o alarme antirroubo, depois de tê-lo desligado nas últimas duas vezes.

Ela sabia que estava adiando o inevitável, mas isso não era um grande consolo.

– Tem certeza de que quer fazer isso? – Tom tomou a mão dela, mantendo a outra firme na direção enquanto esperava dentro do carro, fora do apartamento dela.

– Na verdade, não – Hanna engoliu uma sensação de náusea, lembrando-se de que já tinha enfrentado coisas muito piores do que aquilo.

– Não temos que ficar muito tempo. Vamos ver a cerimônia, beber o álcool de graça, e daí voltamos pra cidade e fazemos uma festa a dois.

Hanna sorriu. Ultimamente, as festas deles resumiam-se a tomar uma xícara de chá assistindo ao noticiário. Alguns dias, sentia que tinha muito mais do que seus vinte e seis anos.

– Não vou decepcionar os Larsen, Tom. Eu prometi uma celebridade no casamento deles, e eles vão ter uma.

As palavras fizeram Tom dar uma olhada no espelho retrovisor. O SUV preto habitual estava seguindo-os, dirigido pelo chefe de segurança. Hanna tinha se divertido muito quando conheceu Damon pela primeira vez, e sempre ficava citando frases de *O Guarda-costas* para ele. Seu maior desejo era ver Damon carregar Tom para longe de alguma possível ameaça. Aquilo faria o seu dia.

– Eles querem que eu tire a atenção deles – Tom murmurou. A infinidade de câmeras de celular estava tornando sua vida miserável. Ele constantemente reclamava que “não podia nem ir ao banheiro sem parar no site de fofocas no dia seguinte”.

– Você vai ficar comigo o tempo inteiro, certo? – ela perguntou, inclinando-se para ligar o rádio e estremeceu quando a bateria e o baixo explodiram dos alto-falantes. – Jesus, como você aguenta ouvir esse lixo?

– Você preferiria que eu ouvisse um álbum do Fatal Limits? – Tom parecia divertido. – Porque talvez eu tenha alguns no porta-luvas.

Hanna virou-se para ele, estreitando os olhos.

– O novo?

– Você quer dizer a versão recentemente gravada, não editada e inédita? – Tom ainda batia os dedos na direção no ritmo da cacofonia emanada do estéreo do carro.

– Não – Hanna disse, sarcástica. – Só gosto de ouvir suas músicas velhas.

Dando um tapinha na perna dela, ele inclinou-se sobre ela e abriu o porta-luvas. Todos os

CDs que havia enfiado lá desabaram sobre as pernas de Hanna, alguns caindo no chão, e ela abaixou-se para pegá-los.

Ignorando as reclamações dela, Tom pegou um CD em branco e colocou-o no estéreo, e as notas suaves de um piano tranquilizaram as orelhas de Hanna.

Ele conseguiu esperar uns dois minutos durante a primeira música antes de perguntar o que ela achava.

Naquela altura, ela tinha enchido o porta-luvas de novo e fechado o compartimento, fazendo uma nota mental para nunca deixar aquilo ser aberto em sua presença outra vez. Era pedir para um acidente acontecer.

– É uma mudança do último álbum – ela sugeriu, a testa franzida enquanto se concentrava na música, notando que a banda de guitarristas estava usando muitos recursos eletrônicos. Uma base discordante parecia preencher todas as músicas.

– A gente queria experimentar algo novo – Tom tentou dar de ombros, indiferente. Em seguida, notando a concentração de Hanna, ficou quieto e deixou-a escutar.

Eles permaneceram em silêncio durante a viagem de uma hora. Hanna estava tão focada em ouvir o CD que mal notou quando Tom imbicou o carro na entrada e estacionou. Só quando ergueu os olhos percebeu que já estavam no local, prontos para ver o filho Larsen mais velho casar com sua noiva de um ano.

Ela exalou lentamente, encarando o painel enquanto se lembrava de que tinha renunciado ao direito de se sentir daquele jeito três anos antes.

Richard tinha toda razão em continuar a vida. Ela tinha praticamente implorado a ele que o fizesse. Tinha dito que não havia esperança para eles, e que não queria que ele ficasse esperando por ela.

Então por que ela se sentia tão mal?

– Pronta? – Tom tirou a chave da ignição e inclinou-se para o espelho retrovisor, puxando os lábios sobre os dentes e esfregando-os com o dedo, como se estivesse procurando pedaços de comida no meio deles.

– Sim – Hanna abriu a porta e virou-se para sair, alisando o vestido azul ajustado sobre as pernas. Os saltos dos sapatos enterraram-se no cascalho, e ela teve que fazer um esforço extra para atravessar a entrada.

– Pode tirar esse sorriso da cara, McLean – ela rosnou, enquanto Tom assistia seus esforços com diversão. – Senão vai ter que me carregar.

– Adoraria, mas tenho uma turnê mundial daqui a pouco. Não quero me machucar.

Eles foram guiados até o salão de baile principal, que tinha sido arrumado para a cerimônia de casamento. Hanna e Tom sentaram na última fileira de cadeiras, ambos esperando não ser notados – embora por motivos diferentes.

Os poucos minutos antes da cerimônia começar permitiram que Hanna examinasse o salão sem ser olhada, e ela desfrutou do anonimato. Viu Steven e Claire sentados na primeira fileira, junto com Ruby e a mãe de Claire, que ainda estava firme aos noventa e três anos.

Então o coração de Hanna começou a acelerar.

Na frente deles, Richard e Nathan estavam à direita do salão. Nenhum dos dois conseguia ficar parado, e ela viu Nathan cutucar Richard, que rapidamente respondeu com um tapa no braço. Claire inclinou-se e disse algo para eles e, o que quer que tenha sido, os dois explodiram em gargalhadas. Hanna inspirou fundo quando Richard se virou e ela viu seu

perfil, a luz do sol que entrava pela janela criando um halo atrás da cabeça dele.

Ele ainda era tão bonito quanto ela se lembrava. Ela traçou a linha do seu nariz reto até os lábios e o maxilar forte. Não conseguia determinar daquela distância se ele estava barbeado – embora imaginasse que sim –, mas em algum lugar da sua mente aflorou a lembrança de cafés da manhã na cama, queixo com barba e roupas jogadas pelo quarto, fazendo seus olhos arderem.

Richard inclinou-se e sussurrou alguma coisa para a mulher sentada ao lado de Lillian, e ela alisou seu terno. Hanna prendeu a respiração enquanto Richard olhava para a mulher, seu sorriso gentil e torto. Ruby já tinha falado a Hanna sobre Meredith, a noiva de Richard.

Antes que Hanna conseguisse reagir à cena à sua frente, a marcha de casamento começou, e todos se voltaram para ver a noiva de Nathan, Lucy, atravessando o salão no braço do pai, seguida por uma série de damas de honra. Quando se voltaram para ver a procissão nupcial, os convidados também foram alertados da presença de Tom. Hanna observou indignada que mais pessoas começaram a tirar fotos com as câmeras de celular, ignorando a noiva por completo.

Ela se perguntou se levar um cantor famoso a um casamento Larsen tinha sido uma ideia tão boa assim.

– Parece que o segredo escapou – ela sussurrou. Tom tentou parecer indiferente e ignorar os flashes. – Desculpe.

– Acontece sempre – Tom respondeu, olhando por cima do ombro para um segurança tentando permanecer invisível no fundo do salão. – Não se preocupe, Hanna. Estou aqui por você.

Eles tinham passado dias discutindo se ela deveria ir ao casamento. Primeiro ela pensara que o convite tinha sido enviado só por educação, na esperança de que ela o recusaria. Mas tanto Claire como Nathan tinham ligado e insistido para que ela fosse, e prometido que não haveria nenhuma estranheza entre ela e Richard. Claire até sugerira que Tom fosse o acompanhante dela, sendo sem dúvida encorajada por Ruby, que mantinha uma devoção impressionante ao cantor.

Depois da cerimônia, eles foram para a sala de jantar para o café da manhã de casamento. Ela e Tom sentaram-se numa mesa no meio do salão cheia de jovens de vinte e poucos anos. Hanna não conseguia parar de olhar para a mesa principal, os olhos buscando Richard e pousando sobre o rosto dele.

– Você precisa parar de olhar para lá – Tom sussurrou para ela depois de um olhar particularmente demorado. – Uma hora ele vai perceber.

Hanna corou e desviou os olhos de novo. Fixando-os no relógio, ela se perguntou como aguentaria o resto do dia. Não tinha certeza se conseguiria passar outras oito horas sem fazer um papelão.

– Lembre-me disso – ela respondeu, antes de se virar para o cara chamado “Mosh” que sentava à sua esquerda. Ele estava tentando contar uma anedota extremamente bizarra envolvendo Nathan, uma escova de dentes esquecida e uma escova sanitária. Hanna ficou contente por ter terminado a comida antes de ele começar a história.

Os brindes seguiram-se à refeição, e quando Richard se levantou para fazer o discurso de padrinho, ela sentiu Tom pôr o braço ao redor de seus ombros outra vez. Hanna encostou-se nele, agradecida por ele estar lá para apoiá-la. Ouvir Richard falar sobre amor verdadeiro era

como ter uma faca sendo enfiada no coração, por mais bem-humorado e alegre que fosse o discurso. Seus lábios moviam-se suavemente enquanto falava, e de vez em quando suas sobrancelhas se erguiam para acentuar uma piada, fazendo os convidados rirem junto com ele. A parte preferida dela foi quando ele fez o brinde ao casal feliz. Ela assistiu-o levantar a taça para tomar um gole, e pôde ver seu pomo de adão sob a pele esticada do pescoço.

À medida que o céu escurecia, os convidados voltaram ao salão de festas para o entretenimento. Uma banda se instalou num canto, e eles começaram a tocar músicas modernas e populares, o que divertiu tanto Hanna como Tom. Aos poucos, as pessoas foram para a pista de dança, energizadas pelo álcool e pela comida, prontas para começar a dançar.

Tom foi ao banheiro, prometendo a Hanna que voltaria o mais rápido possível. Ela dirigiu-se para o bar, pedindo uma cerveja, esperando que ela lhe desse um pouco daquela “coragem holandesa” de que as pessoas sempre falavam.

– Oi.

Hanna virou-se e viu Richard ao seu lado. Meredith estava com ele, sua figura magra de algum modo acentuando o peito largo dele. A mente de Hanna ficou momentaneamente vazia, e ela podia sentir o pânico começando a crescer enquanto tentava pensar no que dizer.

– Oi – não era muito, mas a fez parecer menos idiota.

– Hanna, gostaria de apresentar Meredith Devries. Meredith, essa é Hanna Vincent – Hanna automaticamente apertou a mão da garota, surpresa com sua pele macia e seu pulso flácido.

– É um prazer, Meredith – Hanna estava se surpreendendo com sua habilidade social. Era uma ação quase reflexiva, tão enraizada que falar as palavras era automático.

– Você também. Você é amiga de Lucy?

Richard nunca falara com Meredith sobre ela? Hanna achou aquilo interessante, e pela primeira vez voltou-se para ele. Seus olhos verdes encaravam-na diretamente, focados em seu rosto, mas não em seus olhos. Era como se ele estivesse encarando seus lábios, e por algum motivo ela os umedeceu com a ponta da língua.

– Não, sou amiga de Ruby – era uma explicação razoável.

– Ei, o que eu perdi? – a voz de Tom era como limonada gelada num dia quente, e Hanna agarrou a mão dele.

– Richard estava me apresentando a Meredith – Hanna respondeu.

– Meu Deus, você é aquele cantor, não é? Minha irmã ama suas músicas! – o sorriso de Meredith iluminou-se em seu rosto, e Hanna começou a listar todos os motivos pelos quais odiava mulheres americanas bonitas.

– Ah, obrigado. Você gosta de música?

Meredith inclinou-se e sussurrou de modo conspiratório:

– Quase não ouço música, pra falar a verdade.

As sobrancelhas de Hanna ergueram-se como se estivessem tentando se fundir com seu cabelo. Ela tentou não parecer sarcástica, mas falhou. Seus olhos automaticamente voltaram-se para Richard. Assim que ele olhou para ela, abriu um sorriso, que Hanna se viu respondendo.

Nossa, aquilo era bom.

Apesar da mediocridade da banda, Hanna e Tom fizeram uma tentativa irônica de dançar. Ela teve uma crise de riso quando ele começou a se lançar pela pista numa paródia de John Travolta, fazendo mais do que algumas câmeras conseguissem gravar. Ela não podia deixar de ficar grata a ele por acompanhá-la ao casamento, por se jogar na frente do ônibus só para fazê-

la sorrir. Ele era um amigo de verdade.

Ruby juntou-se a eles depois de um tempo. Querendo lhe dar alguma coisa sobre o que falar quando voltasse para a universidade, Hanna foi ao banheiro, deixando Tom e Ruby dançando uma versão interessante de “Macarena”.

Estava ficando tarde, e os convidados tinham começado a ir embora. O banheiro estava vazio quando Hanna entrou, elegantemente decorado com toalhas e sabonete Molton Brown – nada de secador de mãos e sabonete comum para os convidados na Chalkley Manor.

Depois de espalhar um pouco de hidratante nas mãos, ela abriu a porta e encontrou Richard lá fora, seu rosto sério e os lábios numa linha fina. Suas sobrancelhas estavam franzidas.

– Posso perguntar uma coisa? – ele gentilmente a empurrou de volta para o banheiro, e Hanna sentiu o coração acelerar quando a mão dele agarrou seu pulso. Ambos tinham bebido a noite inteira, e ela se perguntou se era ele ou a bebida falando.

– Sim – era a única resposta que veio à mente, e ela exalou-a como se sua vida dependesse daquilo.

– Você está trepando com Tom?

As palavras fizeram seus olhos se arregalarem e o queixo cair. Por um momento, ela ficou com raiva pela intrusão e pela expressão rude. Mas sua expressão suavizou quando ela começou a se perguntar sobre as razões dele para lhe perguntar aquilo.

– Não, só somos amigos – ela viu a expressão dele relaxar em alívio, e de repente sentiu raiva de novo, sabendo que ele tinha alguém novo e que ela estava sozinha.

Mesmo que fosse sua própria culpa.

– Na verdade, Richard, já que perguntou com tanta educação, não trepo com ninguém há três anos – era óbvio: ele fora o último homem com quem ela dormira.

Ele aproximou-se até que seus corpos estivessem a centímetros de distância, e ela sentiu-se tensa com a proximidade. Um passinho para a frente e os peitos se tocariam. Tudo que ela tinha que fazer era inclinar a cabeça e deixar que ele abaixasse a dele, até que seus lábios se encontrassem num beijo explosivo.

E ela tinha certeza que seria incrível. Pelo modo como estavam sem fôlego, eles estavam a segundos de se renderem à tentação.

– Por que não? – a voz dele era tensa, e ela o viu fechar as mãos em punhos, como se estivesse tentando se impedir de tocá-la.

Hanna hesitou. A resposta estava dançando nos seus lábios, brincando na sua língua, mas dizê-la seria revelar exatamente como ela se sentia sobre ele. Estaria pronta para aquilo?

Ela se viu se inclinando para ele e, embora estivessem ambos vestidos, sentiu-se completamente exposta. Os olhos dele buscaram os dela, e Hanna sentiu a necessidade de ser honesta, de se jogar na frente dele e admitir o que fizera.

– Porque sempre foi você.

Ele enrubesceu, e a confusão em seu rosto deu lugar à completa raiva. Hanna deu um passo para trás, temendo a resposta dele. Ele soltou um rosnado furioso antes de se virar e esmurrar o espelho pendurado na parede do banheiro, quebrando-o em pedaços que caíram sobre a privada e o chão de azulejos.

Os segundos que se passaram pareceram horas enquanto ambos ficaram congelados, incapazes de se mexer após a revelação dela e a reação dele. Richard estava segurando o pulso, e Hanna se moveu para tocá-lo, vendo sangue em seus dedos, querendo fazer algo para

fazer sua dor ir embora.

A dor física, pelo menos.

– Você não pode fazer isso – o rosto de Richard ainda estava feroz. Ele puxou a mão e ergueu-a até o queixo dela. – Não pode voltar pra minha vida e me dizer que sou o único homem que já quis. Está mentindo, admita.

Hanna balançou a cabeça, incapaz de atender à demanda.

– Porra, Hanna! A mulher que eu pedi em casamento está sentada lá fora, e ela não tem a mínima ideia do que está acontecendo. Você espera que eu parta o coração dela, como você partiu o meu?

– Não – as lágrimas estavam caindo agora, e ela podia senti-las escorrendo pelo rosto. – Sinto muito.

Ela sentia mesmo. Por tudo.

Richard estendeu a mão machucada e trêmula e passou-a pela bochecha dela, enxugando suas lágrimas, até chegar à sua boca. Seu dedão pousou nos lábios dela, tocando-os tão de leve que Hanna mal podia sentir. Sabendo que ele estava no limite, ela ficou congelada, sem ousar se mover por medo do que ele poderia fazer.

– Vou sair agora, e vou tentar esquecer tudo que você disse pra mim – Richard inclinou-se para ela e encostou os lábios no seu rosto úmido. Hanna precisou de toda sua força para não se virar na direção do beijo e pressionar a boca na dele. – Por favor, não me siga nem tente falar comigo. Não sei se conseguiria me controlar.

– Ok – a voz de Hanna era um sussurro, e ela ficou parada como uma estátua entre os cacos de vidro espalhados pelo chão.

Richard afastou-se, sem desviar o olhar até chegar à porta. Depois de abri-la, ele se voltou para ela uma última vez.

– Nunca vi você tão linda quanto hoje.

Capítulo 17

19 de fevereiro de 2009

Richard correu os olhos pela lista de novos aluguéis, mal ouvindo o chefe da divisão imobiliária fazendo a revisão trimestral com o conselho diretor. Desde a crise das hipotecas no ano anterior, a divisão estava sofrendo uma hemorragia de dólares, e ele tinha que manter um olho muito mais atento no que costumavam ser transações regulares.

Novas regras tinham sido criadas, incluindo verificações de crédito mais severas, depósitos maiores, e uma investigação profunda na conta das locatárias, para ter certeza de que eles estavam alugando a empresas que tinham um futuro.

– Qual é essa? – Seth Brown apontou para uma pequena transação no pé da primeira página. – Buzz Media parece uma escolha meio arriscada.

– É uma empresa on-line com base em Londres – Nick Martin, chefe da divisão, tirou o cabelo escuro e fino da frente dos olhos. – Eles passaram por todas as verificações, e nosso corretor se encontrou com a representante deles e me deu um balanço completo.

– Há quanto tempo eles estão em atividade? – Richard perguntou, virando as páginas à sua frente até encontrar mais detalhes da transação.

– Quase três anos, não acabaram de abrir. Uma das sócias veio para Nova York montar o escritório deles aqui. É com ela que nosso corretor vem falando.

A Maxwell Enterprises possuía imóveis por todo o país, e raramente lidava direto com os locatários. Em vez disso, terceirizavam a administração dos aluguéis, e só recentemente Richard começara a garantir que os negócios fossem feitos com empresas que não estavam prestes a entrar em falência.

Era um sinal dos tempos.

Quando chegou ao pé da página, ele viu o nome dela, e teve que ler de novo. A última pessoa que ele esperava ver alugando imóveis em Manhattan era Hanna Vincent.

– Tem certeza de que eles estão aqui a longo prazo? – ele encarou o nome de novo. Sua boca ficou seca enquanto tentava assimilar a informação.

– Totalmente. Eles estão recrutando um diretor para ficar aqui. A representante de Londres me garantiu que é um negócio de longo prazo.

Richard reclinou-se na cadeira e juntou os dedos, permitindo que o resto do conselho continuasse discutindo enquanto ponderava o fato de que Hanna estava de volta a Nova York. Depois de tudo que dissera sobre a cidade e todas as vezes que se recusara a se mudar quando eles estavam juntos. Agora ela estava morando lá, e ele nem tinha ficado sabendo.

Ele riu baixinho, repreendendo-se por pensar nela. Na última vez em que a vira – no casamento de Nathan –, ele deixara claro que não queria que ela o contatasse outra vez. Então por que ela deveria ter contado algo a ele, depois que ele fora tão firme? Mesmo assim, o fato

de ela estar vivendo a alguns quilômetros dele foi um choque e tanto.

A maior questão era por que seu pai não tinha contado as novidades, mas Richard tinha quase certeza de que sabia a resposta. Steven tinha visto o estado em que ele ficara depois que Hanna o deixara, e reparou no encontro deles no casamento de Nathan. Ele não medira palavras ao expressar sua opinião sobre ele ter ido atrás de Hanna naquela noite.

A porta da sala de conferências se abriu, e Lisa enfiou a cabeça para dentro, apontando para o telefone que tinha em mãos. Richard entendeu a mensagem e ergueu-se, indo até a porta e sussurrando para a assistente.

– Quem é?

– Meredith, ela diz que é urgente. Está com sua mãe.

Richard fechou a porta e entrou no corredor, erguendo o aparelho à orelha.

– Meredith? – ele não pretendia soar tão severo, mas eles já tinham discutido a frequência das ligações dela, e o que era urgente para ela nem sempre permitia que ele fosse perturbado durante uma reunião.

– Richard, estamos no Westchester Country Club – ao fundo, ele podia ouvir a voz da mãe enquanto ela dizia algo a Meredith. – É incrível, os casamentos deles são maravilhosos! E eles recomendaram a planejadora mais fantástica. Ela não é barata, mas é a melhor e realmente precisamos ligar pra ela.

– Isso não podia esperar até a noite?

– Mas vou viajar amanhã, e queria ligar pra marcar um horário pra gente. Se não fecharmos logo, eles vão ficar completamente ocupados. Estão cheios até o verão de 2011 – ela estava sem fôlego de animação, e Richard fechou os olhos, perguntando-se por que tinha que se envolver com a organização do casamento.

– Ligue pra eles, então, e marque alguma coisa. Você vai ter que falar com Lisa sobre o cronograma.

Meredith deu um gritinho no telefone, fazendo Richard afastar o aparelho do rosto. Um sorriso ameaçou se abrir em seu rosto.

– Então verão de 2011 é o plano, certo? – ele se perguntou se conseguiria lidar com aquelas ligações pelos próximos dois anos.

– É claro, vou levar todo esse tempo para planejar tudo.

Ele precisou fazer algumas ligações, mas conseguiu descobrir mais algumas coisas sobre a Buzz Media e seu escritório em Nova York. A companhia vinha prosperando apesar da recessão, principalmente devido à sua habilidade de criar um site interessante com um orçamento limitado. A expansão nos Estados Unidos era vista, de modo geral, como uma boa ideia para eles.

Esse era o tipo de coisa com o qual Richard nunca se envolvia. O valor transacional era baixo demais para que ele demonstrasse mais do que um interesse passageiro, mas todas as investigações revelavam que a empresa era sólida. Por isso, ele ficou quase chocado ao se ver sentado no banco traseiro de um carro, a caminho da Torre 6, para ver por que Hanna Vincent estava trabalhando em Manhattan.

Jack estacionou o carro fora do prédio de escritórios no centro da cidade, e Richard pediu-

lhe que esperasse, não planejando demorar muito. Ele queria algumas respostas – sentia que as merecia – antes que pudesse voltar para seu trabalho, noiva e planos para o futuro.

Seus planos tão cuidadosos.

O conjunto alugado para a Buzz Media ficava no terceiro andar e não tinha uma vista inspiradora. Era um dos escritórios mais baratos, e Richard não ficou surpreso com a decoração modesta e as cores alegres que encontrou ao sair do elevador.

A recepcionista recém-contratada levava seu trabalho a sério, e examinou longamente o passe de segurança de Richard antes de deixá-lo entrar.

– A srta. Vincent está na segunda porta à esquerda. Vou ligar pra ela e avisar que você está aqui – ela devolveu o passe dele e Richard o pôs no bolso.

– Não precisa, sou um velho amigo. Quero surpreendê-la, Amanda – ele usou uma voz baixa e confiante. Tinha descoberto que usar o nome da recepcionista sempre funcionava.

Atravessou o corredor e abriu a porta, sorrindo quando ouviu música alta saindo de um iPod. Hanna estava em pé, virada de costas, inclinando-se sobre um catálogo, o cabelo caindo sobre os ombros.

Seus dedos formigaram com a memória tátil daqueles cachos aveludados em suas mãos. Tentando ignorar a reação, ele limpou a garganta, fazendo Hanna erguer a cabeça e se virar rapidamente.

Por um instante, ela ficou parada, encarando-o, e ele esperou que ela reagisse. Não tinha certeza se estava esperando boas-vindas calorosas ou um discurso irritado, mas ficou surpreso quando um enorme sorriso se abriu no rosto dela.

– Você me assustou – os olhos dela brilhavam, e ela pôs uma mão no peito, como que para acalmar seu coração acelerado.

– Não era minha intenção – sua voz estava mais baixa do que ele pretendia, e ele limpou a garganta outra vez. – Posso voltar mais tarde...

– Meu Deus, não – ela contornou a mesa e foi até ele, parando quando estava a alguns passos. – É ótimo ver você.

– Você também – ele não conseguia acreditar em como ela ainda parecia a mesma, a pele macia e cremosa destacada pelas maçãs do rosto coradas, os olhos castanho-escuros tão vivos. Era a mesma garota que ele conhecera aqueles anos atrás. Ele desviou o olhar do rosto dela e tentou se lembrar de que estava bravo com ela. Era difícil quando ela parecia tão encantada em vê-lo.

– Então, o que a traz aqui? Claire disse que eu estava em Nova York?

– Não. Por acaso você está alugando um escritório da Maxwell Enterprises. Decidi vir dar uma olhada em você – ele reprimiu um sorriso quando pensou no significado das palavras. – Por “você” quero dizer Buzz Media, não você, Hanna Vincent.

Hanna riu, colocando o cabelo atrás da orelha, e sentou-se no canto da mesa.

– Vamos passar na inspeção?

– Não sei ainda. Por que não me diz por que está aqui? – o tom dele era indiferente, mas Richard estava mais do que interessado em saber mais. Ele puxou uma cadeira e sentou-se, inclinando-se para a frente, ávido para ouvir a resposta dela.

– Fui enganada – ela admitiu, dando de ombros. – Meu chefe me encheu até eu concordar em organizar o escritório em Nova York. Ninguém mais estava disponível, estão todos tendo filhos ou casando, e eu era a única com dupla nacionalidade. Antes que tivesse tempo de

pensar, estava na esteira de bagagens, me perguntando como tinha vindo parar aqui.

Richard reprimiu um sorriso ao pensar em Hanna no meio do aeroporto, percebendo que, de algum modo, tinha se mudado para Nova York apesar dos esforços para nunca fazer isso. Ele não deixou de notar a ironia.

– Onde você está morando?

Hanna começou a balançar a perna, atraindo os olhos dele para sua saia curta e sua pele macia das coxas.

– Estou ocupando o apartamento de Steven e Claire. Acho que estou abaixando o nível do bairro.

– Muitas drogas e festas? – Richard perguntou, tentando olhar para qualquer outra coisa que não as pernas dela.

– Não faço manicure e vou ao cabelereiro o suficiente – ambos olharam para as unhas quebradas de Hanna antes de ela pôr as mãos atrás das costas, tentando escondê-las do escrutínio dele. – E aparentemente usar tênis não é apropriado para uma mulher com mais de vinte anos.

– Tem falado com Olivia? – ele perguntou, lembrando-se de como a madrasta de Hanna costumava criticar tudo sobre ela.

Ela abanou a cabeça com um sorriso.

– Ah, que rude da minha parte, esqueci de perguntar sobre Meredith. Como ela vai?

– Está bem, ficando louca com os planos do casamento. Espero que não vire uma daquelas noivas malucas – ele observou atentamente o rosto dela para perceber sua reação, mas ela permaneceu plácida e aberta, os lábios curvados enquanto o encarava de volta.

– É o momento com o qual toda garota sonha, é direito dela ser uma *prima donna* – a voz de Hanna estava mais baixa agora, e ele começou a se perguntar se aquela calma era fingimento. Ou ele estava se enganando?

– Você sonha com isso? – assim que as palavras escaparam da sua boca, ele quis não ter dito nada. O sorriso de Hanna se desfez e as sobrancelhas dela se franziram.

– Não me permito sonhar, Richard. Estou tentando pensar no aqui e agora.

A vontade de pegá-la nos braços e puxá-la contra si era tão forte que ele sentiu o estômago se revirar. Ela era um misto da garota que ele conhecia antes com a que vira depois da morte da mãe. Sua vulnerabilidade repentina deixava-o quase bravo e, como um homem das cavernas, ele queria arrastá-la dali e escondê-la do mundo.

– Por quanto tempo você pretende ficar? – ele tentou manter o tom leve.

– Pelo menos cinco meses. Tenho tanta coisa pra fazer e ainda não encontrei a pessoa certa pra administrar o lugar.

– Ligue pra minha chefe de RH. Ela pode passar algumas estratégias – Richard tirou o celular do bolso e escreveu um número num pedaço de papel, estendendo-o para Hanna. Ela sorriu antes de hesitantemente estender a mão e colocar os dedos sobre os dele.

No instante em que eles se tocaram, ela recuou como se tivesse sido queimada, deixando um canto do papel rasgado nos dedos dele.

– Desculpe – mordendo o lábio, ela abaixou os olhos. – Estou um pouco agitada.

– Não tem problema. Acho melhor eu ir, de qualquer jeito. Foi ótimo ver você de novo.

– Você também. Obrigada pela visita.

– Gostaria de jantar comigo semana que vem? – ele não sabia de onde surgiram as palavras,

mas não conseguia se arrepender de tê-las dito; todo seu corpo formigava com a ideia de que a veria outra vez. – Podemos botar a conversa em dia.

– Parece legal.

– Deixo você escolher o restaurante – ele precisava sair dali agora, antes que fizesse algo de que se arrependeria depois. Anotou o número do celular em outro papel, perguntando-se se ela ainda se lembrava, já que era o mesmo há todos aqueles anos. Quando entregou o papel, manteve os dedos bem longe dos dela, sabendo que nenhum dos dois queria o choque do contato de novo.

Ele se despediu e saiu pelo corredor, agradecendo ao fato de o elevador só levar alguns segundos para chegar. Quando entrou, encostou a cabeça febril contra o espelho fresco, tentando não se olhar nos olhos enquanto se perguntava que merda ele estava fazendo.

Porque, para todos os efeitos, parecia que ele estava prestes a estragar sua vida.

De novo.

O café Cherry Blossom ficava a apenas alguns quarteirões do apartamento dela. Hanna o tinha escolhido porque conhecia os donos, e adorava a atmosfera relaxada do lugar à noite. No porão, havia apresentações todos os dias. Às vezes, uma banda tocava. Em outras noites, havia recitais de poesia ou até pequenas peças curtas. Você nunca sabia o que veria; só aparecia, pedia sua comida e torcia pelo melhor.

O fato de que eles teriam algo para distraí-los da necessidade de conversar também tinha influenciado bastante a escolha. Ela temia a intimidade de um jantar sofisticado para dois, mas estava igualmente desconfiada da adrenalina de um show. O café tinha o melhor dos dois mundos, e haveria uma mesa entre eles, mas eles não se sentiriam a sós.

Hanna amou aquele lugar desde a primeira vez que pisou lá, alguns meses antes. Sozinha e um pouco ansiosa, ela vagara pelas ruas próximas ao seu apartamento, e assim que empurrara a porta do local, sentira-se em casa. As paredes azuis-escuras e o chão de madeira riscado criavam um nível de despreensão que ela valorizava, e a recepção calorosa de Alonso e sua mulher Elaine tinha reconfortado-a ainda mais.

Ela entrou e acenou para Elaine, que estava anotando os pedidos de um grupo grande num canto, seu cabelo preto longo preso no topo da cabeça, e seu vestido estampado estilo anos 1960 complementando sua figura. Elaine apontou para uma mesa nos fundos, a alguns passos do palco, e Hanna tentou não rir quando percebeu que eles teriam uma posição excelente para assistir a uma apresentação de poesia. Ela esperava que Richard estivesse pronto.

A mesa estava vazia, e o fato de ter chegado antes dele a animou um pouco e reduziu seu nervosismo. Eles eram dois amigos encontrando-se para jantar e conversar, e ela estava totalmente bem.

Até que Hanna o viu.

O sangue pulsou como ácido em suas veias e o coração bateu contra a caixa torácica, fazendo desejo e necessidade perfurarem seu corpo como estacas afiadas. Ela observou enquanto ele se inclinava no bar, o rosto de perfil para ela. Seus olhos traçaram o rosto dele da orelha ao queixo, apreciando o formato do maxilar e o modo como a barba não feita os definia. Ele estava conversando com Alonso, que lhe deu uma garrafa de cerveja. Até daquela

distância ela podia ver que Richard estava sorrindo, as linhas ao redor dos olhos indicando que era um sorriso genuíno.

Quando pegou a cerveja, Richard se virou para ela. Ele estava usando uma calça preta com uma camisa branca, e ela pensou que talvez tivesse vindo direto do escritório, tendo removido a gravata e enrolado as mangas como uma concessão à casualidade do lugar. Ele tinha aberto dois ou três botões da camisa, expondo alguns centímetros do peito, e ela viu alguns pelos encaracolados sobre a pele.

– Está pronta para sentar, Hanna? – a voz de Elaine surpreendeu-a, e ela voltou ao presente. Engolindo as lembranças, virou-se com um sorriso.

– Sim, parece que meu convidado chegou – ela indicou o bar. – Melhor eu ir cumprimentá-lo.

– Sente-se e eu trago uma bebida. Sancerre?

– Ótimo.

Quando se aproximou do bar, Richard notou, erguendo-se do banco. Sua camisa estava levemente amassada, e ela não pôde deixar de observar como os braços dele emergiam das mangas enroladas, a pele quente e os pelos dourados, as linhas dos tendões firmes e nítidas.

Lembranças de mãos fortes e lábios macios assaltaram sua mente enquanto ela inspirava profundamente. Mais um passo e seu rosto estaria contra o peito dele. Ela teve que raspar as unhas curtas nas palmas das mãos para se impedir de fazer aquilo.

– Posso pagar uma bebida? – Richard perguntou, inclinando-se para beijá-la no rosto. Foi menos de um segundo de contato, mas foi o suficiente para fazê-la se sentir em chamas.

Aquilo era uma péssima ideia.

Como ela tinha pensado que podia lidar com aquilo? Hanna vira a ocasião como uma chance de se redimir, um modo de se desculpar por ter desaparecido. Queria desejar felicidades para ele em seu futuro com Meredith, mas em vez disso foi transportada no tempo, para aqueles meses dourados quando o tesão deles tinha explodido, antes que a doença da mãe tivesse quebrado seu coração em dois.

– Elaine já está trazendo uma. Vamos sentar? – ela conseguiu manter a voz firme. Talvez, se interpretasse o papel de amiga, sua mente uma hora aceitasse aquilo.

Hanna guiou Richard até a mesa e, sem olhar diretamente para ele, conseguiu recuperar um pouco do equilíbrio. A caminhada durou uns dois segundos, e então eles se sentaram na pequena mesa do bistrô, a luz morna da vela refletindo em seus rostos.

– Acho que nunca vim aqui antes – Richard disse, erguendo o menu da mesa e correndo os olhos por ele. – Parece um lugar legal.

– Achei que você devia conhecer, já que fica perto do apartamento do seu pai.

Ele deu de ombros, bebendo um gole de cerveja antes de erguer os olhos do menu.

– Acho que perdemos esse lugar. Eles abrem pro café da manhã?

– Não sei. Não como antes do almoço, então nunca perguntei.

– Eu lembro – ele abriu um sorriso irônico, e ela achou que seu coração iria parar.

– Eu nunca pedi desculpas de verdade pra você – ela disse depressa, tentando preencher aquela conversa vazia. – Pela carta. E por desaparecer.

O sorriso dele se desfez. Richard pôs o menu cuidadosamente sobre a mesa, alisando a toalha com a mão. Quando olhou para ela outra vez, era a imagem da calma.

– Você realmente quer falar sobre isso?

Ela assentiu. Mesmo que nunca se vissem outra vez – e com sua estupidez e inabilidade era uma possibilidade – ela queria oferecer a ele a única coisa que tinha. Seu arrependimento.

– Quero que você saiba que aprecio tudo o que fez por mim. Quando minha mãe estava doente, você era a única coisa que me fazia levantar de manhã. Sei que dizem que a pessoa que amamos é quem mais nos machuca, mas isso não é desculpa para eu simplesmente ter ido embora – ela passou os dedos nervosamente pela taça de vinho, enxugando gotas de condensação. – Se é algum consolo, e sei que não é, eu realmente me odeio pelo que fiz.

A risada que ele deu foi leve.

– Não sei se saio dessa com uma medalha de ouro. E, se é algum consolo, sinto muito pelo modo como a tratei no casamento do Nathan. Não costumo ficar violento em banheiros.

Uma visão rápida de um chão de azulejos coberto de vidro tomou-a.

– Eu mereci aquilo.

– Você está sendo muito dura consigo mesma. Eu já superei tudo isso. O que aconteceu, aconteceu, e quem sabe nós dois não saímos mais sábios da experiência?

A magnanimidade dele foi um choque. Ou ele tinha realmente superado, e nesse caso, ela deveria estar feliz por ele, ou era um ótimo ator.

– Me conte sobre a Austrália.

Ela sorriu com sua tentativa de mudar de assunto, decidindo aceitar a oferta de paz.

– É uma época tão estranha. É como se lembrar de um Natal de quando você era criança. Quando penso naquela viagem, é como se estivesse vendo outra pessoa, um eu diferente, que controlou minha vida por algum tempo – ela deu de ombros. – Não sei, talvez eu tenha transtorno de personalidade múltipla ou algo assim.

– Você manteve contato com alguém? – as palavras eram casuais, mas ela tentou ver se os olhos dele revelavam alguma coisa. Não conseguiu.

– Ruby, é claro, e tive que manter contato com Jamie e Natalie por motivos de trabalho. Encontrei Tom e a banda uma vez quando tocaram em Sydney, mas foi um desastre. Fiquei bêbada e chorei a noite inteira, e eles ficaram com medo de me deixar ir pra casa. Acharam que eu pudesse fazer algo estúpido.

Algo brilhou nos olhos de Richard. Ela tentou definir, duvidando se era um truque da luz da vela. Tomando um gole do vinho que Elaine servira, Hanna continuou.

– Levei um tempo pra aprender que é impossível evitar a depressão pra sempre, e uma hora entendi que precisava ir pra casa. Estava adiando o inevitável. Há um certo conforto em estar com as pessoas que você ama.

Ela olhou para ele, nervosa e constrangida com as próprias palavras. Ele devia estar pensando sobre aquilo tanto quanto ela, e manteve os olhos focados nela por um tempo um tanto longo demais.

Sentindo o incômodo dele, Hanna mudou de assunto.

– Então, me fale sobre Meredith, ela parece uma mulher adorável.

– É mesmo – ele concordou, a tensão nos músculos faciais revelando seu desconforto. – A gente se conheceu numa exposição de arte.

– Aposto que Caroline a ama – Hanna provocou, tentando tirar um sorriso dele.

Ele assentiu, inexpressivo.

– Elas parecem ter o mesmo gosto para salões de casamento, pelo menos.

– Vocês escolheram uma data?

Ele deu de ombros, o rosto ficando sério outra vez. Ela perguntou-se por que o sorriso tinha desaparecido.

– Estamos pensando em 2011, só precisamos decidir com certeza.

Quando Elaine trouxe os pratos principais, ele mudou de assunto outra vez, explicando como a crise econômica recente tinha impactado a Maxwell Enterprises e as tentativas deles de escorar os rendimentos da companhia. Ela perguntou sobre Daniel e tentou não deixá-lo ver lágrimas em seus olhos quando ele contou sobre a venda das ações e as dificuldades recentes do meio-irmão.

Ela não sabia se era o efeito do álcool ou o alívio de confessar seus arrependimentos, mas o clima entre eles tinha ficado mais leve quando a apresentação de poesia começou. Elaine tirou os pratos, deixando as bebidas, e Richard moveu a cadeira para se sentar ao lado de Hanna, para conseguir uma visão melhor do palco. O tecido da camisa dele roçou o braço nu dela, e ela não sabia se ficava parada ou se era melhor se afastar.

A proximidade a deixou ansiosa.

– Se eles tentarem me puxar para recitar poesia, espero que você me salve, certo? – ele sussurrou no ouvido dela, fazendo os lábios dela se curvarem para cima.

– Vou apontá-lo como voluntário – ela abriu um sorriso malicioso. – Mal posso esperar pra ouvir seu poema sobre a crise financeira.

– Imagino que seria algo como... *ó, fundo meu de investimento, que levou às hipotecas, pensamos que eram derivativos, mas terminamos...*

– Shhh – ela bateu de leve no braço dele e puxou a mão de volta, envergonhada. – Juro que vou levá-lo pra uma sessão de microfone aberto se não se comportar.

– Você começou – a voz dele tornou-se um sussurro quando uma mulher pulou no palco, sua saia esvoaçante escura alargando-se atrás dela e criando uma entrada lírica.

Eles ficaram em silêncio quando a mulher começou a recitar; as palavras dramáticas eram acompanhadas por um tambor de metal entusiasmado. Ela não mostrava medo de palco ou desconforto algum, e embora Hanna tivesse pouco interesse em poesia – apesar do seu diploma em Literatura –, ela não podia não ficar impressionada pelo modo como a poeta se entregava àquilo. Até Richard conseguiu ficar relativamente quieto, só tendo que esconder sua diversão com uma tosse uma ou duas vezes. Hanna reprimiu o impulso de cutucá-lo nas costelas.

Ele estava sentado perto dela, e não era natural que ela ficasse tão rígida. Como se ainda estivessem juntos, o corpo de Hanna queria se inclinar para a direita, pôr a cabeça no ombro dele e segurar sua mão. A coxa de Richard estava a alguns centímetros da perna dela, e de vez em quando ela olhava a mão apoiada ali, desejando que se movesse para tocá-la.

Será que ele sentia aquela atração tanto quanto ela?

Hanna queria se bater por pensar aquilo. Ele estava noivo de outra pessoa, então ele não era mais dela.

Mas isso não impedia seu corpo de desejar. Suas costas começaram a doer com o esforço de manter a pose rígida. Em sua mente, ela podia ver exatamente como seria a sensação de ter o rosto encostado no peito dele, absorvendo o calor do corpo dele através da camisa. Ansiava por sentir o movimento rítmico do seu peito enquanto ele exalava, o som reconfortante do seu coração batendo contra o dela.

Ela ficou aliviada quando a apresentação chegou ao fim.

Capítulo 18

28 de agosto de 2009

Já era quase noite quando entrou no estacionamento de cascalho. Richard precisou parar um momento para controlar sua expressão, lembrando-se de que tudo caminhava conforme os planos.

De todas as iniciativas de caridade que a Fundação Memorial Maxwell apoiava, o Acampamento Leon era sua favorita. Não era sobre roupas brilhantes ou ver e ser visto. Era sobre as crianças, os filhos daqueles que tinham morrido e dos que mal tinham sobrevivido. Por seis anos, ele as vira crescer. Algumas se transformaram em adolescentes cheios de raiva, que não conseguiam entender seu lugar no mundo. Outras tinham amadurecido, tornando-se homens e mulheres incríveis que voltavam ao Acampamento como conselheiros. Todos tinham um lugar especial no seu coração.

A Fundação tinha comprado o acampamento abandonado em 2002. No primeiro ano, reconstruiu os chalés, tornando a área segura e limpando o lago há muito abandonado. Em 2003, puderam oferecer os primeiros acampamentos gratuitos às crianças do 11 de setembro. Para algumas delas, essa era a única chance de escapar do ar introvertido da cidade; para outras, era a única oportunidade de agir como crianças. A diferença entre o Acampamento Leon e os outros acampamentos era que eles empregavam vários psicólogos para ajudar as crianças a se abrirem e discutirem suas perdas em um ambiente seguro.

– Richard, você veio! – Ruby correu até ele e abraçou-o com força, um enorme sorriso em seu rosto. – Está ouvindo a música? As crianças estão adorando!

O show era uma atração nova naquele ano. Em março, durante uma visita ao escritório nova-iorquino do The Buzz, ele tinha admitido a Hanna que alguns dos adolescentes estavam cansados das atividades típicas de acampamento. Eles já tinham passado por seis anos de canoagem, escalada e natação, e Richard queria oferecer a eles alguma coisa diferente. Só não conseguia imaginar o quê.

Ela o surpreendera ao sugerir um acampamento musical só para adolescentes, oferecendo-se para planejar as atividades e os participantes. Cinco meses depois, usou sua influência para organizar um show no último dia do acampamento, assim como vários workshops ao longo da semana. E tirou uma semana de férias do trabalho para poder coordenar o acampamento. O único arrependimento de Richard era que o trabalho o tinha mantido na cidade até aquele dia.

– Que bom – Richard abraçou a irmã, tentando não repreendê-la pela combinação de minissaia e regata. Fazia mais de trinta graus, afinal. Ele lembrou a si mesmo que ela tinha vinte anos.

– Meredith não vem? – Ruby perguntou, sem saber que estava tocando num ponto delicado. Richard mordeu o lábio, lembrando a briga que eles tiveram antes de ela ir para os

Hamptons.

– Ela está viajando – a resposta foi curta, mas ele ofereceu um sorriso a Ruby para suavizar seu tom.

Ruby sorriu de volta, mas seus olhos estavam sérios.

– Que pena, ela vai perder um show incrível.

Ele tentou não rir. Amava Ruby profundamente, e sempre se impressionava com o modo como ela via o melhor nas pessoas.

– Depois mostro algumas fotos pra ela – Ruby acrescentou.

– Você está se divertindo? – ele perguntou. O rosto de Ruby iluminou-se enquanto ela se lembrava dos últimos dias. Era seu primeiro ano como conselheira, e ela não podia estar mais satisfeita com a confiança que ele tivera nela. Richard ficou feliz por ter ouvido Hanna quando ela sugeriu que ele falasse com Ruby.

– Está sendo incrível! As crianças são ótimas, e Hanna me envolveu em toda a organização. Ela não para de correr pra todo lado, e quando não está falando com as bandas, está sentada com as crianças ou jogando softball com elas.

Ele não sabia como, mas pressentiu que ela estava por perto. Talvez a tivesse visto com o canto do olho, ou os pelos do braço tivessem se arrepiado com a proximidade dela. De qualquer modo, quando ouviu a cadência familiar da risada dela, ele se virou.

Hanna estava entusiasmada conversando com um conselheiro, agitando os braços e sorrindo loucamente. Seus movimentos eram exagerados, e a vitalidade dela o fez querer correr até lá e tomá-la nos braços. Como Ruby, ela estava vestida para o tempo quente. Shorts jeans curtos agarravam-se às suas pernas, e ela tinha amarrado uma camiseta preta de banda acima do umbigo, revelando uma faixa de pele. Mesmo daquela distância, ele podia ver que ela estava bronzeada.

Richard foi até eles, notando com prazer que, quando Hanna ergueu os olhos para ele, um sorriso genuíno se abriu em seu rosto.

– Você veio! – o sol da tarde refletia em sua pele bronzeada. – O que achou?

– Você fez um trabalho fantástico. O diretor não para de me ligar pra perguntar se pode fazer o mesmo ano que vem.

Hanna riu, uma risada rouca e sexy que fez todo o corpo dele doer.

– Sabe, eu adoraria. Estou encantada com as crianças, elas são tão corajosas.

– Não sei como agradecer você por tudo que fez – ele queimava com a necessidade de abraçá-la, mas desde a reconciliação eles mantinham certa distância, como se estivessem ambos cientes de que pisar nas águas turvas do contato físico romperia a barragem delicada que tinham criado.

– Não podia ter feito sem Ruby – Hanna abraçou sua irmã, e por um instante, ele sentiu uma pontada de inveja. – Ela tem sido minha mão direita. Estou pensando em contratá-la pra ser nossa gerente em Nova York – seu tom era leve e provocador.

O efeito colateral positivo do fracasso de Hanna em encontrar um candidato decente para gerir o escritório era que ela tinha ficado em Manhattan mais tempo do que planejara inicialmente. Ele não sabia se ela ainda continuava procurando, mas Richard ficaria feliz se ela cancelasse os contratos com a agência e concordasse em ficar na cidade de vez.

Ele gostava de tê-la por perto. Era fácil conversar e trocar ideias com ela, que era a primeira pessoa para quem ele ligava quando estava tendo um dia ruim – ou um dia bom, na

verdade. Era uma amiga – provavelmente sua melhor amiga –, e poder vê-la o deixava feliz.

– Tenho que falar com a próxima banda – ela sorriu e ele sentiu o coração acelerar. – Falo com você depois, ok?

– Claro – ele concordou rápido, sabendo que precisava circular e conversar com as crianças. – Te encontro antes dos fogos.

Hanna estava falando com um grupo de doadores quando a última banda terminou, parecendo deslocada em sua roupa de festival entre os vestidos de linho e os ternos elegantes. Mas isso não parecia incomodá-la enquanto ela respondia a questões e aceitava os elogios deles.

Richard observou-a por um tempo, gostando do fato de que ela não sabia que ele a estava olhando. Meredith uma vez a descrevera como “excêntrica”, uma definição tão boa quanto qualquer outra, embora provavelmente tivesse tido o efeito oposto do que Meredith esperara. As peculiaridades de Hanna só a tornavam mais querida para ele.

Talvez ele só estivesse agitado por causa do casamento. Mesmo que ainda faltasse mais de um ano, Meredith estava trabalhando arduamente na cerimônia, passando fins de semana com o organizador e tentando convencer Richard a testar diferentes buffets e confeitarias.

– De jeito nenhum vou fazer um discurso – a voz de Hanna soou claramente através do ar noturno, uma vez que a música tinha parado. Os lábios dele curvaram-se quando pensou nela de pé, o corpo magrinho no enorme palco principal, balbuciando uma longa lista de agradecimentos.

– Você merece os elogios – Mimi Flynn, uma doadora rica e viúva do 11 de setembro, estava dizendo. – Meu filho diz que conseguiu chamar várias bandas ótimas.

Hanna soltou uma risada.

– Acho que Sean pode ser um tanto parcial – Richard não tinha que olhar para saber que ela estava corada. – Mas obrigada, de qualquer modo.

Cansado de ser apenas espectador, ele foi até o grupo, sua presença desviando os olhares deles de Hanna. Mantendo um olho nela, ele falou com os doadores, sorrindo e agradecendo-os pela ajuda. Ele conhecia a maioria deles – pelos laços que tinham com a Fundação, além de encontrá-los com frequência em outros eventos – e era difícil manter a conversa formal. Eles eram amigos.

Hanna terminou de falar com Mimi e então olhou para o resto dos doadores.

– Acho que os fogos vão começar. Algumas bebidas vão ser servidas fora da barraca dos doadores.

As palavras foram recebidas com murmúrios de aprovação. Em segundos, o champanhe e os canapés tinham espalhado o grupo, e Richard os viu se dirigirem até a tenda branca.

E então sobraram os dois.

– Ei – Hanna estava esfregando os braços, e ele podia ver que sua pele estava arrepiada. O ar da noite ainda estava agradável, mas as roupas dela não eram apropriadas para o pôr do sol.

Ele queria ter uma jaqueta para colocar sobre os ombros dela, mas tinha deixado a sua no banco de trás do carro, junto com a gravata.

– Parece que você está com frio.

– É a ausência de calor corporal – ela brincou. – Eu estava bem enquanto ficava rodeada de pessoas. Sou como uma criança pobre roubando leite do vizinho.

Ela começou a tremer. Não que seus dentes estivessem batendo, mas todo seu corpo tremia o bastante para ele querer fazer alguma coisa. Richard ficou parado por alguns segundos, dizendo a si mesmo que, se fosse qualquer outra amiga, ele não hesitaria em trazê-la para perto e envolvê-la com os braços. Talvez esfregar as mãos sobre sua pele até que os tremores passassem.

Ela não parecia uma outra amiga qualquer, no entanto. Parada à sua frente, seu rosto estava iluminado pelas luzes no gramado. Ela parecia a Hanna que ele conhecia, a que babava nele em parques e que flertava com ele em festas. Parecia a Hanna *dele*.

– Vem cá – era uma exigência, não um pedido, e ele não esperou uma resposta. Um passo para a frente e ele estava com os braços ao redor dela, inspirando a fragrância do seu xampu enquanto apertava o corpo dela contra o seu.

Jesus, ela estava gelada. Sua pele estava fria e ele estava se chutando internamente por não ter feito aquilo antes. Não era um abraço sexual, era uma gentileza de uma pessoa para outra, uma oferta de calor e conforto.

Ou pelo menos era o que ele estava dizendo a si mesmo.

Hanna abriu a boca para dizer algo, mas sua voz foi abafada pelo estrondo dos primeiros fogos de artifício explodindo no céu. Fogos roxos e verdes se espalharam pelo ar, fazendo a multidão soltar exclamações de surpresa.

Ela estava rígida em seus braços. Como se estivesse com medo de se mover ou pôr o braço ao redor dele, o que só o fazia segurá-la ainda mais firme. Ela parecia um animal selvagem, curioso o bastante para se deixar apanhar, mas nervoso uma vez que estava capturado. Ele queria que ela relaxasse, deixasse que ele a aquecesse, porque, no momento, ela parecia um cubo de gelo, rígida e inflexível.

Quando os próximos fogos explodiram, ela ergueu a cabeça para olhá-los, o rosto congelado numa expressão maravilhada. Talvez fosse por isso que ele a considerou muito mais fascinante do que o espetáculo pirotécnico no céu.

– Você arrumou isso também?

Hanna suprimiu um sorriso.

– Quando você menciona “crianças” e “11 de setembro”, é incrível como as pessoas podem ser generosas.

Ela encarou-o por um instante e foi o suficiente para fazê-lo se contorcer. À medida que o corpo dela ganhava calor, a necessidade de protegê-la foi substituída por algo mais forte e primitivo. Ele andava sobre uma corda bamba. Tinha se esquecido como era se envolver num turbilhão de emoções, o coração batendo acelerado e o sangue correndo rápido. Seria aquilo preferível à segurança calma e reconfortante que Meredith lhe oferecia?

Ele não tinha certeza.

– É incrível como você tem sido generosa – ele pôs uma mão no rosto dela, e os olhos de Hanna arregalaram-se em surpresa. – Você passou os últimos meses organizando tudo, e sei que sacrificou grande parte do seu tempo livre, pra não mencionar suas férias.

Ela estava imóvel nos braços dele, e ele pensou que pudesse estar em choque. Queria saber se ela estava com medo, assim como ele estava, de romper a barragem que eles tinham construído tão cuidadosamente. Ambos tinham feito pactos separados com o diabo, prometendo não ultrapassar aquele limite invisível se aquilo lhes permitisse fazer parte da vida um do outro. Eles tinham cometido o erro de ser amantes um dia, e aquilo não tinha

acabado bem.

– Eu gosto de ajudar... – a voz dela era só um sussurro, as palavras sumindo quando a próxima série de fogos começou. Dessa vez ela não os viu, apenas olhou para ele enquanto seu rosto refletia as cores das explosões no céu. Ela passou de laranja para verde e para vermelho, e ele umedeceu os lábios secos, tentando decidir o que fazer em seguida.

Ele nem considerou soltá-la.

– Hanna... – ele murmurou, tão baixo que ela não o ouviu. Richard não sabia se queria que ela o ouvisse. Ele abaixou a testa até encostar na dela, e os olhos dela arregalaram-se quando viram sua expressão. Ele pensou em sua analogia do animal selvagem outra vez. Ela nunca seria dele, mas era suficiente vê-la de longe e saber que ela estava segura e feliz.

Capítulo 19

9 de fevereiro de 2010

Hanna não sabia como tinha acabado a noite, sentada no canto de um bar sujo, servindo-se dos restos de uma garrafa de vinho. Sua taça estava bem usada, manchada de batom, com marcas de dedos e gotas vermelhas na beirada. Ela fez um sinal para o barman trazer outra, pensando que podia muito bem terminar o dia como havia começado.

Completamente acabada.

Ela nem tinha percebido o significado da data até estar no metrô, erguendo-se com a ponta do pé para agarrar um apoio e não voar para cima de outro passageiro. O homem ao seu lado estava lendo o *The New York Times*, dobrado para não perturbar ninguém, e foi então que os olhos dela tinham caído sobre os números no canto da página.

Fazia anos desde a última vez que ela tivera um ataque de pânico, mas Hanna reconheceu os sintomas imediatamente. Seu coração acelerou, sua respiração tornou-se superficial, e ela sentiu que estava prestes a desabar e convulsionar no chão empoeirado do trem. Parecia o pior lugar do mundo para se ter uma convulsão. Essa ideia era o único fio de sanidade que podia agarrar antes que o metrô chegasse à próxima parada.

Ela nem se importou em saber onde estava, só saiu correndo assim que as portas se abriram. Saiu da plataforma e entrou em pânico outra vez, quando o bilhete não abriu a cancela, de primeira. Suas mãos estavam tremendo, a náusea revirava seu estômago; ela só tinha se afastado alguns passos da saída quando se curvou e manchou o chão com os restos do seu café da manhã.

O rush da manhã continuou ao redor dela. As pessoas entrando na estação mantiveram distância, imaginando que ainda estava bêbada da noite anterior ou que era algum tipo de louca, murmurando consigo mesma enquanto se encostava na parede suja. Ela era só uma pequena inconveniência – que eles provavelmente esqueceram quando entraram no trem. Apenas mais uma entre os milhares de excêntricos que povoavam a grande cidade.

Em momentos como aquele, Hanna queria estar em Londres. Ela poderia ter ligado para Natalie ou Tom, talvez pegado um táxi até a casa de Claire e se jogar nos braços dela. Claire teria lhe dado chá e abraços até que Hanna tivesse chorado tudo que tinha para chorar, devidamente preparada para enfrentar o dia.

Em vez disso, ela estava isolada lá, em Manhattan, com um celular cheio de números de colegas de trabalho e conhecidos, mas nenhum amigo com quem conversar ou pedir ajuda. Ninguém que entendia exatamente por que esse dia era tão difícil para ela.

O tempo passou mais rápido do que ela imaginou ser possível. Café da manhã numa lanchonete e horas em uma livraria foram seguidas por um jantar antecipado no canto de um bar sujo, no Soho. Como tinha chegado lá ela não sabia, mas se sentia mais em casa naquela

parte da cidade do que em qualquer outra.

Ela passou as últimas horas da noite se afogando numa taça de vinho e rejeitando os caras que achavam que ela seria uma conquista fácil. Mesmo no seu estado inebriado, a última coisa que queria fazer era tentar esquecer sua mãe com uma transa sem significado.

E aqui estava ela, fechando o ciclo, pensando sobre os últimos cinco anos e como ela tinha fodido completamente sua vida. Olhou para o relógio tentando descobrir – através da névoa do álcool – que horas seriam em Londres. Era tarde demais para ligar para Claire ou Ruby. Ambas já estariam confortáveis e quentinhas em suas camas.

Restava apenas outro número. Ela discou antes de pensar, como se tivesse deixado todo o bom senso no fundo da última garrafa. Só precisou esperar dois toques antes de ele atender.

– Hanna? – a voz dele era suave e calorosa, com uma nota de preocupação.

– Richard – ela tomou outro gole de vinho. – Só queria ligar pra dizer como sinto muito...

– Você está bem?

Ela podia ouvir vozes ao fundo. Hanna mordeu o lábio e se perguntou se tinha interrompido alguma coisa, talvez afastado Richard de um jantar com Meredith.

– O jeito como deixei você depois da morte da minha mãe. Não devia ter sumido sem explicar por quê. Pensei nisso o dia inteiro, e...

– Deus, eu nem tinha percebido que dia é hoje. Sinto muito... – ele parecia agitado, e ela podia visualizá-lo passando a mão no cabelo grosso. Agora ele era provavelmente a única outra pessoa pensando sobre o dia da morte da sua mãe, cinco anos atrás.

Ela riu sem humor.

– Eu não devia ter ligado. Sei que você está com Meredith agora, e estou muito feliz por vocês terem se encontrado. Você merece ser feliz – as palavras saíam arrastadas da boca dela.

– Você andou bebendo?

– Um pouquinho. Mas vou deixá-lo voltar pra sua noite.

– Você está em casa? – ele perguntou.

– Estou num bar.

– Sozinha?

– É.

– Merda – ele xingou baixinho. – Vou mandar Jack levá-la pra casa. Onde você está?

Ela olhou ao redor procurando o nome do bar, não encontrando nada do lado de dentro. Então olhou para baixo, viu o apoio de copo e sorriu.

– Murphy's. No Soho.

– Não saia daí – as palavras eram uma ordem, e ela levou muito a sério. Não queria nem mais uma gota do *clarete* na garrafa à sua frente. Tudo o que desejava era o calor do seu edredom e o esquecimento purificador do sono.

Ela ficou um pouco mais sóbria durante os quinze minutos de espera. O bartender trouxe a conta e um copo d'água e ela o bebeu de uma vez, esperando limpar seu organismo do álcool. Daí, ele entrou no bar, carregando um casaco de lã preto sobre o braço.

– Richard! – assim que o viu, ela pulou de susto. – Achei que fosse mandar Jack.

– Decidi vir com ele – ele respondeu em voz baixa, os olhos examinando o rosto dela com preocupação. – Foi uma boa desculpa pra sair mais cedo do jantar.

Ele parecia cansado. Na pouca luz do bar, ela podia ver linhas ao redor dos seus olhos, secas e profundas. Hanna mordeu o lábio, percebendo que ele só estava sendo gentil.

– Meredith está com você? – ela engoliu com força. Saber que ele estava com outra mulher era uma coisa, ver os dois juntos quando ela estava num ponto abaixo era outra.

– Ela está visitando os pais. Era só eu e trezentos e cinquenta membros da elite nova-iorquina – ele fez uma careta. – Então acredite, você me fez um favor – ele pegou o casaco dela do gancho ao lado da cabine. – Agora deixe-me levá-la pra casa.

Hanna ergueu-se e se virou, colocando os braços nas mangas enquanto ele segurava o casaco, permitindo que ele o acomodasse sobre seus ombros. Ele manteve as mãos nela por um tempo um pouco longo demais.

Soltando um pouco de ar, Richard virou-se e ajudou-a a fechar os botões grandes do casaco. Não era como ele tinha imaginado terminar a noite. Tinha planejado um jantar agradável e civilizado, talvez seguido por um whisky ou dois, e então dormiria cedo. Em vez disso, estava ali. Seu corpo estava eletrizado, como se vê-la o revivesse. Seus nervos o apunhalavam como milhares de pequenas agulhas.

Ele hesitou um pouco antes de pegar a mão de Hanna. Mas então viu dois dos caras no bar olhando-a com decepção em seus rostos, e sentiu a necessidade de marcar território – mesmo que ela não fosse dele.

– Você realmente não precisa fazer isso – ela murmurou, tropeçando no próprio sapato. Ele tentou reprimir uma risada, que saiu abafada, fazendo-a olhar para ele indignada. – Isso é engraçado pra você?

– Um pouco – ele admitiu, colocando o braço sobre os ombros dela para levá-la até a porta. Ela ficava virando para a direita, como um carro cuja direção estava um pouco desalinhada. – Vou tentar me conter.

– Que bom, porque não quero bater em você.

– Em qual de nós dois você vai bater?

– Nos dois – ela resmungou, tentando desanuviar a visão.

Ela tropeçou nele outra vez e Richard a segurou, decidindo não apontar o óbvio. Quando chegaram ao carro, ela estava com sono, e enfiou a cabeça na jaqueta dele, sua voz lânguida enquanto continuava a falar um monte de bobagens.

– Você se lembra de quando a gente se conheceu? – ela perguntou. – Você estava todo elegante no seu terno, e eu era um desastre.

– Não é assim que eu me lembro – ele estava murmurando no cabelo dela, inspirando o aroma do xampu. – Você estava supersexy naquele uniforme de garçonete – lembranças do cabelo preto e olhos maquiados assaltaram os sentidos dele. – Mal podia esperar pra te mostrar meu PlayStation.

Ela riu, e então deu um soluço.

– Isso é uma metáfora?

– Não tenho certeza – ele admitiu, passando o braço ao redor dela e esfregando o braço dela com o dedo.

– Me lembro de ter ficado impressionada com seu... ardor.

Jack parou o carro. Mesmo às onze da noite de uma terça-feira, o trânsito estava intenso. Richard se perguntou se Hanna conseguiria ficar acordada durante o trajeto.

– Vou considerar isso um elogio.

– Deveria mesmo.

O silêncio preencheu o carro, e Richard deixou a cabeça cair para trás, pensando no que fazer em seguida. Ele queria ter certeza de que ela chegaria bem ao apartamento. Ele sabia que aquele dia, entre todos, era muito difícil para ela. Se pudesse colocá-la na cama e ver que estava dormindo, sentiria-se melhor. Tentou conter a raiva que sentia de si mesmo e dos amigos dela por deixá-la enfrentar aquilo sozinha.

Vinte minutos depois, Jack estacionou fora do prédio dela, no Upper East Side. Hanna estava tão quieta que ele pensou que ela tivesse adormecido. Mas assim que o carro parou, ela ergueu a cabeça e olhou para ele.

– Obrigada pela carona.

Ele ficou confuso por um momento, então percebeu que ela pretendia entrar sem ele. Por algum motivo, ele não podia aceitar aquilo.

– Entro com você pra ver se você está segura.

Ela riu.

– Acho que os drogados e assassinos já foram pra casa. A coisa mais assustadora vai ser a sra. Van Kemp encarando meus sapatos com desprezo e me falando que estou rebaixando o nível do prédio de novo.

– Faça isso por mim.

Ela assentiu rapidamente, e se atrapalhou tentando soltar o cinto de segurança. Ele mordeu o lábio para não rir, inclinando-se para soltá-lo para ela.

– Pare de rir de mim – ela deu um tapinha de leve no braço dele. – Não é engraçado.

Ele passara tempo o suficiente no apartamento do pai para conhecer o porteiro, e deu um aceno para ele enquanto praticamente carregava Hanna até o elevador. Através do grosso casaco de inverno, ela parecia magra e vulnerável, e ele se perguntou se protegê-la era só uma reação natural ao seu tamanho. Talvez, como acontecia com Ruby, ele quisesse afastá-la do mundo e mantê-la a salvo.

A ideia animou-o, e ele pegou a chave na bolsa dela e enfiou-a na fechadura. Acendendo as luzes com uma mão, apoiou Hanna com a outra, o braço ao redor da cintura dela. Ela chutou os sapatos para longe, que caíram no chão com um baque.

– Quer investigar o apartamento pra ter certeza de que Ted Bundy não está escondido na máquina de lavar? – um brilho divertido passou em seus olhos.

Ele abriu um sorrisinho antes de tirar o casaco dela e pendurá-lo no armário do corredor.

– A coisa mais assustadora com que você tem que se preocupar é a ressaca que vai ter amanhã de manhã.

Ele foi até a cozinha e pegou um copo alto do armário, encheu de água, levou ao quarto de hóspedes e colocou no criado-mudo.

– Onde você guarda os analgésicos? – ele perguntou, tentando não olhar enquanto ela soltava o cabelo, que caiu sobre os ombros. – Vou pegar uns pra você e depois vou embora.

Ela piscou no espelho, o olhar cruzando com o dele.

– No armário, em cima da pia.

Richard entrou no banheiro, surpreso com a falta de cosméticos e produtos de beleza. Ele apanhou o frasco de ibuprofeno e levou até a cama.

Hanna estava sentada sobre as cobertas, a cabeça apoiada na cabeceira. Ele abriu o frasco,

tirou dois comprimidos e colocou gentilmente na boca dela. Erguendo o copo aos seus lábios, incentivou-a a beber, incapaz de não passar uma mão no cabelo dela enquanto ela engolia.

– Isso é tão bom – os olhos dela se fecharam, enquanto ele acariciava sua cabeça. – Você não pode ficar um pouquinho?

– Você precisa dormir – ele pôs a mão atrás dela e abaixou seu zíper. O gesto pareceu íntimo demais, e ele tentou reprimir sua reação à proximidade. – Vai se sentir melhor depois de uma boa noite de sono.

– Você é tão gentil – a voz dela era só um sussurro, e ela aproximou-se dele, enfiando a cabeça no espaço entre seu ombro e pescoço. – E cheira tão bem. Você sempre cheirava bem, até de manhã. É uma das coisas que mais sinto falta.

– Sente falta do meu cheiro? – ele tentou transformar a frase numa piada, mas ela começou a tirar o vestido.

Ele ficou imediatamente duro.

– Feche os olhos, preciso me trocar – a ordem era bastante fraca, e veio tarde demais. Porém, ele obedeceu ao pedido, apertando as unhas nas palmas das mãos, tentando se impedir de tocá-la. Se visse o arco macio e pálido dos seios dela, estaria perdido.

A cama ondulou enquanto ela tentava se livrar das roupas. Ele ficou tão imóvel quanto podia, lutando contra a vontade implacável de abrir os olhos. Será que ela ainda era como ele se lembrava, com pele macia e curvas suaves? Será que os últimos cinco anos tinham-na mudado no exterior, além de no interior?

Ele nunca tinha pensado que seria o tipo de homem que trairia. Estava noivo de uma mulher que confiava nele, e queria merecer aquela confiança. Os pensamentos rodopiando na sua cabeça eram completamente indefensáveis, e ele se sentia um merda.

– Estou decente – Hanna deitou-se na cama, o cabelo espalhado sobre o travesseiro branco. – Obrigada por tudo.

– De nada – mesmo enquanto falava, ele podia ver que ela estava começando a adormecer, as pálpebras agitando-se e seu rosto assumindo uma expressão tranquila. Ele estendeu a mão e tirou o cabelo dos olhos dela, sentindo a pele macia com os dedos. Ela suspirou suavemente, e ele ficou ainda mais duro enquanto encarava os lábios ruborizados e inchados dela.

Só um gostinho.

Ele inclinou-se e roçou os lábios na boca dela, e sua respiração suave banhou a pele dele. Hanna abriu os olhos e encarou-o. Então passou os braços ao redor do seu pescoço e puxou-o para um beijo feroz. Cada centímetro dele despertou, o prazer percorrendo todo o corpo.

Ao mover a mão pelo corpo dela e passar os dedos contra um seio até ela começar a gemer, ele se permitiu sentir a emoção mais assustadora de todas.

Esperança.

Era como se tudo no quarto explodisse em Tecnicolor, deixando-a sóbria mais rápido que um balde de água gelada. No momento em que os lábios dele tocaram nos dela, Hanna sabia que chegara àquele ponto sem volta. Ele era o sol e ela estava em órbita, girando ao seu redor, atraída por ele. Tudo nele a fazia queimar.

O colchão afundou quando ele se alinhou sobre ela, e Hanna girou os quadris, sentindo a

ereção dele em sua barriga. Ele passou os dedos de leve pelo lado do seu corpo, com toques suaves e gentis, fazendo os mamilos dela endurecerem e suas coxas ficarem úmidas.

– Hanna... – ele exalou contra a bochecha dela. Ela mordeu o lábio e tentou não responder. Tentou distraí-lo mexendo os quadris outra vez.

Pareceu funcionar.

– Me deixe... – ele não esperou a permissão dela, erguendo a blusa até o pescoço, revelando seus seios. Enquanto ele a olhava, umedecendo a boca com a língua, Hanna sentiu a ereção dele tremendo contra ela outra vez. Os dedos dele encontraram seus mamilos, e ela sentiu o prazer indo direto para sua virilha.

Seu monólogo interior começou a distraí-la. O medo de que eles fossem de fato fazer aquilo foi rapidamente substituído pelo medo de que não fossem. No fundo, ela sabia que era errado, mas reprimiu o pensamento, enterrando-o sobre a necessidade intensa que ardia em seus nervos.

Era difícil olhar para ele. Hanna não sabia o que veria lá, nem tinha certeza do que gostaria de ver. Desespero, talvez. Ou uma necessidade refletindo a dela? O que ela temia era arrependimento, tristeza ou pena, e sabia que se visse qualquer uma dessas coisas, choraria.

Ela não queria chorar. Sentia-se bem demais para lágrimas ou arrependimento. Ela tinha esperado tanto tempo para sentir a boca dele chupando seus mamilos, umedecendo-os gentilmente antes de raspar os dentes na pele dela...

Ela precisava mandar sua mente calar a boca.

Sentindo os medos dela, Richard pôs uma mão em seu queixo, erguendo seu rosto até que ela o encarasse. Quando seus olhos cor de chocolate encontraram os olhos verdes dele, ela soube que estava completamente errada.

Eles brilhavam ferozmente, estreitos e escuros, e o modo como ele a olhava deixou-a sem fôlego.

– Eu preciso... – assim como Richard, ela não conseguiu terminar a frase. Mas não precisou. As mãos dele foram para trás dela, puxando seus shorts para baixo até que descessem pelas pernas, deixando-a exposta e desesperada. O ar frio encontrou sua pele úmida, fazendo-a se erguer um pouco da cama, criando fricção em um vácuo. Suas coxas estavam sensíveis quando ele as tocou, separando-as delicadamente.

Aquilo era bom demais.

Os dedos dele acariciaram a pele úmida do interior das coxas dela. Ele a tocou até ela estar mais exposta do que nunca, deslizando contra ela, e então, empurrou até que o corpo dela se rendeu, convidando-o. Ela gemeu, um suspiro baixo e suplicante, flexionando os quadris até que os dedos dele estivessem dentro dela.

Richard desceu por seu corpo, os lábios encontrando seu centro, a língua forte sobre ela, fazendo-a se mexer no ritmo dos seus movimentos. A tontura na cabeça dela não tinha nada a ver com o vinho, mas tudo a ver com as sensações que ele estava criando. Hanna queria tocá-lo e deixou as mãos caírem na cabeça dele, enfiando os dedos em seus cabelos, puxando até ouvi-lo gemer.

Os olhos de Hanna se arregalaram e sua boca se abriu, e ela soltou um som que ficava entre um grito e um soluço. Richard colocou um terceiro dedo dentro dela quando ela começou a se contrair, intensificando a sensação de prazer até que seus joelhos começaram a tremer.

Ela estava tão perto.

Assim que ele retirou os dedos, ela se sentiu vazia. A perna dele deslizou sobre a dela, o joelho dele tocando sua panturrilha. Hanna começou a mexer com os botões dele, os dedos escorregando como os de uma criança animada abrindo um presente de aniversário. Quando conseguiu, abriu o zíper e abaixou sua calça até que Richard entendeu a mensagem e se movimentou para ajudá-la.

Richard terminou a tarefa, empurrando a calça para baixo, e ela acompanhou o movimento com as mãos. Acariciou a pele dele, sentindo os músculos duros das coxas alongados sobre a pele tesa.

– Tire a blusa – ele se ajoelhou na cama, puxando a blusa dela. Hanna tirou-a e jogou no chão em seu desespero para estar nua. Os joelhos dele estavam dos lados das suas pernas, mantendo-a presa, tornando difícil não encarar o contorno da ereção dele através da cueca.

Ela traçou uma linha até os testículos dele. Richard ficou ainda mais duro, a ereção emergindo, e Hanna viu uma pequena gota se formar lá. Ela se inclinou para chupá-la, e um gemido abafado escapou dos lábios dele. Ela repetiu o movimento, passando a parte plana da língua contra ele e então torcendo-a, beijando e chupando-o, usando as mãos para abaixar a cueca dele.

Richard pôs as mãos atrás da cabeça dela, encorajando seus lábios num ritmo estável. Arrastando a língua na base dele, ela subiu, chupando, beijando, sentindo o gosto.

– Pare – ele segurou a cabeça dela, e, pela primeira vez, ela ergueu os olhos e encontrou os dele. Seus lábios ainda estavam ao seu redor. A boca dele estava inchada, brilhando, aberta enquanto ele respirava por ela. – Quero estar dentro de você.

As palavras atingiram-na como uma dose de heroína. Hanna jogou a cabeça para trás, vendo a ereção dele saltar contra os músculos definidos da barriga, então agarrou a cueca, desesperada para tirá-la de vez.

– Deite – ele pôs uma palma no ombro dela, empurrando-a de costas sobre o colchão, os lençóis macios sob suas costas. Jogando a cueca para longe, Richard acomodou-se sobre ela, colocou as mãos do lado de sua cabeça para que ela não pudesse se mover, encurralada como um animal.

Ela estava molhada demais. Os quadris dele empurraram suas coxas enquanto ele se alinhava, parando por um longo momento antes de penetrá-la.

– Richard... – as palavras eram pouco mais do que um suspiro.

Ele beijou-a de novo, e ela podia sentir o próprio gosto nos lábios dele. Os quadris dele se mexeram e ele recuou, esfregando-se nela como um arco contra um violino. Ela apertou os olhos e tentou manter sua resposta sob controle.

– Abra os olhos. Quero te ver – os movimentos de Richard eram firmes, mas as palavras não. Era perfeito tê-lo entre as coxas, e Hanna envolveu as pernas ao redor dele com mais força, apertando os calcanhares nas suas costas e puxando-o para mais perto.

Ela estava se afogando. Não sabia se ele a salvaria ou a empurraria para baixo.

– Você está perto? – a respiração de Richard estava ficando mais superficial, seus movimentos erráticos, e ela sabia que ele estava próximo. Hanna abriu a boca, mas as palavras foram abafadas pela sensação de um dedo esfregando-a, fazendo círculos pequenos e deliciosos, extraindo seu prazer como um artista.

Ela deu um grito, enterrando a cabeça no pescoço dele, sentindo o suor dele nos lábios. Os quadris dele batiam contra ela, os gemidos dela abafados na pele dele, o corpo se contraindo.

Os gemidos dele aumentaram enquanto ela ofegava na sua orelha, e mesmo se não conseguisse senti-lo pulsando dentro dela, Hanna saberia que ele estava gozando pela mudança em sua respiração. Ele xingou baixinho quando teve o orgasmo, e ela sentiu outro espasmo, esfregando-se nele enquanto se agarravam um ao outro, escravos da sensação.

E por fim, acabou.

Ela apertou as coxas úmidas ao redor dos quadris dele enquanto o corpo pesado dele caía sobre ela. A respiração ofegante de Richard tornou-se mais longa e superficial. Ambos retomavam a consciência. A realidade atingiu-os como uma bomba.

Deitada nua sob o homem pelo qual ela ainda era apaixonada, ainda duro dentro dela, Hanna sabia que devia estar horrível. Seu cabelo estava desganhado contra o branco do travesseiro, sua maquiagem manchada depois de um dia de choro e uma noite de bebedeira.

Ele ergueu os quadris e saiu dela, e Hanna deixou a cabeça cair contra o colchão enquanto encarava o lustre de prata e vidro sobre a cama, deixando a luz das lâmpadas queimar suas retinas. Mesmo com os olhos fechados ela podia vê-las, como um fantasma do que podia ter sido.

– Hanna, eu... – ele soava tão desconfortável quanto ela se sentia, gaguejando as consoantes e alongando as vogais.

Ela piscou algumas vezes, as imagens gravadas em seus olhos, indo do preto ao branco, fazendo seus olhos arderem. Richard caiu ao lado dela. Ela o viu erguer uma mão e então parar no meio do gesto.

– Não – a voz dela estava baixa e rouca. Ela engoliu com força, sentindo como a garganta estava seca. Queria trazê-lo para seus braços.

– Desculpe. Eu não tinha o direito de tirar proveito de você.

– Não tirou, eu também queria – ela mordeu o lábio com força. A dor era boa.

Richard deitou de costas, jogando um braço sobre o rosto e cobrindo os olhos. Ela se permitiu olhar o corpo dele, os olhos percorrendo do pescoço até a pele tesa e delineada do abdômen. Apenas alguns segundos atrás, aquele corpo estivera pressionado contra o dela, criando um fogo enquanto pele se esfregava contra pele.

Agora ela estava tremendo.

– Vem cá – ele puxou-a para perto e ela fechou os olhos. Queria que ele fosse embora, mas estava desesperada para que ficasse. Saber que ele estava tão perto e tão longe ao mesmo tempo doía demais, uma sensação só amortecida pela rendição doce do sono.

Em vez de pensar, ela se submeteu ao chamado da sereia. A necessidade de esquecimento mais forte do que nunca.

Quando acordou na manhã seguinte, Hanna tentou fingir que tinha sido apenas um sonho induzido pelo álcool. Mas a dor entre as pernas era real, e ela não tinha que se tocar para encontrar evidências das atividades da noite anterior. Bastava inalar o aroma de Richard para se lembrar do que acontecera em detalhes nítidos.

Ela ergueu a mão e passou os dedos no cabelo, seu progresso interrompido pelos nós criados pelo sexo e pelos sonhos inquietos. A luz do dia atravessou as cortinas grossas, deslizando sobre o batente.

– Não queria acordá-la – a voz dele era suave e seu toque era firme, quando ele se sentou na cama ao lado dela. Ele estava vestido, usando apenas a calça e a camisa branca da noite anterior.

– Está de saída?

– Tenho uma reunião às sete que não posso cancelar – havia uma nota de arrependimento nas palavras. Então ele se inclinou e encostou os lábios na testa dela, deixando uma trilha gelada na sua pele.

– Ah – ela franziu a testa, tentando pensar em uma resposta adequada. Era como se seu cérebro ainda não tivesse percebido que ela já estava acordada.

– Podemos nos encontrar hoje à noite? – a boca dele roçava sua pele. – Precisamos conversar.

Ela mordeu o lábio inferior, a realidade da situação pegando-a de surpresa. Havia tanta coisa a dizer. Ela não sabia por onde começar.

– Tenho entrevistas o dia todo. Estarei livre às seis.

– Entrevistas? – ele franziu as sobrancelhas. Ela estendeu um dedo para alisá-las. Só esse toque foi suficiente para excitá-lo.

– Para o meu substituto... hora errada, não é?

A história da vida deles.

– Eu te pego às seis. Não tome nenhuma decisão precipitada.

– Por que não? – as palavras não ditas eram como uma ferida que ela queria cutucar e fazer sangrar.

– Porque quero você aqui comigo.

– Não costumo trair, Richard, e você também não – mas eles mentiam. Ambos traíram na noite anterior.

Os músculos faciais dele contraíram-se quando ele a olhou. Na meia-luz da manhã, a pele dele parecia morna e bronzeada. Ela queria beijar todo o seu corpo.

– Quando Meredith voltar semana que vem, vou terminar com ela.

E assim, foi como se o coração dela tivesse ganhado asas e saído do seu peito. Embora bem-vindas, as palavras dele foram uma surpresa. Em somente um dia, ela tinha passado de não ter nada a possivelmente ter tudo.

Eles estavam tão perto.

– Ok – ela sussurrou e sentou-se, os lençóis caindo do corpo para revelar seu peito nu. A tensão no rosto de Richard ficou mais forte, e ela rapidamente agarrou os lençóis e puxou-os até os ombros.

– Quero muito tocar você – ele confessou, as mãos fechadas em punhos como se estivesse se reprimindo. – Mas fiz tudo errado até agora.

– Richard...

– Não, deixe-me falar. Você sabe que eu te amo, sempre te amei, e você merece ser a primeira na minha vida. Eu não devia ter dormido com você enquanto ainda estou com ela.

– Você estava bêbado. Nós dois estávamos.

– Isso não é desculpa – ele estava agitado agora, passando os dedos longos pelos cabelos. – Quero tentar consertar tudo isso, fazer as coisas direito. Podemos ser só amigos até semana que vem?

Hanna suspirou, um alívio inundando seu peito.

– Parece ótimo.

Levou o dia todo, mas Hanna encontrou o homem certo para o trabalho. Como ela, Paul Spence tinha uma carreira no jornalismo cultural, e seu conhecimento da cena musical de Nova York rivalizava com o dela com sua natureza enciclopédica. Ela ficou até um pouco triste porque não trabalharia ao lado dele em Nova York. Eles se deram bem desde o início, e ela passou metade da entrevista fazendo perguntas sobre shows que ele vira há pouco e discutindo amigavelmente sobre os méritos de bandas diversas.

– Foi um prazer conhecer você, Paul – ela disse, quando o elevador chegou. – Entro em contato em breve.

Assim que ele entrou no elevador, ela voltou para o escritório e colocou o casaco, animada por faltar apenas meia hora para ver Richard outra vez.

Como ela aguentou ficar longe dele por tanto tempo? Como um escultor, ele tinha transformado a argila cinza da vida dela em algo lindo. Ela se sentia tão viva.

Eram seis e cinco quando o celular dela tocou, e ela tentou não sorrir quando ouviu os acordes dissonantes de “Last Nite”, dos Strokes, tocando na sua bolsa. Richard tinha reprogramado o celular dela enquanto ela dormia. Ela apreciou o toque de humor em meio à seriedade da situação.

– Alô?

– Hanna? – ele parecia ofegante. Sob o timbre da sua voz, ela podia ouvir os sons familiares da cidade: o ronco dos motores, as buzinas e o barulho constante das sirenes de polícia.

– Você está na rua? – ela não se deu ao trabalho de disfarçar seu entusiasmo. Estava feliz demais.

– Querida, houve uma mudança de planos.

– Ah, é? – a animação vazou dela como a areia de uma ampulheta quebrada. – Você ainda vem me pegar?

– Meredith sofreu um acidente – a voz dele era monótona. Hanna franziu a testa por um momento, tentando pensar em algo para dizer, uma palavra reconfortante, uma frase tranquilizadora. Mas a única coisa em sua mente era pânico, puro e cego.

– Vou encontrá-la agora. Parece que foi feio – a voz dele falhou e Hanna quis poder tocá-lo. Suas mãos fecharam-se ao redor do ar da sua decepção, um substituto pobre para o corpo dele.

– Não sei o que dizer. Sinto muito.

– Ligo pra você quando souber mais. Me dê um pouco de tempo, ok?

Ela respirou fundo, deixando o oxigênio encher seus pulmões, segurando-o no peito até que a necessidade ardente de exalar controlou sua mente. Soltando o ar de uma vez, ela, por fim, se acalmou o bastante para responder.

– Concentre-se em Meredith. Depois me avise como ela está.

– Amo você – as palavras foram ditas com desespero. Hanna tentou se agarrar a elas, como uma criança apanhando uma bolha que dançava pelo ar. Ela temia que, quando abrisse a mão, a perderia.

– Também te amo – não havia mais nada a dizer. A mente dela estava explodindo com as coisas que queria confessar a ele, mas elas teriam que esperar. Por ora, ela tinha que deixá-lo ir. Ele ainda pertencia a Meredith. Até que rompesse esse laço, era ela, Hanna, a intrusa.

A culpa que ela tinha suprimido o dia todo estava crescendo em sua mente, e ela se perguntou se o acidente seria um julgamento divino ou só azar.

Hanna começou a suspeitar que era um pouco de ambos.

Na semana seguinte, Hanna estava saindo do escritório, apertando o casaco para bloquear o vento. Já estava ficando escuro; o céu estava nublado e cinza, e embora o tempo estivesse seco, o ar cheirava a neve. Ela sentiria saudades dos extremos altos e baixos de morar ali – o calor abafado do verão e os laranjas brilhantes do outono. Londres era uma cidade linda – e a que ela mais adorava –, mas Manhattan tinha sido um caso de amor alucinado.

O vento estava batendo forte na Second Avenue e ela virou a gola do casaco para cima, arrependendo-se de ter deixado o cachecol no escritório. Havia um sedan preto estacionado e um vapor cinza saindo do escapamento. Ela olhou com interesse quando a porta traseira se abriu.

– Hanna.

Richard saiu do carro, pondo os pés na calçada, e ela moveu-se em sua direção. Ele parecia tão exausto; sua pele estava pálida, seu cabelo desganhado, e ela queria jogar os braços ao seu redor e puxá-lo para perto dela.

– Achei que ainda estaria com Meredith.

Na semana desde que Hanna o vira pela última vez, eles só tinham falado ao telefone algumas vezes. A maior parte dos dias de Richard consistia em sentar com a noiva, resolver questões do seguro dela, e tomar as providências para que fosse transferida para Nova York. Talvez fosse por esse motivo que ele estava ali.

– Estou entrevistando enfermeiras – a voz dele tinha o mesmo tom monótono que ela vinha ouvindo a semana inteira. Era como se ele estivesse tentando não sentir nada. – Meredith vem de helicóptero amanhã.

– Como ela está? – era uma questão estúpida. Estavam ambos parados lá, contendo-se para não se tocarem. A única coisa que os impedia era a saúde de Meredith.

– Ainda não consegue se movimentar muito bem, mas os médicos dizem para termos calma. Disseram que, com terapia intensiva, há esperança de que ela possa andar em pouco tempo.

– Que bom – o vento batia no rosto dela, fazendo-a corar. Um floco de neve solitário caiu na frente dos olhos dela. O grosso torrão dançou no ar sem pressa de atingir o chão.

– Espero que sim – ele parecia tão desconfortável quanto ela. A neve começou a cair pesadamente. Ele limpou a garganta, dando uma olhada no teto do prédio dela, e ela se lembrou de que ele era o dono do imóvel. Era tão estranho como tudo na sua vida levava a ele.

– Vou embora semana que vem – não poder tocá-lo era uma agonia na alma dela. – Mas não quero ir.

Ele estava agitado, e Hanna podia ver seus olhos brilhando enquanto ele tentava calcular algo em sua mente.

– Por que você não vem pra cá logo?

Ela estava nos braços dele antes que ele terminasse a frase. Não parecia suficiente só abraçá-lo; ela queria entrar dentro dele até que fossem uma única pessoa.

– Tudo isso é uma merda – ela olhou para ele, e os olhos de Richard estavam úmidos também.

– Tenho que ajudar Meredith a se recuperar. Ela não pode morar sozinha ainda, precisa de supervisão constante – ele passou os dedos pelo cabelo de Hanna. – Mas quando ela estiver melhor, vou contar tudo. Então vou pegar o primeiro voo para Londres.

Ela abaixou a cabeça e encostou no peito dele. O casaco de Richard estava levemente úmido da neve e ela podia ver gotas se agarrando às fibras de lã. Aquelas palavras eram mais do que ela tinha esperado; eram quase uma promessa de um futuro que podia ser deles. Mas a ideia de enfrentar meses de dor e dúvidas era demais para suportar.

– Amo você – ela correu os dedos pela pele fria do rosto dele. Então parou por alguns segundos, tentando encontrar as palavras certas. – Mas não podemos continuar um caso emocional enquanto você está noivo de outra mulher. Já estive do outro lado dessa história e me sentiria terrível se machucasse outra pessoa desse jeito.

Ele soltou-a um pouco.

– Eu sei, eu sou um bosta.

Ela tentou sorrir.

– Não é! As circunstâncias podiam ser melhores. Pelo menos não vamos ficar tentados a nos ver.

– Eles inventaram um negócio chamado avião...

– Você sabe o que eu quero dizer. Enquanto ainda estiver com Meredith, precisamos parar com isso. Me encontre quando as coisas estiverem melhores pra você. Ainda moro no mesmo lugar, e sei que você tem meu celular.

– Pode levar meses.

– Eu estarei lá.

Em pé, na frente dela, ele ergueu seu queixo com um dedo e abaixou a cabeça até encostar a testa na dela.

– Promete? – ele estava tão perto, e ela estava se perdendo no verde dos seus olhos. Precisou de toda sua força de vontade para não beijá-lo.

– Prometo.

Capítulo 20

15 de junho de 2010

Era um pouco constrangedor – e um tanto preocupante – Hanna não ter notado que havia alguma coisa errada, até dois dias antes. Ela estava sentada no jardim de Tom, assistindo-o perder a batalha contra uma churrasqueira a gás e tentando não rir, quando sentiu o primeiro chute. Natalie viu como Hanna cobriu a barriga com mãos protetoras e pronunciou na hora:

– Você está grávida.

Elas tiveram uma longa discussão sobre a possibilidade de menstruar estando grávida, seguida por uma corrida enlouquecida para encontrar uma farmácia aberta num domingo. Natalie por fim voltou com três testes – cada um de uma marca –, uma sacola cheia de vitaminas pré-natais e uma caixa de lenços para as lágrimas que ela sabia que viriam.

Agora elas estavam no carro de Tom, indo ao prestigioso Portland Hospital, no qual Tom tinha marcado um ultrassom para ela. Apesar dos protestos de Hanna, ele dissera-lhe que ela merecia os melhores cuidados, e tinha pagado pela primeira consulta.

– Já contou pra ele? – Tom perguntou enquanto o carro passava ao lado do Regent's Park. A grama estava coberta de corpos meio nus, desesperados para aproveitar a breve onda de calor em Londres. Hanna se perguntou se o tempo em Nova York também estaria agradável.

– Ainda não – ela admitiu, abanando o rosto com a mão. Apesar do ar-condicionado barulhento, ainda estava abafado no interior do carro, e ela não conseguia se refrescar de jeito nenhum. – Quero ter a prova antes de ligar pra ele.

Ela estava temendo aquela conversa. Hanna tinha visões de Richard pulando no primeiro avião e girando-a no ar numa declaração de amor. E se não fosse assim? Fazia quatro meses desde que ela o vira pela última vez, e que ela o fizera prometer não contatá-la até que estivesse pronto. Ela sentia que estaria quebrando o acordo se forçasse as coisas.

Ela não tinha ouvido nada dele – nem uma palavra – e estava evitando os Larsen por medo de que ele fosse ficar com Meredith de vez. Esperar já era difícil; uma rejeição seria cem vezes mais dolorosa.

– Três testes de gravidez não são prova suficiente? – Tom perguntou. Hanna viu a covinha sobre o queixo dele tremer. – Você já devia ter contado pra ele.

– E se ele não quiser? – ela expressou seu maior medo. Dizer em voz alta não a fez se sentir melhor.

– Não é escolha dele – Tom respondeu. Ele pegou a mão dela e esfregou o dedão sobre sua palma. – E se ele não quiser, você sabe que sempre estarei aqui.

Ela sentiu um aperto no coração. Tom era bom demais com ela às vezes – e aquela definitivamente era uma daquelas ocasiões.

O carro entrou no estacionamento particular do hospital. Do lado de fora, alguns fotógrafos

estavam encostados nas paredes, esperando a próxima celebridade emergir.

– Tem certeza que quer entrar comigo? E se alguém te visse?

Se os paparazzi o vissem, ambos acabariam nas páginas dos jornais. O Portland Hospital era o lugar preferido para partos de celebridades e os fotógrafos frequentemente ficavam do lado de fora, esperando conseguir uma exclusiva.

– Ninguém vai me ver. Arranjei uma vaga perto da porta dos fundos, é só entrar e sair – ele tirou algo do bolso. – Enfim, trouxe meu gorro.

Ela riu enquanto ele colocava o gorro preto de lã sobre os cachos loiros. Ele sempre sabia como dissipar a tensão, fosse pedindo-a em casamento quando descobrira que estava grávida – ao que ela respondeu *não* –, fosse colocando um gorro de inverno no meio do dia mais quente dos últimos cinquenta anos. Hanna estava tão agradecida por tê-lo por perto.

O dinheiro de Tom falava – e tinha muito a dizer. A vaga deles era o melhor lugar no estacionamento, e assim que entraram pela porta dos fundos, ela foi levada direto para a sala de exames. Não houve espera ou formulários para preencher. Apenas algumas assinaturas e ela já estava deitada na maca, com a blusa erguida e os jeans abaixados, enquanto um gel frio era espalhado sobre a barriga.

– Vocês devem estar tão animados – a médica disse. Hanna sentiu-se corar com a inferência e olhou para Tom. Ele não parecia nem um pouco perturbado.

– Estamos – ele piscou para Hanna, e ela tentou sorrir de volta.

– Bem, vou dar uma olhada e ver se está tudo bem, e então viro o monitor e mostro pra você o que podemos ver – a voz da médica era calma e reconfortante, mas Hanna ainda sentia medo. – Você acha que está de quatro meses, certo?

– Acho que sim.

– Bem, não vamos ver muita coisa, mas vou tentar mostrar o melhor pra vocês.

Hanna olhou para a barriga brilhante por causa do gel, e se perguntou como não tinha suspeitado de nada. A protuberância parecia óbvia agora, com sua barriga se erguendo da pélvis num pequeno arco.

Tom inclinou-se e pegou a mão dela. Ele parecia mais nervoso que Hanna, enquanto a médica silenciosamente passava o aparelho pela sua pele. Hanna apertou a mão dele de volta, dando-lhe um sorriso reconfortante para tentar acalmá-lo.

A médica virou-se e sorriu para ambos.

– Certo, parece que está tudo bem.

Deus, aquelas palavras eram perfeitas. Hanna não sabia que o bebê existia até dois dias atrás, mas de repente seu mundo girava em torno de um ser menor que um abacate.

E, então, ela viu o monitor.

Seu queixo caiu ao mirar a imagem verde e preta. Lágrimas arderam em seus olhos enquanto olhava a tela, e via o contorno minúsculo de um bebê. Ela não tinha esperado ver muito mais que uma mancha, mas podia identificar uma cabeça, pernas e pequenos bracinhos se mexendo à medida que a médica movia o aparelho pela sua barriga.

– Jesus – Tom sussurrou. Hanna virou-se e viu lágrimas escorrendo do rosto dele. A garganta dela estava seca, e embora estivesse com a boca aberta, não conseguia falar.

Era um bebê. O bebê *dela* – dela e de Richard, e era tudo que ela queria. Nada no mundo importava mais do que o pequeno ser crescendo dentro dela.

– O bebê parece estar perfeitamente saudável, e tem cerca de dez centímetros. Coloquei sua

data provável de parto como três de novembro, mas como você não sabe a data da última menstruação, é só uma estimativa.

– Você vai ter um bebê antes do Natal! – a animação de Tom era contagiante e Hanna estava sorrindo loucamente. Já podia imaginar uma criancinha numa fantasia de Papai Noel, fofa, quentinha e cercada de amor.

– Vou tirar algumas fotos pra vocês agora – a médica segurou o aparelho e apertou um botão no teclado, os lábios virados para baixo em concentração. – Parece que o bebê não quer posar. Ele ou ela é um pouco rebelde.

Uma pontada de orgulho aqueceu o coração de Hanna, e ela queria se abraçar de felicidade. Estava grávida de um bebê saudável, lindo e rebelde, e em cinco meses seria mãe.

Mãe.

– Ele é tão lindo – Tom aproximou-se de modo que sua cabeça ficou ao lado da de Hanna, e ambos encararam o monitor. O bebê moveu o braço outra vez, como se estivesse acenando.

– *Ela* – Hanna corrigiu, incapaz de desviar os olhos. Cinco meses parecia tanto tempo. Ela começou a fazer uma lista mental de tarefas: mudar de casa, construir um quarto de bebê e comprar um monte de equipamentos inúteis que ela nunca usaria.

– Certo, vou encaminhá-la para outra consulta. O obstetra vai querer vê-la semana que vem, e eu farei mais alguns exames na vigésima semana – ela limpou a barriga de Hanna. Quando se sentou e arrumou as roupas, a médica entregou as fotos para Tom, que as aceitou avidamente.

– Aí estão, papai. As primeiras da sua coleção.

Tom riu e não se deu ao trabalho de corrigi-la, fazendo Hanna se perguntar se ele já estava se sentindo um tanto possessivo em relação ao filho dela. Ela não tinha certeza se isso era bom ou não, e não queria complicar as coisas com Richard mais do que já eram difíceis.

Em seguida, pensou melhor. Se Richard se recusasse a ajudá-la, talvez fosse uma boa ideia ter Tom ao seu lado. Ela não queria enfrentar aquilo sozinha, e ele parecia encantado com o fato de ela estar grávida. Não era algo romântico entre eles; eles eram apenas amigos.

– Tom, você não pode dizer nada a Ruby até eu falar com Richard, tudo bem? – a última coisa que ela queria era que os Larsen descobrissem antes que ela contasse para o pai.

– Minha boca é um túmulo. Mas você sabe que vou encomendar uma minicamiseta do Fatal Limits pro seu filho, não é?

Ela riu.

– Esse bebê vai ser a criança mais descolada da rua com você como padrinho.

– Sério? Vou ser pai?

O entusiasmo dele a fez perder o fôlego. Eram as palavras certas, mas vindas da boca errada.

– Padrinho – ela corrigiu, mas as palavras não pareceram reduzir o entusiasmo dele. – Você pode mimar a criança e levar ele ou ela para tomar a primeira bebida.

– Posso fazer isso em breve?

– Só se for uma garrafa de leite – Hanna deixou que ele pegasse a mão dela enquanto saíam da sala. – Enquanto isso, aceito massagens e refeições caseiras.

– Combinado – ele piscou e ela se permitiu sentir uma centelha de esperança. Se Tom estava animado desse jeito, talvez Richard também ficasse.

Hanna não retornou ao escritório após a consulta. Ela precisava se acalmar, considerar as implicações e se preparar para fazer a ligação. Pretendia ligar no fim da tarde, horário de almoço em Nova York, quando teria uma chance de encontrar Richard livre.

Andou de um lado para o outro no flat, incapaz de se concentrar em alguma coisa, ou se sentar tempo o suficiente para deixar o medo tomar conta. Na cozinha, limpou o fogão, embora ele já estivesse brilhando, foi para o quarto e organizou suas blusas por ordem de cor.

Qualquer coisa para não ter que pensar.

Às cinco da tarde vieram e passaram. Ela estava protelando, dizendo a si mesma que ligar para ele às cinco em ponto era cedo demais e que ele provavelmente estaria em reunião. Quando os ponteiros do relógio da cozinha apontaram cinco e dez, ela engoliu com força e quis ter pedido a Tom para ficar com ela. Aquilo era a coisa mais difícil que ela já tivera que fazer na vida.

Às cinco e quinze, sentiu um pequeno chute ao barriga. Até o bebê estava ficando cansado daquela enrolação, e Hanna esfregou a barriga, sem saber se estava tentando tranquilizar o filho não nascido ou ela mesma. Ela devia a verdade ao bebê. E também a Richard.

Desbloqueou o celular e abriu os contatos. Pressionando o nome de Richard, apertou o botão verde de chamada e viu a ligação completar antes de colocar o celular na orelha.

Um toque, dois, três. Cada segundo era uma eternidade, e a náusea no estômago de Hanna subiu até fechar sua garganta.

– Alô? – era uma voz feminina. Não era o que ela estava esperando.

Respirou fundo.

– Posso falar com Richard, por favor?

– Quem está ligando?

– Hanna Vincent.

Houve uma longa pausa. Ela estava prestes a repetir quando a voz do outro lado da linha respondeu.

– Hanna, aqui é a mãe de Richard, não sei se você se lembra de mim.

– Sim, me lembro, sra. Maxwell – como ela poderia esquecer?

– Ele não está disponível agora. Está com a noiva.

– Realmente preciso falar com ele, é importante – Hanna surpreendeu-se com sua veemência.

– Não acho que qualquer coisa seja tão importante quanto a saúde de Meredith – Caroline respondeu, ríspida. – Disseram que ela vai ficar numa cadeira de rodas para o resto da vida. A garota está paralisada, Hanna. Seja o que for dizer, não se incomode, só vai causar mais dor a ele – ela hesitou por um tempo, como que para permitir que suas palavras fossem absorvidas, e então acrescentou: – Não ligue de novo.

Hanna congelou. Por um momento, não respirou, não conseguia nem ouvir as batidas do seu coração. A realidade desabou sobre ela como um muro, e a certeza que ela sentia antes a abandonou. Não podia ser verdade, podia? Quando viu Richard pela última vez, ele estava esperançoso de que Meredith fosse andar outra vez. Como ele deveria ter sofrido ao saber que ela não poderia e que ele precisaria ficar ao seu lado.

Ela queria ver as notícias por si própria, então abriu o laptop e digitou o nome de Meredith num site de busca. Os detalhes do acidente surgiram na tela. Não havia nada além do relatório inicial em fevereiro. Hanna sentiu o coração quebrar quando se lembrou da loira vibrante e

alegre e depois imaginou-a confinada a uma cadeira de rodas pelo resto da vida.

Como ela podia contar a Richard que estava tendo um bebê, quando ele era tão necessário a Meredith? Se contasse agora, será que ele abandonaria a noiva e viria ajudá-la? Será que ela poderia olhá-lo nos olhos e respeitá-lo se ele fizesse isso? Poderia colocá-lo na posição de ter que escolher entre a saúde da noiva e estar com o filho?

Ela sabia que não.

Uma hora ele a odiaria – e talvez o bebê – por fazê-lo escolher. Ele era um homem bom, talvez generoso demais, e ela sabia que seus instintos lhe diriam para ficar com Meredith. Tudo que ela tinha que fazer era lembrar de como ele havia abandonado os próprios sonhos para cuidar da Maxwell Enterprises depois da morte de Leon.

Ela desligou sem uma palavra, colocando a mão sobre o coração e sentindo as batidas contra a palma. Seu corpo inteiro tremia enquanto ela pressionava outros botões no telefone e o erguia outra vez, imediatamente se acalmando ao ouvir a voz de Tom.

– Preciso sair de Londres até o nascimento do bebê.

Dessa vez ela não estava fugindo. Estava se afastando, pondo os outros em primeiro lugar. Embora partisse seu coração saber que teria que se afastar da sua família adotiva, ela também sabia que não poderia ver os Larsen. Se eles contassem a Richard a verdade sobre o bebê, o coração dele ficaria em pedaços.

Capítulo 21

25 de abril de 2012

“Alecrim, alecrim dourado...”

Hanna bateu a mãozinha de Matty contra a dela, o som de pele contra pele fazendo os olhinhos dele brilharem encantados. Ela repetiu a música e ele deu gritinhos de alegria, balançando a cabeça para incentivá-la a cantar de novo.

Ele estava acordado havia dez minutos, depois de uma longa soneca, e parecia que ficaria acordado até Tom chegar. Hanna tinha prometido manter seu filho acordado até que Tom chegasse à sua vila em Nice, desesperado para ver como Matthew tinha mudado nos poucos meses desde que o vira.

– Campo – o vocabulário de Matty consistia de frases de uma palavra, mas, a cada dia, ele entendia mais. O rosto dele ficou animado quando Hanna lhe pediu que pegasse os sapatos e ele voltou com eles em mãos, orgulhosamente andando em suas perninhas gorduchas.

Hanna pegou as mãos dele nas dela e começou a cantar “Atirei o pau no gato”. Como sempre, ele segurou a respiração até que chegasse na parte do berro, e então soltou um grito estridente, rindo até cair no chão enquanto ela punha as mãos sobre as orelhas, fingindo que ele a tinha ensurdecido.

Deus, como ela o amava! Desde o momento em que ele nascera e fora colocado nos braços dela, era como se o sol emergisse depois de ter se escondido atrás das nuvens por meses. A adoração que ela sentia por ele borbulhava dentro dela, apertando seu coração até doer fisicamente. Ela faria de tudo por aquele menino – mataria dragões e atravessaria as minas de Moria se fosse preciso. Nada era demais para ele.

Hanna dera à luz num hospital perto de Nice. Tinha sido um parto fácil e rápido, como uma prévia do futuro, recebendo a criança mais calma e alegre que ela já tinha visto. Não que ele não chorasse – ela estava acostumada a acordar durante a noite, encontrar a chupeta dele e oferecer uma refeição extra. Ela estava tão condicionada às necessidades dele que não parecia um incômodo ter que sair da cama. Ela se considerava sortuda demais para pensar assim.

Ela tentou afastar a lembrança de Richard da mente, porém ele nunca estava distante, sempre flutuando às margens dos seus pensamentos. Ela tinha feito a coisa certa; de fato, ela acreditava nisso. Enquanto Meredith estava paralisada e presa a uma cadeira de rodas, pelo menos Hanna tinha um belo futuro planejado com seu menino, mesmo se ele nunca pudesse conhecer o pai.

Agora Matty estava com dezoito meses, e não era mais um bebezinho. Matthew Richard Vincent já era um homenzinho, com cabelo castanho encaracolado e grandes olhos castanhos que a seguiam para onde quer que ela andasse. Hanna considerava-se afortunada por ter passado quase todos os dias do último ano e meio com ele, trabalhando na vila de Tom,

produzindo a biografia do Fatal Limits e escrevendo para a Buzz.

Ela havia transformado a *orangerie* de Tom em escritório. Seu laptop ficava numa mesa branca *vintage* de madeira. No canto, empilhados numa cornucópia colorida de plástico, ficavam os brinquedos de Matty. A cada meia hora, ela fazia uma pausa, sentava e construía prédios com ele até que ele os derrubasse. Ela adorava ouvir as gargalhadas dele.

– Lembra do tio Tom, Matty? – ela colocou-o em seu colo, enfiando o rosto no cabelo macio dele. – Ele gosta de cantar pra você.

Matty balbuciou algo ininteligível, e Hanna seguiu o joguinho de sempre. Ela fingia entender o que ele estava dizendo, conversando como se ele fosse outro adulto.

– É isso mesmo, ele gravou aquela música pra você.

“Dear Matty”, lançada em fevereiro de 2011, tinha ganhado o disco de platina. Todo mundo achava que era uma canção de amor dedicada a uma nova namorada. Só a banda e Hanna sabiam que, na verdade, Tom estava declarando seu amor pelo afilhado. Toda vez que a ouvia, Hanna sentia arrepios.

Matty acomodou-se no colo da mãe, ficando em pé e envolvendo os braços gordinhos ao redor do pescoço dela. Seus pulsos ainda tinham pequenos rolos, como se tivessem colocado elásticos ao redor da sua pele. A cada dia ele ficava mais forte, alto e mais parecido com uma criança. A alegria de conhecê-lo melhor era o bastante para reprimir a tristeza pelo fato de seu bebê estar crescendo.

Um bipe alto de três tons alertou-a para uma mensagem nova no celular. Erguendo Matty do colo, ela equilibrou-o no joelho, indo até o canto da sala de vidro. Seu iPhone ainda estava aceso, e ela apanhou-o, passando o dedo pela tela.

Aterrissei em Monte Carlo. Devo chegar em umas duas horas.

A etapa final da turnê mundial do Fatal Limits era na Austrália, e Tom havia tirado algumas semanas para relaxar e surfar um pouco. Ele tinha voltado para casa, em Londres, uma semana antes, e estava planejando se juntar a Hanna, em Nice, por algum tempo. Eles precisavam ver as provas finais da biografia da banda e esperavam ter algum tempo juntos, já que Tom passara tanto tempo longe depois do nascimento de Matty.

Hanna só tinha voltado a Londres algumas vezes. Ela ainda mantinha o flat lá, sabendo que um dia poderia querer voltar para casa. Mas, no momento, estava estabelecida na França. Matty amava os jardins da vila de Tom e adorava ir à praia. Era um modo de vida bem mais pacífico.

Além disso, ela não tinha que se preocupar em encontrar os Larsen.

Vou colocar o champanhe no gelo. Teremos peixe para o lanche.

Ela sorriu quando enviou a mensagem. Uma de suas partes favoritas de ser padrinho era provar a comida de Matty. Durante suas visitas apressadas à França entre shows, Tom entusiasticamente dava a Matty a papinha congelada que Hanna fazia. Muitas vezes comia mais da metade, seguindo uma rotina de “um para Matty, um para Tom”.

Melhor fazer uma porção extra. Estou levando alguém.

Isso era intrigante. Até onde Hanna sabia, Tom estava solteiro, embora ela suspeitasse que ele tinha seus casinhos em algumas cidades da turnê. Sua esperança de que ele e Ruby

ficassem juntos parecia não ter se concretizado, e parte de Hanna suspeitava que isso era parcialmente culpa dela. Quando ela colocou um muro entre ela e os Larsen, Tom tinha ficado firmemente do lado dela.

Não que ela esperasse que ele escolhesse. Ela ainda mantinha contato com Ruby e Claire, quase surpresa por elas terem aceitado a desculpa esfarrapada dela para não poder vê-las. Ela inventou um acordo entre ela e um “cantor recluso” sobre o qual estava escrevendo, dizendo que não podia revelar seu paradeiro à família e aos amigos. Talvez fosse a experiência de Claire com os excêntricos de Nova York que a tivesse levado a acreditar que tudo era possível, ou a preocupação de Ruby com o PhD em Física Molecular. De qualquer modo, tinha sido muito fácil esconder a existência de Matty.

A porta da frente bateu, e Matty começou a balbuciar e a bater as mãos na água do banho.

– Você está aí? – Tom chamou do corredor.

– No banheiro – Hanna gritou de volta, um sorriso enorme no rosto. – Está uma bagunça aqui!

Alguns segundos depois, a porta do banheiro foi aberta e Tom estava bem à frente dela, um sorriso absurdo moldando seus lábios.

– Matty, meu garoto! – ele inclinou-se sobre a banheira e apertou Matthew, que esmurrou a água em protesto. A camiseta preta cara de Tom ficou encharcada.

Hanna mordeu o lábio numa tentativa de abafar o riso. Matty parecia um pouco perturbado, tanto pela quebra na rotina como pelo abraço entusiasmado de Tom. Ele estava começando a estranhar pessoas que não via com frequência. Hanna esperava que fosse só uma fase.

Ela levantou-se e abraçou Tom, sentindo a água da camiseta dele passar para a sua blusa.

– Como foi o voo?

– Longo. Passei a maior parte dormindo – ele esfregou os olhos com as mãos, confirmando sua exaustão.

– Aposto que sua amiga amou isso.

– Minha amiga?

– Quem quer que você tenha trazido. A mulher para quem eu preparei o jantar.

– Você quer dizer Ruby – Tom riu e as palavras gelaram o sangue de Hanna.

– Ruby Larsen? – a voz dela tornou-se um sussurro. – Você trouxe Ruby aqui?

Tom estendeu a mão e esfregou o braço dela.

– É uma longa história. Há algumas coisas que vocês precisam discutir.

– Realmente.

Hanna ergueu os olhos e viu Ruby parada na porta.

– Você disse que esperaria eu falar com ela – Tom foi até Ruby e passou um braço ao redor da cintura dela. – Isso só vai ser mais difícil se vocês começarem a se atacar.

Hanna sentiu um nó na garganta. O pânico a fez perder o fôlego. Ela sentia-se traída por Tom e com medo de que, agora que a barragem tinha sido aberta, a vida confortável que ela construía para ela e Matty estivesse sendo ameaçada pelas pessoas por quem ela mais sentia falta.

– Ruby, eu sinto...

Matty bateu na água outra vez com força o suficiente para espirrar água na blusa de Ruby. Hanna viu um sorriso se abrir no rosto dela, sua expressão se tornando mais suave quando ela olhou para Matty.

– Ele é lindo.

Hanna só assentiu, sem saber o que dizer.

– Não acredito que você não me contou sobre ele, Hanna. Não consigo entender por que não podia confiar em mim. Era pra sermos amigas. Quer dizer, você é minha melhor amiga, e todo esse tempo ficou me mandando e-mails com histórias sobre artistas reclusos e reportagens difíceis.

– Eu sou meio recluso – Tom apontou, ganhando de Ruby um soco no braço.

– E não pense que terminei de falar com você – Ruby balançou a cabeça para ele.

– Não é culpa do Tom. Eu pedi que ele não contasse a ninguém.

– Ele contou para o mundo inteiro, Hanna. Escreveu uma música sobre o seu filho, pelo amor de Deus – a expressão de Ruby ficou séria de novo. – Seu filho com Richard.

Hanna não se deu ao trabalho de negar. A semelhança estava crescendo junto com Matty. Seu cabelo de bebê tinha sido substituído pelo tom castanho-claro de Richard. Só os olhos eram os de Hanna.

– Posso colocar Matty pra dormir? – Hanna puxou o filho da banheira, molhado e se debatendo, enrolando-o numa toalha branca felpuda. – Podemos conversar enquanto ele dorme.

Os olhos de Ruby fitavam o sobrinho com gentileza, enquanto ela o via mastigar a toalha.

– Claro. Vou abrir as malas. Você tem meia hora.

Matty estava quase dormindo quando ela se sentou com ele na cadeira, terminando a mamadeira de leite morno que ela tinha lhe dado. Todo seu corpo relaxou contra Hanna e ela podia sentir sua respiração ficando mais suave até atingir a cadência do sono. Só aí ela o colocou no berço, ligando a luz noturna e o monitor, antes de sair silenciosamente do quarto e fechar a porta atrás de si.

Ela estava temendo aquela conversa. Parte dela estava furiosa com Tom por colocá-la naquela posição, sem aviso. Mas, principalmente, ela estava furiosa consigo mesma. A situação em que colocara Tom era insustentável, em especial se ele estava se aproximando de Ruby. Pedir que mentisse era completamente injusto.

Hanna entrou na ampla sala de estar. O sol do entardecer era laranja, lentamente se movendo em direção ao horizonte. Ele iluminava a sala com um brilho âmbar, refletindo na pele de Tom e Ruby até que eles parecessem quase sobrenaturais. Ela observou-os por um momento, sentados juntos, as cabeças próximas enquanto conversavam. Há quanto tempo aquilo vinha acontecendo? Eles pareciam íntimos demais para duas pessoas que tinham ficado juntas há alguns dias em Londres.

– Quer um pouco de vinho? – Tom levantou e se aproximou dela, oferecendo um sorriso conciliatório. Ela tentou sorrir de volta, indicando que eles estavam bem.

– Uma taça de Sancerre vai bem – ela adoraria a garrafa inteira, na verdade, mas não ganharia nenhum prêmio de “Mãe do Ano” com aquela atitude.

Tom saiu da sala e Ruby ergueu-se, o rosto parecendo jovem na luz opaca do fim da tarde. Hanna sentiu a atração antes que Ruby se movesse, e poucos segundos depois, elas estavam nos braços uma da outra, em um misto de lágrimas e recriminações, abraços e rancor.

Elas eram irmãs. O amor as uniria sempre, não importava o que acontecesse.

– Estou tão brava com você – Ruby soluçou no ombro de Hanna. – Preciso que me diga por quê.

Hanna ergueu o rosto de Ruby, beijando a bochecha dela e sentindo as lágrimas delas se misturarem. O nó em sua garganta cresceu tanto que era difícil falar.

– Eu... – Hanna hesitou, tentando pensar em como se explicar. – Quando descobri que estava grávida, liguei pro Richard pra contar. Caroline atendeu e me falou sobre Meredith.

– Sobre Meredith? – Ruby perguntou.

– Sobre ela não poder andar, depois do acidente – ambas estavam respirando com mais facilidade agora, e Hanna pegou a mão de Ruby e conduziu-a ao sofá. Elas se sentaram, os joelhos se tocando, e continuaram a conversar.

– Meredith consegue andar – Ruby estava perplexa. – Não podia no início, depois do acidente, mas logo ficou bem.

Hanna balançou a cabeça.

– Não, Caroline me disse que ela estava presa numa cadeira de rodas para o resto da vida. Por isso não contei a Richard. Não podia suportar que ele a deixasse por minha causa.

Ruby estava imóvel como uma estátua.

– Não é verdade.

– Eu liguei! – Hanna protestou. – Eu liguei, eu ia contar pra ele!

– Estou falando de Meredith. É mentira. Caroline mentiu pra você.

Foi como se o coração de Hanna tivesse parado. Praticamente morrido dentro do peito. Por que Caroline mentiria sobre Meredith poder andar? Não fazia sentido, a não ser que ela estivesse tentando afastar Hanna de Richard. O que significava que era tudo uma grande mentira. A ideia deixou-a nauseada. Todos aqueles meses sozinha, criando um filho sem o pai, tinham sido por nada.

Nada.

O que faria agora? Mentira para Richard omitindo a verdade dele, pensando ser melhor daquele jeito, mas acabou roubando o filho dele. De jeito nenhum ele a perdoaria. E de jeito algum Hanna jamais perdoaria Caroline. Ela queria arrancar os cabelos da mulher, gritar-lhe o que as palavras descuidadas dela haviam feito. Aquela vadia havia roubado o futuro deles.

Hanna balançou a cabeça, as lágrimas escorrendo dos olhos.

– Não.

– Sim. Meredith é perfeitamente capaz de andar. E saiu da vida de Richard.

– Não! – Hanna gritou. – Não contei a ele sobre Matty para que pudesse passar a vida com ela. Cuidando dela.

– Hanna, ele terminou com Meredith há quase dois anos. Veio para Londres e descobriu que você tinha ido embora. Ficou tão bravo que nem consigo dizer quanto. Fiquei com medo de que fosse quebrar alguma coisa, ou quebrar ele mesmo. Nem ousei falar que a gente estava conversando por e-mail.

Hanna não sabia se queria vomitar ou se realmente precisava beber. Onde estava Tom com o vinho? Ela esperava que ele trouxesse a garrafa. Se pelo menos ela tivesse tentado ligar

para ele outra vez, ou falado com Ruby e contado a verdade, poderia estar com Richard agora, vendo-o brincar com o filho, talvez jogando beisebol ou ensinando-o a chutar uma bola de futebol... Meu Deus, ela estava desesperada para voltar e mudar tudo.

– Ele não está mais com Meredith? – Hanna sentiu que precisava confirmar. Ela não sabia ao certo a resposta que queria ouvir.

– Não, não está com ninguém, até onde eu sei. Não que ele me conte esse tipo de coisa. Estou morando com ele enquanto estou em Columbia.

– Que legal que vocês estão passando mais tempo juntos – a resposta de Hanna foi automática. A parte racional do seu cérebro ainda estava firmemente fixa em Manhattan, em um apartamento de cobertura. Ela quase podia ver Matty correndo pelo chão de madeira caro, seu rosto alegre vendo papai chegar do trabalho. Outro soluço escapou quando percebeu que ela nunca veria aquela cena.

– Está sendo incrível – os olhos de Ruby brilhavam enquanto pensava nas lembranças felizes. Tom entrou com uma garrafa de vinho e três taças.

– Já é seguro entrar? – ele perguntou, pondo as taças na mesa de centro e servindo o vinho frio.

– Não nos atacamos ainda, se é isso que você quer saber – Ruby apertou a mão de Hanna com força. – Agora só precisamos discutir como você vai explicar tudo isso pro Richard.

Hanna ainda estava em choque, incapaz de moldar os pensamentos em algo que fizesse sentido. Ela deixou Ruby liderar, submetendo-se às sugestões da amiga.

– Não tenho certeza se ele vai falar com você – Ruby confessou. – Nas raras ocasiões em que seu nome é mencionado, ele normalmente sai da sala.

Hanna sentiu um aperto no coração. Claro que ele devia odiá-la. As últimas palavras dela, quando se viram em Nova York, tinham sido uma promessa. Ela prometera esperar por ele em Londres. Não era à toa que ele tinha ficado furioso quando chegou lá e ela tinha sumido.

De novo.

Será que ele odiaria Matty também? Ela não aguentava pensar na possibilidade de alguém desprezando seu filho, mas se Richard estivesse bravo com ela, talvez o rejeitasse também. Matthew era a combinação perfeita deles dois, tanto em aparência como em temperamento, e Richard conseguiria identificar a metade herdada de Hanna.

De qualquer modo, ela não podia adiar mais. Não era uma escolha sua. Ela queria ligar para ele imediatamente, revelar tudo por telefone o quanto antes, para compensar o tempo perdido. Mas não era o tipo de notícia que devia ser dada a milhares de quilômetros de distância.

– Não posso fazer isso por telefone. Tenho que ir para Nova York – ela mordeu uma unha. – Mas não sei se Matty vai gostar muito disso – Hanna podia imaginar o filho correndo pelo avião, gritando com os outros passageiros. A visão a fez estremecer.

– Deixe-o aqui com a gente – Ruby sugeriu. – Estou desesperada para conhecer meu sobrinho, e sei pela música que Tom já está apaixonado.

– Ele está passando por um estágio carente – Hanna hesitou. Ela sabia que a sugestão de Ruby fazia sentido, só não tinha certeza se conseguiria suportar se afastar dele.

– Dê umas semanas pra gente conhecê-lo melhor. Se achar que podemos cuidar dele, pode ir para Nova York e dizer a Richard que venha para cá. Prometo que o trataremos como um rei – a voz de Ruby traía a sua animação. Hanna ficou mais tranquila quando viu Tom encarando-a

com os olhos brilhando.

– Será que Richard vai aceitar me ver? – Hanna perguntou, sabendo que as palavras representavam sua aceitação. Ruby inclinou-se e abraçou-a com força, soltando um gritinho alto que fez Hanna estremecer.

– Provavelmente não – Ruby respondeu. – Mas eu ligo e marco um horário com ele no meu nome. Você pode encontrá-lo no trabalho. Pelo menos, se estiver cercado de pessoas, ele não pode perder a cabeça.

Parecia que Ruby tinha tudo planejado. Dali a duas semanas, Hanna estaria em um voo para Nova York. O medo lutava com a animação em seu estômago, misturando-se com o álcool que ela estava ingerindo. A ideia de ver Richard de novo deixava suas pernas bambas.

Ela iria porque Richard merecia saber sobre o filho. Iria porque Matty merecia ter um pai. Mas, principalmente, iria porque o amava tanto que achava que seu coração iria explodir.

Capítulo 22

12 de maio de 2012

O avião pousou no aeroporto de Nova York no início da tarde. A aterrissagem foi brusca o bastante para revirar o estômago já embrulhado de Hanna. Pela primeira vez em todas as suas viagens, ela estava distintamente ciente da própria mortalidade. Medo do que aconteceria com Matty se ela morresse atormentava os pensamentos dela.

O que é mais um motivo para contar para Richard, a parte sarcástica do seu cérebro a informou. Hanna reprimiu o pensamento.

Até sua alma estava contra ela.

Ela não tinha se dado ao trabalho de levar bagagens. O voo de retorno seria no dia seguinte, e uma mala de mão era suficiente para uma noite. Produtos de higiene, maquiagem e uma troca de roupa eram tudo o que ela precisava antes de pisar na França outra vez.

A fila na imigração estava se movendo depressa. Cada passo até a cabine de vidro a deixava mais próxima de contar a Richard as novidades mais chocantes da vida dele, e Hanna sentia a necessidade de enrolar, protelar. Ela brincou com o passaporte azul-escuro, imaginando se teria sido melhor usar o europeu. A fila estava muito mais longa do outro lado da sala.

Fechando os olhos, lembrou-se de como Ruby a tinha abraçado antes de ela sair da vila em Nice. Suas palavras de incentivo, sussurradas em seu ouvido, conseguiram plantar uma semente de esperança de que eventualmente Richard a perdoaria por ter fugido outra vez. Ela ainda não tivera tempo de cultivar aquela semente, fazendo-a se transformar em qualquer tipo de planta. Hanna só esperava não matá-la.

– Você esteve fora do país por algum tempo, senhora? – o funcionário da imigração estava digitando no computador com a mão direita enquanto olhava o passaporte de Hanna aberto na esquerda.

– Eu tenho dupla nacionalidade. Estou morando na Europa.

– E pretende ficar por muito tempo? – ele olhou-a com desconfiança.

– Só até amanhã. Vou encontrar um amigo.

O homem fechou o passaporte e devolveu-o.

– Espero que tenha uma boa estada, senhora – os olhos dele já estavam no próximo passageiro. Hanna apanhou a mala e atravessou a barreira. Ela podia sentir o tempo correndo como a contagem regressiva na véspera de ano-novo. A ideia a animou e assustou ao mesmo tempo.

Ela passou direto pela esteira de bagagens, dirigindo-se à porta que levava ao terminal principal. O ar-condicionado fez sua pele pipocar em arrepios, mas considerando o sol entrando pelas janelas de vidro do terminal, era um belo dia de primavera.

Enquanto esperava na fila do táxi, ela ensaiou a conversa em sua mente. *Diga o mais cedo possível*, ela disse a si mesma, *se ficar enrolando ele vai te expulsar ou te matar*. A notícia de que ele tinha um filho era como um band-aid, e para o bem de Richard, ela precisava removê-lo rápido. Ela podia lidar com a ferida depois. Tirar aos poucos não evitaria a tristeza, de qualquer jeito.

Não importava o que dissesse, aquilo iria doer.

Quando chegou à frente da fila, Hanna entrou num táxi amarelo, pondo a mala ao seu lado. O banco preto de vinil estava frio, e os olhos dela cruzaram com os do motorista no espelho retrovisor.

– Para onde?

– Distrito financeiro. Esquina da Pine e Nassau.

– Maxwell Enterprises? – o motorista quis confirmar.

– Isso, exato – Hanna rezava para que Ruby tivesse conseguido um passe de segurança, como prometera. Se ela tivesse que ligar para Lisa para conseguir um, Hanna sentia que poderia simplesmente sair correndo.

Felizmente, o trajeto foi longo. As ruas eram um caos de carros e caminhões, fumaça saindo furiosamente dos escapamentos enquanto os veículos continuavam parados. Hanna reclinou-se no assento e ouviu a música saindo do estéreo do carro, permitindo que seu ritmo regular acalmasse as batidas do coração. Parecia que os táxis tinham sido renovados desde que estivera ali pela última vez. Havia uma tela mostrando a exata localização deles, ocasionalmente interrompida por anúncios de empresas locais. O lento progresso do automóvel podia ser visto ao seguir o pontinho vermelho que piscava indicando a posição deles nas ruas.

Eram três da tarde quando o táxi parou na Pine. Hanna deu trinta dólares ao motorista, dizendo para ele ficar com o troco, e abriu a porta para sair. Os sons não pareceram tão dissonantes como costumavam – talvez o ano que passara ali a tivesse deixado imune à cacofonia. O aroma familiar de gases de escapamentos e barracas de comida atingiram seu nariz de um modo delicioso.

Sua confiança parecia ter retornado. Ela ficava deslocada entre os ternos cinzas nos seus jeans apertados e camiseta preta, mas em vez de se sentir inferior, aquilo a fez sorrir um pouco, lembrando-a de que seu trabalho parecia muito mais satisfatório e permitia-lhe ficar em casa com o filho. Em comparação, aqueles executivos pareciam-lhe prisioneiros; os uniformes podiam ser muito mais elegantes e feitos sob medida, mas eles estavam tão encarcerados quanto um assassino em San Quentin.

Passar pela segurança foi surpreendentemente fácil. Seu nome estava na lista e um passe já tinha sido impresso para ela. Hanna prendeu-o na cintura e entrou no banheiro, precisando se olhar uma última vez antes de subir ao escritório dele.

Quando emergiu – com a maquiagem retocada e o cabelo penteado – dirigiu-se aos elevadores no canto do saguão. Estivera ali algumas vezes antes, quando ainda namorava Richard, antes da morte da mãe, e algumas vezes depois, quando estava morando em Manhattan. Contudo, daquela vez, parecia diferente. As paredes aparentavam estar mais próximas, o elevador mais agourento. Talvez tivesse sido ela que tivesse mudado, não o prédio.

Hesitando fora da porta do escritório, ela respirou fundo para reunir coragem. Endireitando

os ombros, abriu a maçaneta, assumindo uma expressão neutra e ilegível.

Então, ela entrou.

– Hanna? – o rosto de Lisa indicava sua confusão. Os outros dois administradores na sala ergueram os olhos, parando de digitar por um momento enquanto seus rostos revelavam o interesse nela. Eles deviam ser novos; Hanna não os reconhecia.

– Olá, Lisa. Como vai? – ela sempre tinha gostado da assistente de Richard.

– Bem, obrigada. E você?

Hanna tentou sorrir.

– Também. Richard está disponível?

– Ele tem reuniões a tarde inteira. Não acho que esteja esperando você – a resposta de Lisa foi educada, como sempre. Sua expressão indicava que sentia muito.

– Tenho um horário às três e meia. Ruby marcou para mim.

– Ah, isso explica. Vou dizer a ele que você está aqui.

Hanna queria dar meia-volta e sair correndo para o aeroporto. Será que estava pronta para aquilo? Não o via há tanto tempo. Tudo sobre a situação fazia seus nervos formigarem. A leve sensação de náusea no seu estômago intensificou-se. Se ela não tomasse cuidado, vomitaria.

Você está no controle, lembrou-se. Conte para ele, espere que absorva a notícia e saia.

Ela não entraria em pânico, não perderia o controle. Hanna manteve a respiração regular, mesmo quando o coração começou a acelerar. A última coisa que precisava era desmaiar no escritório dele.

– Você pode entrar – a voz de Lisa trouxe-a de volta ao presente.

– Posso deixar minha mala aqui? – Hanna indicou a pequena mala. Lisa pegou-a com um sorriso e fez um gesto para a porta de Richard.

Era agora.

Ela estava pronta? Estaria algum dia? A única coisa que sabia era que devia a verdade a Richard, e a Matty também. Então teria que lidar com a reação dele. Pondo um pé na frente do outro, atravessou a entrada até chegar à porta, os olhos acariciando o conhecido carvalho escuro enquanto estendia a mão.

Hanna abriu a porta, as dobradiças chiando levemente sob a pressão. A sala tinha sido redecorada em algum momento nos últimos dois anos; as paredes cor creme tinham sido repintadas num branco mais pálido e a mobília substituída por peças com linhas mais simples e modernas. Ela ficou triste ao perceber que a vida continuara sem ela. Como Richard reagiria quando descobrisse como a vida tinha continuado sem ele?

– O que você está fazendo aqui?

Richard estava encostado em sua escrivaninha, os calcanhares e os braços cruzados. A jaqueta do terno estava pendurada num gancho atrás dele. Embora ela tentasse não olhar, não podia não examinar todo o seu corpo, dos pés à cabeça.

Richard tinha ganhado um pouco de massa muscular desde a última vez que ela o vira. O algodão fino de sua camisa estava grudado em seus bíceps, passando por seu abdômen liso até ser enfiado dentro da calça social. Seus quadris ainda eram magros e estreitos, e ela fechou os olhos tentando não se lembrar da sensação deles entre suas coxas, quando ele se movia dentro dela, respirando suavemente em sua orelha, enquanto ela gemia e...

Balançou a cabeça. Ela não estava lá, naquele escritório grande e revestido de madeira só para relembrar o passado, por mais agradável que pudesse ser. Ela tinha voado até ali, a

quase cinco mil quilômetros de distância, para contar a ele o que ele merecia saber.

Um riso nervoso ameaçou escapar quando ela considerou o melodrama ridículo da situação. A versão mais jovem dela, com dezessete anos, estaria revirando os olhos, indignada ao perceber que ela aos 29 anos tinha conseguido transformar uma vida aparentemente promissora numa novela mexicana.

Ela ergueu os olhos para ele, olhando para seus lábios, que estavam cerrados de raiva. Os olhos dele haviam se estreitado sob as sobrancelhas, e seu nariz reto e perfeito estava levemente torcido em resposta à sua presença.

O desprezo que ele sentia por ela irradiava do seu corpo.

Hanna tentou manter a respiração regular, lembrando-se de que, embora estivesse no escritório *dele*, na cobertura do prédio *dele*, esse era o momento *dela*.

Ela estava no controle.

Se ele a via com desprezo agora, só Deus sabia como se sentiria depois de ouvir o que ela tinha a dizer. Ele tinha sido parte da sua vida por tanto tempo – como amigo, confidente, até amante –, mas nunca antes tivera o poder de destruí-la.

– Por mais agradável que seja vê-la – ele disse com a voz arrastada, deixando perfeitamente claro que tê-la no seu escritório era qualquer coisa menos agradável –, tenho uma reunião em cinco minutos. O que você quer, exatamente?

Ele não tinha ideia, mas era agora. Hora de ela abrir a boca e contar a ele o que ele precisava ouvir. De repente, seus braços ficaram pesados e seus dedos tremeram – uma manifestação física do seu nervosismo. O riso foi substituído por algo mais perturbador quando ela tentou respirar fundo e formar as palavras que tinha viajado toda aquela distância para dizer.

Umedeceu os lábios. Viu o olhar dele descer para sua boca, seus olhos escuros observando-a enquanto ela mordida o lábio inferior.

– Richard – a voz dela estava surpreendentemente forte. Ela podia fazer isso. Podia contar a verdade para ele, e então ir embora dali.

Voltar para um avião.

Voltar para casa.

Voltar para *ele*.

– Richard, nós tivemos um bebê.

O silêncio que se seguiu era palpável. Hanna podia quase sentir a confusão dele enquanto via as expressões que se sucediam com rapidez em seu rosto. Ela tinha feito o que viera fazer – contar a verdade –, e agora estava se preparando para a reação.

Richard continuou congelado. Ela se perguntou se deveria repetir, e arrastou os pés, querendo se mover na direção dele, chegar perto o bastante para tocá-lo.

Aquele tipo de pensamento era perigoso.

– Nós *tivemos* um bebê? – ele repetiu. Hanna percebeu o erro. No seu desespero de falar as notícias, ela não tinha escolhido bem as palavras.

– Nós *temos* um bebê. Bem, ele está maior agora, mas foi um bebê. Uma vez – droga, ela estava balbuciando agora, revelando seu nervosismo. Ela precisou se esforçar para encontrar os olhos dele. E estremeceu quando viu a raiva e a confusão radiando deles.

– Que merda está acontecendo? – ele franziu as sobrancelhas, linhas profundas emergindo na testa enquanto tentava compreender a notícia. – Não entendo o que você está dizendo.

Ela percebeu que precisava mostrar uma prova para ele, em vez de tentar explicar. Suas mãos estavam tremendo outra vez, mas ela conseguiu se controlar o bastante para tirar o celular do bolso, tentando controlar os dedos enquanto acessava as fotos.

– Quando saí de Nova York em 2010, eu estava grávida. Eu não sabia na época, na verdade fiquei sem saber por alguns meses, mas na última vez em que estivemos juntos, nós fizemos um bebê – as últimas palavras fizeram-na pausar. Ela ainda achava aquele fato incrível.

– E você tem certeza de que ele é meu?

A questão era legítima, mas doeu mesmo assim.

– Totalmente.

O silêncio momentâneo era como uma parede entre eles. Hanna se perguntou se conseguiria quebrá-lo algum dia. Ela decidiu continuar, dar-lhe todas as informações e sair dali. Ela queria segurar Matty nos braços agora. Precisava da presença dele para se acalmar.

– O nome dele é Matthew, e nasceu no dia 12 de novembro. Ele tem dezoito meses – ela moveu-se para mostrar a Richard uma foto no iPhone dela, escolhendo uma que ela tirara alguns dias atrás. Matty estava de pé na sala de estar de Tom, segurando uma bola que ele tentava jogar para Ruby. Sua alegria por brincar com a tia estava evidente em seu rostinho, e ele mordida o lábio em concentração.

– Esse é ele? – a voz de Richard estava morta. – Meu filho?

Hanna assentiu, o nó na garganta impedindo que dissesse qualquer coisa. Ela tinha sonhado com aquele momento tantas vezes, e a falta de emoção dele a estava matando. Então, um segundo depois, quando viu o rosto de Richard se contorcer de raiva, ela desejou que a impassibilidade retornasse.

– Preciso sair dessa sala. Fique aqui – ele disse nervoso, não lhe dando opção. Escancarou a porta que levava à recepção e saiu. Quando a bateu atrás de si, ela ouviu a fechadura virar.

Ele a trancara lá dentro.

Não confiava nela nem um pouco. Estava tão certo de que ela fugiria que sentiu que precisava trancá-la.

Ou talvez estivesse tentando protegê-la. Um instante depois, ela ouviu algo ser lançado na recepção e a vibração da sua voz quando ele gritou, seguida pelo tom mais gentil de Lisa, murmurando alguma coisa.

Hanna foi até o sofá de couro marrom escuro ao lado da ampla janela e sentou-se, digitando no iPhone que ainda segurava.

Contei pra ele.

Ela enviou a mensagem para Ruby.

Depois de alguns segundos, Ruby enviou uma resposta.

Como ele reagiu à notícia?

Me trancou no escritório dele.

Você está bem? Ele está bem?

Deus abençoe Ruby. Ela sempre apoiava tanto o irmão como Hanna.

Ele saiu. Estou bem. Acho que ele está jogando os móveis pela sala.

Alguns minutos depois, Hanna ouviu a fechadura se abrir, e o rosto de Lisa apareceu quando a assistente abriu a porta.

– Como você está, Hanna?

Hanna tentou não sorrir. Todo mundo estava fazendo a ela a questão que deviam perguntar para Richard. Ela estava bem. Um pouco abalada, mas bem.

– Richard está bem?

– Um pouco bravo. Não é problema meu, mas acho que entendi a situação. Falei para ele tomar um pouco de ar e voltar quando estiver mais calmo – atrás de Lisa, Hanna podia ver o estrago no chão, onde Richard tinha jogado canetas e outros equipamentos do escritório. – Gostaria de uma bebida enquanto espera por ele?

– Adoraria um copo d'água, obrigada – ela não tinha percebido como a boca estava seca até Lisa ter oferecido. O confronto tinha sugado toda a umidade dela.

Richard levou mais de vinte minutos para voltar. Enquanto esperava, Hanna mandou algumas mensagens para Ruby, descobrindo que Richard tinha ligado para a irmã e parecia mais calmo. Mesmo assim, Hanna ficou tensa quando a porta se abriu, com medo de qual lado de Richard estava prestes a ver.

– Desculpe por ter te trancado – as primeiras palavras dele a acalmaram. – Precisava sair daqui antes de fazer algum estrago.

– Sou eu quem precisa pedir desculpa.

Richard ignorou o arrependimento dela.

– Pedi para Lisa nos colocar no primeiro voo para a França. Saímos hoje à noite.

– Tenho um voo amanhã... – ela começou a protestar, mas Richard fez um gesto de negação.

– Está feito. Enquanto espero minha bagagem, você pode me dar algumas respostas – ele aproximou-se dela, sentando-se na cadeira de couro à sua frente. Na luz brilhante do sol da tarde, as feições dele pareciam mais nítidas, e Hanna sentiu a estranha vontade de passar um dedo pelo maxilar dele.

– É claro.

Richard reclinou-se, passando as mãos pelo cabelo.

– Por que não me contou? Foi vingança por eu ter ficado com Meredith até ela ficar melhor? Porque isso é baixo demais – as palavras saíram todas juntas, e Hanna sentiu cada uma perfurar seu coração.

Ela balançou a cabeça rapidamente.

– Queria contar pra você. Não sabia de nada até estar grávida de quatro meses. Assim que peguei o exame, liguei pra você – ela virou o copo de água. – Sua mãe atendeu, e me disse que Meredith ficaria presa a uma cadeira de rodas para o resto da vida, e que você estava cuidando dela.

A mão de Richard ainda estava no cabelo, agora puxando em vez de alisar. Ela resistiu à vontade de abaixar o braço dele.

– Minha mãe disse o *quê*? – a voz dele era puro gelo.

– Que Meredith nunca andaria de novo, que ficaria presa numa cadeira de rodas para sempre.

O silêncio que se seguiu era pesado. Richard demorou um tempo para cortá-lo.

– Por que ela diria isso?

Hanna sentia que o coração estava sendo apertado por um torno. Ela estava morrendo de medo de que ele acreditasse em Caroline e não nela. E por que não faria isso?

– Não sei – ela balançou a cabeça –, mas acreditei nela. – Hanna queria voltar no tempo,

reviver aquela conversa e fazer questões mais pontuais a Caroline. Mas ela estava tão emocional, ainda em choque pela descoberta da gravidez, desesperada para falar com Richard e contar as novidades. Caroline tinha tirado proveito disso e impediu-a antes mesmo que ela começasse.

– Você não sabe – a voz dele tinha adquirido aquele tom outra vez. Ela estava tendo dificuldade em ler suas expressões. Seu rosto era uma máscara e ela queria agarrá-lo e sacudi-lo até conseguir uma reação. – Então por que não me ligou de novo?

Hanna umedeceu os lábios.

– Porque, se eu dissesse que estava grávida, você teria deixado Meredith. Eu não podia fazer isso com ela, nem com você. Achei que ela estava paralisada e precisava de você. Eu sabia que o partiria em dois se tivesse que escolher entre nós.

– Era mentira – a expressão estoica dele foi dominada pela emoção. – Minha mãe mentiu.

– Ela não sabia que eu estava grávida – a voz de Hanna falhou, e lágrimas arderam em seus olhos. – Eu devia ter contado pra você.

Ele levantou-se e começou a andar de um lado para o outro sobre o chão de madeira escura.

– Não consigo nem explicar como me sinto agora. Estou furioso com minha mãe e com você, e até com Ruby, por ter conhecido meu filho antes de mim. Se você não fosse a mãe do meu filho, eu provavelmente ia querer matá-la.

Hanna começou a tremer outra vez. O humor dele estava oscilando de um extremo a outro, e ela podia entender o porquê. Se descobrisse que tinha um filho dezoito meses após o nascimento dele, ela estaria furiosa também. Para não dizer confusa e assustada.

Ela olhou para Richard.

– Você disse que tinha questões. Mais de uma?

– Qual o nome completo dele?

Isso vai doer, ela pensou.

– Matthew Richard Vincent.

– Você deu meu nome para ele?

– Não podia dar seu sobrenome, então dei o primeiro nome. Matthew significa presente de Deus – ela deixou um suspiro escapar dos lábios. – E ele realmente é um presente, Richard.

– Ele é saudável? Feliz? – ele disparava as palavras como balas.

Ela sentiu um aperto no coração. Mesmo no maior turbilhão de emoções de sua vida, ele estava perguntando sobre o bem-estar de outras pessoas. Ela tentou reprimir o amor que sentia por ele, que estava ameaçando escapar dela.

– Ele é perfeitamente saudável. Tomou todas as vacinas. Houve algumas quedas e machucados, mas nada sério – ela tentou sorrir através das lágrimas. – É a criança mais feliz que eu já vi. Está sempre sorrindo e adora brincar. Quando entro em casa depois que estive fora, ele abre o sorriso mais doce e lindo – agora que tinha começado a falar do filho, ela não conseguia parar. – E é tão inteligente. Já sabe várias palavras e começou a andar antes de completar um ano. Você vai amá-lo.

A expressão maravilhada de Richard indicava que ele já amava.

– Preciso vê-lo – a voz dele falhou. – Não acredito que isso está acontecendo.

Hanna queria estender a mão e tocá-lo. Aquele turbilhão de emoções estava fazendo efeito sobre Richard. Ela estava desesperada para ajudá-lo.

– Sinto muito. Queria que você estivesse lá quando ele nasceu.

– Foi um parto fácil? – ele parou de andar e sentou-se de novo. Dessa vez, ao lado dela, o que deu a Hanna uma centelha de esperança.

– Foi como se ele estivesse me rasgando em duas, mas valeu toda a dor. No momento que o puseram nos meus braços, eu sabia que faria tudo de novo sem pensar duas vezes.

– Você tem fotos de quando ele era bebê?

– Todas de quando era recém-nascido estão num álbum em casa, na França. Tenho algumas de quando começou a engatinhar – ela passou pelas fotos no celular e mostrou-as a Richard. Ele viu todas, os olhos brilhando enquanto observava o filho.

– Ele é lindo – Richard sussurrou.

– Mal posso esperar pra você o conhecer.

– Ruby me deixou ouvi-lo no telefone. Ele disse seu nome.

Hanna engoliu, o sorriso eclipsado pelas lágrimas quando pensou em Matty. Ela sentia tanta saudade dele que até doía. Seus braços sentiam a ausência dele. Ela enxugou o rosto molhado.

– Ele é um menino tão esperto.

A porta abriu e Lisa enfiou a cabeça para dentro.

– Jack está aqui com a bagagem. Já quer descer?

– Sim – a resposta de Richard foi imediata. Ele foi até a mesa e desligou o computador, pegando o laptop junto com alguns documentos. Enquanto fechava a maleta, virou-se para Hanna. – Você tem *wi-fi* na sua casa, na França?

Hanna assentiu, perguntando-se por quanto tempo Richard pretendia ficar. Então começou a se preocupar com as intenções dele. Ele não podia ficar na França para sempre. Será que tentaria tirar Matty dela? Ele tinha todo o direito de pedir guarda conjunta, e por mais que isso fosse quebrar seu coração, Hanna não poderia recusar.

Ela pensou que poderia simplesmente contar a verdade e voltar para a França. Imaginou que sua vida continuaria a mesma, só melhorada pelo fato de que Matty conheceria o pai. Porém, se a vida era complicada antes, não era nada comparada com o que o futuro traria.

Richard atravessou a recepção e apanhou a mala dela, passando-a sobre seu ombro. Hanna o seguiu, o coração ainda acelerado enquanto pensava sobre o futuro. Parte dela estava animada porque veria Matty em menos de um dia. A outra parte estava com tanto medo que não conseguia respirar.

Ela ainda não sabia se o pior tinha passado.

Capítulo 23

13 de maio de 2012

Enquanto se reclinava no assento de couro, Richard olhou pela janelinha redonda, notando que finalmente estavam sobrevoando terra. Os campos abaixo foram o suficiente para ele perceber que estavam sobrevoando a Europa; até de cima a terra era diferente dos Estados Unidos. Menor e mais bonita, de algum modo ela se adequava ao temperamento dos seus habitantes.

Um dos quais o seu filho.

Seu filho.

Por mais que repetisse as palavras para si mesmo, não conseguia compreendê-las. Pela primeira vez na vida, tinha tomado um comprimido antes de embarcar – o suficiente para acalmar seus nervos e impedi-lo de querer alternadamente beijar e matar Hanna Vincent. Ela estava dormindo ao lado dele, seu cabelo castanho longo espalhado sobre o apoio de cabeça. Dois voos transatlânticos em menos de vinte e quatro horas tinham acabado com ela. A exaustão estava evidente em seu belo rosto.

Ele olhou para o laptop aberto, correndo os olhos pelos e-mails que tinha baixado antes de embarcar. Quando pediu a Lisa que o pusesse naquele voo, ela tinha automaticamente cancelado e remarcado todas as reuniões, embora pelo visto ele fosse ter algumas por videoconferência. Ele só esperava que o *wi-fi* de Hanna estivesse à altura do desafio.

Outra onda de rancor racional o atingiu. Seu rosto se contorceu enquanto tentava controlar a fúria, as mãos desesperadamente se fechando em punhos. Ele não podia olhar para ela, nem podia pensar no que ela havia feito, sem querer lhe causar dor. Aquilo o estava matando.

Um soluço abafado o distraiu de sua nuvem de fúria e ele virou a cabeça, encontrando Hanna acordada. Ela o estava encarando, a mão cobrindo a boca, o rosto brilhando com lágrimas. Sua raiva diminuiu e foi substituída por preocupação, e ele amaldiçoou seus humores alternados.

Ele não enxugaria as lágrimas dela. Não dessa vez. Por mais que sua mão estivesse levemente erguida, desesperada para tocar o rosto dela.

– Desculpe – a voz dela era um sussurro. – Você parece tão bravo.

Richard respirou fundo. Aquele não era o lugar para ter aquela conversa, não importava o quão desesperada Hanna estivesse para ser absolvida. As luzes acima do assento estavam apagadas, mas os movimentos constantes da aeromoça e dos diversos viajantes atravessando o corredor até o banheiro faziam o espaço deles pouco reservado. As recriminações teriam que esperar até eles aterrissarem na França e estarem sozinhos na vila.

Até que ele conhecesse seu filho.

A luz de segurança piscou acima deles, seguida por um anúncio de que eles estavam

começando a aterrissagem. Richard olhou para fora da janela outra vez, maravilhado com a beleza da terra. A luz branca da manhã machucava seus olhos. Nova York já parecia estar muito distante, como uma cidade de sonhos.

– Um carro vai nos pegar no aeroporto – ele tentou manter o tom civilizado. Ficar tão próximo dela tinha sido uma má ideia. Todas as emoções existentes no mundo pareciam passar por ele sempre que olhava para ela. Ele tentou ao máximo não fazer isso.

– Obrigada.

– Ruby e Tom vão nos encontrar na vila. Depois disso, eles vão para Mônaco por alguns dias. Vamos ter uma chance de resolver as coisas em paz.

Ele sentiu Hanna ficar tensa. O braço dela estava a milímetros do dele, e Richard viu-a batendo os dedos nervosamente no apoio de couro. Ele apertou a coxa e reprimiu a vontade de pegar a mão dela e esfregar um dedo pelas articulações até que ela se acalmasse.

– Eles vão embora? – ela perguntou, a voz trêmula. – Queria passar mais algum tempo com Ruby.

Richard balançou a cabeça, ainda encarando a mão dela.

– Quero passar um tempo com meu filho, longe de todo mundo.

Outro soluço mal contido. Ele não tinha que vê-la para saber que ela estava mordendo o lábio. Ele sabia tudo sobre aquela mulher; o jeito como ria, o jeito como chorava.

O jeito como mentia.

O avião estava descendo rápido, e os ouvidos deles se fecharam enquanto tentavam se adaptar à altitude. Hanna estendeu a mão para pegar uma garrafa de água do apoio de copo e começou a beber rapidamente. Ele tinha se esquecido de como os canais auditivos dela eram sensíveis, mas agora se lembrava com clareza daqueles poucos voos que tinham pegado juntos de Nova York para Londres, e como ele havia acariciado a cabeça dela enquanto Hanna engolia desesperadamente, tentando normalizar a pressão na cabeça.

Ele umedeceu os lábios. Não olharia para ela.

Ela ergueu a mão do apoio de braço e ele imaginou que ela cobriria a orelha. Richard seguiu o movimento com os olhos até que estava olhando para o cabelo longo e ondulado dela. Ele tinha um tom quase ruivo no reflexo da luz brilhante que entrava pela janela do avião. Os dedos dela curvaram-se ao redor da orelha, e quando ele olhou seu rosto, pôde ver que ele estava contorcido de dor.

– Vem aqui – ele puxou a cabeça dela para perto, passando os dedos pelo seu cabelo e massageando o couro cabeludo num ritmo que havia esquecido há muito tempo, sentindo-a relaxar contra ele enquanto continuava os movimentos.

Ela ainda estava chorando. As lágrimas caíam sobre a camisa dele, deixando pontos molhados onde as bochechas dela o tocavam. Ele passou a mão pela outra bochecha dela, enxugando as lágrimas daquele lado.

– Obrigada – a voz dela foi abafada pelo peito dele. Richard não sabia por que ela estava agradecendo: pela decência humana de tentar reduzir sua dor, pelo fato de ter finalmente tocado nela, ou talvez pela esperança de que eles pudessem superar aquela situação terrível e sair do outro lado com certo nível de amabilidade entre eles.

Quando saíram do voo, separaram-se na imigração: Hanna foi pelo lado europeu, enquanto ele continuou com a multidão de pessoas na fila do “resto do mundo”. Ela esperou-o na esteira de bagagens; até apanhou as malas dele e colocou-as num carrinho. As interações deles

voltaram a ser estritamente polidas.

O trajeto até a vila levou menos de uma hora. Era um dia claro de primavera; os campos estavam verdejantes, e as ruas cheias de carros pequenos e barulhentos, mal obedecendo às regras de trânsito. De vez em quando um daqueles carros, normalmente um Renault ou um Citroën, ultrapassava o táxi deles e Hanna estremeceu.

Ao chegarem à casa de Tom, Richard sentiu o queixo cair. Quando Hanna tinha dito que era uma “vila”, ele imaginara um chalezinho de campo pitoresco, com talvez dois ou três quartos pintados de branco com persianas de madeira apodrecidas. Em vez disso, o que viu era quase um palácio. Até para alguém como Richard, que estava acostumado com riqueza e propriedades, era grande. Foi como um chute no estômago saber que seu filho estava crescendo dentro daquelas paredes.

O motorista saiu do carro e tirou as malas de Richard do porta-malas, passando a malinha de Hanna com um sorriso irônico. Richard levantou as três malas e eles seguiram até a porta da frente, ambos em silêncio, afogando-se sob o peso dos próprios pensamentos. Ao chegarem na entrada Hanna quebrou o silêncio.

– Como você quer fazer isso? – ela soava mais confiante de novo, como se estar no próprio território lhe desse vantagem. – Posso apresentá-lo como um amigo. Não que Matty vá entender, ele é pequeno, mas não quero fazer nada que deixe você desconfortável.

– Sou o pai dele, Hanna – Richard respondeu, a raiva voltando. – Talvez seja melhor começar já como vamos continuar, não?

Hanna engoliu e deu um aceno.

– Certo. Mas ele nem sempre gosta de estranhos imediatamente. Você precisa dar um tempo a ele. Não fique chateado se ele não se afeiçoar a você de cara.

Antes que ele tivesse chance de responder, a porta abriu-se na frente deles. Richard virou-se para Tom, que tinha um enorme sorriso no rosto e uma criança nos braços se contorcendo desesperadamente de animação.

– Ele não podia esperar mais, Hanna. Estava correndo para a porta.

Richard tentou reprimir a inveja quando Matty estendeu os braços para a mãe, balbuciando sem parar. Hanna pegou-o e apertou-o com força, enfiando a cabeça no cabelo dele, dizendo a ele como tinha sentido sua falta.

Ela sentia a falta dele?

Como diabos ela achava que Richard se sentia?

Como se pudesse ouvir seus pensamentos, Hanna ergueu a cabeça e olhou para ele, os lábios curvados num sorriso. Ela virou-se um pouco para que ele pudesse ver o rosto de Matty, e toda a raiva borbulhando em seu corpo desapareceu.

Seu filho era lindo.

Seus olhos castanho-escuros eram profundos e expressivos. Ele olhou Richard com interesse, erguendo a mão e chupando o dedão enquanto o examinava. Fios mais claros caíam sobre a testa, uma cor que Richard vira em fotos da própria infância para saber que uma hora escureceriam, deixando Matty mais parecido com o pai.

As sobrancelhas finas da criança se franziram, não em tristeza, mas em concentração. Ele tirou a mão da boca – o dedão ainda molhado – e apontou para Richard.

– Quê?

O olhar de Hanna encontrou o de Richard outra vez, sua expressão reconfortante.

– Esse é o papai, querido.

Matty deu de ombros, sem se perturbar com a declaração, as palavras não significando nada para ele. Richard não tinha certeza se estava aliviado por ser aceito tão facilmente ou bravo por ter sido roubado de um encontro emocional.

Seu coração acelerou quando viu que o filho o fitava. Ele era tão lindo. Era como se as melhores partes dele e de Hanna tivessem sido moldadas em um ser perfeito e novo. Richard tentou controlar a respiração, acalmando sua reação para não assustar o filho. Matty estendeu a mãozinha e tocou o rosto dele, as linhas na testa desaparecendo e seus lábios se curvando num sorriso encantado.

– Pa.

O toque da mão macia do filho em seu rosto era indescritível. Ele queria fechar os olhos e absorver as emoções, agarrar a mão dele e abraçá-lo. Queria roubar Matty dos braços de Hanna e girá-lo no ar, mostrar a ele como estava feliz de vê-lo.

Seu filho.

– Oi, Matthew – os cantos dos lábios de Richard ameaçavam atingir suas orelhas, de tão grande seu sorriso. – Como vai?

Matty deu um aceno, como se entendesse, e balançou os braços na direção de Richard, contorcendo-se nos de Hanna até que ela o estendeu para ele. Richard precisou de um momento para entender o que estava acontecendo, mas seu corpo reagiu antes de sua mente. Antes que percebesse, estava segurando o filho nos braços, o rosto deles tão próximos que ele podia sentir a respiração rápida de Matthew na pele.

– Hmm – Matthew cutucou o rosto de Richard com o dedo e riu. Sua gargalhada contagiosa fez Richard rir também. Ele segurou Matthew com firmeza, encantado com a sensação de segurar seu filho, maravilhado com como ele era leve e como cabia perfeitamente em seus braços.

– Ele é lindo – Richard viu Hanna com novos olhos. Como ele poderia odiar alguém que tinha feito algo tão perfeito?

– Ele gosta de você. Normalmente não se joga nas pessoas – a voz dela estava firme, mas ele podia ver que seus olhos brilhavam com lágrimas. Ela enfiou um cacho de cabelo atrás da orelha e desviou o olhar. – Tudo bem por aqui, Tom?

Richard tinha se esquecido de que eles três não estavam sozinhos e olhou para Tom com surpresa.

– Oi, Tom – ele estendeu uma mão, ajustando a posição de Matty para segurá-lo apenas com o outro braço.

– Richard, é bom ver você – o sorriso de Tom estava tão largo quanto o de Richard. – Estava na hora – ele ergueu as sobrancelhas para Hanna, e ela teve a decência de parecer envergonhada.

– Cadê a Ruby? – Hanna ergueu-se na ponta dos pés para olhar por sobre os ombros de Tom. – Achei que seria a primeira a nos encontrar.

– Ela dormiu demais – Tom respondeu num sussurro exagerado. – Estou de pé com Matty desde às cinco.

Matty assentiu rapidamente, como se estivesse se juntando à conversa.

– Pé.

– Isso mesmo, Matty. De pé, desde às cinco. Fico superfeliz com isso – a voz de Tom era

sarcástica. – Agora é com você, Richard. Divirta-se.

– É o que pretendo fazer – o rosto de Richard parecia congelado num sorriso permanente. – Não acho que acordar cedo será um problema – nem considerando o mal-estar da viagem. Ele não pretendia perder nem mais um momento da presença do filho.

– Richard! – a voz de Ruby veio de dentro da casa. O som alto da irmã descendo as escadas correndo foi seguido pela visão de um verde que se lançava pelo corredor, mal conseguindo parar na frente dele. – Não acredito que perdi o grande encontro. Estou planejando isso há dias – virou-se e deu um soco no braço de Tom. – Falei pra você não trazer ele pra fora.

– Basta de violência – Tom censurou, bem-humorado. Pelo modo como seus olhos brilharam assim que Ruby chegou, Richard soube que havia mais que amizade entre eles. Ele balançou a cabeça, tentando tirar a ideia da mente. O papel de irmão mais velho teria que esperar, ele tinha coisas mais importantes com o que se ocupar agora.

– Não se apaixonou por ele, Richard? Ele não é lindo? – Ruby já tinha se esquecido da infração de Tom e começou a fazer caretas para Matty, que ria de volta para ela. – Você parece tão confortável segurando-o. Já tinha segurado um bebê antes? Como sabe o que tem que fazer? – ela parecia quase decepcionada por ter que parar para tomar fôlego.

– Te segurava por horas quando você era bebê. Era toda carente e reclamona, pra não mencionar que eu precisava trocar sua fralda toda hora – Richard ergueu as sobrancelhas para Ruby e ela corou, olhando para Tom para conferir se ele tinha ouvido. – Então acho que sei o que fazer.

O dia passou num turbilhão de fraldas, comida e coloridos brinquedos de plástico. Entre sonecas e brincadeiras, o que parecia ser uma quarta-feira normal para todo mundo estava sendo um dia de milagres para Richard. Sua atenção estava constantemente no filho, observando as pernas gordinhas dele balançarem enquanto corria de um quarto a outro, a necessidade constante de se apressar parecendo ser a principal motivação da sua vida. Matthew ficou agitado até que o cansaço o atingiu, e então, como um brinquedo eletrônico cuja bateria tivesse se esgotado, parou e se acomodou nos braços de Hanna, chupando o dedão e apontando para um livro.

Hanna mostrou a ele como preparar o banho na temperatura certa e como trocar a fralda, de modo que a movimentação constante de Matty não fizesse uma bagunça ainda maior. Tudo que ela fazia vinha acompanhado de conselhos e experiências, e parte dele queria afastá-la e dizer que o deixasse em paz. Ele era um cara inteligente; tinha quase certeza de que saberia cuidar de uma criança de dezoito meses.

A hora de dormir foi perfeita. O quarto de Matty tinha sido decorado antes de Hanna dar à luz, embora ela tivesse se recusado a saber o sexo do bebê. Era aconchegante e calmo, como um oásis depois de uma tempestade. Eles entraram no quarto juntos. Hanna segurava Matty, que ergueu a cabecinha e lutou até que ela o pôs para baixo, deixando seus pezinhos tocarem o chão de madeira.

Ele andou até uma estante azul-clara e puxou um livro velho, com páginas dobradas, que segurou estendido. Então foi até Richard e o ofereceu a ele com uma expressão no rosto que era difícil entender.

– Conto – como se soubesse que Richard era principiante, Matty pegou a mão dele e, juntos, os dois foram até a cadeira de balanço azul e bebe ao lado do berço. Richard sentou-se, ajudando Matty a subir nos seus joelhos, até que se acomodou no colo do pai com o dedão na

boca.

Ele segurou a cabeça de Matty contra o peito, maravilhado com o calor que corria por suas veias. Era quase impossível acreditar que dois dias antes ele nem sabia da existência do filho. Agora, Matthew *era* a existência de Richard.

– Lê – o menino ordenou, e Richard escondeu um sorriso. Ele abriu o livro, tomando cuidado para não puxar o papel mais do que já estava puxado, e começou a ler num tom suave e profundo.

– Era uma vez, num reino muito distante...

Ele virou as páginas, lendo as palavras e compartilhando as imagens com Matty, enquanto via as pálpebras do filho começarem a se fechar, seus cílios grossos e pálidos caindo sobre o rosto. Richard pôs uma mão gentilmente no rosto de Matty, sentindo a maciez da pele e seu sorriso cansado. Seu coração apertou quando pensou que ele sempre o teria, sempre poderia segurá-lo nos braços. Matty agora era dele tanto quanto de Hanna, e Richard estava determinado a nunca mais ficar longe.

De tudo que acontecera nos últimos doze anos, desde o modo como eles se conheceram até quando ela tinha fugido dele outra vez, ele não se arrependia de um único momento. Não quando tudo tinha levado ao nascimento daquela criança. Não importava como ele se sentisse em relação a Hanna – ou como julgasse as ações dela –, ele não podia odiar uma mulher que tinha cuidado de Matthew como ela o fez.

O dia todo ele vira amor nos olhos dela enquanto observava o filho, brincando, carregando-o quando ele estava chorando e censurando quando ele fazia algo errado. Cada movimento que ela fazia, cada palavra que dizia, era pensando em Matthew.

Claramente, ele era a prioridade na vida de ambos.

Quando Matthew adormeceu, Richard beijou seu macio cabelo castanho-claro antes de depositá-lo gentilmente no berço. Puxando o cobertor até que todo o corpo estivesse coberto, ele permaneceu um momento sobre o berço, gravando a imagem do seu filho adormecido na mente para pensar nele a noite inteira.

Richard virou-se para sair e viu Hanna na porta, com lágrimas escorrendo do rosto. Ela estava torcendo as mãos enquanto os olhava. Parte dele queria tocá-la, puxá-la para um abraço, mas ele não queria lhe dar falsas esperanças de que as coisas estavam bem entre eles.

As coisas não estavam nada bem.

– Podemos conversar? – ela perguntou.

– Hoje não – ele foi firme. – Estou exausto, vou dormir.

– Quando, então? – Hanna insistiu, e a calma dele desapareceu.

– Quando eu disser, Hanna, não você – ele estava bravo, e ela se encolheu. – Foi um longo dia e eu tenho muito em que pensar. Boa noite.

– Boa noite – a voz dela estava fraca e trêmula. Ele precisou se esforçar para sair do quarto.

Mas saiu, e sabia por quê. Aquilo não era mais sobre eles. Não era mais sobre uma garota e um rapaz que tinham sido burros o bastante para deixar o amor escorrer pelos dedos. Era sobre o filho deles, uma criança linda que merecia uma vida cheia de felicidade e alegria.

Matty era a vida de Richard agora, e nada entraria no meio deles.

Capítulo 24

18 de maio de 2012

A chuva estava caindo sobre o telhado, batendo como cascos de mil cavalos. Hanna suspirou alto, vendo Matty correr de um quarto para outro, desesperado para gastar um pouco de energia. A tempestade de verão tinha começado de repente. O amarelo-azulado do céu matinal foi rapidamente tingido de cinza, as nuvens ficando mais pesadas até que não puderam mais conter a chuva. Não houve uma queda suave de gotas na janela; a tempestade começou como pretendia continuar: dura e forte.

Matty não era uma criança de ficar dentro de casa. Ele precisava de ar fresco e grama e areia. Amava explorar, colher flores e correr atrás de animais, gritando de frustração sempre que eles fugiam de seu aperto. Ficar preso dentro de casa era meramente uma contenção. E a pressão da energia não gasta pareceu crescer tanto que Hanna sentiu que poderia explodir o telhado da casa.

Ele estava batendo na porta. Richard estava lá dentro, trabalhando em seu laptop. Ele tinha murmurado algo sobre uma videoconferência durante uma das conversas tensas deles. Hanna puxou o braço de Matty, pedindo silêncio enquanto tentava afastá-lo.

– Não! – o rosto de Matty comprimiu-se de raiva. Hanna engoliu duro e juntou sua coragem de mãe.

– Saia de perto da porta, Matty – o tom dela foi firme. Era algo que tinha aprendido: se você era firme, era ouvido.

– Não – Matty balançou a cabeça e virou-se de novo, batendo os punhos na madeira. Hanna suspirou e ergueu-o, afastando-o da porta. Por um momento, Matty encarou-a com a boca aberta, como se estivesse surpreso por ela ter ousado desafiá-lo. Seus lábios tremeram e seus olhos se apertaram, enquanto um lamento alto escapou da sua garganta.

Ela tentou se afastar o mais rápido possível, mas Matty tinha pulmões surpreendentemente fortes. Alguns segundos depois, Richard abriu a porta, aparecendo no corredor, encarando Hanna e Matty com um olhar questionador.

– Ele está bem? – ele disse com gentileza, enquanto olhava o filho.

– Sinto muito, não queria perturbá-lo. Ele está enlouquecendo de tanto ficar em casa.

Aquilo a estava matando lentamente. Um olhar aqui, uma palavra polida ali. Toda interação com Richard era uma tortura, desde as manhãs na cozinha alimentando Matty até as noites, quando ele passava por ela e ia direto para o quarto.

Hanna estava desesperada para conversar. Estava desesperada para ouvir. Não importava se ele quisesse desabafar, dizendo o quanto a odiava – ele podia gritar o quanto quisesse. Ela suportaria gritos muito melhor do que aquela polidez intensa e inata.

Ele estava lá fazia cinco dias. Cinco dias pisando em ovos sobre o futuro deles. Era como

se ele soubesse que isso seria uma tortura maior do que gritos e repreensões.

E era.

Matty começou a lutar nos braços dela, querendo ser posto no chão, desesperado para correr até o pai. Richard moveu-se na direção deles, um sorriso curvando os lábios, e quando estava a apenas alguns passos deles, Matty estendeu os bracinhos gorduchos, contorcendo-se no aperto de Hanna.

– Pai – ele estava quase gritando. – Papai!

Hanna congelou.

O peito dela inflou, pressionando as costelas até ela achar que iria explodir. Ela olhou para Richard, notando que os olhos dele estavam úmidos. Ela queria enxugar as lágrimas antes que elas se formassem.

– Ele me chamou de pai.

Hanna assentiu, lágrimas escapando dos próprios olhos. Richard pegou Matty nos braços, apertando-o com força contra o peito e segurando a cabeça do filho em sua mão larga.

– Pode dizer de novo, Matty? – ele sussurrou. – Diga “papai”.

Matty ergueu os olhos para o pai, os olhos brilhando quando percebeu que era outro jogo. Ele era bom em jogos.

– Papai – suas palavras foram recompensadas com um gritinho de Hanna e um beijo de Richard. Eles olharam-se de novo, e Hanna notou uma suavidade que nunca tinha visto antes nele. Ela queria se envolver naquilo.

– Que menino esperto – ela estendeu a mão e acariciou a cabeça dele, sentindo as mechas suaves na sua pele.

Richard continuou a encará-la, e Hanna sentiu o rosto ficar mais quente. Ela era atraída por ele como um ímã, seus olhos fixos nos dele. Emoções borbulharam dentro dela como uma garrafa de champanhe recém-aberta. Ela não estava perdoada – sabia disso e, pior, podia entender – mas não podia esmagar a esperança de que um dia pudesse ser.

– Preciso terminar minha conferência – Richard estava engasgado de emoção. Havia um tique no seu maxilar, e ela queria pôr a mão em torno de seu rosto e aliviar a tensão.

– Eu fico com ele – ela ofereceu, estendendo os braços. Matty lutou e agarrou-se em Richard, fazendo ambos sorrirem.

– Ele pode vir comigo, se você não se importar. Só deve levar alguns minutos – eles tinham voltado a ser educados.

Um passo de cada vez, ela se lembrou.

– Sem problemas. Estarei na cozinha se precisar de mim – *me convide pra ir com vocês. Por favor, me convide.*

– Estamos bem – virou-se e voltou para dentro da *orangerie*, abrindo a porta para que ele e Matty pudessem entrar. Hanna mordeu o lábio inferior enquanto via Richard indo embora, lembrando-se da mensagem de texto que recebera de Ruby naquela manhã.

Dê um tempo a ele. Ele vale a pena.

Quando a noite caiu, o corpo de Hanna doía de tanto abrir sorrisos educados e de andar na ponta dos pés com Richard. Nos últimos dias, eles tinham caído numa rotina de jantar com

Matty, dar banho nele e colocá-lo para dormir. Richard participava avidamente, seu rosto brilhando enquanto brincava com o filho, correndo pela casa e evitando a questão que ambos sabiam estar lá.

– Ele está dormindo – Richard sussurrou quando saiu do quarto de Matty.

Hanna sorriu e passou por ele, sabendo que ele iria direto para o quarto. Ela parou no berço de Matty e inclinou-se para acariciar o rosto tranquilo dele, seus dedos se demorando sobre a pele gordinha das suas bochechas.

– Boa noite, meu anjo – ela beijou os dedos médio e indicador antes de pressioná-los contra a testa dele. A hora de dormir sempre era melancólica; parte dela ficava aliviada, sabendo que era o fim de um dia correndo atrás dele e que enfim ela teria uma noite de descanso. A outra parte sentia falta dos sorrisos e risadas dele, e da sensação dos seus braços amorosos envolvendo-a com carinho.

Ela saiu silenciosamente do quarto, fechando a porta atrás de si. Estava tão perdida em pensamentos que não percebeu que Richard ainda estava lá, encostado na parede. Ele tinha enfiado as mãos nos bolsos, e os tendões dos braços estavam tensos e definidos.

– Você quer conversar?

O estômago dela se revirou. Era o momento pelo qual ela vinha esperando a semana toda, mas agora que tinha chegado a hora, ela estava tremendo de medo.

Ela assentiu, incapaz de falar por um momento. Richard desencostou da parede e foi para a sala de estar. Ela o seguiu, sua mente num turbilhão de pensamentos e preocupações.

Havia uma garrafa de vinho tinto aberta na mesa de centro, junto com duas taças meio cheias. Hanna se perguntou se era uma boa ideia beber com Richard por perto. Ele já sobrecarregava seus sentidos até ela achar que explodiria. Quão pior seria enfrentá-lo com a coragem falsa que o vinho lhe daria?

– Achei que isso poderia ajudar – ele ergueu uma taça e ofereceu-a para ela. Hanna tomou-a pela haste, sentindo a fragilidade do cristal. Ela se perguntou se o quebraria se ficasse ainda mais tensa.

– Obrigada – ela murmurou, sentando-se à frente dele. A mesa de centro estava entre eles, uma barreira bem-vinda. Levando a taça aos lábios, ela tomou um gole, deixando o fluido em temperatura ambiente dançar em suas papilas gustativas antes de engolir.

Richard limpou a garganta.

– Nosso filho é lindo.

Ela assentiu de novo, o nó na garganta crescendo.

– É mesmo.

– Ainda estou arrasado com tudo que aconteceu, mas precisamos nos concentrar em Matty – ele estava passando o dedo pela beirada da taça. – A felicidade dele é a coisa mais importante.

– Só me importo com isso – ela concordou, com a voz fraca.

– Você é uma mãe maravilhosa, Hanna. Não quero tirá-lo de você.

Ela sentiu que podia respirar pela primeira vez desde muito, muito tempo.

– Mas preciso ficar com ele também – ele acrescentou, num sussurro. – Agora que o conheci, não quero me afastar dele.

– Eu sei – o coração dela se encheu de amor. – Quero que fique com ele. Você é o pai dele e ele o ama – estava claro para ela agora, pelo modo como Matty olhava para Richard com

adoração. – Nunca o vi aceitar alguém tão rápido.

Richard virou a taça antes de colocá-la na mesa.

– Mas o fato é que vivemos em países diferentes. Em continentes diferentes, pelo amor de Deus.

Lá estava outra vez: a barreira que os assombrava havia doze anos, agora com maiores complicações.

– Podemos dar um jeito – Hanna argumentou, sem saber a quem estava tentando convencer.

– Se estivermos ambos dispostos a tentar.

Richard inclinou-se para a frente, e, por um momento, ela desejou que a mesa de centro desaparecesse.

– Estou disposto.

A boca dela estava seca demais para engolir, e ela podia sentir o coração acelerando quando ele manteve os olhos fixos no seu rosto. Os olhos dele estavam escuros na luz ambiente do abajur, mas o halo verde que os cercava a deixava fascinada.

– Matty e eu podemos nos mudar para Nova York – a boca dela se abriu antes que seu cérebro notasse o que estava dizendo, mas ela não se arrependeu. – Eu procuro um apartamento e a gente pode dividir a guarda dele.

As sobrancelhas dele se ergueram em surpresa.

– Você faria isso?

Hanna estava quase tão chocada quanto ele, mas assentiu devagar.

– Sim, faria. Matty merece ver você não apenas nos feriados, mas à noite e nos fins de semana. Não consigo pensar em outro jeito.

– Não sei o que dizer.

Ela abriu um pequeno sorriso para ele.

– Não precisa dizer nada. Estou fazendo isso tanto por mim quanto por vocês dois – ela inclinou-se e pôs a taça na mesa. No mesmo instante, Richard pegou sua mão. Ela prendeu a respiração quando sentiu o contato, o calor da mão dele e sua pele mais áspera. Era a primeira vez que se tocavam em dois anos. As lembranças invadiram sua alma até se tornarem uma dor constante no peito.

Ela encarou a mão dele envolvendo a dela, o matiz quente da pele dele contrastando com sua própria pele, mais pálida. Respirando fundo, ela se obrigou a erguer os olhos, querendo ver a emoção que estava por trás do gesto.

Quando, por fim, olhou para o rosto dele, ele estava olhando-a de volta. Sua expressão era terna. Ela sabia que ele só estava agradecido pela oferta, mas isso não impediu seu coração de acelerar quando viu seu sorriso gentil e as linhas ao redor dos olhos. Os anos não haviam diminuído a beleza dele; ele parecia ter ficado mais bonito com o tempo, e pelo modo como os sentimentos estavam despejando dela, ela soube de um fato inegável.

Ela ainda era apaixonada por Richard Larsen.

Hanna tentou não fazer uma careta enquanto atravessava a pista, mas foi uma batalha perdida quando viu a aeronave branca esperando por eles. Estava mais perto do chão do que estava acostumada, a seis passos de metal galvanizado, e as cinco vigias à sua frente

brilhavam.

Ela virou-se para olhar Matty, que estava agarrado ao pescoço de Richard com um braço, o outro apontando para o avião.

– Isso? – ele perguntou, e Hanna abriu um sorriso.

– É um avião. Vai nos levar para o céu – ela acariciou a bochecha dele.

– Até Londres – Richard acrescentou.

Ela voltou a franzir as sobrancelhas.

– Tudo bem? – ele perguntou, notando como ela se retraiu.

Hanna assentiu. Ela ficaria bem quando a viagem a Londres chegasse ao fim. Estava com medo de ver Claire e Steven e estava cogitando ficar no hotel enquanto Richard levava Matty para conhecê-los. Ela sabia que era covarde, mas aquele encontro só poderia terminar de um jeito.

Em lágrimas.

– Acho que essa coisa só vai nos levar até Londres – Richard bateu no avião, emitindo um som metálico. – Precisamos embarcar num avião normal para Nova York.

– Que terrível – Hanna abriu um sorrisinho. – Odeio voar como pobre.

Os lábios de Richard curvaram-se levemente para cima.

– Não é de você que eu estou com pena, e sim dos outros passageiros, quando soltarmos o nosso menino no avião.

Hanna fechou os olhos e tentou imaginar Matty correndo pela primeira classe, derrubando bebidas e perturbando executivos. Talvez uma parada de três dias em Londres não fosse uma ideia tão ruim assim.

Eles subiram os degraus. Hanna tirou Matty dos braços de Richard enquanto ele parava para conversar com o piloto, discutindo o plano de voo e a estimativa de chegada. Entrando na cabine principal, ela perdeu o fôlego – era muito diferente da classe econômica em que normalmente viajava. As cores brilhantes da companhia aérea tinham sido substituídas por couro bege discreto e verniz escuro. Elas criavam um efeito tranquilizador e, quando se sentou com Matty no colo, ela se permitiu relaxar.

– Vamos decolar em dez minutos, eles estão fazendo a verificação final – Richard explicou quando entrou na cabine. Matty imediatamente virou a cabeça quando ouviu a voz do pai, os olhos procurando Richard enquanto ele se aproximava. – Ei, garoto, está animado pra voar? – ele olhou para Hanna. – Você trouxe uma garrafa para as orelhas dele?

– Ali – ela apontou para a mesa à frente deles. – Enchi de água.

Ambos temiam que Matty tivesse herdado os problemas auditivos de Hanna. Ela tinha dificuldades sempre que voava, e a ideia de que seu filho enfrentaria a mesma dor era demais para suportar. Eles tinham trazido garrafas e chupetas, esperando que ele pudesse chupar e aliviar a pressão nos canais auditivos.

– Se suas orelhas doerem, eu fico com ele – Richard prometeu, ajudando Hanna a fechar a extensão do cinto de segurança ao redor de Matty. Ele era pequeno demais para ficar sozinho num assento.

– Estou torcendo para que não doam, já que é um voo mais curto. É com o de sexta que tenho que me preocupar.

Richard esfregou o braço dela e Hanna ficou tensa. Ela não queria que ele visse como sua gentileza a afetava.

– Veremos. Estarei aqui para ajudar.

Novamente, Richard demorou mais para passar pela imigração. Hanna aproveitou para trocar a fralda de Matty e se recompor, tentando não olhar muito de perto seu rosto cansado no espelho enquanto aplicava gloss. Quando emergiram, Richard os esperava, os olhos tão cansados quanto os de Hanna.

– Se o faz sentir-se melhor, quem vai ser interrogada em Nova York serei eu.

– Você tem passaporte americano – ele lembrou.

– Eu tenho, mas Matty ainda não.

Richard tirou o filho dos braços dela, colocando-o sobre o carrinho que estava empurrando.

– O que você pôs na certidão de nascimento dele? – seu tom era leve, mas ela podia sentir a tensão por trás da pergunta.

– Só o meu nome – ela tinha registrado Matty no consulado na França.

– Precisamos mudar isso também – Richard franziu a testa, olhando para Matty. – Ele precisa ter meu nome lá. Vou falar com meus advogados.

Hanna olhou para ele, vendo a preocupação em seu rosto. Obviamente, aquilo era importante para ele.

– É claro. Precisamos arranjar algum tipo de visto para ele, se formos ficar em Nova York.

– Lisa já está providenciando. Tudo deve ficar pronto na quinta.

Richard montou o carrinho de Matty e Hanna ergueu-o gentilmente, fechando o cinto no colo e fazendo-o rir quando a alça tocou suas pernas. Ela não tinha perguntado a Richard onde eles ficariam ou como chegariam lá, mas de repente estava desesperada para saber.

Eles iam para Londres. Era a cidade dela, o terreno dela. Ela estava encantada por estar em casa, mesmo que só por alguns dias.

– Onde vamos ficar? – ela manobrou o carrinho de Matty sobre o chão polido. Richard acompanhou o ritmo dela, empurrando o carrinho de bagagem. Estava empilhado com malas cheias de roupas e brinquedos e a parafernália normal de bebês.

– Reservei uma suíte para a gente no Dorchester – Richard disse. – Com dois quartos. Pedi que um berço fosse colocado no seu.

Hanna sorriu. Ela não gostava da ideia do filho sozinho num lugar estranho. Era muito melhor tê-lo com ela.

– Obrigada por arranjar tudo.

Ele encarou-a por um momento, permitindo que um sorriso se abrisse em seus lábios. O coração dela parou de bater por um momento.

– Sou eu quem deveria agradecer. É você quem está deixando tudo e se mudando milhares de quilômetros.

– É a coisa certa a fazer – Hanna disse simplesmente. Richard apertou a mão dela, que estava segurando o carrinho. Ela prendeu a respiração com o gesto inesperado.

– Obrigado mesmo assim – ele sussurrou. Ela ergueu a mão e retribuiu o aperto.

Eles estavam no fim da passarela quando o sorriso de Richard se desfez e sua boca se abriu. Ele parou de andar, olhando para Hanna com preocupação, e ela sentiu o coração acelerado.

Alguma coisa estava errada.

– Pedi a eles para que não fizessem isso – ele apertava a mão dela com força, como se estivesse com medo de que ela fosse fugir. – Desculpe, Hanna, prometo que estarei com você.

Ela seguiu a linha de visão dele. Um pouco afastados da multidão, encarando-os com a boca aberta, estavam Steven e Claire. Nenhum dos dois parecia particularmente feliz ou contente de vê-los, mas ela notou com alívio que suas expressões se suavizaram quando avistaram Matty. Ele estava se mexendo no carrinho, cantando para si mesmo.

Toda esperança de evitar um confronto pareceu inútil. Ela deixou Richard guiá-los até seus pais, o aperto em sua mão nunca relaxando. Ela respirou fundo, tentando manter sua respiração regular e controlar sua expressão para tentar esconder o medo.

– Richard! – Claire atravessou os últimos metros correndo e lançou os braços ao redor dele. Hanna viu-o abraçá-la de volta, antes de se voltar para Steven e apertar sua mão. Todos se inclinaram para falar com Matty.

Matty ficou assustado e abriu a boca, soltando um lamento alto. Claire e Steven pularam com o som, dando um passo para trás, abrindo um pouco de espaço para eles. Richard podia sentir Hanna ficar tensa ao seu lado, e quando olhou para ela, viu preocupação e agitação em seu rosto. Ele a conhecia bem o bastante para saber que ela queria acalmar o filho, mas estava com medo de chatear os pais dele se entrasse na frente deles e tirasse Matty do carrinho. Ele apertou a mão dela e abaixou-se, abrindo o cinto sobre a cintura do filho, erguendo-o e murmurando palavras de conforto enquanto segurava sua cabeça.

– Shhh, está tudo bem, está tudo bem.

Matty enfiou o dedão entre os lábios e começou a chupar a ponta. Soluços silenciosos faziam seu peito subir ritmicamente, seus olhos fechados e apertados.

– Mamãe...

Richard virou-se para Hanna, que estendeu uma mão para a bochecha de Matthew, acariciando a pele macia de um modo reconfortante.

Claire endireitou-se.

– Hanna.

– Claire. Como está? – Matty agarrou a mão de Hanna e ela apertou de volta.

– Não sei. Realmente não sei – Claire balançou a cabeça, os cachos pulando sobre os ombros. – Não sei dizer como estou me sentindo agora.

– Eu sei. Estou bem furioso, Hanna – Steven interveio, fazendo Claire pôr uma mão no ombro dele. Ele endireitou os ombros, encarando Hanna com olhos azuis gélidos enquanto balançava a cabeça devagar. – No que você estava pensando?

– Esperem um pouco... – Richard deu um passo à frente, passando Matty para Hanna. Ela segurou-o por baixo e ele jogou as mãos ao redor do seu pescoço, o peito ainda atacado por soluços. – O que aconteceu é entre Hanna e eu. Não preciso que vocês intervenham por mim.

Claire se pôs entre eles, sua expressão ilegível.

– Ninguém está brigando, Richard. Só queremos algumas respostas. Acho que temos esse direito.

Atrás dela, Steven tinha o semblante de um homem no limite. Ele se mantinha imóvel demais, o rosto calmo demais. Pela primeira vez na vida, Richard sentia que talvez tivesse que enfrentar o pai. Hanna ficou em silêncio, e do canto do olho, ele a viu tremendo. Ele queria puxá-la para perto e apertá-la em seus braços.

– Não é nem a hora nem o lugar para isso, Claire. Eu disse que encontraríamos vocês em casa justamente para evitar esse tipo de espetáculo – Richard indicou o aeroporto lotado. Eles estavam sendo empurrados toda hora por passageiros tentando ir embora.

– Só quero falar com Hanna, ok? Não a mãe do seu filho ou a mulher que o abandonou, mas com a filha que eu conhecia – Claire enxugou uma lágrima. – Podemos tomar um café ou algo assim?

Ele virou-se para Hanna, que assentiu depressa. Matty estava olhando para todos eles, o dedão ainda na boca. As lágrimas tinham secado, deixando uma trilha brilhante em suas bochechas, que se refletia na luz forte do aeroporto.

– Claire, Steven, esse é Matty – Hanna respirou fundo antes de dar um passo à frente. – Matty, essa é... – ela franziu a testa e olhou para Claire. – Como devo apresentá-la?

– Não tenho certeza. Não tinha pensado nisso – Claire ficou parada por alguns instantes, mordendo os lábios enquanto pensava. – Minha mãe era vovó, então acho que serei também – ela virou-se para olhar Steven. Ele estava encarando Matthew, examinando seu cabelo e rosto.

– Não há dúvida, ele é a sua cara, Richard – ele estendeu um dedo e fez cócegas sob o queixo de Matty, fazendo-o soluçar com uma risada trêmula. – Acho que posso ser o vovô, então.

– Matty, quer dizer oi para a vovó e o vovô? – Hanna perguntou, balançando o filho nos braços.

Matty tirou o dedão da boca com um som molhado e fez um biquinho.

– Oi – ele acenou com a mão.

– Garoto esperto – Richard sorriu, acariciando os cachos do filho. Matty sorriu e bateu palmas, sem vergonha e muito feliz.

– Ele é lindo – Claire puxou Richard para um abraço apertado. – Estou tão orgulhosa de você, querido – Richard afastou-se, corando de vergonha. Ele não sabia bem o que responder.

– Ele é lindo mesmo – Steven concordou. – Hanna, me desculpe pela raiva. Você precisa nos dar um pouco de tempo para superar tudo isso.

– Você não tem que se desculpar – o sorriso dela sumiu. Ela estava apertando Matty contra o corpo como um talismã. – Sei que tudo isso é culpa minha e nem sei dizer o quanto quero compensar tudo isso pra vocês – ela olhou para Richard e os olhares deles se cruzaram.

– Não é tudo culpa sua – ele interveio. Ele desmontou o carrinho e colocou-o em cima das malas, então apertou o ombro de Hanna. – Nós dois erramos em algum ponto ao longo do caminho. Eu devia ter ligado pra você, minha mãe devia ter me dito que você me ligou...

– Caroline sabia disso? – a voz de Steven estava gélida. Ele ergueu a mão e passou-a pelo grosso cabelo loiro. – Como assim?

– Ela disse a Hanna que Meredith estava numa cadeira de rodas e que eu não ia deixá-la – Richard contou ao pai. Apesar da movimentação no aeroporto, foi como se eles cinco estivessem suspensos numa bolha. As pessoas davam-lhes espaço, passando ao redor deles. Richard não sabia se era por causa da raiva latente no ar ou pelo modo como todos estavam tão rígidos que parecia artificial.

– Eu liguei para contar a Richard sobre a gravidez – Hanna explicou. – Mas ela não sabia que eu estava grávida.

– Não interessa se ela sabia ou não. Ela interferiu... – Steven percebeu o que estava dizendo e parou. Do canto do olho, Richard notou que Claire tentava esconder um sorriso. – Você conversou com ela sobre isso, Richard?

– Ainda não estou pronto para falar com ela. Mas quando falar, se falar, transmitirei seus cumprimentos.

Matty virou-se nos braços de Hanna até estar encarando Claire. Ele estendeu a mão e tocou o cabelo dela, fazendo-a rir quando puxou. Pela primeira vez, a expressão de Steven se suavizou, um meio sorriso passando sobre seus lábios. Richard exalou devagar.

Eles foram até um café perto da saída, tentando evitar os passageiros em trânsito. Hanna e Claire iam à frente, Claire segurando a mão de Matty, um sorriso permanente no rosto. Todos sabiam que a provação ainda não tinha chegado ao fim, que nem todas as diferenças tinham sido resolvidas, mas Richard podia ter esperança de que um dia fossem.

Se ele olhasse para o futuro, não havia nada que desejasse mais do que estar cercado por todas as pessoas que amava.

Um som alto no outro quarto o acordou. Seus olhos estavam cansados e grudados de sono, o quarto escuro e desconhecido. Esfregou-os um pouco, tentando se orientar, a estranha luz verde do despertador não o ajudando a determinar sua localização.

Sua boca estava seca e ele estendeu a mão para o criado-mudo, tentando encontrar um copo de água. Sua mão só encontrou ar.

Só quando Matty começou a chorar do outro lado da parede, ele percebeu exatamente onde estava.

Em Londres.

Num hotel.

De madrugada.

Ele sentou na cama, pondo uma mão para trás para ligar o interruptor na cabeceira de madeira. O abajur no criado-mudo emitia uma luz quente e amarela, suficiente para iluminar mas não tão ofuscante. Tudo no quarto tinha sido planejado para acolher e mimar.

Houve outro choro, seguido por uma voz mais baixa. Hanna estava murmurando para Matty, tentando acalmá-lo e fazê-lo dormir outra vez. Pela resposta irritada que deu, Matty não estava se deixando convencer.

Puxando as cobertas, Richard jogou as pernas para fora da cama, verificando se estava coberto o suficiente para ser visto. A calça do pijama listrado caía dos quadris, e seu peito estava nu, brilhando sob a luz do abajur.

Ele andou sobre o tapete caro e entrou na sala principal, empurrando a porta devagar caso Matty já tivesse caído no sono. Hanna estava andando sobre o chão de madeira, descalça. O esmalte em suas unhas era quase preto na meia-luz. Matty lutava em seus braços, batendo as mãos nela enquanto ela fazia esforços inúteis para acalmá-lo.

– Tudo bem por aqui? – Richard usou um tom suave enquanto se aproximava, mas ela pulou mesmo assim. Hanna olhou para ele com olhos arregalados, lançando-lhe um sorriso apologeticamente.

– Sinto muito, não queria acordar você. Ele escapou do berço. Deve ser mais baixo que o de casa – uma das alças da camisola tinha deslizado do ombro dela, revelando a pele lisa de alabastro. No quarto escuro, parecia porcelana.

– Ele está bem? – Richard franziu a testa. – Deve ter sido uma queda considerável.

Hanna sorriu.

– Está tudo bem. Ele escapou para cá antes que eu soubesse o que estava acontecendo. Tem

um futuro brilhante como mágico.

Como se percebesse que estavam falando dele, Matty chorou de novo, seu tom adquirindo uma nota de desespero. Ele olhou para Richard com olhos vermelhos, o rosto contorcido de raiva.

– Quer que eu pegue ele? – a voz de Richard ainda estava baixa. Ele estava distraído pela pele dela. Ele se lembrava do gosto que tinha.

– Acho que ele está assustado, não reconhece onde está. Até eu me sinto um pouco desorientada – o olhar deles se cruzou e por um momento eles caíram em silêncio, ambos sentindo o cansaço. Então Matty abriu a boca outra vez e gritou.

Richard passou a mão pela bochecha do filho. Para sua surpresa, isso o silenciou por um momento, enquanto ele notava a mudança.

– Ei, Matty, é hora de dormir – Richard murmurou, a mão gentil, mas firme.

– Papai – Matty estendeu a mão para ele, a voz, um lamento. Richard pegou-o, liberando Hanna do fardo, e apertou o filho contra o peito tentando fazer com que ele se sentisse seguro. Pareceu funcionar; sua respiração tornou-se mais lenta, mais regular, e sua mão foi para a boca, o dedão estendido. Richard esfregou as costas dele, balançando em um ritmo silencioso, a cabeça enfiada no cabelo do filho.

Ele cheirava tão bem.

– Vamos tentar de novo? – Richard perguntou para Hanna. Ela estava de pé ao lado da mesa de jantar, mexendo numa chaleira.

– Sim, por favor. Vou colocá-lo na cama comigo. Não quero arriscar que caia do berço outra vez, podia ter sido muito pior.

Richard entrou no seu quarto, a fragrância familiar e tentadora. Lembrava-o de dias preguiçosos em Londres e noites frenéticas em Nova York. Matty bocejou, o dedão enfiado na boca, e Richard o pôs sobre o travesseiro não usado, suas pálpebras tremendo sob o peso da fadiga.

– Tente dormir – ele inclinou-se para beijar a bochecha de Matty, a pele macia, suave e gordinha. Matty suspirou, virando-se de lado, as pernas enroladas embaixo da fralda. Richard permaneceu alguns instantes ali, vendo o filho chupar o dedo, os sons que fazia de vez em quando quebrando o silêncio da noite.

– Bons sonhos – ele murmurou, saindo do quarto e fechando a porta atrás de si. Ele procurou Hanna e encontrou-a sentada no sofá estofado, as pernas dobradas embaixo de si e as mãos ao redor de uma xícara de chá.

– Fiz um pra você, se estiver com sede – ela apontou para a mesa. Richard foi até lá e pegou a xícara. O vapor subiu e ele levou-a aos lábios, o líquido quente e doce despejando-se sobre a beirada para dentro da boca. Ele engoliu como um moribundo.

– Obrigado.

– De nada – a resposta de Hanna foi rigidamente polida. Richard se perguntou o que quebraria aquela barreira, até que tudo o que restasse fossem feridas abertas e honestidade.

– Ainda não pedi desculpas pela emboscada no aeroporto – ele sorriu nervosamente, tentando não encará-la demais. Embora o pijama que vestia fosse relativamente conservador (blusa e calça preta longa), era estranhamente erótico saber que ela estava nua debaixo deles. Ele se lembrava bem demais do corpo dela sem roupas.

Já era difícil lidar com suas emoções conflitantes durante o dia, muito mais na escuridão da

noite.

– Não foi culpa sua. Sabia que teria que vê-los em algum momento – ela tomou outro gole, os lábios macios tocando a porcelana. Ele observou-a engolindo, seus olhos fechando-se por um momento enquanto saboreava o chá.

– Achei que tudo foi surpreendentemente bem, considerando-se tudo – Richard sentou-se no sofá ao lado dela, as pernas a centímetros dos pés dela. Ele queria erguê-los e colocá-los sobre seu colo, fazendo-lhe uma massagem.

Mas não fez isso.

– Eles são sempre elegantes. Sei que deve ter sido difícil para eles serem educados comigo depois de tudo o que aconteceu – Hanna pôs a xícara sobre a mesa de centro – mas parece que eles gostaram de Matty. É tudo que importa.

– Vai ficar mais fácil, sabe, a cada vez que a gente contar para as pessoas – ele percebeu quando ela prendeu a respiração ao ouvir “a gente”. – As coisas só vão melhorar.

Ela sorriu, iluminando a penumbra da sala. Apesar do cansaço e da tensão do dia, ela ainda era linda, como uma obra de arte. Desde que se tornara mãe, seus seios estavam mais redondos e as maçãs do rosto, mais definidas. Mas foi a mudança interna que mais o afetou, cada vez que via a mãe interagir com o filho. Ele poderia se apaixonar pelo modo como ela adorava Matty.

Hanna limpou a garganta.

– Não contei para o meu pai ainda. Ia visitá-lo depois de falar com você, quando estava em Nova York. Acho que vou ter que contar as novidades depois de chegarmos – ela franziu a testa.

– Se faz você se sentir melhor, eu vou ter uma conversa com minha mãe quando voltarmos também – ele respondeu.

Hanna ergueu as sobrancelhas, mordendo o lábio de leve.

– Nunca acaba, não é? Quando você acha que o pior já passou, alguma outra coisa aparece no lugar.

Richard estendeu a mão e, então, a puxou de volta, traçando o dedo pelo padrão da estampa do sofá. Em seguida, ergueu a cabeça e olhou para ela, a expressão séria.

– Sabe, quando vim para Londres e não te encontrei, achei que nunca seria feliz de novo – o rosto dela congelou com as palavras. – Achei que seria tão fácil, que eu passaria no seu apartamento e te carregaria de volta para Manhattan.

Hanna inclinou-se para ele, os olhos brilhando. Parecia que ela queria dizer algo, mas seus lábios continuaram imóveis enquanto ela mordida o inferior.

Ele respirou fundo outra vez, sem saber ao certo aonde queria chegar com aquilo. Ele queria contar para ela o que ele tinha passado – precisava que ela soubesse. Mas feri-la era como ferir a si mesmo.

– Sinto que só existi por dois anos, como se tivesse pausado as coisas. E saber que podia ter passado esses dois anos com Matty e você... – a voz dele falhou antes que terminasse a frase.

– Sinto muito, mesmo – Hanna se pôs de joelhos, pegando a mão dele e colocando-a no próprio rosto. – Sei que fiz tudo errado. Se pudesse voltar e mudar, faria tudo diferente – as lágrimas dela umedeciam seus dedos, e ele passou o dedão no rosto dela, enxugando-as. – Odeio que você tenha perdido tudo isso e odeio ter acreditado que você ainda estava com

Meredith. E o pior é que eu tinha um pedaço de você comigo e você não tinha nada.

Richard girou os quadris, virando-se para ela. Sua pele era lisa sob os dedos dele, tesos sobre as maçãs do rosto dela. Mais alguns centímetros e ele poderia acariciar seu pescoço, enfiar os dedos no seu cabelo. Puxá-la até que seus lábios...

Ele balançou a cabeça, tentando esvaziá-la das emoções conflitantes. Ele queria trazê-la para ele, beijá-la até que estivesse sem ar e esfregar o corpo contra o dela até que ela implorasse por mais. Mas havia uma parte mais profunda e furiosa dele que queria sacudi-la até que seus dentes tremessem e gritar com ela até que implorasse por misericórdia.

Ele precisava ir para a cama. Sozinho. Não confiava em si mesmo para não machucá-la. Não podia confiar que ela não faria o mesmo. A rede só ficava mais intrincada.

O voo para Nova York foi tão ruim quanto eles esperavam. No início, Matty ficara distraído pelos filmes na tela à sua frente: Hanna apontava seus personagens preferidos enquanto tentava impedi-lo de tirar os fones de ouvido. Depois, ele passou por vinte minutos maníacos, no meio do voo, tentando escapar deles e correndo pelo corredor, não entendendo que precisava ficar quieto. Richard tinha segurado o filho e andado pela cabine até que sua cabeça caísse pesada de sono, antes de deitá-lo no colo deles, passando as mãos sobre ele enquanto o menino sonhava tranquilamente.

Eles não falaram sobre a noite anterior. As lágrimas de Hanna e a resposta constrangedora dele estavam enterradas sob os problemas maiores deles. Matty era o escudo e a cola deles, mantendo-os juntos e permitindo-lhes ignorar tudo o que aconteceu entre eles.

– Pedi que a equipe preparasse quartos para você e Matty – Richard disse, passando a mão pelo cabelo do filho. – Arranjei uma cama em vez de um berço, caso ele queira brincar de Houdini de novo.

Hanna tentou abrir um sorriso.

– Ele vai ter que se contentar em arrombar cofres e fazer *base jumping*, então – ela encarou-o. – Obrigada por deixar a gente ficar enquanto procuro algo mais permanente.

Era fim da tarde, quando eles chegaram ao apartamento dele. Matty estava surpreendentemente calmo, como se tivesse gasto toda a energia no avião. Sua cabeça estava encostada no braço de Hanna enquanto ele olhava para fora da janela do carro, raspando os dentes ritmicamente sobre o dedão. De vez em quando, algo atraía seu interesse e ele apontava, usando palavras simples para perguntar o que era. Hanna pacientemente lhe dizia a palavra, explicando mais sobre a coisa, e Richard tentava não encarar seus lábios se movendo enquanto ela falava.

Ele estava enlouquecendo com a proximidade, mas seria muito pior quando eles se mudassem. Ele queria encontrar um jeito de mantê-los por perto, para que pudesse cuidar deles e garantir que ficassem seguros. Estarem na mesma cidade não era suficiente; Richard queria-os embaixo do mesmo teto.

Jack levou a bagagem deles para cima, colocando as malas de Hanna no quarto dela, sem saber o que pertencia a ela ou Matty. Ela tinha arrumado uma mala menor com as coisas noturnas do filho, e rapidamente deu um banho em Matty antes de colocá-lo num pijama confortável coberto de desenhos de carros. Richard ficou no quarto, vendo o filho brincar com

os brinquedos de plástico que ele pedira a Lisa para comprar, sorrindo enquanto Matty engatinhava da garagem de plástico à cozinha, os olhos arregalados de prazer.

– Parece que a Toys ‘R’ Us vomitou no seu apartamento – Hanna notou, vendo Matty bater uma frigideira de plástico na cabeça dele. – É tão incongruente.

Richard coçou o queixo. Era óbvio que o apartamento não tinha sido decorado para crianças; uma olhada para as paredes brancas e estofados de seda era suficiente para perceber aquilo. Mas, de algum modo, ter o filho ali, cercado por sua parafernália infantil, atraía-o mais do que o trabalho de um designer de milhares de dólares.

– Só encomendei o básico. Vamos ter que pensar no que mais ele precisa – ele olhou para ela. Sua íris cor de chocolate estava enorme enquanto ela retornava o olhar, os lábios dele entreabertos. Então ela olhou para baixo, os cílios roçando o rosto e os dedos trêmulos ao estender a mão para o filho.

– Vou colocá-lo na cama. Amanhã vai ser um longo dia.

Na tarde seguinte, ele estava esperando no Central Park, no lago de patos, vendo as crianças jogarem pão. Hanna e Matty deveriam encontrá-lo à uma, mas já era uma e quinze. Ele estava começando a ficar preocupado.

Alguém jogou algo pesado no lago, assustando os pássaros e levando-os a abrir as asas e roçar a superfície da água em sua pressa de escapar. Richard inclinou a cabeça, vendo um grupo de adolescentes do outro lado da água, rindo loucamente com suas ações tolas.

– Desculpe o atraso – a voz dela estava embargada, seus olhos vermelhos. Matty correu até ele e agarrou suas pernas, os dedos grudentos puxando o tecido da sua calça social.

– Como foi? – ele não precisava perguntar. A expressão dela dizia tudo.

– Meu pai foi difícil. Disse que eu era igual a minha avó imprestável. Então ligou para Olivia, que gritou no telefone, e até pude ouvi-la dizendo que Matty ficaria melhor se o pusessemos para adoção – ela estava encarando o chão, os dedos mexendo no bracelete. Ele queria tocá-la e acalmar seus movimentos.

– Eu devia ter ido com você. Queria ter ido – ele ia fazer aquilo, precisava fazer aquilo, pelo bem dela tanto quanto pelo dele. Dando um passo à frente, endireitou os ombros e estendeu uma mão para tocar o braço dela. Ela olhou-o com os olhos brilhando de lágrimas, e abriu a boca para dizer palavras que saíram silenciosas.

Um instante depois ela estava em seus braços, seu corpo magro envolto pelo dele. Richard hesitou, tentando descobrir onde pôr as mãos, e então colocou-as no meio das costas dela, fazendo um carinho através do tecido fino do vestido.

– Sinto muito que ela tenha dito isso – ele murmurou. – Mas você sabe que ela está errada. Matty é a melhor coisa que aconteceu com a gente em muito tempo.

– Ele disse que não me conhecia – ela soluçou na camisa dele. – Que não queria me conhecer. Sei que menti por omissão, mas ele foi tão cruel – ela ergueu a mão do braço dele e enxugou o rosto, manchas escuras de rímel sujando a face. – Ele reagiu pior do que você, e você tinha muito mais pelo que me culpar.

– Também tenho muito mais a agradecer – Richard pegou Matty nos braços, e os três abraçaram-se como uma família de verdade. Ele queria fechar os olhos e inalar o aroma da

felicidade. – Ainda temos muito a fazer antes de resolver tudo, mas pelo menos estamos dispostos a tentar.

Eles foram até um banco e ele viu os músculos da perna dela flexionarem-se com o movimento. Na semana desde que haviam chegado a Nova York, ela tinha ganhado cor depois de passar os dias com Matty no parque, mostrando os animais para ele e deixando-o correr livre pela grama.

À noite, ele voltava para o apartamento com um coração tão cheio que era quase doloroso. Ver Hanna de pé na cozinha, preparando o chá de Matty, fazia sua alma doer. Mas era uma dor agradável. Ele tinha que se perguntar: ele ainda se sentia atraído por ela – por quem ela era – ou só queria a unidade familiar perfeita? O modo como seu corpo estremecia a cada vez que ela se inclinava, permitindo-lhe ver a curva dos seus seios, dizia-lhe que era a primeira opção.

Ela estava ocupada tirando o almoço de Matty da sua bolsa enorme, tentando encontrar lenços umedecidos e o babador. Matty reclinou-se no banco, balançando as pernas para a frente e para trás e cantando para si mesmo com palavras inventadas.

– Seu pai chegou a olhar para Matty? – Richard sabia que estava cutucando a ferida, mas não conseguia acreditar que Philip rejeitaria sua própria carne e sangue. Aquilo lembrava-o também de um confronto mais doloroso e difícil que ele precisaria ter com a própria mãe. Um confronto que ele vinha adiando.

– Só uma olhada quando Matty puxou alguns papéis da mesa dele. Então ele bufou e apanhou os papéis, dizendo que o escritório não era lugar para uma criança – ela tirou a tampa de um pote de iogurte, enfiando a colher e erguendo-a até a boca de Matty.

– Talvez ele precise de um pouco de tempo. É muita coisa para absorver – ele escondeu um sorriso, ciente de que as palavras se referiam a ele tanto quanto a Philip Vincent.

– Vou deixar que ele me ligue quando estiver pronto... se estiver pronto algum dia – Hanna tirou um lenço e passou-o no rosto de Matty. Ele fez uma careta em protesto, virando a cabeça para fugir. Ela fez cócegas embaixo do seu queixo até que ele riu, então se inclinou depressa, pegando o iogurte antes que caísse da sua boca. Sua expressão de vitória foi suficiente para fazer Richard sorrir, e ela notou o seu olhar, seu próprio sorriso iluminando suas feições.

– O quê? – ela perguntou.

– Você estava parecendo tão satisfeita consigo mesma – ele respondeu. – Como se pegar um pouco de iogurte fosse equivalente a ganhar um prêmio Pulitzer ou algo do gênero.

– Se você tem que lavar tanta roupa quanto eu, cada gota num lenço é uma enorme vitória – inclinou-se e esfregou o lenço na cara de Richard, o aroma doce do tecido invadindo seus sentidos.

– Ei! Eu não tomei iogurte hoje – ele sorriu, inclinando-se para pegar outro lenço. – Se alguém precisa ser limpo, é você – ela tentou se afastar, reclinando-se no banco. Richard seguiu cada movimento, como um leão com sua presa. Ele estava a centímetros do rosto dela e viu a expressão dela mudar quando o olhou, perdendo o fôlego com a proximidade.

Ela umedeceu os lábios com a língua, e as maçãs do rosto ficaram coradas. Do canto do olho, ele podia ver Matty balançando as pernas, lentamente comendo uma banana enquanto encarava os pássaros voando entre as árvores.

Richard inclinou-se, passando o lenço pelo rosto de Hanna, limpando as manchas de rímel que tinham sujado sua face depois de ter chorado por causa do pai. O olhar deles se cruzou,

bloqueando o resto do mundo. O riso sumiu sob a intensidade da conexão deles, os lábios relaxando e caindo até serem substituídos por desejo.

– Sua pele é perfeita – ele sussurrou, passando os dedos pelas bochechas dela, abandonando as tentativas de limpar seu rosto. – Tinha me esquecido de como era suave.

Hanna engoliu enquanto ele continuava a acariciá-la. Ela pôs a mão sob a jaqueta dele, passando-a ao redor da sua cintura. A camisa fina de algodão não diminuiu a sensação do toque dela. Ele queria tirar sua mão da cintura e incentivá-la para dentro da camisa, até que sua palma se esfregasse contra o peito nu dele. Não era suficiente olhá-la. Ele precisava sentir.

– Janta comigo hoje? – as palavras escaparam da sua boca, de repente. As sobrancelhas de Hanna se franziram em confusão, sua mão gentilmente apertando a cintura dele.

– E Matty? Não posso deixá-lo sozinho com uma babá. Ainda não.

Ela não tinha dito não. Ele sorriu.

– Pode ser em casa. Colocamos Matty para dormir e eu peço alguma coisa. Só para nós dois. Assim temos uma chance de conversar.

Ela abriu um sorriso.

– Sim, por favor. Adoraria jantar com você.

Não importa o que fosse preciso; Richard estava determinado a fazer aquilo direito. Ele queria conquistar aquela garota, seduzi-la até que não pudesse jamais fugir de novo. Eles tinham sido descuidados antes, deixando o amor escapar pelos dedos como areia numa ampulheta. Nenhum dos dois era inocente por aquela confusão em que se encontravam. Ambos tinham desistido antes do que deveriam.

Dessa vez, ele estava determinado a não deixá-la escapar.

Capítulo 25

1º de junho de 2012

– Tente ficar parado – Hanna pediu a Matty, tentando em vão fechar a fralda dele antes de colocar seu pijama. Matty riu, mexendo as pernas no ar como se estivesse andando de bicicleta, tentando rolar para longe da esteira. Ela bateu de leve no bumbum dele, inclinandose para soprar sobre sua barriga, a pele macia vibrando alto sob seus lábios.

– Não! – ele contorceu-se outra vez. – Não isso.

Hanna parou de fazer cócegas e ergueu a cabeça.

– Não isso? – ela tentou esconder a animação; não conseguia se lembrar de ele ter falado duas palavras juntas antes. Até agora, sua comunicação limitava-se a frases de uma palavra.

– Não – Matty foi firme.

– Vamos preparar você pra cama, então – ergueu-o até que ele estivesse de pé, abrindo as pernas da calça do pijama e ajudando-o a entrar nela. – Você precisa dormir, homenzinho.

– Não dormir – ele não parava mais, e ela riu. Mal podia esperar para contar a Richard sobre aquela nova habilidade.

– Isso mesmo, Matty. Não vamos dormir ainda, não até o papai chegar em casa – ela passou a blusa sobre a cabeça dele e puxou-a para baixo. – Mas daí você definitivamente vai dormir.

Assim que terminou de vesti-lo, Matty escapou das mãos dela e saiu correndo pelo chão claro de madeira até a janela ampla do outro lado do quarto. O sol do fim da tarde aquecia seu rosto, dando-lhe uma tonalidade dourada, e ele pulou para cima e para baixo, apontando os carros na rua lá embaixo.

Um som alto vindo do corredor fez Hanna se virar da janela, a testa franzida em consternação. Um instante depois ela ouviu a voz de Richard.

– Hanna? Matty? – ele estava quase frenético. Ela mal tinha levantado quando ele entrou correndo no quarto de Matty, sem fôlego, o peito subindo e descendo rapidamente. Richard foi direto até eles, puxando-a para um abraço, apertando a figura magra de Hanna com seus braços fortes.

– Graças a Deus – ele enfiou a cabeça dela sob o queixo. – Tive uma sensação horrível de que você tinha ido embora.

Aquilo não era bom. Ela pôs os braços ao redor dele e hesitantemente esfregou suas costas.

– Para onde eu iria?

Matty correu para eles, dando gritinhos de alegria. Richard abaixou-se e pegou-o com o braço direito, puxando Hanna para perto com o esquerdo. Ele inclinou-se até que a testa deles se tocou, seus olhos a centímetros dos dela. Ela podia sentir a respiração quente dele sobre seu rosto.

– Richard, o que aconteceu?

Matty agarrou o rosto de Richard e afastou-o de Hanna, inclinando-se para pressionar a própria testa nele.

– Pa – ele pôs as mãos gordinhas nas bochechas do pai, rindo quando Richard roçou os cílios nos dele.

Richard inalou profundamente, conseguindo controlar a respiração. Ele beijou Matty outra vez antes de colocá-lo no chão, virando-se para encarar Hanna, uma expressão de medo contorcendo suas feições.

– Liguei pro meu advogado hoje, perguntei se podia colocar algum tipo de ordem de restrição em você para impedi-la de deixar o país – era como se ele estivesse admitindo um pecado mortal. Hanna deu um passo para trás, tentando entender por que seu coração batia mais rápido.

– O que ele disse?

– Ele disse que eu precisava falar com um psicólogo – a risada de Richard foi seca e fria. – Então falei. Falei com uma pessoa.

– Ah – o coração dela estava acelerado. Hanna se perguntou se era medo ou atração.

– Hanna, realmente fizemos tudo errado – a voz dele estava rouca e profunda. Ele estendeu a mão e passou pelo cabelo dela, fazendo as pontas ficarem em pé. – Não temos confiança.

– Eu confio em você – a voz dela soou fraca.

– Não confia. Se confiasse em mim, nunca teria me deixado, nenhuma das vezes – hesitante, ele traçou a bochecha dela com a ponta dos dedos. – Você nunca confiou no meu amor por você.

– E você não confia que eu ficarei – Hanna começou a cutucar a pele ao redor das unhas, sentindo-se desanimada. Ele estava certo; a falta de confiança era como uma enorme montanha entre eles. – O que o psicólogo disse?

Richard sorriu.

– Que eu preciso de terapia intensa e cara.

Hanna não conseguiu evitar uma risada.

– Mas sério, não importa o quanto eu queira, não posso algemá-la ou abrir um processo contra você – ele parou por um momento antes de continuar. – Se você não quiser ficar, nada que eu fizer poderá mudar isso.

– Richard, eu...

Ele ergueu uma mão.

– Por favor, me deixe terminar. Quando estava falando com o psicólogo, percebi algo sobre mim mesmo. Eu posso ter dito que amo você, mas nunca a convenci de verdade de que você merecia ser amada. Quando você foi embora, foi porque achou que eu queria, ou merecia, algo mais. E em ambas as vezes, você estava errada.

Matty se entediou da conversa e correu para a caixa de brinquedos, tirando seu bichinho de pelúcia preferido.

– E você merece mesmo.

Richard balançou a cabeça.

– Não é você quem decide o que eu quero ou o que eu preciso. Preciso deixar uma coisa muito clara pra você antes que a gente comece a falar sobre o futuro – ele balançou-se nos calcanhares. – Eu te amei desde o dia em que a gente se conheceu. Sempre te amei, mesmo quando estava longe e eu não podia te ver – aproximou-se dela, a mão acariciando seu

pescoço. – Se quiser ir embora, não vá porque duvida do meu amor por você. Vá porque não me quer ou porque quer algo melhor para si mesma. Eu amo você, Hanna Vincent. Sempre amarei e o que eu mais quero é tê-la na minha vida.

Hanna sentiu os lábios tremerem quando ele enfiou os dedos pelo seu cabelo. Ela sabia que iria chorar, mas antes de desabar nos braços dele, precisava dizer algo também.

– Richard... – a voz dela falhou e as lágrimas começaram a cair antes que ela estivesse pronta. – Eu não vou a lugar nenhum – ela olhou para Matty, notando que ele estava completamente absorto, fazendo uma brincadeira estranha com o ursinho de pelúcia, erguendo e deixando cair no chão. Hanna cobriu a mão de Richard com a sua, sentindo o calor dos dedos dele na sua pele. – Cometi tantos erros, mas não vou submeter Matty a mais um. Ele merece conhecer você e estar com você. Eu jamais poderia tirá-lo de você.

Ela olhou-o através dos cílios grossos, notando que a boca dele continuava curvada para baixo.

– E, mais do que isso, não quero ir. Quero estar com você, quero que a gente seja uma família – ela olhou para o chão, tentando encontrar as palavras certas. – Também te amo. Tanto que me faz chorar – ela riu através das lágrimas, sentindo-as cair no queixo. – Só vou embora se você me disser para ir.

– Eu nunca vou dizer pra você ir – ele sussurrou, enxugando as lágrimas dela.

– Então pode levar as algemas de volta pra loja – ela olhou para baixo de novo, sentindo-se corar quando pensou em outros usos para elas. Richard riu, como se soubesse exatamente em que ela estava pensando.

Ele passou o polegar no pescoço dela uma última vez antes de se afastar, sorrindo.

– Eu pretendia dizer tudo isso no jantar. Acho que me adiantei um pouco.

– Precisava ser dito – ela sentiu o coração ficar mais leve no peito. – Estou feliz por você ter dito.

Um sorrisinho dançava sobre seus lábios.

– Bom, vou preparar um banho pra você, colocar Matty na cama e fazer o jantar. Não saia do seu quarto até eu chamar, ok?

Ela estreitou os olhos.

– O que está planejando, sr. Larsen?

Richard deu uma batidinha no nariz e piscou.

– A paciência é uma virtude, srta. Vincent.

O banho estava morno e perfumado e ela demorou para se convencer a sair. Seus olhos estavam relaxados e pesados; seus membros soltos, como se alguém tivesse tirado seus ossos. Ela inclinou-se e apagou as velas, finalmente se sentando. A água balançava ao redor da sua cintura, as gotas secando no seu corpo. Hanna pisou no tapete felpudo, puxando uma toalha bege macia ao redor do peito.

Ela escolheu um vestido preto simples; curto o suficiente para mostrar suas pernas ainda jovens da melhor maneira possível, mas longo o bastante para não constrangê-lo, se é que ele notaria. Secou o cabelo rapidamente, cansada de se arrumar, e prendeu-o num coque antes de aplicar um pouco de maquiagem natural.

Uma batida na porta do quarto a fez levantar do banco de veludo e atravessar o tapete macio do quarto. Ela olhou no espelho na parede ao lado da cama, notando como as sombras sob os olhos estavam profundas, e se perguntou se eram da exaustão ou um sinal da idade.

Quando abriu a porta pesada de carvalho, viu Richard usando uma camisa azul-clara e uma calça cinza-escura. Sua camisa estava aberta no pescoço e seus olhos percorreram a pele dele onde o pescoço encontrava o peito, seguindo os pelos esparsos que levavam para baixo.

Ela engoliu. Com força.

– Pronta? – o canto esquerdo da boca dele curvou-se num sorriso torto. – Ou ia me convidar para um café?

Hanna deu uma gargalhada.

– Vai ser esse tipo de encontro?

– Sinceramente espero que sim – ele pegou a mão dela. – Mas primeiro preciso alimentá-la.

Ele levou-a para o corredor, e ela caminhou com pés descalços sobre o chão de madeira claro. Richard ergueu as mãos e colocou-as sobre os ombros dela, os olhos correndo pelo seu corpo.

– Você está linda.

Ela sorriu.

– Obrigada. Você não está mal também – repreendeu-se pelo eufemismo do ano. A camisa de algodão agarrava-se ao corpo dele, revelando os músculos em todos os lugares certos. A calça caía dos quadris de um jeito delicioso.

– Obrigado – parecia que ele queria dizer mais alguma coisa, mas, em vez disso, virou-se, guiando-a até a sala de jantar, o braço sobre os ombros dela. Hanna inclinou-se para ele, e o corpo dele a esquentou através do tecido fino das roupas.

Uma toalha branca e pesada tinha sido posta sobre a mesa. Os talheres estavam arrumados com cuidado, duas taças de vinho à frente de cada prato. No meio, um candelabro de prata segurava três velas, a haste refletindo a luz das chamas. Richard puxou a cadeira dela e Hanna sentou-se, deixando que ele a empurrasse para a frente.

– Isso está incrível – Hanna olhou ao redor da sala, os olhos arregalados de animação. – Você não tinha que fazer tudo isso.

– Eu queria – a voz dele estava embargada. Ele foi até o aparador e tirou os pratos do aquecedor. – Disse pra você que queria fazer isso direito.

Quando se sentou à frente dela, ele estendeu a mão para uma garrafa de Merlot, enchendo a taça de ambos. Hanna se perguntou quem ele pretendia deixar bêbado: ela ou ele próprio.

– Matty dormiu rápido? – ela perguntou, erguendo o garfo e espetando um pedaço de cenoura.

– Sim. Ele já estava dormindo antes que eu chegasse à segunda página do livro. Deve ter ficado esgotado no parque.

Ou talvez soubesse que seus pais precisavam de um tempo a sós.

– Você é tão bom com ele – ela olhou para cima. – Obrigada.

Richard deu de ombros.

– Sou o pai dele.

– Eu sei, me lembro de quando o concebemos – imediatamente, ela sentiu o rosto queimar. Queria se bater na cabeça pelo comentário inapropriado. Ela pegou a taça de vinho e inclinou a cabeça para beber um longo gole.

– Eu também – Richard respondeu suavemente.

Ela não podia olhar para ele. Não podia. Mas seus olhos se ergueram como que puxados por ímãs, e ela mordeu o lábio numa tentativa de impedir o fluxo das palavras.

– Estou tão envergonhada – ela admitiu, fazendo Richard rir.

– Não fique. Você sempre foi honesta. É uma das coisas que amo em você.

Amo. Ela sentiu-se atordoada outra vez, querendo despejar a garrafa inteira de vinho na garganta. Seu corpo estava tenso em antecipação.

– Sabe, eu estava pensando hoje, entre falar com o advogado e o psicólogo, que somos essencialmente um velho casal – ele ergueu a garrafa de Merlot e encheu as duas taças. – Moramos juntos, temos um filho juntos e passamos as noites discutindo até tarde sobre as coisas que nos preocupam – ele olhou-a através de cílios grossos e escuros. – Só falta o sexo.

Hanna cuspiu, babando um pouco de vinho. Ela ergueu o guardanapo para os lábios e enxugou a boca, querendo se esconder atrás dele.

– E o anel – Richard continuou. – Também falta o anel.

– Não se esqueça do álbum de casamento. Podemos olhar e lembrar como nossas famílias brigaram e nos odiaram, e acabaram jogando pratos uns nos outros – ela sorriu para ele. – Nenhum casal está completo sem isso.

Richard ergueu as sobrancelhas.

– Não estou brincando. Sei que temos muito o que resolver, mas pretendo me casar com você. Quero que você e Matty sejam Larsen.

Hanna queria também. Queria tanto que quase não conseguia imaginar. Ela achava que poderia morrer se aquilo fosse tirado dela agora. Podia ver tão claramente: o anel em seu dedo, os beijos antes dele sair para o trabalho, sua chegada em casa, ele pegando Matty nos braços, indo até ela e beijando-a até que ela ficasse sem fôlego.

Os bebês.

Ela precisava se acalmar. Estava se adiantando. Eles tinham que ir devagar – pelo bem de Matty e de cada um. Nenhum dos dois deveria pular no fogo sem se preparar para a queimadura.

– Eu gostaria que fôssemos seus – era uma noite de verdades. Ela não se esconderia mais atrás das suas inseguranças. A vida tinha lhe ensinado que isso só levava a problemas e tristezas.

O sorriso de Richard estava largo, seus olhos tão úmidos quanto os dela quando ele a olhou. Ele tocou a mão dela, correndo os dedos até seu pulso. Sua pele irrompeu em arrepios, os pelos curtos erguendo-se enquanto ela fechava os olhos, sentindo a intensidade da conexão.

Eles terminaram a refeição, levando os pratos e talheres para a cozinha e enchendo a lava-louças juntos. De vez em quando, Richard tirava algo dela, deixando a mão sobre a dela o suficiente para ela saber exatamente como ele se sentia.

Era eletrizante.

Quando terminaram, Richard pegou as taças e a garrafa pela metade de vinho e levou-as para o sofá, colocando-as na mesa de centro e dando um tapinha no lugar ao seu lado. Seus olhos estavam escuros e intensos enquanto observava Hanna, a expressão dela revelando sua trepidação.

– Em que está pensando? – ele murmurou, girando o corpo até que estivesse virado para ela.

– Estou com medo – ela estava quase impressionada com a própria honestidade.
– Se a faz sentir-se melhor, não transo no primeiro encontro – ele piscou e passou a taça para ela.

– Eu, sim – ela tomou um longo gole. A risada de Richard foi encoberta pelo cobertor de atração que cobria a ambos. – Não sei se chegamos a ter um primeiro encontro. Tivemos?

Ele torceu o nariz enquanto pensava.

– Não que eu me lembre.

– Embora você tenha me levado a um restaurante em Nova York para um encontro há uns dez anos – Hanna sorriu. – Acho que me apresentou a uma das suas ex.

Ele riu.

– Aquilo não foi um encontro.

– Foi, sim! – ela protestou. – Bem, eu achei que foi. Levei você para um show e você me levou para jantar. Pareceu um encontro para mim.

– Se eu a levasse para um encontro, não a apresentaria à minha ex – ele respondeu, incisivo.
– Gosto de pensar que tenho mais classe que isso.

Foi a vez de Hanna rir.

– Você é inacreditável. Sua memória é tão seletiva que estou com medo de que esteja perdendo a cabeça – ela inclinou-se, colocando a taça na mesa, e então deu-lhe um soco no braço. Ele agarrou o pulso dela, encarando sua mão. Em seguida, lançou-lhe um olhar significativo, puxando-a para perto até que o rosto deles estivesse a centímetros de distância. Ela piscou rapidamente, seu estômago contraindo-se com a intensidade do olhar dele.

– Eu me lembro de cada momento com você, Hanna. Lembro de como você parecia jovem e surpresa na primeira vez que a vi, ao lado daquela árvore de Natal horrorosa na casa do meu pai. Lembro de como seus olhos brilharam quando a vi no pub em Cotswolds, vendo alguma banda de merda desesperada para ficar famosa – os lábios dele curvaram-se num sorriso, tão perto do dela. Ela estava morrendo de vontade de fechar a distância. – Lembro de você embaixo de mim, na primeira vez que fizemos amor. Seus olhos estavam claros e arregalados, e seus lábios tremeram quando eu me movi dentro de você – ele fechou a distância, a respiração passando sobre ela. – Lembro de cada minuto, Hanna. É você que me faz perder a cabeça.

Richard levou sua boca até a boca dela, a mão envolvendo-a por trás da cabeça, inclinando-a até que ela estivesse olhando para ele. Ela colocou uma mão no pescoço dele, sentindo os pelos suaves e curtos que desciam pelo seu peito.

A língua dele dançou pelo seu lábio inferior. Ela tocou-a com a sua, sentindo-a roçar contra ela e entrar na sua boca. Ela gemeu, os olhos apertados, querendo sentir cada parte do corpo dele nela. Ele puxou-a para perto até que seus peitos estavam se tocando, mas não era o bastante; o corpo dela exigia mais. Ela subiu no seu colo, pondo as pernas de cada lado dele, e ele agarrou-a por trás, esfregando o corpo deles. O peito deles se tocou, e ela arqueou as costas, os mamilos enrijecendo, reagindo à proximidade.

– Jesus – ele afastou-se, os olhos brilhando. – Senti tanta saudade de você – ele moveu-se de novo, beijando-a com força até que estivessem os dois sem fôlego. Ela não queria que acabasse.

– Quero que me leve pra cama – ela estava desesperada para senti-lo nu contra ela, sobre ela, dentro dela. Era como se seu corpo estivesse acordado pela primeira vez em anos.

Precisava saber que ele se sentia do mesmo jeito.

– Hanna... – ele a manteve próxima, os dedos enfiados no cabelo dela. – Também quero. Mas precisamos ir com calma.

Ela inclinou-se e beijou-o novamente, assumindo o controle dessa vez, deslizando a língua para dentro da boca dele e esfregando-se nele até sentir sua excitação embaixo dela. Ele apertou-a por trás, erguendo-se e envolvendo as pernas dela ao redor da sua cintura, e ela jogou os braços ao redor do seu pescoço, sem quebrar o beijo.

– Você me convenceu – ele moveu os lábios contra os dela. – Foda-se ir com calma – ele atravessou a sala de estar, dirigindo-se para o quarto, interrompendo o beijo para poder encontrar a maçaneta. Quando estava prestes a abrir a porta, o interfone no corredor tocou, o tom indicando que era o porteiro ligando.

– Um minuto – ele a pôs no chão gentilmente e foi até o telefone, erguendo o receptor. Hanna viu a excitação intensa desaparecer do seu rosto, e o corpo dela já sentia a ausência do seu abraço quente.

– Ok, obrigado – ele bateu o receptor de volta no aparelho, passando uma mão pelo cabelo bagunçado enquanto a olhava, apoloético.

– Era a recepção... minha mãe está subindo.

Capítulo 26

1º de junho de 2012

Richard foi até a porta pesada e destrancou-a, os músculos das costas tensos enquanto abria. A luz do corredor despejou-se pelo chão de madeira e ele deu espaço para deixar a mãe passar.

Caroline Maxwell entrou na sala usando um vestido de festa de chiffon cor-de-rosa, com uma echarpe jogada sobre os ombros. Ela tinha puxado o cabelo loiro do rosto com um grampo, revelando feições lisas que escondiam sua idade. Embora Richard nunca tivesse perguntado, imaginava que algumas das férias dela envolviam interações com bisturis e cirurgiões caros. Com certeza ela tinha dinheiro suficiente para aquilo.

Quem quer que fosse, tinha feito um bom trabalho.

– O que ela está fazendo aqui? – Caroline fez um gesto para Hanna com uma mão bem cuidada. Seus lábios carnudos contorceram-se, mas não havia uma ruga sequer visível. – Na verdade, não precisa explicar, ouvi tudo de Olivia Vincent. Ela estava adorando contar para o baile inteiro sobre meu novo neto – ela olhou para Hanna, o nariz torcido em desdém. – Não acredito que você está deixando Hanna enganá-lo com essas mentirinhas estúpidas.

Richard sentia a raiva borbulhando sob a pele, o rosto ficando quente enquanto a olhava com fúria. Ela empinava o nariz como se tivesse sido a pessoa mais prejudicada com aquilo tudo, e ele queria torcer seu pescoço fino e gritar. Ela precisava saber o que ele tinha perdido por causa das mentiras dela. Sua calma só o deixava mais furioso.

– Não acho que você deva se fazer de superior – ele foi incapaz de esconder a amargura. – Porque a queda vai ser alta.

Caroline riu. Foi uma risadinha fina e frágil, que o fez estremecer.

– Nunca fiquei tão constrangida na minha vida – ela puxou o pingente de diamante ao redor do pescoço. – “Ah, ouvi dizer que virou avó, Caroline. Você não sabia que Richard e Hanna tinham um filho juntos? Que terrível, eles mantiveram segredo” – o sarcasmo dela cortava o ar da sala como uma faca deslizando na manteiga.

Richard pegou a mão de Hanna, não querendo que ela ficasse escondida. Ele a queria do seu lado – precisava dela ao seu lado – para mostrar que não tinha vergonha do relacionamento deles. Estava orgulhoso que ela quisesse ficar com ele.

– Ah, isso é simplesmente perfeito – Caroline exclamou com desdém, quando Richard puxou Hanna para seus braços. – O que ela faz pra fazê-lo voltar correndo toda vez? É boa de cama, é isso? Porque você pode pagar pessoas se quiser sexo...

Hanna desencostou-se de Richard, dando um passo à frente com a mão erguida. Ele viu quando a palma aberta dela fez contato com o rosto da sua mãe. O impacto foi forte o bastante para fazer Caroline dar um passo para trás.

– Não ouse me comparar a uma prostituta – Hanna disse. Richard teve que apertar as mãos para não aplaudir. – E ficaria grata se mantivesse a voz baixa, há uma criança dormindo nesta casa.

Uma linha vermelha lívida estava se formando na bochecha da mulher. Ela encarou Hanna com os olhos faiscando, o rosto contorcido de raiva.

– Você vai deixá-la falar comigo desse jeito? Ela me atacou! – Caroline exclamou.

– Eu não *deixo* Hanna fazer nada. Ela é uma mulher independente, e pode fazer o que quiser na nossa casa – ele podia sentir o coração acelerando, martelando no peito. Queria abraçar Hanna de novo e dar-lhe um pouco de conforto. – Se a comparar com uma prostituta outra vez, ponho você na rua.

Caroline retraiu-se visivelmente, os olhos começando a marejar.

– Por que está tão bravo comigo? Não fui eu quem menti sobre uma criança ou apareci anos depois fingindo que é sua – ela alisou uma mecha solta de cabelo. – Já fez um teste de DNA?

Richard encarou-a.

– Matty é meu filho, não preciso de um teste de DNA para me dizer a verdade – ele olhou para o corredor, os olhos pousando na porta fechada do quarto dele. – Estou bravo com você porque o único motivo de Hanna não ter me contado que estava grávida foram suas malditas mentiras – sua voz estava ficando mais alta. Ele precisava controlar a raiva.

– Não sei do que está falando – o tom de Caroline era arrogante. Ela esfregou a bochecha. – Nunca menti para Hanna.

– Mentiu sim! – Hanna respondeu. Ela estava tremendo como um animal assustado sob o braço dele. – Liguei para o celular de Richard e você atendeu. Você me disse que Meredith nunca mais andaria.

– Acho que me lembraria de algo assim. Quando você ligou?

– Quando descobri que estava grávida, em junho de 2010 – Hanna respondeu. Ela passou a mão ao redor da cintura de Richard, procurando algo a que se agarrar.

Caroline balançou a cabeça, uma linha fina se formando entre suas sobrancelhas. Ela piscou algumas vezes antes de olhar para Richard com uma expressão acusatória.

– Junho de 2010, não foi quando você disse a Meredith que não queria se casar com ela?

Richard pensou por um momento, deixando a mão de Hanna em sua cintura acalmá-lo. Era difícil lembrar os eventos de dois anos antes, embora algumas datas estivessem gravadas em sua mente. Como quando ele disse a Meredith que não queria ficar com ela ou quando foi para Londres e descobriu que Hanna tinha desaparecido outra vez.

Seu estômago revirou-se quando uma lembrança brilhou em sua mente. Ele lembrava-se da mãe ligando para ele no trabalho, dizendo que ele tinha esquecido o celular em casa. Ela estivera no apartamento com Meredith, ajudando-a a empacotar suas coisas. Caroline tinha se oferecido para levar o celular dele para o escritório.

– Quando falou com Hanna, Meredith e eu já estávamos separados? – ele fechou a mão num punho, sentindo a necessidade de bater em alguma coisa. Todos os momentos dos últimos dois anos tinham sido em vão. Eles estavam tão próximos de ficar juntos para sempre, de ter tudo que sempre quiseram... e algumas palavras da mãe tinham sido o suficiente para fazer tudo desabar. – Você disse pra ela que Meredith estava paralisada quando a gente já tinha se separado?

– Achei que você podia mudar de ideia sobre a separação... – Caroline sussurrou, a voz

sumindo.

Ao seu lado, Hanna apertava a mão firmemente sobre a boca, o horror da situação fazendo lágrimas escorrerem pelo seu rosto. Richard se perguntou se ela sentia vontade de xingar e esmurrar alguma coisa – qualquer coisa –, assim como ele. A raiva era grande demais; ele não sabia como controlá-la sem explodir.

– Então você se lembra de ter dito a ela que Meredith estava paralisada?

Caroline assentiu, estremeando e afastando-se dele. Ele sabia que estava agindo como um louco; seu corpo tenso como uma cobra prestes a dar o bote. Só a mão de Hanna na dele conseguia ancorá-lo, impedi-lo de fazer algo de que poderia se arrepender depois.

– Por que você faria isso? Percebe que Hanna estava me ligando para dizer que estava grávida? Perdi dezoito meses da vida do meu filho por culpa sua.

A mãe dele pôs uma mão no peito, apertando com dedos enrugados.

– Eu não sabia...

– Você sabia o suficiente para fazer Hanna desistir. Sabia o suficiente para não me dizer que alguém tinha ligado. Não se faça de inocente, você é culpada como o diabo – o corpo dele estava tão tenso que ele queria gritar, xingar... fazer qualquer coisa para se livrar da tensão. Todos os segundos na frente da mãe eram um lembrete do que ele quase perdera.

Do que ele *tinha* perdido.

– Meredith sabia sobre a ligação? – pingava ácido da sua voz.

Caroline balançou a cabeça, seu rosto desesperado enquanto se aproximava dele, estendendo a mão.

– Richard, você não tem que fazer isso. Podemos falar com os advogados e conseguir a guarda pra você. Você não precisa morar com Hanna.

Ele precisou de alguns segundos para absorver as palavras. Ela queria que ele deixasse Hanna e tomasse Matty dela. A insensibilidade da sugestão foi o último prego no caixão do relacionamento deles. Ele a queria o mais longe possível da sua família, para que ela não pudesse envenená-los da mesma maneira que tentara com ele.

Ele apertou Hanna com mais força, enfiando a cabeça no seu cabelo por um instante e beijando os cachos sedosos.

– Quero que você saia agora – a voz dele saiu abafada pelo cabelo de Hanna. Ele não conseguia olhar para a mãe nem acompanhá-la até a porta. A náusea revirava seu estômago enquanto se lembrava das últimas palavras que ela dissera a Hanna no dia daquela ligação terrível. Ele se sentia amargamente irônico quando disse para a mãe: – Não volte mais.

– Nunca? – a voz de Caroline subiu uma oitava. Hanna afastou-se de Richard e colocou uma mão reconfortante em seu peito. Ela balançou a cabeça de leve, como que dizendo a ele para se controlar. No fundo ele sabia que ela tinha razão; não deveria tomar decisões em um momento de raiva, mas ele precisou de toda sua força para não arrastar a mãe fisicamente para fora de casa.

– Aqui não. Não quero você perto da minha família – Hanna prendeu a respiração quando ele disse aquelas palavras. – Sei que não posso evitá-la na Maxwell Enterprises, mas não pretendo deixá-la fazer parte da minha vida pessoal.

– Mas sou sua mãe – Caroline endireitou os ombros. – Mereço seu respeito. Não acredito que está escolhendo ela em vez de mim. Pare com essa bobagem.

Richard indicou a porta, agitando a mão como se estivesse dispensando um cachorro.

– Só estou grato por poder escolher. Não houve muitas possibilidades de escolha para mim nos últimos anos.

Caroline lançou-lhe um último olhar furioso, os lábios cerrados enquanto balançava a cabeça e se virava para a porta. Quando a viu sair, ele só sentiu alívio. Foi como se o último bloco no meio do seu futuro tivesse sido derrubado. Ele permitiu que um pequeno sorriso surgisse em seus lábios.

Depois que Caroline saiu, Hanna parecia apagada, como se alguém a tivesse pintado de cinza. Ele queria reaver os momentos roubados em que a tivera em seus braços, as pernas em volta de sua cintura. As coisas tinham parecido tão alegres e fáceis; ele não sabia como recapturar aquele sentimento.

– Acho que vou dormir. Foi um longo dia – Hanna abriu um sorriso frágil. – Quem sabe as coisas não parecerão menos deprimentes pela manhã.

Ele sabia que ela estava certa. O momento tinha passado, e eles precisavam dar tempo a eles mesmos para que as feridas se curassem. Ele não estava menos decepcionado, no entanto.

– Se a faz sentir-se melhor, o pior de fato acabou. Nossos pais já sabem, e a reação dos dois não foi exatamente inesperada – ele tentou reconfortá-la.

– Até Steven e Claire estão bravos comigo.

Richard balançou a cabeça.

– Não estão. Estão chocados e surpresos, mas falei com Claire hoje e eles estão planejando uma visita em breve. Eles estão tão animados para ter você e Matty na vida deles.

Ele estendeu uma mão e tocou o rosto dela com a palma. Sua pele estava macia e umedecida pelas lágrimas. Richard passou o dedão pela maçã de seu rosto e enfiou os dedos em seu cabelo, puxando-a para um abraço até que o rosto dela encostasse em seu peito.

– Esqueci de falar, Ruby ligou hoje. Ela vem pra Nova York na semana que vem – a voz de Hanna estava abafada pela camisa dele. – Ela queria saber como você se sentiria se Tom viesse junto.

Richard riu, o peito vibrando contra o rosto dela.

– Ela realmente quer saber?

Hanna afastou-se, erguendo a cabeça para ele, os olhos brilhando de divertimento.

– Na verdade, não. Eu disse pra ela ligar diretamente pra você – ela passou um dedo pela barba não feita dele. – Você não vai ser chato com ela, vai? Acho que os dois foram feitos um pro outro.

Ele estremeceu com a ideia de que a irmã tivesse sido feita para alguém.

– Suponho que terei uma chance de ter uma conversa franca com Tom – ele respondeu, o tom provocativo.

– Pobre Tom. Bom eu não ter um irmão mais velho pra ir atrás de você.

A expressão dele ficou séria.

– Queria que alguém tivesse ido atrás de mim. Sei que Tom estava do seu lado e que uma hora contou para Ruby, mas um cara furioso com uma espingarda poderia ter evitado tantos problemas.

– Enterrando você antes que chegasse a conhecer Matty?

Richard balançou a cabeça.

– Não, cuidando de você e se certificando de que eu assumisse as minhas responsabilidades.

A mão de Hanna permaneceu no rosto dele. Ele virou a cabeça para beijar a ponta dos dedos dela, seu corpo reagindo enquanto ela acariciava os seus lábios. Ele viu a boca dela se abrir através de pálpebras pesadas, e ela mordeu o lábio inferior de um modo que fazia o calor descer direto para sua virilha. Ela pôs o dedo na boca dele, sua expressão não deixando dúvidas sobre seus sentimentos em relação a ele.

– Você precisa dormir – a voz dele estava rouca de desejo. Ele queria seguir Hanna para o quarto dela e tirar as roupas do seu corpo. Queria reconfortá-la com cada centímetro do seu próprio corpo. Mas disse a si mesmo para ir devagar, por mais desesperado que estivesse para estar dentro dela. Eles tinham o resto da vida para ficar juntos e ele queria fazer aquilo do jeito certo.

Hanna assentiu.

– Foi um longo dia – ela deu um sorriso frágil, afagando o rosto bonito dele. – Você deveria dormir também.

– Preciso trabalhar um pouco antes de ir pra cama – ele sabia que não conseguiria dormir, mesmo que estivesse exausto. Saber que ela estava a um quarto de distância, sem dúvida, o manteria acordado.

Richard inclinou-se para a frente e encostou os lábios na bochecha dela.

– Bons sonhos, Hanna – enfiando as unhas nas mãos para se impedir de carregá-la para sua cama, virou-se e foi para o escritório, ciente de que ela o seguia com os olhos.

Ele odiava ir devagar.

Hanna teve um sono agitado; as cobertas pesavam sobre seu corpo, deixando-a sensível e quente demais. Ela ficou se virando na cama, e acordou com gotas de suor no peito enquanto um fio descia pelo seu decote.

No sonho, ela vira Matty e Richard. Ela estava em pé sobre uma terra seca e árida, os pés grudados no chão enquanto seus garotos fugiam dela, até que eram apenas figuras minúsculas a distância. Ela gritou para que eles a esperassem, mas eles não a ouviram. Ela tentou correr, mas sentiu a terra desmoronar sob seus pés sem conseguir fazer nenhum progresso. Sentiu-se eternamente em movimento, estando no mesmo lugar.

– Não... – começou a chorar, tentando alcançá-los, observando através de uma cortina de lágrimas enquanto eles se afastavam no horizonte vermelho. As pernas dela falharam, seu corpo desabou no chão quente e seco, e ela bateu os punhos contra o solo, suas lágrimas caindo na terra seca.

– Hanna – ouviu a voz de Richard, e no sonho ele virou, parando de andar quando notou sua forma no chão. – Hanna, está me ouvindo?

– Volte – ela estava vagamente ciente do seu sonho sendo invadido pela realidade, a imagem de Richard e Matty desaparecendo na névoa da sua consciência.

– É só um pesadelo, querida. Acorde – ela podia sentir a palma fria de Richard acariciando seu rosto e piscou, tentando abrir as pálpebras pesadas.

– Estou acordada agora? – ela não conseguia diferenciar realidade de imaginação, estendendo uma mão para Richard, que tentava acalmá-la.

– Está – ele respondeu. Havia uma nota de divertimento em sua voz. – Quer um pouco de

água?

Sentou-se, os olhos adaptando-se à penumbra. Seu coração martelava no peito.

– Sim, por favor – ela olhou para o despertador; o brilho vermelho e borrado dos números indicava uma da manhã.

– Aqui, beba um gole – ele disse suavemente, levantando o copo até os lábios dela, os olhos escuros enquanto ela engolia o líquido frio. Hanna deixou a água umedecer sua boca, sentindo-se refrescada à medida que o líquido descia pela sua garganta.

– Desculpe por tê-lo acordado.

– Ainda não tinha ido dormir – Richard admitiu. – Estava tentando terminar umas coisas para o trabalho.

Um olhar para a roupa dele foi suficiente para ver que ele estava falando a verdade. A camisa de algodão estava desabotoada e as mangas arregaçadas, revelando antebraços fortes e seus pelos. Ele tinha soltado a camisa das calças, e ela caía livremente pelos seus quadris, amassadas após uma longa noite de trabalho.

– Fui dar uma olhada no Matty quando a ouvi chamando meu nome. Achei que devia estar tendo um sonho bom – ele estava sorrindo. – Imagine minha surpresa quando descobri que o sonho era um pesadelo.

Hanna fechou os olhos, tentando apagar a imagem dos seus garotos tão longe.

– Você estava correndo de mim – ela engoliu, ainda sentindo o gosto da árida poeira em sua boca. Richard, sentindo sua necessidade, ergueu o copo aos seus lábios outra vez.

– Eu nunca vou correr de você – a voz dele estava embargada de emoção. – Só por isso você deveria ter percebido que era um sonho.

Lágrimas arderam nos olhos de Hanna, acumulando-se no canto dos olhos e enevoando sua visão. Richard estendeu uma mão para alisar seu cabelo, os dedos gentis enquanto acariciava seu pescoço, descendo para seus ombros nus.

– Você está me deixando louco – ele confessou, traçando pequenos círculos na pele dela. – Você toda.

Ela prendeu a respiração. Imagens do início da noite voltaram à sua mente; lembretes vívidos de como eles tinham chegado perto de consumir o relacionamento florescente deles. Quando ele se sentou na cama, seu corpo forte em contraste com o dela, ela se percebeu querendo se submeter à possessão dele.

Ele traçou uma linha subindo pela coluna dela, pousando-a sobre seu pescoço por um instante antes de abrir os dedos em seu pescoço.

– Bem aqui – ele sussurrou. – Posso sentir seu pulso pulando sob a pele, e como você perde o fôlego.

Hanna não disse nada, vendo o desejo nos olhos verdes dele, a língua umedecendo os lábios.

Ele passou a mão pelo peito dela, no espaço entre seus seios, os dedos fortes sobre a pele úmida.

– E aqui, posso sentir seu coração batendo depressa – ele abriu os dedos, movendo a mão até roçar o mamilo, sua pele áspera fazendo o bico sensível enrijecer. Ela inspirou fundo quando uma sensação de prazer desceu direto para o meio das suas pernas.

Ele acariciou o mamilo dela entre o dedão e o indicador, o prazer tornando-se uma pulsação estável entre suas coxas. Ela olhou-o por pálpebras semicerradas, com uma

expressão intensa, revelando uma forte emoção.

– Por favor, me beije – ela arqueou o corpo, os lábios tremendo quando ele se abaixou para capturá-los. Ela sentia a respiração suave dele sobre seu rosto, aquecendo-a e excitando-a. Ele moveu-se devagar, dando um beijo lento e suave, fazendo-a querer muito mais. Então afastou os lábios, percorrendo uma trilha pelo seu pescoço.

– Richard... – ela fechou os olhos e sentiu os lábios dele chupando sua pele. Seus mamilos ficaram enrijecidos, o calor entre as coxas tornando-se úmido, seu desejo cada vez maior.

Ele puxou sua camisola e empurrou seus shorts para baixo até ela estar nua e trêmula.

– Você é tão linda – havia desejo em seu olhar e ela sentiu o corpo refletir a paixão que viu neles. – Cada centímetro seu é perfeito – ele estendeu uma mão para tocar seu pescoço com o dedo, traçando uma linha para baixo até os seios, provocando um mamilo antes de descer à barriga. Ela estremeceu de vergonha quando ele traçou as linhas prateadas das estrias dela.

– Elas são tão feias – Hanna tentou afastar a mão dele de sua barriga.

– Não são feias, são incríveis – Richard balançou a cabeça, inclinando-se para beijá-la de boca aberta. – São um lembrete do que fizemos, do que você carregou. São parte de você – ele seguiu-as com a boca, indo até a base dos quadris dela, a respiração quente enquanto ele olhava seu corpo. Suas mãos estavam suaves, mas firmes nas suas coxas, enquanto ele as abria. Ela podia sentir sua respiração sobre seu centro febril, os lábios dele adorando seu corpo assim como suas palavras adoravam sua alma. Ele pôs a língua dentro dela, estabilizando as coxas com suas mãos fortes. Ela gemeu alto, arqueando contra ele, as mãos apertando seu cabelo enquanto ele a levava ao clímax.

Hanna fechou os olhos, rendendo-se à sensação, o corpo tenso sob o toque dele. Ela podia se ouvir ofegar enquanto ele aumentava a pressão, levando-a ao limite, suas mãos apertando os lençóis e seu interior contraindo-se de prazer enquanto ela gemia o nome dele sem parar. Ela arqueou as costas, o orgasmo preenchendo seu corpo até que ela só estava meio consciente.

Ela percebeu vagamente que ele tirava as roupas enquanto ela retornava do orgasmo. Ele se pôs sobre ela, seu corpo pesado por cima. A ereção dele encostou nos seus quadris, sua forma reconfortante e rígida. Ela fechou as mãos ao redor dele, passando o dedão pela ponta e espalhando a umidade que se concentrava lá.

– Preciso de camisinha? – a voz dele era urgente e ela sentiu-o esfregando-se na sua mão. Ela apertou com mais força, extraindo um gemido dele.

– Estou protegida.

E ela estava, cada centímetro dela dominado pelo corpo que a cobria. Ela fechou os olhos, tentando não gritar quando o sentiu se alinhar sobre ela, a ponta abrindo-a enquanto ele tentava imobilizar seus quadris. Ele era tudo que ela se lembrava, tudo que queria e esperava que fosse. Ela estava se afogando sob seu toque.

– Abra os olhos – a voz dele soou rouca na orelha dela. As pálpebras dela tremeram, lágrimas escapando quando ele a olhou cheio de desejo, seu coração parando quando viu a emoção intensa atrás daquele olhar. Os lábios dele estavam secos sobre o maxilar tenso, e ela contornou sua boca com a ponta do dedo.

– Por favor, Richard... – esfregou-se contra os quadris dele. Ele pôs uma mão nela e impediu o movimento, fitando-a com desejo. O coração dela martelava no peito.

– Me dê um momento.

Ela parou de se mover e olhou-o de volta. Eles respiraram em uníssono, e ela esperou que ele se movesse e lhe tirasse o último fragmento de sanidade que lhe restava.

– Agora – ele flexionou os quadris, deslizando dentro dela até que ela estivesse tão completa que suspirou. A sensação era demais, e ela sentiu lágrimas quentes escorrerem pelas bochechas, as emoções muito intensas para serem contidas.

– Eu te amo... – as palavras dela saíram com a respiração. Elas dançaram no ar como um fio invisível, unindo-os.

– Te amo... – uma exalação, uma promessa. Ele disse de novo, só para ouvir as palavras.

Ele capturou os lábios dela, suas línguas entrelaçando-se enquanto as lágrimas salgadas dela se misturavam com o beijo. Ela pôs uma mão no queixo dele, os olhos brilhando com todas as emoções que ele extraía do corpo dela.

– Amo...

Quando Hanna finalmente acordou na manhã seguinte, Richard já estava vestido e Matty estava na cama com ela, seus braços gordinhos envolvidos no seu pescoço.

– Ele está de pé há algum tempo – Richard admitiu, as olheiras sob os olhos como prova do sono interrompido. – Eu o trouxe para a cama com a gente um pouco antes das seis.

– Ele é um macaquinho – ela enfiou o rosto nos cachos macios de Matty, inalando o aroma do xampu de bebê dele. – Você já está de saída?

– Tenho uma reunião às oito – Richard estava amarrando a gravata. Ela queria agarrá-lo e trazê-lo de volta para a cama. Depois das revelações da noite anterior, ela se sentia exausta, como se pudesse dormir por mil anos. Se iria hibernar, queria que ele estivesse junto com ela.

– Queria perguntar uma coisa sobre ontem à noite – Matty sentou-se e atravessou a cama engatinhando, lançando-se nas pernas de Richard. O pai agarrou-o bem a tempo, fazendo-o rir ao girá-lo no ar. – Aquele psicólogo com quem você falou ontem dá desconto se você der indicações?

Richard pegou o olhar dela, sua expressão suave enquanto abria um sorriso.

– Sou um ótimo negociante.

– Eu queria que começássemos do zero. Talvez pudéssemos conversar com ele como um casal?

Ela sabia que a história deles não podia ser apagada em alguns poucos momentos de felicidade. A chegada frenética de Richard no dia anterior era um sinal de que eles tinham problemas que precisavam resolver. Pela primeira vez, ela estava confiante de que eles poderiam resolvê-los juntos.

– Eu ligo pra ele hoje – ele prometeu, inclinando-se para capturar seus lábios e derrubando Matty no colchão ao lado dela. Ele quicou nas molas, gostando tanto que se pôs de pé e pulou de novo. – Me encontre pro almoço – Richard sugeriu, enfiando a jaqueta. Ela encarou-o, tentando não lambe os lábios enquanto via seu corpo maravilhoso, perfeitamente vestido num terno Gucci.

– Realmente quer deixar esse aqui solto no seu escritório? – Matty ainda estava pulando e Hanna puxou-o para perto dela, envolvendo sua cintura e fazendo cócegas na sua barriga.

– Vou pedir a Lisa que compre alguns brinquedos. Não posso passar nem mais um dia sem

ver você – as sobrancelhas dele se franziram. – Talvez a gente precise conversar sobre codependência também.

Hanna riu.

– É bom aproveitar o dinheiro. Vamos jogar abandono parental na conversa também.

Richard beijou-a outra vez.

– Tem certeza de que está bem depois de ontem?

– Eu me sinto surpreendentemente bem. Não era como se a gente não soubesse que sua mãe ia enlouquecer. Quanto ao meu pai, só podemos esperar pra ver como as coisas vão acontecer – ela deixou Matty passar os braços ao redor do seu pescoço, o rosto dele enfiado no seu ombro. – As duas pessoas mais importantes no meu mundo estão nesse quarto. Não me importo com mais nada.

– Vou sentir falta de você hoje – ele bagunçou o cabelo de Matty, fazendo-o gritar em protesto. – De vocês dois.

– Se não sair logo, vai perder sua reunião – puxando os lençóis ao seu redor, inclinou-se para empurrá-lo para longe da cama. Richard pegou seus pulsos e puxou-a para si até que o rosto dela estava enterrado em seu ombro. Matty estava preso entre eles, contorcendo-se de divertimento.

– Prefiro ficar aqui – ele murmurou, enfiando a cabeça no cabelo dela.

– Vá! – ela riu.

Ele soltou-a, pressionando um último beijo em cada um.

– Vejo você ao meio-dia – ele lembrou quando saiu. Ela pegou um par de meias enroladas e jogou-as nele, errando feio.

Puxando Matty para um abraço, ela viu Richard ir embora, um calor gostoso de contentamento queimando em seu corpo. Ela não pôde reprimir o sorriso que se abriu em seu rosto quando percebeu que, finalmente, depois de tanto tempo, ambos tinham conseguido o que queriam.

Um ao outro.

Capítulo 27

31 de dezembro de 2012

Os funcionários do buffet tinham chegado de madrugada para preparar a casa para a reunião anual de véspera de ano-novo. Hanna viu-os na cozinha, criando bandeja após bandeja de canapés e sobremesas. Ela sentiu um aperto no coração quando se lembrou de como sua mãe dirigia os procedimentos, o *walkie-talkie* em uma mão e o celular na outra, gritando em ambos os aparelhos ao mesmo tempo.

– Está tudo bem? – Claire acariciou o rosto dela. – Estou tão feliz que você concordou em vir.

– Nós não iríamos para nenhum outro lugar.

Os três tinham vindo a Londres na véspera de Natal, planejando passar as festas com Steven e Claire. A família inteira tinha ficado encantada por compartilhar seu primeiro Natal com Matty. Hanna apaixonou-se por todos eles de novo, a adoração deles pelo seu filho evidente em tudo o que faziam.

– Mas deve te trazer lembranças. Às vezes é tão difícil pra mim acreditar que sua mãe não está mais com a gente.

Lágrimas tomaram forma no canto dos olhos de Hanna. Ela enxugou-as, determinada a não estragar o dia com lembranças tristes. Ela estava pronta para fazer novas lembranças – para Matty e o resto da família –, embora fosse difícil esquecer o passado.

– Eu fico tão triste por ela não ter conhecido Matty. Ela teria adorado vê-lo correndo pela casa como se fosse um parquinho gigante – Hanna fechou os olhos por um momento. Ela quase podia ver o sorriso encantado de Diana.

– Sabe, se ela pudesse ver você agora, estaria tão orgulhosa quanto eu – Claire puxou-a para um abraço e Hanna envolveu os braços ao redor dela, fechando os olhos enquanto se permitia ser amada.

– Acha mesmo? Tenho quase certeza de que, se estivesse aqui agora, ela estaria batendo em mim com uma colher de madeira.

Claire não respondeu e, alguns segundos depois, Hanna afastou-se para olhá-la. O rosto da mulher estava congelado, e Hanna ficou com medo e sacudiu o braço dela de leve.

– Ai, meu Deus, eu esqueci das gravações – Claire colocou uma mão no peito, parecendo inconformada. – Todas aquelas mensagens que ela deixou pra você. Elas estão numa caixa no escritório.

– Gravações? – Hanna perguntou, confusa. – Que gravações?

– Você não se lembra do nosso projeto, na casa de repouso? Diana gravou algumas mensagens pra você. Eu deveria entregar em momentos específicos: seu casamento, seu primeiro filho. Não acredito que me esqueci. Deveria ter dado a primeira quando fiquei

sabendo sobre Matty.

– Posso ouvi-las agora? – Hanna podia sentir um choque de animação percorrer o corpo. Ao longo dos anos desde a morte de Diana, as lembranças da mãe tinham se tornado mais escassas, como um elástico alongado demais. Às vezes, ela não conseguia se lembrar exatamente da voz da mãe. E agora, saber que havia uma gravação – e que as palavras eram dirigidas a ela – era demais para suportar.

– Claro que pode – Claire agarrou a mão dela, guiando-a para fora da cozinha e levando-a até o porão. No canto, atrás de uma grande porta de carvalho, ficava o escritório de Steven.

– O que você usou para fazer as gravações? – Hanna sabia a deterioração que certas mídias podiam sofrer.

– Usei um gravador, e coloquei num CD. Diana deu instruções bem específicas.

Dentro do escritório, Claire tirou um CD da estante. A capinha de plástico em branco refletia a luz que entrava pela janela. Ela entregou-o para Hanna, que o segurou por um momento, virando-o nas mãos. Sua mente voltou àqueles dias sombrios de 2005, quando a morte de Diana a tinha feito perder muito mais que só a mãe.

– Não sei se você quer ouvir todos, ou só sobre seu primeiro filho. Depois de tudo que aconteceu, acho que Diana não se importaria se você quisesse ouvir mais.

– Acho que quero ouvir todos, se eu puder – ela abraçou o CD. – Será que vai dar tempo, antes dos meninos voltarem?

Steven e Richard tinham levado Matty ao parque, esperando deixá-lo exausto o bastante para que dormisse durante a festa. Hanna suspeitava que talvez fossem Steven e Richard que voltassem exaustos.

– A gente não gravou muito. Ela estava fraca demais, não conseguia falar por muito tempo – Claire mordeu o lábio, olhando para o chão. – Se eles voltarem antes de você terminar, eu enrolo um pouco.

– Pode ficar para a primeira? – Hanna não sabia se conseguiria ouvir sozinha. Ela já estava agitada, como se o toque mais leve pudesse ocasionar uma crise de choro.

– Fico o tempo que você quiser, querida.

Hanna virou o aparelho de som para elas, erguendo a tampa para colocar o primeiro disco brilhante nele. Ela estava prestes a apertar “play” quando Claire balançou a cabeça, estendendo a mão para apertar o botão de “forward”.

– Por que não ouve a mensagem sobre seu primeiro filho? Parece um lugar apropriado para começar.

– Ok – Hanna assentiu, sentando-se na cara poltrona preta de Steven. O aparelho fez um pequeno estalo, seguido por um zumbido, indicando que a gravação estava tocando.

– Hanna... – a voz de Diana estava fina, como uma folha ao vento. Quando a ouviu, Hanna foi transportada para um tempo em que era a filha, e não a mãe. – Não sei mais como essas coisas funcionam. Gravei uma mensagem para seu casamento, mas tantas pessoas têm filhos antes de se casarem. De qualquer modo, eu queria dizer como estou orgulhosa de você – houve uma pausa e, em seguida, murmúrios suaves. Ela podia imaginar Claire ajudando Diana a beber um pouco de água. – Parabéns, minha linda menina, por ter uma criança sua. Sei que será uma ótima mãe, como foi a melhor filha. Só fico triste por não poder estar aí para segurar meu neto nos braços, e tranquilizar você quando começar a duvidar de si mesma – houve outra pausa, e dessa vez Hanna podia sentir as lágrimas começarem a escorrer pelo rosto. Ela não

se deu ao trabalho de enxugá-las; seriam muitas, e ela precisava deixá-las cair. – Se eu tenho um conselho para dar, de uma mãe para outra, seria: saboreie tudo. Ser mãe não é fácil, mas cada momento é um presente, e foi um privilégio pra mim vê-la crescer e se tornar essa garota incrível que é hoje. Não se esqueça de tirar um tempo pra aproveitar ser mãe. Brinque, cante e dance com seu filho. Não deixe o tempo roubar esses momentos preciosos de você – Hanna estava soluçando abertamente, o corpo envolvido pelos braços de Claire. – Amo você, Hanna, amo muito. Você e meu neto. Sempre estarei aqui, em suas lembranças e no seu coração.

O ruído branco da gravação foi sumindo e Hanna estendeu a mão, querendo parar o CD antes que passasse para a próxima seção. Ela ouviria todas – precisava ouvi-las –, mas primeiro precisava de um tempo para assimilar o milagre de ouvir a voz da mãe morta.

– Obrigada – ela sussurrou no ombro de Claire enquanto a mulher mais velha a abraçava apertado. – Estou tão feliz por ter me dado isso.

Claire não disse nada, estendendo uma mão para enxugar as lágrimas das bochechas de Hanna. Seus olhos azul-claros estavam gentis, e Hanna podia ver o amor neles. Ela tinha tanta sorte de ter tido uma mãe amorosa, e agora uma mãe adotiva dedicada. Estava determinada a cuidar de Matty do jeito que ambas tinham cuidado dela.

Richard voltou mais tarde, carregando um cansado Matty nos braços. Steven veio atrás dele, todo seu corpo indicando exaustão. Hanna tinha lavado o rosto, depois de ouvir as gravações duas vezes e colocar o CD na caixinha. Ela pretendia levá-lo consigo quando eles voltassem para Nova York.

Deitando Matty no sofá, Richard retirou seus sapatinhos e abriu sua jaqueta volumosa. Hanna pôs uma mão no rosto do filho, gelado e corado por causa do vento londrino. Matty riu, tentando lutar contra a fadiga que dominava seu corpo.

– O papai te deixou cansado? – ela perguntou, e Richard riu enquanto a puxava para um abraço.

– Matty deixou *a gente* cansado, isso sim – ele disse, encostando os lábios no pescoço dela. Ela reagiu automaticamente, o corpo se aquecendo em resposta ao toque dele. – Mas estou torcendo para que ele durma bem hoje.

Ela não perdeu a mensagem implícita por trás das palavras, e sorriu.

Eles alimentaram-no cedo, deram banho e colocaram-no em um pijama novo. Steven e Claire tinham montado um quarto de bebê no segundo andar, cheio de brinquedos que eles tinham dado a Matty para o Natal. Os três sentaram-se no tapete macio e construíram torres com blocos grandes de plástico. Hanna e Richard apostaram para ver quem conseguia construir a mais alta, e quando tombaram, Matty aplaudiu com prazer. Às sete, ele estava praticamente caindo, as pálpebras pesadas com o sono contra o qual estava tentando lutar.

Hanna leu uma história, fazendo Matty rir com suas vozes bobas e expressões engraçadas. Quando chegou nas últimas linhas, Richard uniu-se a ela, seu timbre profundo e brincalhão. Ela queria pular nos braços dele e beijá-lo até deixá-lo sem fôlego.

– Ele está quase dormindo – ela sussurrou. Matty estava enroladinho, o dedão firmemente preso entre os lábios. – Ele parece tão tranquilo quando está dormindo.

– Ele é perfeito – Richard concordou. – Definitivamente devíamos fazer mais desses.

O coração dela bateu mais forte. Eles tinham conversado sobre o futuro na terapia de casal e discutido sobre ter mais filhos em algum momento. O fato de já estar com trinta anos e Richard trinta e três a deixava preocupada. Se queriam uma família grande – e ambos concordavam nisso –, precisavam tomar algumas decisões.

– Definitivamente.

Ele puxou-a de volta, até que sua coluna estivesse colada no peito dele. Fechando os braços ao redor da sua cintura, ele abaixou os lábios para encostá-los no pescoço dela, chupando gentilmente a pele.

– E se praticarmos hoje?

– Hmmm – Hanna concordou, os olhos apertados enquanto ele continuava a acariciá-la. – Estamos praticando bastante, não é?

– Acha que estamos prontos para a partida? – ela sentiu um sorriso contra o pescoço.

– Eu estou.

– Quero que primeiro você seja uma jogadora permanente no meu time – Richard relaxou o aperto na cintura dela, virando-a para que o olhasse. Ele pôs uma mão em seu rosto, os dedos acariciando a pele macia atrás da sua orelha. – Depois, podemos falar sobre aumentar o ataque.

Hanna riu.

– Você está me confundindo com todas essas analogias. Estamos falando sobre nossa família ou sobre futebol?

Richard inclinou a cabeça na direção dela, capturando seus lábios. Passando a mão atrás do seu pescoço, ele puxou-a para perto, sua língua deixando uma trilha quente na boca dela.

– Não estou falando de futebol, Hanna – ele murmurou, descendo uma mão para apertá-la por trás, os dedos afundando em sua pele. – Estou falando sobre nós.

– Nós? – ela passou os lábios ao longo da linha firme da mandíbula dele, fechando-os no lóbulo de sua orelha e chupando até que ele gemesse.

– Quero que você se case comigo – ele mal conseguia dizer as palavras entre os suspiros. – Quero que seja a sra. Richard Larsen, e que Matty tenha todo um time de irmãos e irmãs.

Foi a vez de Hanna sorrir, e ela se afastou para olhá-lo.

– Você se esqueceu de ficar de joelhos. Pra não mencionar o anel.

– Eu tenho um anel – Richard protestou rapidamente. – Estava guardando para o momento certo.

Ela olhou ao redor do quarto de Matty, notando que ele estava dormindo, inconsciente sobre o que acontecia com seus pais.

– Esse é o momento certo?

Richard riu.

– Eu ia fazer o pedido ao lado da árvore de Natal, à meia-noite. Mas de algum modo esse parece o lugar e o momento perfeito; só nós e nosso garoto.

– Parece mesmo – ela concordou. Um relâmpago explodiu dentro do seu corpo. Saber que ele a queria não só como a mãe do seu filho, mas como sua esposa, deixava-a com vontade de escancarar as janelas e gritar para todos que quisessem ouvir. Nos anos em que estiveram separados, ela nunca pensou que a vida poderia ser tão boa. Tudo com que sonhara finalmente estava em suas mãos. Era quase demais para aceitar.

– Então? – havia uma nota de urgência em sua voz, fazendo-a olhar para ele em confusão.

– O quê?

Ele estava ficando agitado, e ela estendeu uma mão para acalmá-lo. Antes que pudesse tocar seu rosto, ele se pôs de joelhos, agarrando a mão esquerda dela entre os dedos dele.

– Hanna Vincent, você é o amor da minha vida. Me deu uma criança linda que é o centro do meu universo. Eu seria o cara mais sortudo do mundo se você me desse a si mesma.

Hanna colocou-se de joelhos também, pegando o rosto dele entre as mãos e beijando-o sem parar até que ambos estivessem rindo.

– Sim, sim, é claro que aceito! Achei que você já sabia disso.

A expressão dele ficou séria quando ele tomou a mão dela e a beijou, os lábios demorando-se na sua palma.

– Queria ter certeza. Mas obrigado por dizer sim.

– Obrigada – os olhos dela brilharam e ela inclinou-se até encostar sua testa na dele. – Achei que nunca fosse perguntar.

Tom e Ruby chegaram às oito da noite, e ficaram felizes e animados quando Hanna e Richard contaram as novidades. Uma hora depois, a festa estava a todo vapor e Hanna conversava com desconhecidos, aceitando os parabéns deles e discutindo tudo desde a economia do país até como as Olimpíadas de Londres tinham sido lindas. Embora ela tivesse assistido a mais de três mil quilômetros de distância, através de uma tela plana, ainda sentira orgulho de ser britânica.

Ela estava pegando outra taça de champanhe quando Ruby correu até ela, o cabelo escuro voando enquanto gritava o nome de Hanna.

– Parece que a gente não conseguiu nem um segundo para conversar a noite toda. Vamos nos esconder e falar sobre garotos.

Hanna deu uma risada e pegou uma segunda taça para Ruby.

– É estranho quando os garotos são Richard e Tom. Tenho quase certeza de que você não quer detalhes sórdidos sobre seu irmão, e eu com certeza não quero sobre Tom.

Ruby sorriu.

– Nem sobre como ele usa o... – Hanna pôs uma mão sobre a boca dela, gritando para que ela ficasse quieta. Ruby riu e mordeu sua palma. – Sério, Hanna, quero que saiba como estou animada com seu noivado.

– Eu também – Hanna não resistiu a olhar para o anel. Era um diamante grande, com corte pera, num anel de platina. Richard tinha escolhido um design simples e elegante, provando como a conhecia bem. – Mal posso esperar para ser sua irmã.

– Vai ser ótimo! Especialmente agora que tenho meu próprio apartamento em Nova York e não vou ter que ficar perto de vocês, recém-casados. Vocês já eram nojentos quando estavam namorando.

Hanna corou ao se lembrar de como Ruby costumava entrar no apartamento e encontrar ela e Richard aos beijos, rapidamente tirando as mãos da parte do corpo do outro que estavam explorando. Ruby só precisou de um mês morando com ele para decidir que precisava do próprio apartamento enquanto estudava em Columbia. Steven tinha ajudado a financiar o investimento.

– Você e Tom não são muito melhores – Hanna notou.

Desde que os dois tinham começado o namoro em abril, Ruby e Tom eram inseparáveis. Ele tinha se mudado para Nova York, ficando no apartamento de Ruby enquanto decidia o que fazer com a banda. Richard não gostara nem um pouco daquele arranjo.

– Quando vai ser a grande cerimônia, afinal?

Hanna torceu o nariz.

– Não quero um casamento grande. Estou torcendo para que ele me leve para Las Vegas e que a gente possa se casar na frente de um Elvis bem ruim.

Ruby riu.

– Não acho que faz muito o estilo de Richard, não é?

– Infelizmente, não – Hanna tentou pensar no que *seria* o estilo dele. Ela queria fazer os votos diante dos familiares mais próximos. Qualquer outra coisa seria supérflua.

– O que quer que aconteça, sei que vocês são perfeitos um para o outro – Ruby disse, batendo a taça de champanhe na de Hanna. – Eu sabia há anos. É uma pena que vocês tenham demorado tanto pra resolver as coisas.

– Nem me diga – Hanna sorriu, irônica. Um segundo depois, seu coração parou quando sentiu dois braços fortes envolverem sua cintura.

– Estou interrompendo alguma coisa? – Richard perguntou, encostando os lábios na bochecha de Hanna. – Quero uma dança com a futura sra. Larsen.

Hanna corou com as palavras. Havia algo sobre o jeito como ele era possessivo que a fazia se sentir quente por dentro. Ele manteve-a por perto enquanto andava pelo salão, a mão sobre a curva das suas costas. A outra mão segurava a dela, sua palma forte cobrindo-a. Ela se sentia delicada sob a forma dominante dele.

– Você está linda hoje – ele disse. – Na verdade, está sexy pra caramba nesse vestido.

– Obrigada – ela deu um sorriso tímido. Ela queria flertar com aquele homem, mostrar a ele exatamente o que podia esperar. – Você também está incrível, sr. Larsen.

Ela enfiou a mão sob a jaqueta dele, abrindo a palma contra suas costas. Podia sentir o calor da sua pele através do tecido fino da camisa, acariciando-o enquanto dançavam.

– Você está tentando me seduzir? – a voz dele estava rouca, e ela continuava a mover a mão. Podia senti-lo começar a ficar duro contra seu quadril.

– Por que diria isso? Sou praticamente uma mulher casada.

– Eu odiaria chatear seu quase-marido – ele inclinou-se e roçou os lábios nos dela. – Mas realmente quero ver o que está usando sob esse vestido.

– O que o faz pensar que estou usando alguma coisa? – ela bateu os cílios lentamente.

Ele engoliu com força.

– Acho que estou pronto para ir embora.

– Vamos dormir aqui. Não podemos deixar a festa antes da meia-noite – Hanna riu.

– Quer apostar?

Ele parou de dançar quando eles chegaram perto da escadaria, a mão firmemente segurando a dela. Enquanto ele praticamente a arrastava para cima, ela riu, tendo que parar algumas vezes para recuperar o fôlego.

– Vamos, temos que praticar muito – Richard insistiu, puxando a mão dela. Quando chegaram ao topo das escadas, ele inclinou-se, pegando-a em seus braços e carregando-a para o quarto deles.

– Tenho quase certeza de que essa coisa de me carregar porta adentro só devia acontecer depois do casamento – Hanna observou, soluçando numa crise de riso.

– Não estou carregando você por causa do casamento. Estou carregando porque quero levá-la pra cama o mais rápido possível – ele abriu a porta e jogou-a sobre as cobertas.

– Achei que estava me carregando porque não podia esperar pra ver o que tenho embaixo do vestido – Hanna pegou a mão dele e puxou-o para cima de si. Seu corpo sólido tirou o ar dela, deixando-a sem fôlego.

– Não posso mesmo esperar pra ver o que você tem embaixo do vestido – ele pôs uma mão na perna dela. Tirando a jaqueta, desamarrou a gravata antes de tirar as sandálias brilhantes de prata dela, jogando-as no chão.

– Não tem nada pra ver – ela se ajoelhou, ajudando-o a abrir os botões da camisa. – Odeio decepcioná-lo.

– Se não tiver nada embaixo desse vestido, garanto que não ficarei decepcionado – a camisa foi a próxima a ser tirada, revelando o peito firme dele. Hanna tocou-o, traçando as linhas dos seus músculos. Então, moveu a mão para baixo, abrindo o cinto e abaixando a calça, e quando ele se ergueu para ajudá-la, Hanna pôde ver a cueca preta erguida pela ereção.

– Estou vendo que você está pronto pra praticar – ela murmurou, correndo um dedo pela ponta. Ela sentiu-o estremecer.

Richard inclinou-se e beijou-a, a língua deslizando sobre a dela enquanto abriam as bocas, as mãos dela passando sobre o tronco nu dele. Ela o sentiu abrir o zíper do vestido e afastar o tecido dos seus ombros até parar na cintura, deixando seus seios expostos.

Ele abaixou a cabeça para apanhar um mamilo entre os dentes, chupá-lo em sua boca quente e úmida, e passar a língua sobre ela até que ela viu estrelas. Sua mão acariciou o outro seio, o dedão fazendo seu mamilo enrijecer, levando-a a arquear as costas.

– Acha que eu preciso de prática? – ele murmurou contra o seio dela. Ela balançou a cabeça loucamente, embora soubesse que ele não pudesse ver.

Ele tirou seu vestido completamente, jogando-o junto ao resto das roupas numa pilha no chão.

Ela sentou-se nua na cama, encarando os olhos escuros de desejo dele, seu corpo contraindo-se com a força do tesão dele. Ele passou um dedo pelas pernas dela, pausando na parte interna das coxas para provocar, apertando os dedos na pele macia.

– Toda vez que vi você hoje quis arrastá-la para a cama – ele moveu-se até que sua cabeça estivesse entre as pernas dela, os lábios e a língua acariciando a parte de dentro das suas coxas. Ela passou os dedos pelo seu cabelo grosso, as mãos incentivando os lábios para onde mais precisava deles.

– Richard, por favor – ela abriu as pernas o máximo que podia. Ele sorriu contra sua coxa quando ouviu o desespero na sua voz.

– Por favor o quê? – ele beijou, subindo pela coxa e parando no ápice, a respiração quente contra o centro dela.

– Me beije.

– Onde?

Ela podia ouvir a risada em sua voz. Estava dividida entre bater nele e empurrar seu rosto para perto.

– Aqui.

Ela passou um dedo pela pele úmida. Richard capturou-o com a mão, afastando-o até que ela se tornasse uma bola de frustração.

– Isso é meu – ele a beijou ali e as pernas dela tremeram, os olhos fechando-se com a intensidade do prazer.

– Eu sei – ela respirou, rendendo-se ao toque dele, à sua língua e aos seus lábios e ao modo como ele gostava de adorá-la. – Tudo, tudo que é meu é seu.

Mais tarde, ele segurou-a, seu corpo nu atrás do dela. Sua ereção ainda não tinha desaparecido totalmente enquanto ele se movia com lentidão contra ela. Ele envolveu sua cintura com um braço, o outro sobre o peito dela, uma mão acariciando um seio enquanto eles tentavam recuperar o fôlego.

– Tenho quase certeza de que já temos toda a prática de que precisamos – Hanna sorriu, reclinando a cabeça no peito dele.

– Dizem que a prática leva à perfeição – ele concordou. Ele enfiou a perna dentro das pernas dela, o calor duro da sua coxa era uma distração bem-vinda.

– Definitivamente fazemos bebês perfeitos – ela podia sentir o sono começando a pesar. Ela não estava pronta para que o dia acabasse.

– Sem dúvida.

Hanna ergueu o braço para enfiar os dedos no cabelo dele, aproximando o seio da palma dele.

– Obrigada por fazer essas festas tão boas. Amei cada segundo.

– Eu também. Não quero voltar.

Ela estava contente por ele se sentir da mesma forma, e que o tempo deles em Londres significava tanto para ele como para ela. Não era só uma chance de se reconectar com a família dele, embora aquilo tivesse sido ótimo, como também a oportunidade de passar as primeiras festas de fim de ano com o filho, sabendo que haveria muitas outras no futuro.

– Podemos fazer outra visita em breve – ela sugeriu. – Talvez na Páscoa.

– Gostaria que tivéssemos uma casa aqui. Tenho um plano – a voz dele revelava seu sorriso. Ela virou a cabeça para olhá-lo.

– Você está cheio de surpresas hoje, sr. Larsen. Que tal dividir seu plano com sua futura esposa?

Ele pôs a mão no quadril dela, puxando-a contra sua ereção e esfregando-se nela.

– Estou tentando tornar a Maxwell Enterprises pública. Espero que em cinco anos possa me aposentar da empresa.

Hanna virou-se até encará-lo, colocando uma mão no seu rosto.

– Realmente quer sair da Maxwell Enterprises?

Richard sorriu, seu maxilar movendo-se sob a mão dela.

– Quando chegar a hora certa, definitivamente quero sair. Acho que vai levar alguns anos para arrumar a oferta pública de capital e colocar o time certo no lugar.

– E o que vai fazer depois disso? Você é um pouco jovem demais para a passar a vida num campo de golfe.

– Quero fazer mais trabalho voluntário, talvez expandir a Fundação Maxwell para incluir ajuda no exterior. Achei que seria algo que poderíamos fazer juntos.

Ela sentiu os olhos começarem a marejar.

– Parece incrível. Não consigo pensar em nada melhor do que trabalhar com você.

– Fazer bebês, é claro – ele provocou, dando uma piscadinha.

– E praticar – ela lembrou.

Ele aproximou-se dela até alinhar os corpos, sua ereção dura contra sua coxa. A boca dele roçou o pescoço de Hanna e sua mão apertou-a por trás, fazendo-a gemer alto.

– Ah, sim, a prática – ele concordou, girando os quadris até que sua ponta estivesse encostando na entrada dela. – Nunca me esqueceria da prática.

– Que bom – ela murmurou quando ele a penetrou. Ela inspirou ríspidamente ao senti-lo preenchendo-a por completo.

– É mesmo – ele beijou-a de novo. – É muito bom.

Epílogo

27 de agosto de 2021

– Mãe! – um grito veio do bosque ao lado do palco. Hanna virou a cabeça e procurou a fonte do grito. Ela viu Lily sair correndo da sombra das árvores, seu rostinho de sete anos contorcido com justa indignação. – Matty disse que meninas não podem subir em árvores!

Hanna viu Lily aproximar-se com as mãos nos quadris, o cabelo como se tivesse sido arrastada de costas por uma sebe. As roupas dela estavam cobertas com a evidência avermelhada da terra.

– Ele disse? – a voz de Hanna estava baixa, mas ela podia ver Matty espreitando nas sombras. Como Hanna, ele estaria mordendo o lábio, temendo as consequências de suas ações.

Lily estava tentando conter as lágrimas. Hanna sabia que eram de raiva, e não de tristeza, e aquilo a deixava contente.

– E todo mundo sabe que eu consigo subir mais alto do que todos eles – Lily fez um gesto desdenhoso, referindo-se a Matty e ao seu primo, Nathan Junior.

– Tente ignorá-los, querida – Hanna puxou Lily para perto, envolvendo-a com os braços. – Eles estão com inveja, e talvez um pouco preocupados com sua segurança.

– Eu não estava subindo tão alto, mamãe – Lily bufou. – Eu queria ver dentro do ninho do pássaro.

Hanna apertou os olhos e tentou não pensar no perigo que a filha estava correndo. Ela queria que as crianças crescessem com uma dose saudável de natureza, sabendo que o mundo era delas para explorar. Mas era difícil estabelecer limites e impedi-los de levar as coisas longe demais.

Lily abraçou a mãe antes de se afastar e correr de volta para a floresta, onde, sem dúvida, azucrinaria os primos até que admitissem que ela era a melhor escaladora. Hanna viu Matty aproximar-se dela, uma careta no rosto.

– O pai mandou notícias? – ele olhou para baixo, mas Hanna sabia que estava mordendo o lábio outra vez.

– Ainda não, querido – ela estendeu uma mão e apertou o ombro dele. Matty era seu filho mais sensível e o mais próximo de Richard. Eles eram dois homens num mar de meninas, e eles se apoiavam um no outro. Quando Richard viajava, Matty era como uma alma perdida, contando as horas até o retorno do pai.

– Ele vai voltar a tempo? – Matty ergueu os olhos para ela e Hanna podia ver a trepidação neles. Ela sentiu um aperto no coração por ele.

– Querido, quando seu pai diz que vai estar em algum lugar, ele aparece. A não ser que haja uma catástrofe ou algo que o impeça fisicamente. Ele nunca quebra uma promessa.

Ele olhou para ela, seu rostinho de dez anos brilhando com esperança.

– Quero muito que ele venha.

Hanna puxou-o para perto.

– Eu sei, querido. E ele quer vir também. Ele só falava disso quando ligou ontem – ela abriu um sorriso para ele. – Mas, de qualquer modo, você precisa parar de provocar sua irmã. Está deixando-a louca.

– Ela que me deixa louco – ele reclamou. – Ela fica sempre atrás de mim e NJ – Nathan Junior e Matty eram inseparáveis, apesar de haver dois anos de diferença entre os primos. Hanna gostava de ver os filhos cercados pela família, como peixes nadando em um mar de amor.

– Preciso que seja um homenzinho hoje, Matt – ela sabia que ele odiava o apelido, embora ele sempre fosse ser Matty para ela. – Sem o papai aqui, preciso da ajuda de todos vocês para organizar o show.

Ela olhou ao redor do acampamento, maravilhada com quanta coisa tinham realizado ao longo dos anos. De uma ideia de Richard, o Acampamento de Verão Memorial Leon Maxwell tinha crescido para incluir não só as crianças afetadas pelo 11 de setembro, mas também crianças negligenciadas e pobres por todo os Estados Unidos. Hanna tinha trabalhado a semana inteira com as cento e cinquenta crianças para organizar um show, e a apresentação começaria em menos de três horas.

O campo já estava cheio de espectadores, sentados em toalhas e fazendo piquenique, esperando o show começar.

– Eu ajudo, mamãe – Matty enfiou a cabeça no ombro dela, e ela lembrou-se de como ele tinha crescido. Como o pai, ele era alto e parecia ter muito mais do que seus dez anos.

– Obrigada – ela sussurrou no cabelo dele.

– Acha mesmo que o papai vai voltar a tempo de me ouvir tocar? – ele perguntou de novo. Richard estava viajando havia duas semanas, trabalhando com a Fundação Maxwell para ajudar crianças pobres na África Ocidental. Ele pretendia chegar em casa no dia anterior, mas reuniões de emergência com chefes locais tinham atrasado sua partida.

– Ele estará aqui – Hanna não precisou pensar duas vezes. Nos últimos oito anos de casamento, ele nunca a decepcionara. Com certeza não decepcionaria os próprios filhos.

– Então tá – Matty ficou um pouco mais relaxado. Ela o viu correr até o palco, onde Tom estava trabalhando com um grupo de *roadies*, tentando montar o sistema de som em seus altos padrões. Tom abaixou-se e sussurrou algo no ouvido de Matty, e Hanna pôs a mão no peito enquanto os via conectar os cabos. Tom mostrava ao afilhado onde cada um deveria entrar.

– Parece que está tudo se ajeitando – uma voz alegre à sua esquerda fez Hanna se virar. Claire estava atrás dela, segurando Molly, adormecida, em seus braços. Molly tinha o dedão na boca e o chupava com voracidade. Hanna estendeu uma mão para tocar seu cabelo macio. Com dois anos, ela era o bebê da família, e todos a mimavam.

– Vou ficar feliz quando começar – Hanna admitiu. – As crianças estão todas agitadas.

– É importante para elas que as pessoas venham assisti-las. A maioria nunca se apresentou em público antes.

Hanna assentiu, tentando engolir as lágrimas quando pensou em quão negligenciadas algumas daquelas crianças eram. Apenas uma semana do ano não era suficiente para fazer a diferença, e aquilo a deixava furiosa. Ela olhou para o lago, onde Sean Flynn, o diretor do

acampamento, tinha organizado uma série de jogos para distrair as crianças da apresentação iminente.

– Você e Richard fizeram coisas maravilhosas desde que reformaram a Fundação Maxwell – Claire esfregou o braço de Hanna. – Estou tão orgulhosa de vocês dois.

– Obrigada – Hanna sentiu um nó na garganta. – Não podíamos ter feito tudo isso sem você. Era verdade. Claire tinha trabalhado tão duro quanto eles para angariar fundos, organizando bailes e jantares de caridade em Nova York. Todas as coisas das quais Hanna tinha naturalmente fugido.

– Vou levar Molly para tirar sua soneca – Claire apontou uma cabana que servia de escritório, onde Hanna tinha erigido um berço de viagem no início do verão. Hanna assentiu e agradeceu Claire, e ela dirigiu-se para lá.

Claire e Steven tinham se mudado para os Estados Unidos alguns anos antes. Eles eram um apoio enorme para Richard e Hanna, assim como para o resto da família deles. Nathan e Lucy tinham se estabelecido em Connecticut, e embora Tom ainda viajasse muito em turnês, ele e Ruby viviam em Nova York.

A cidade que Hanna tinha odiado boa parte da vida de repente tornara-se seu lar.

Ela ainda amava Londres, é claro, e eles levavam as crianças para lá com frequência, ficando na linda casa que tinham comprado em Putney. Mas ela não sentia mais o desejo e o desespero de sair de Nova York. Embora vivessem em Connecticut agora, ela sempre viajava para Manhattan para reuniões ou para fazer compras.

– Mãe, mãe, olha quem está aqui! – Lily veio correndo das árvores de novo, apontando o dedo na direção do estacionamento. – É o tio Treme!

– Lily Larsen! – Hanna repreendeu. – Já disse pra você não chamá-lo assim.

Por seus tiques estranhos e a incapacidade de manter as mãos paradas, as crianças deram aquele apelido para Daniel Maxwell. Hanna não gostava nada disso, no entanto.

– Ele disse que gosta – Lily replicou, seu cabelo ruivo voando para todos os lados quando ela mudou de direção e correu para o tio, jogando-se nos braços trêmulos dele.

Daniel colocou o braço ao redor de Lily e eles foram até Hanna. Um sorriso surgiu no rosto dele quando abraçou as duas.

– Sentimos sua falta – desde que tinham comprado a casa em Connecticut em 2013, Daniel tinha virado um visitante regular, ficando meses a cada visita, morando no pequeno chalé nos fundos do terreno para ter um pouco de privacidade. Ela se acostumou a tê-lo por perto, e quando ele ia embora – o que fazia pelo menos quatro ou cinco vezes por ano –, ela odiava ver o chalé vazio. No fundo, ele ainda era um viajante, e ela suspeitou que o espectro dos seus vícios ainda não havia sido vencido. Mas ele era um membro querido e amado por toda a família.

– Senti falta de vocês também – ele apertou a cintura dela. – Notícias de Richard?

– Ele deve chegar logo – ela respondeu. – O voo deve pousar às três. Matty não se aguenta de preocupação.

– Ele está preparado para seu grande dia? – Daniel perguntou, franzindo as sobrancelhas. Matty tocava bateria desde que tinha seis anos e Tom ofereceu a ele a vaga de baterista para a primeira música do Fatal Limits. Seu nervosismo vinha crescendo a cada dia.

– Ele está morrendo de medo – Hanna confessou. – Se Richard não chegar logo, não sei o que vai fazer.

– Vou falar com ele – Danny já estava atravessando o gramado, arrastando a perna direita enquanto andava. Ele era uma figura estranha: parecia um garoto, embora tivesse quase quarenta anos. Ela estava feliz por ele estar ali, junto com Tom, para apoiar Matty.

Verificando o relógio, ela decidiu juntar-se a eles no palco. Estava pronta para começar a checagem de som, precisando se certificar de que estava tudo indo conforme o planejado. Os bastidores eram uma colmeia em atividade, enquanto todo mundo tentava verificar se as preparações de último minuto estavam completas. Desde a eletricidade e o som até a iluminação, tudo tinha sido planejado para funcionar sem erros.

– Hanna – Tom sussurrou, envolvendo o braço dela com a mão. – Você tem um minuto?

Ela olhou para as próprias roupas. Tinha cerca de meia hora para tomar banho e pôr o vestido que tinha pendurado no escritório. Os shorts velhos e a camiseta de banda que estava usando não eram exatamente adequados para cumprimentar os doadores.

– Claro – ela se permitiu ser arrastada para o lado do palco.

– Matty está se recusando a tocar. Ele está sofrendo de um caso sério de medo do palco – o rosto de Tom revelava sua compaixão.

Hanna sentiu um aperto no coração. Ela sabia como aquele dia era importante para seu menino, como ele estava animado para tocar ao lado do seu herói. Saber que a ansiedade estava impedindo-o de realizar seu sonho quebrou seu coração.

– Eu falo com ele.

Tom passou a mão no rosto dela. Eles compartilhavam o privilégio de serem casados com um Larsen, e a amizade familiar dos dois manteve-se ao longo dos anos. Ele e Ruby estavam nomeados no testamento dela como guardiões das crianças, caso algo acontecesse com ela e Richard.

Hanna encontrou Matty sentado sob um tronco, abraçando os joelhos enquanto se balançava num ritmo silencioso. Ela imaginou que ele estava ouvindo música em sua cabeça; ele estava constantemente cantando ou batucando. Mesmo aos dez anos, a música era sua vida.

Ele era como ela naquele ponto.

Ela sentou-se ao lado dele, imitando sua posição. Ele olhou-a com os olhos brilhando de lágrimas.

– Ei, querido – ela cutucou-o com o cotovelo. Não queria perguntar o que estava errado. Sabia por experiência própria que era melhor deixá-lo contar voluntariamente.

Matty grunhiu e pôs a cabeça entre os joelhos. Ele continuou a se balançar e ela passou um braço por sobre seus ombros, ajeitando-se no chão até que eles estivessem próximos.

Eles ficaram sentados em silêncio e ela fechou os olhos, desejando poder absorver todos os seus medos e tirá-los dele. Ela odiava aquela parte de ser mãe: ver o filho sentir dor e medo e não ser capaz de fazê-los desaparecer.

– Não quero tocar – a voz dele estava baixa quando enfim falou.

– Não quer? – ela perguntou.

– Estou com medo – ele disse, como se aquilo fosse um crime.

– Do que você está com medo, querido?

Matty brincou com uma mecha do cabelo. Ele esfregou-a entre os dedos, deixando-a cair sobre o ombro.

– Estou com medo de parecer bobo. E se não conseguir seguir o ritmo da música? E se todo mundo rir de mim e achar que eu sou um imbecil?

Aquele não era o momento de repreendê-lo pela linguagem.

– Você praticou aquela música até saber de cor – ela lembrou. – Não acho que esqueceria o ritmo.

Matty bufou.

– Não quero decepcionar você nem o papai.

Ela fechou os olhos, abaixando a cabeça até que seu rosto estivesse apoiado no cabelo dele. Ela inalou profundamente. Ele ainda tinha um cheiro suave e doce, como quando era seu bebê.

– Matthew, prometo que você não vai nos decepcionar. Já estou tão orgulhosa que você quer tentar subir no palco. Mesmo se errasse o ritmo, eu estaria na primeira fileira com um enorme sorriso no rosto – ela inclinou o rosto dele para que olhasse para ela. – Você é meu filho. Eu me orgulho de tudo que faz.

Um cacho de cabelo castanho caiu sobre a testa dele, e Hanna teve que se conter para não tirá-lo da frente do seu rosto.

– Você acha mesmo que o pai vai chegar a tempo? – o lábio dele tremeu.

– Acho mesmo – ela apertou o ombro dele, entendendo qual era seu medo real: não que fosse errar, mas que Richard não estivesse lá para vê-lo. – Se ele estivesse atrasado, enviaria uma mensagem pra gente de algum jeito.

Um sorriso sutil apareceu nos lábios de Matty.

– Tá bom. Vou tocar – ele colocou-se de pé, chutando a poeira enquanto se afastava. Ela observou-o ir embora, querendo que ele não crescesse tão rápido.

Os últimos minutos passaram depressa. Ela ajudou os *roadies* a montar os instrumentos e supervisionou a equipe enquanto terminavam de ligar o equipamento elétrico. Quando estava finalmente pronta para se vestir para a noite, notou um cabo solto a meio-caminho da tela.

Hanna olhou ao redor, tentando ver se havia algum eletricitista por perto, mas todos tinham ido beber alguma coisa. Ela sabia que, se esperasse a volta deles, seria tarde demais. Então pegou a escada velha de metal e subiu nela, estendendo o braço para reconectar os cabos dependurados.

– Deus, você fica sexy nesses shorts.

Ela abaixou os olhos e viu Richard ao pé da escada. Ele estava usando uma camisa branca lisa enfiada em uma calça azul-marinho, os olhos protegidos por óculos escuros. Sua roupa elegante a fez se sentir completamente desalinhada.

– Richard! – ela desceu depressa, pulando dos últimos degraus para os braços abertos dele. Ele segurou-a por baixo, enfiando os dedos no jeans cortado enquanto ela envolvia as pernas ao redor da cintura dele. Então virou-se e empurrou-a contra a tela, esfregando os quadris nas coxas dela enquanto descia a boca para a dela.

– Senti sua falta, querida – a respiração dele estava quente contra a pele dela.

Hanna moveu os lábios junto aos dele, sentindo a língua dele dentro da sua boca. Ele a deslizou contra a sua, a suavidade contrastando com o aperto forte das suas mãos. Ela perdeu o fôlego com a reação que ele tirava dela.

– Senti sua falta também – ela respirou quando ele se afastou. – Muito.

Ele soltou-a, deixando seus pés pisarem de volta no chão.

– Como foi na Namíbia? – ela perguntou.

– Conseguimos fazer o acordo para construir a escola – sua expressão revelou a Hanna como ele estava aliviado. – Eles devem começar semana que vem.

– Isso é incrível – ela deu um passo à frente e beijou-o com força. – Não consigo acreditar que você os convenceu.

Ele passou uma mão pelo seu cabelo.

– Exigiu muita negociação. Foi bom ter meu pai comigo. Eles acharam, por causa do cabelo branco, que ele estava no controle.

Hanna não queria deixar Richard ir embora. Ele estivera viajando havia duas semanas e ela sentia sua falta na cama, nos seus braços. Mas sabia que as crianças estavam tão desesperadas para vê-lo quanto ela.

– Você já falou com Matty? Ele estava morrendo de medo de que você não chegaria a tempo.

– Sim, eu o vi com Tom. Parecia tranquilíssimo.

Hanna sorriu. Matty estava tão desesperado para agradar o pai que estava tentando não mostrar fraqueza. Felizmente, ela estava lá para contar a verdade para Richard.

– Ele estava sofrendo de medo do palco, mas acho que vai ficar bem agora.

– E como estão as minhas garotas? – ele passou um braço ao redor dos ombros de Hanna. Ela inclinou-se ao seu toque.

– Lily está com Nathan e os meninos, protestando contra as injustiças do mundo, e Molly está tirando uma soneca – Hanna verificou o relógio. – Falando nisso, é hora de acordá-la e de eu vestir algo mais apropriado.

Richard examinou-a com olhos famintos.

– Qual o problema com o que você está usando?

Ela riu.

– Uma camiseta velha e shorts mostrando metade da minha bunda provavelmente não vão agradar alguns dos nossos doadores – eles já estavam quase nas cabanas que formavam o centro administrativo.

– Foda-se os doadores – Richard sussurrou na orelha dela. Ele abaixou a mão para apertar sua bunda, enfiando os dedos sob o jeans e acariciando a pele nua.

Antes de entrarem no escritório onde Claire estava sentada, pacientemente cuidando da neta, Hanna aproveitou a oportunidade para beijar o marido até que ele ficasse sem fôlego.

E ele beijou-a de volta com a mesma intensidade.

Depois de se vestir, Hanna carregou Molly para o campo. A menina de dois anos estava alerta e contente, seus cachos batendo contra as bochechas macias enquanto elas andavam. Hanna adorava aqueles momentos com a filha mais nova. Ela fora um bebê muito esperado, nascida depois de dois abortos espontâneos e um parto que pareceu durar para sempre. Depois da montanha-russa de emoções a que submeteram toda a família, Hanna e Richard decidiram que ela seria seu último bebê.

O que não impedia Hanna de querer outros.

Ela encontrou Lily e Richard sentados com um grupo de doadores. Todos estavam encarando com expressões fascinadas enquanto sua filha de sete anos exaltava as virtudes da escola que a Fundação Maxwell estava construindo na Namíbia. Hanna se perguntou quanto tempo levaria até que Lily exigisse ver o prédio por si mesma.

Steven e Claire estavam sentados em cadeiras de jardim, e Lucy tinha disposto uma toalha ao seu lado. Ela estava alimentando sua ninhada com sanduíches, embora Nathan parecesse comer mais do que o resto da família junto.

Ruby estava atrás do palco, vendo Tom e a banda brincarem com Matty, tentando fazer com que o menino esquecesse o nervosismo. Hanna foi até lá cumprimentá-la, e Molly estendeu a mão para a tia, que a girou em seus braços, soprando em seu rostinho gorducho.

– Ei, Molly-Moo. Teve uma boa soneca? – Ruby olhou para Hanna. – Jesus, ela se parece mais com Richard a cada dia.

– Garota sortuda – Hanna murmurou. – E como você está se sentindo?

Ruby tinha entrado no segundo trimestre, embora sua barriga ainda escondesse as evidências da gravidez. Ela equilibrou Molly no quadril e sorriu, enquanto esfregava a barriga com a outra mão.

– Muito melhor. Tom disse que está feliz por ver que eu consigo ficar acordada depois das seis. Ele estava começando a achar que eu tinha algum distúrbio de sono.

Hanna estendeu a mão e esfregou o braço de Ruby. Ela ainda se sentia maternal em relação à amiga, apesar de Ruby já ter quase trinta anos. Ela sempre seria sua irmãzinha, a garota que tinha medo de ir à escola. Hanna ficara tão animada quando Ruby e Tom finalmente decidiram tentar ter um bebê e levemente divertida quando Ruby conseguiu engravidar no primeiro mês. Tom já estava deixando todos loucos com a discussão sobre nomes e qual seria a melhor opção, berço ou cesto.

– Não se esqueça de descansar. Pense que você está guardando para o futuro – Hanna disse, irônica. Ela não se lembrava da última vez que conseguira ter uma noite de sono ininterrupta. Se não era Molly que acordava chorando, Lily tinha um pesadelo ou Matty não conseguia dormir. Não que ela se arrependesse de um único momento, mas ela não podia deixar de sonhar com uma cama arrumadinha e oito horas de sono ininterruptas.

– Pode deixar – Ruby sorriu e passou uma Molly agitada de volta para Hanna. – Parece que os meninos estão prontos – ela indicou a banda, que estava em círculo, os braços ao redor uns dos outros. Matty parecia incongruente em meio ao grupo, seus bracinhos ao lado dos braços musculosos deles.

– Richard pegou um lugar pra gente na primeira fileira – Hanna e Ruby contornaram o palco, passando pela multidão de pessoas reunidas para o show. Richard e Lily estavam com Nathan, enquanto o resto do clã Larsen tinha ido para as arquibancadas. Os olhos dele brilharam quando ele viu Hanna, e ele estendeu uma mão para puxar Molly e ela para os seus braços.

– Com que música eles vão começar? – ele tinha que falar alto para ser ouvido sobre o barulho da plateia.

– Ele não disse – Hanna respondeu. – Está mantendo segredo.

Richard inclinou-se para sussurrar algo para Ruby, encostando os lábios no rosto dela. A expressão dela iluminou-se, lembrando Hanna de como Ruby adorava seu irmão mais velho. Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, os membros do Fatal Limits entraram no palco. Tom guiou-os e bateu nas costas de Matty enquanto ele subia no lugar do baterista. Ela observou-o girar as baquetas, jogá-las no ar e pegá-las, fazendo Molly gritar de alegria ao ver o irmão se divertindo.

Tom foi até o microfone.

– Oi, pessoal – a plateia aplaudiu loucamente. – Gostaria de agradecer todos vocês por estarem aqui para ver essas crianças talentosas apresentarem um show incrível – ele parou enquanto os aplausos continuavam. – Vamos começar a noite com algumas músicas. Não tocamos juntos há algum tempo, então nos perdoem se errarmos algumas notas.

Hanna sorriu. O Fatal Limits tinha se separado havia mais de cinco anos, mas os membros tinham concordado em se juntar para aquele evento de caridade. Mais uma coisa pela qual ela precisava agradecer Tom.

– Para a nossa primeira música, gostaria de apresentar um amigo meu. Esse é Matt Larsen, nosso baterista e meu afilhado preferido – ele piscou para Matty, que sorriu de volta, tímido. Hanna e Richard aplaudiram alto, fazendo Molly pôr as mãos nas orelhas.

– Pode começar, Matt? – ele chamou. Matty ergueu as baquetas, o rosto revelando sua concentração enquanto silenciosamente contava as batidas. Ele começou num ritmo lento, indicando a Robert, na guitarra, quando entrar, e todos começaram a gritar quando perceberam qual era a música com que eles iriam começar.

Hanna sentiu lágrimas nos olhos quando viu o filho tocar a música que Tom havia escrito para ele. “Dear Matty” tinha sido hit número 1 para o Fatal Limits no ano do nascimento de Matty, bem antes de Hanna contar a Richard sobre o filho. Era surreal ver o menino acompanhar a banda de Tom enquanto eles tocavam “Dear Matty”.

Ela não conseguia tirar os olhos dele. Richard apertou sua mão e pegou Molly dos seus braços. O sal ardia em seus olhos enquanto uma sensação de orgulho a dominava. Matty parecia um profissional, nunca errando o ritmo, sempre liderando a música. Ela mordeu o lábio para conter o fluxo das lágrimas.

– Ele é fantástico – Richard sussurrou no ouvido dela, e ela só conseguiu assentir. Sua habilidade de falar parecia ter sido engolida pelas emoções que passavam pelo seu corpo. Estar lá com Richard e suas meninas enquanto assistiam à primeira apresentação do filho era absolutamente perfeito. Ela não poderia pedir por mais nada.

O show durou duas horas, e Hanna chorou mais de uma vez vendo as crianças do acampamento se dedicarem completamente às apresentações. Muitas vinham de lares pobres e nunca tinham ido ao teatro ou a um show, mas pareciam profissionais. Mesmo as que sentiam medo conseguiram superá-lo e dar passos temerosos pelo palco.

Quando o evento chegou ao fim e eles agradeciam aos doadores, Molly estava adormecida nos braços de Richard. Sua cabecinha tinha caído no ombro dele enquanto eles andavam para o acampamento, sua boca movendo-se suavemente à medida que ela respirava. Doía o coração de Hanna ver o marido segurando o último bebê deles, deixando-a com vontade de ter mais. Ele era um pai incrível para todos eles.

– Claire disse que fica com as crianças hoje – Richard sussurrou. – Ela acha que você merece uma folga.

Hanna olhou-o, confusa.

– Está planejando alguma coisa?

– Só um pouco de tempo a sós com minha esposa – ele piscou, entrando no grande chalé familiar que eles tinham construído alguns anos antes. – Talvez você possa colocar aqueles

shorts de novo.

Ela riu.

– Eles são a coisa mais horrível que eu já usei. Acho que cortei uma calça eu mesma alguns anos atrás.

– São a coisa mais sexy que você já usou – ele colocou Molly no berço, cobrindo seu corpo adormecido com um cobertor. – Não consigo parar de pensar em como eles ficavam em você.

– Metade da minha bunda estava pra fora.

– Exatamente – ele a puxou para perto e encostou os lábios na sua testa. – É como eu mais gosto de você, com sua camiseta de banda e seu cabelo voando ao vento enquanto ouve uma banda tocar. Me lembra de quando vi você pela primeira vez.

Os dedos dele pousaram nos braços nus dela, e seu corpo reagia ao toque.

– Talvez você devesse sempre usar terno. É como eu me lembro de você.

– A equipe do hotel acharia que somos loucos – ele passou os dedos pelo cabelo dela. – Você de shorts rasgados e eu de terno. Vou parecer seu amante coroa.

Hanna sorriu.

– Parece ótimo. Você paga pelo jantar e eu pago você de outro jeito – ela ergueu-se na ponta dos pés para pressionar os lábios nos dele. Ela sentiu-o enrijecer contra sua barriga, e seu próprio corpo contraiu-se com desejo.

– Gosto do jeito como você negocia – ele murmurou antes de beijá-la com força. Sua língua entrou na boca dela, deslizando contra a sua. Por vários segundos eles continuaram a se mover um contra o outro, as mãos explorando enquanto retomavam a intimidade. Hanna sentiu a mão dele apertá-la por trás e puxá-la para perto, sua ereção pulsando contra ela.

– Vão pro quarto – Nathan reclamou quando entrou no chalé. – Jesus, pelo jeito como vocês se comportam, quem vê pensa que são recém-casados.

– Não enche. Não vejo minha mulher há duas semanas – Richard riu, a cabeça no cabelo dela. – E tenho um quarto, então obrigado pela sugestão.

Nathan parou no meio do caminho.

– Vocês vão pra um hotel?

– Nem pense nisso. Pedi para Claire primeiro – Richard avisou.

– Não seria muito difícil para eles cuidar das crianças. Lucy e eu poderíamos nos juntar a vocês lá.

Hanna começou a rir baixinho quando sentiu a irritação de Richard. A noite romântica deles estava se tornando uma reunião familiar. Ela deixou o marido bufar por um momento antes de falar.

– Nathan, se nos deixar sozinhos, eu cuido das crianças pra você no próximo fim de semana. Assim você pode planejar algo legal pra Lucy e você.

Nathan olhou-a, coçando o queixo. Ele estreitou os olhos enquanto considerava suas opções.

– Você cuida deles por duas noites? Sexta e sábado? – ele perguntou.

Hanna assentiu.

– E nem precisa ter pressa pra voltar no domingo.

– Combinado – um sorriso largo abriu-se no rosto dele. – Mal posso esperar pra contar pra Lucy. Nem me lembro da última vez que ficamos a sós.

– Nem eu – Richard respondeu secamente, virando-se para Hanna. – Vamos nos despedir de

Matt e Lily, querida?

Passava da meia-noite quando eles chegaram ao hotel, e o restaurante já tinha fechado. Eles pediram serviço de quarto, e devoraram os hambúrgueres e batatas fritas sentados nos roupões de cortesia do hotel, os pés de Hanna descansando sobre o colo de Richard enquanto eles conversavam.

– Prometi às crianças que voltaríamos para o café da manhã – Richard admitiu, programando o alarme no telefone. – Temos seis horas e vinte e sete minutos para ficarmos a sós.

– Fico feliz por você ter tudo planejado – Hanna respondeu. – Odiaria perder esses vinte e sete minutos.

– Dá pra fazer muita coisa em vinte e sete minutos – Richard protestou, esfregando os dedos gentilmente nos pés dela.

– Dá mesmo! – ela começou a rir. Ele moveu as mãos pelas pernas dela, parando para acariciar suas panturrilhas, os dedos deliciando-se com a sensação da pele macia dela. Ele sentira falta daquilo; estar a sós com ela, fazendo um ao outro rir. Fazendo outras coisas.

– Lily diz que não aguenta mais esse mundo controlado por homens. Ela pretende se candidatar a presidente quando fizer dezoito anos – Richard olhou para ela enquanto falava. – Aparentemente deveria haver leis contra meninos provocarem meninas.

– Ela estava irritada porque NJ e Matty disseram que ela não podia subir em árvores.

Richard puxou-a para perto, erguendo os quadris até que ela estivesse sentada no seu colo, os joelhos dos lados das pernas dele.

– Ela é como você. Lembro como você era rebelde quando nos conhecemos. Eu ficava duro só de olhá-la.

Hanna inclinou-se e envolveu o pescoço dele, movimentando-se no seu colo.

– Você ficou duro quando agarrou minha bunda.

– Sempre fico duro quando agarro sua bunda, querida.

Ele ergueu-se um pouco para que ela sentisse a evidência entre as coxas. Ele gostava daquilo: das provocações gentis, de tocar e beijar. Quando eles estavam separados, ele constantemente pensava nela. Ficar com ela lhe trazia paz.

– Você vai fazer algo quanto a isso? – ela provocou. O sorriso no seu rosto revelava seu divertimento.

– Não tenho certeza. Sinto que pulamos toda uma etapa no nosso relacionamento. Talvez a gente devesse tentar dar uns amassos como dois adolescentes – ele flexionou os músculos e esfregou-se contra ela de novo, fazendo-a gemer. Não havia nada entre eles exceto a roupa íntima, seus roupões abertos pelos toques frenéticos.

– Vá em frente nos amassos – Hanna lambeu uma trilha da orelha ao pescoço dele. – É um pouco tarde pra mim. Já estou molhada.

Richard riu. Ele reclinou a cabeça enquanto ela corria os lábios pelo seu pescoço.

– Acho que posso cuidar disso.

– Gosto de como você é flexível – ela esfregou-se nele. Richard agarrou seus quadris, segurando-a contra ele. Ele não estava brincando sobre se esfregar nela; já estava quase no

limite.

– Aprendi que uma boa negociação leva a um resultado que satisfaz todas as partes – ele piscou e inclinou o queixo dela para cima, capturando sua boca. Ela enfiou as mãos dentro do roupão dele, o tecido felpudo caindo dos seus ombros e expondo seu peito. Ela inclinou a cabeça para chupar o mamilo dele, e a sensação foi direto para seu pau.

– Podemos terminar a conversa agora? – ele perguntou.

– É você quem tem mais de quarenta anos, querido. Se acha que suas costas aguentam sexo no sofá, não serei eu a negar – ela tirou o próprio roupão, ficando nua exceto pelos shorts. Ele sentiu água na boca ao ver o corpo dela; a pele macia, os seios grandes e os quadris ondulantes. Ele não sabia o que atacar primeiro.

Ele escolheu os seios. Passou as mãos por eles antes de empurrá-la de costas no sofá, o cabelo dela espalhando-se pelo tecido escuro. Ele rolou-a até que ela estivesse deitada no seu roupão, imaginando que o tecido macio seria preferível ao couro duro.

– Sabe, você tem menos de um ano até chegar ao grande quatro ponto zero – ele roçou os lábios pelo pescoço dela. – Daí não vai poder rir de mim.

– Eu sempre vou poder rir de... ah...

Ele envolveu o mamilo com os lábios e chupou, conseguindo silenciá-la. Ela arqueou as costas, erguendo-se para a boca dele, e ele pôs uma mão na sua coluna para apoiá-la.

Deus, ele amava aquela mulher. Eles se conheciam havia mais de vinte anos, estavam casados há oito, e tinham filhos lindos que ambos adoravam. Mas ele nunca se cansava dela, não importava onde estivessem. Ele queria todas as partes dela. A garota rebelde que não aceitava desaforo de ninguém. A mãe amorosa que adorava o chão em que andavam seus filhos. A esposa linda que gostava de provocá-lo e que sempre respondia à altura.

– Na próxima vez que fizermos isso, você vai usar esses shorts – ele rosnou, finalmente deslizando a língua nela.

– Sim, sim – ela concordou.

– Eu vou arrancá-los e enfiar meus dedos em você, e sentir você se contrair enquanto te chupo – ele estava pulsando agora. Tinha vontade de tomá-la com força, até que a cabeça dela batesse contra o braço do sofá com cada movimento.

– Vou cortar todas as calças jeans que tenho – ela avisou.

– Faça isso, querida.

Ele deitou o corpo sobre ela, sentindo a pele deles se unir até que se moviam juntos, uma sensação dominadora de paz o arrebatava. Depois de duas semanas sem a família, sem a mulher que adorava, ele finalmente estava em casa.

E ele adorava cada minuto.

Agradecimentos

Fran, Kate e Meredith, vocês três estavam lá desde o começo, e agradeço muito a vocês por toda a ajuda com essa história. Obrigada também a Meire e Flavia; seu apoio generoso e fê em mim foram incríveis. Realmente não estaria aqui sem vocês duas. Jennifer H, obrigada por seu trabalho duro neste livro, foi ótimo fazer uma nova amiga. Lucia V, seu apoio inabalável, tanto em mensagens quanto em blogs, sempre alegria o meu dia.

Obrigada a toda a minha família, que aguentou uma esposa/mãe/filha/irmã que desaparecia por horas, sempre vista pela última vez inclinada sobre um laptop digitando furtivamente. Espero que esse livro prove que eu realmente estava escrevendo, não só surfando pela estrada da informação. Embora tenha que admitir que faço isso também.

Aos meus amigos virtuais e aos membros do grupo do Facebook “Fix You”, vocês colocam um sorriso no meu rosto toda manhã e o mantêm lá ao longo do dia. Eu não poderia fazer isso sem vocês. Obrigada por sempre estarem lá. Eu queria poder nomear todos, mas isso daria outro capítulo. Então, quero que saibam que estou falando de todos vocês.

Finalmente, obrigada a você por comprar este livro. Espero que tenha gostado dele, e se gostou, deixe uma resenha no GoodReads e na Amazon. É incrivelmente útil para mim, e espero que ajude outras pessoas a encontrarem essa história.